

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

JAIRO BARDUNI FILHO

**MASCULINIDADES: UM JOGO DE APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS,
O CASO DO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE.**

Juiz de Fora
2017

JAIRO BARDUNI FILHO

**MASCULINIDADES: UM JOGO DE APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS,
O CASO DO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ferrari

Juiz de Fora
2017

JAIRO BARDUNI FILHO

**MASCULINIDADES: UM JOGO DE APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS,
O CASO DO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Aprovada em 31/03/2017

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), à agência de fomento Capes e, em especial, ao meu orientador Anderson Ferrari, pela parceria sadia e produtiva.

À Universidade de Barcelona, em especial a Oscar Guash Andreu e Laia Folguera Cots por me acolher calorosamente, no ano de 2015, em meu período de doutorado sanduíche na Espanha.

Aos(às) professores(as) das qualificações e defesa: Alexandre Cadilhe, Eduardo Simonini Lopes, Marcio Rodrigo Vale Caetano, Maria Rita de Assis César, Marcos Lopes, Sônia Regina Miranda, Frederico Cardoso, Dileno Dustan e Heloisa Herneck.

À prestigiada economista doméstica e artista plástica, Valéria Vidigal, que, esteticamente, engrandeceu esta tese com suas pinturas gentilmente cedidas.

Ao suporte de todos os amigos(as) e professores(as) que me ajudaram a aperfeiçoar minha pesquisa e me apoiaram nos vários momentos desta caminhada: Jorge Larrosa, Oswaldo Ribeiro, Guilherme Tropa, Alessandro Leite, Wanderson Cal, Ana Tozzo, Icaro Trindade, Lilian Tavares, Guilherme Póvoa, Márcia Rosa e Mauro Andrade, sobretudo a meus mortos: às Marias (mãe, avó) ao pai (Jairo) e meus irmãos Harley, Adryse, Jussara e sobrinhos - Pedro, Artur e Carolina.

Aos entrevistados: Sr. Juarez (*in memoriam*) e Sr. Geraldo (*in memoriam*) e suas famílias que permitiram a realização das entrevistas abrindo nas cidades mineiras Cataguases e Viçosa respectivamente.

MASCULINIDADES: UM JOGO DE APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS, O CASO DO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE.

RESUMO

A pesquisa consiste em investigar como se configuravam as masculinidades de discentes nas páginas do jornal estudantil **O Bonde**, que era escrito e reproduzido na Escola Superior de Agricultura (ESA) e Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), entre 1945 a 1963. É uma pesquisa de caráter cambiante, no sentido de que, como fui me deixando levar pelos caminhos investigativos que a pesquisa proporcionou sem uma direção estanque, a estratégia metodológica foram algumas e não apenas uma. Ocorreram uma investigação bibliográfica de fontes primárias e secundárias, uma pesquisa documental com análise de conteúdo e, no caminho, foram realizadas duas entrevistas. O objetivo desta investigação foi o de capturar e problematizar os discursos bondistas a respeito das masculinidades construídas na época. Tais capturas foram feitas com recortes de 1945 até 1962, tendo o jornal encerrado suas atividades em 1963. A masculinidade percebida no jornal corrobora com o discurso da masculinidade hegemônica, no nível local (escola), mas que também reflete a sociedade brasileira da época. Na relação entre os estudantes foi possível capturar outras subjetividades masculinas como: agrícolas, boêmios, esportistas e delicados. Estas compunham o cenário de diferenciação que algumas dessas masculinidades buscavam se afirmar enquanto identidade estudantil. As problematizações da pesquisa se deram principalmente a partir dos estudos foucautianos, além de diálogos com outros(as) teóricos(as) dos campos de gênero, história, cotidiano, sociologia, memórias, narrativas entre outros. O jornal **O Bonde** foi uma invenção masculina dos estudantes da ESAV na década de XX, tendo a instituição se concretizado como sendo um local de estudo masculino no interior do Estado de Minas Gerais/Brasil, com seus preceitos e ensinamentos de racionalidade e moralidade, aspectos fundantes de um “espírito esaviano”, dizeres que a escola herdou do modelo americano (*Lant grant colleges*) sob o qual foi fundada. O jornal foi inventado em meio a um cotidiano árduo de estudo e pesquisas, uma “válvula de escape” dos garotos que publicizavam suas brincadeiras, vigilâncias e “os foras alheios” nesse dispositivo pedagógico midiático. Trata-se de um narrar cotidiano impregnado de resistências, transgressões, táticas, estratégias, ironias e performances múltiplas. Portanto, o jornal era movimentado por conflitos, aceitações e reconfigurações de sua prática discursiva. O jornal trouxe o cotidiano esaviano imbricado pelas intimidades, práticas esportivas, namoros e reivindicações. Toda a gama discursiva era publicada em seções permanentes como *Esportes*, *Sociais* e seções avulsas: *Garoto Viçoso* e *Caneladas* além de seções de fofocas: *Venenos e Veneninhos*; *Fatos e Boatos*; *Crônicas da Semana*; *Ronda Esaviana*; *Coisas que incomodam na ESAV* entre outras. O jornal **O Bonde** é um material rico em discursos e imagens de como os garotos daquela instituição colocavam em prática a construção discursiva de uma masculinidade patriótica, heróica, envolvida em um coletivo de amizade habitando um ambiente de comunidade.

Palavras-chaves: Masculinidades; Jornal **O Bonde**; Cotidiano escolar

MASCULINITIES: A GAME OF APPROACHES AND REMOVALS, THE CASE OF THE STUDENT JOURNAL O BONDE.

ABSTRACT

The research consists in investigating how masculinities of students were configured in the pages of the student newspaper **O Bonde**, it was written and reproduced in Escola Superior de Agricultura (ESA) and Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) between 1945 and 1963. It is a research of changing nature, I mean, I was leaving towards the investigative paths that the study offered without a sealed direction, thus, a methodological strategy was one of the others. It occurred, thus, a bibliographic investigation of primary and secondary sources and a documental research with analyses of content and in the way two interviews were accomplished. The objective from this investigation was to catch and to put in doubt the “bonde” discourses about the masculinities built in that time, and these catchings were done in almost time totality of the newspaper, with cuttings from 1945 until 1962, since the newspaper stopped its activities in 1963. The perceived masculinity in the newspaper corroborates with the hegemonic discourses about the dominant masculinity, in the local level (school) but that also reflects the Brazilian society of that age. In the relation between the students it was possible to capture other masculine subjectivities as: agricultural, bohemian, sports and delicate. These made up the scenario of differentiation that some of these masculinities sought to assert as a student identity. The questions of the research occurred mainly from “foucautianos” studies, besides the dialogues with others theorists from the areas of genre, In the relation between the students it was possible to capture other masculine subjectivities as: agricultural, bohemian, sports and delicate. These made up the scenario of differentiation that some of these masculinities sought to assert as a student identity, history, daily, sociology, memories, narratives among othes; The newspaper “**O Bonde**” was a masculine invention of students from ESAV in decade of XX, and the institution has concreted as a local of masculine study in the upstate of Minas Gerais - Brazil, with its rules and teachings of rationality and morality, originating aspects of a “esaviano” spirit. Quotations that the school inherited from the American model (*Lant grant colleges*) under which it was founded. The masculine newspaper was invented under a hard daily of study and researches, a “safety valve” of the boys that have been spreading their jokings, vigilances and “the foras alheios” in this midiatic pedagogical dispositive. It is narrate a daily full of resistances, transgressions, tactics, strategies, ironies and multiple performances. Therefore, the newspaper was motioned under the conflicts, acceptances and reconfigurations of its discursive practice. It has been circulating for eighteen year, the newspaper brought the “esaviano” daily imbricated by the privacies, sporting practices, relationships and claims. The whole discursive gamut was published in permanent sections as sports, social and separated sections: “*Garoto Viçoso e Caneladas*” besides the sections of *gossips*: “*Venenos e Veneninhos; Fatos e Boatos; Crônicas da Semana; Ronda Esaviana; Coisas que incomodam na ESAV*”. The newspaper “**O Bonde**” is a wealthy material in discourses and imagens about how boys that institution put in practice the discursive construction of a patriotic, heroic masculinity involved in a group of friendship living in a setting of communit.

Keywords: Masculinities; The **O Bonde** newspaper; Everyday school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UFV - O CAMINHO QUE ME PASSA QUE ME ACONTECE E QUE ME TOCA.....	9
1 – MASCULINIDADES: UM CONCEITO EM MOVIMENTO.....	22
1.1 Primeiras navegações pela construção das masculinidades.....	23
2. ENCONTRANDO O BONDE PELOS TRILHOS DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA (ESAV) E DA UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UREMG)..	44
2.1 Explicando minhas ferramentas teórico-metodológicas.....	46
2.2 Desembarcando em terras viçosenses. Homens trabalhando!.....	52
2.3 Investir na ESAV é investir na força jovem masculina.....	52
2.4 Espírito Esaviano: contra a indisciplina e ações individualizadas.....	62
2.5 Uma pausa na canseira que é hora das “brincadeiras”, astúcias e invenções no nascimento do jornal O Bonde	75
2.6 Estratégias, táticas, astúcias e traquinagens no cotidiano escolar.....	81
3. OS APELIDOS NO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE, SOCIABILIDADES MEMÓRIAS E NARRATIVAS ESAVIANAS.....	88
3.1 Encontrando as memórias-narrativas do Sr Juarez e do Sr Geraldo.....	89
3.2 Meus jovens senhores, entre árvores, passarinhos, fotografias e limonada....	91
3.3 Apelidos e fofocas - Do cotidiano ao jornal O Bonde.....	95
4. POETAS, AGRÍCOLAS, BOÊMIOS, ESPORTISTAS, DELICADOS UM MOSAICO DE MASCULINIDADES NO JORNAL O BONDE.....	126
4.1 Agrícolas, boêmios e poetas.....	126
4.2 As masculinidades que se constroem por e para homens.....	140
4.3 A Marcha Nico Lopes: entre carnavais de ontem e hoje.....	149
4.4 A Marcha Nico Lopes no O Bonde	153
4.5 Invenções, brincadeiras de gênero e de masculinidades marchando na Nico Lopes.....	158
5. AS ECONOMISTAS PELO OLHAR DOS GAROTOS DE O BONDE E OS BONDISTAS PELO OLHAR DAS GAROTAS DE A PAINEIRA.....	169
5.1 A origem da Escola Superior de Ciências Domésticas.....	170
5.2 O Bonde e a Paineira: um encontro relacional e reacional.....	174
6. E CHEGA O OUTONO, ATÉ BREVE QUERIDO BONDE!.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	197
Referências do Jornal O Bonde	203
ANEXOS.....	210
APÊNDICES.....	213

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAE	Divisão de Assuntos Estudantis
ESA	Escola Superior de Agricultura
ESAV	Escola superior de Agricultura e Veterinária
ESCD	Escola Superior de Ciências Domésticas
JK	Juscelino Kubitschek
MG	Minas Gerais
P.H HOLFS	Peter Henry Holfs
PT	Partido dos Trabalhadores
TU/UFV	Teatro Universitário da Universidade Federal de Viçosa
UFV	Universidade Federal de Viçosa

INTRODUÇÃO: UFV – A EXPERIÊNCIA QUE ME PASSA, QUE ME ACONTECE E QUE ME TOCA.



Foto: 1: Linha férrea da Leopoldina Hailway acompanhando o canteiro central do campus - UFV.
Fonte: arquivo pessoal, ano de 2012.

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) é o que me passa, me acontece, me toca e é assim, inspirado e parafrazeando as palavras de Larrosa (2002), que me enxergo na experiência vivida na UFV. Como na imagem dos trilhos que desaparecem por dentro da bruma matutina, típica do inverno ufeviano, a minha história me levou rumo a um universo até então desconhecido. A imagem me representa e me faz recordar do longo caminho de dúvidas, incertezas, coragem e experiências que não se passaram, mas, sim, que me passaram, me tocaram e me fizeram acreditar que valeu a pena sair de uma cidade do interior para encarar um percurso de 10 anos de ensino e de pesquisa na Universidade Federal de Viçosa, mostrando-me outras facetas que até então não conhecia. Escrever uma tese, assim como encampar na vida acadêmica uma experiência vivida, não deixa de ser uma terapia na qual nos deparamos com nossas fragilidades, medos, mas também com nossa coragem e determinação.

As minhas experiências enquanto ufeviano foram para além de conhecimento acadêmico para obtenção de um diploma. Não foi um excesso de informações que me tornaram um sujeito implicado com essa instituição, ao contrário, já que, segundo Larrosa (2002), excesso de informação não se constitui em experiência. Nesse caso, o excesso se tornaria o contrário, uma antiexperiência, uma vez que, de acordo com o autor, “(...) uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível” (LAROSSA, 2002, p. 22). Ou seja, o que me fez um

sujeito apaixonado pela experiência estudantil foram inúmeras experiências e encontros que a UFV me oportunizou e das quais procurei me apropriar.

Por isso, esta é uma escrita ligada a essa universidade como local de experiências e emoções múltiplas que me marcaram em sete anos que ali estive, desde o período de estudante do Cursinho Popular do Diretório Central dos Estudantes (DCE - 2005), passando pela graduação, até me tornar professor substituto, em 2012. Vivi muitas experiências extraclasse em cotidianos diversos como: morador de alojamento, ator de teatro universitário (TU/UFV-2007/8/9), militante, participante de reuniões, de babados, gritarias e confusões, enquanto um dos membros fundadores do grupo de diversidade sexual Primavera nos Dentes (2008), atleta de saltos¹ e alongamentos como ginasta de trampolim da Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVÉ-2009), frequentador assíduo do Cine Carcará, entre outras.

Os convites foram surgindo e eu fui me aproveitando deles. Foi um tempo bom, de experiências sentidas, desaceleradas do tempo acadêmico *chronos* da produção, ou seja, do sistema *sapiens*². Assim, já é possível expor a meu leitor que um dos meus motivos para a escrita desta tese está vinculado à experiência singular de ter sido ufeviano e subjetivado intensamente no campus acadêmico. Foi nesta época que comecei a ler Michel Foucault, teórico francês, que me trouxe a curiosidade para as investigações históricas, para as construções discursivas dos sujeitos através do tempo. Inclusive, foi essa faceta que me levou a encontrar e experimentar meu objeto de pesquisa - o Jornal **O Bonde** - bem como meus interlocutores: bondistas e entrevistados³.

Talvez meu leitor possa estar se perguntando: qual o sentido de tanta ênfase na palavra experiência? Pois bem, assim como aponta Larrosa (2002), a experiência é diferente de informação e as universidades e os ambientes escolares costumam focar a relação - transmissão de informações/conteúdo, a preocupação é com o esquadramento do tempo.

Contudo, são muitos os espaços dentro das universidades para as experiências e encontros. No meu caso, a peregrinação feliz, aquela que sempre me motivava a fazer parte de algo pelo encantamento, era o que me proporcionava significado e paixão e, em

¹ Na segunda metade do curso de Pedagogia me interessei na seletiva para a prática de ginástica de trampolim, permaneci alguns meses nesse projeto da Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVÉ).

² Plataforma online para lançamento de notas acadêmicas da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

³ Bondistas seriam os garotos estudantes da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) que eram os escritores do jornal masculino intitulado **O Bonde**. Quem escrevia o jornal era chamado de Bondista. Entrevistados seriam dois senhores ex-esavianos que encontrei no caminho da pesquisa. Trarei mais informações sobre os bondistas, ao longo do capítulo IV, e sobre os entrevistados no capítulo III.

alguns momentos, mais significado que a própria formação de sala de aula. Dayrell (1999, p.144), falando a respeito da escola, e aqui relaciono também com a Universidade, pensando-a como espaço sociocultural, assim se manifesta sobre sua importância na vida dos sujeitos daquele território: “Diferentes significados, para um mesmo território, certamente irão influir no comportamento dos estudantes, no cotidiano escolar, bem como nas relações que vão privilegiar”. De fato, este é um aspecto que, dentro de um campus universitário, é possível de observar. Diferentes sujeitos, diferentes subjetividades, buscando diferentes atividades que lhes são significativas. Comigo não foi diferente, embora, no meu caso, tais experiências me buscaram mais do que eu a elas.

Todas as minhas experiências se deram no limiar da travessia e perigo que pressupõe a abertura ao novo, limiar apontado por Larrosa (2002, p. 25): “tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo”. A experiência também acontece no silêncio da noite, sozinho no quarto de alojamento em período de férias da Universidade, silêncio doído de saudade de algo ou de alguém, doloroso pelo frio, pela tristeza de ser natal e se dar conta de que você não cabe no natal, nem em tantas outras comemorações que remetem à construção da família. Desse modo, a experiência também é feita de muita dor e de um silêncio mais típico de um campus em férias, restando apenas a beleza dos trilhos, da lagoa com sua árvore de natal flutuante, quebrada, por vezes, com a chegada dos cães abandonados que parecem se sentir em casa na imensa UFV.

Na volta das férias, a solidão começava a se dissipar no momento em que os trilhos de ferro reapareceriam em meio à bruma branca e gelada das primeiras horas da manhã - momento de os alojados se encontrarem no Restaurante Universitário (RU). Hora em que eu presenciava e participava do ritual do desjejum com mingau, pão com manteiga, café e muito, mas muito leite, o precioso líquido branco cuidadosamente solicitado ou catado pelos “leiteiros” das mesas vizinhas, coletando-o em seus vasilhames. Leite que era levado para os quartos de alojamentos, armazenado em geladeira a fim de ser devorado pela noite após mais uma aula rotineira.

O cotidiano universitário é um privilégio de experiências, principalmente para quem mora dentro do campus universitário, e o campus da UFV é um “mundo à parte”, no meu caso, um mundo reapropriado em ligações neste território estudantil. Acho, inclusive, que foi a experiência de compartilhar a vida com outros rapazes que me fez ser curioso sobre o tema das masculinidades. Por uma interessante coincidência, eu me

aproximei do jornal **O Bonde**⁴. O jornal aparecera como mais uma experiência na minha vida acadêmica, uma surpresa. De certo modo, poderia até dizer que ele veio para que eu pudesse compreender melhor que instituição era aquela em que eu estudava e, naquele momento, trabalhava. Encontrar as masculinidades daquele jornal foi uma porta que se abriu para enxergar as masculinidades esavianas, pelo olhar deles, e, ao mesmo tempo, ajudando a me enxergar enquanto homem também que, em parte, foi constituído naquela instituição. Como creio que o ato de escrever é sempre falar de nós mesmos, nesta tese não é diferente, tenho certeza de que faço isso de um modo ou de outro.

O Bonde me fez rememorar, através de alguns acontecimentos vivenciados pelos esavianos da época como as traquinagens e as tensões estudantis um pouco da minha trajetória acadêmica (2006-2012). Mas, não foi apenas a vivência em uma Universidade que me impulsionou a escrever uma tese que versasse sobre um jornal estudantil que registrou o cotidiano das masculinidades. Outro motivo fundamental é o fato de ser homossexual e isso me fazer muito interessado na construção dos sujeitos e suas classificações sociais como homossexuais e heterossexuais.

Para compreender como tal subjetividade me enlaça, disponho-me a mostrar a meu leitor um pouco mais de meu memorial com elementos dessa composição subjetiva que me lança no interesse pelos temas de classe, gênero, sexualidades e, agora, masculinidades. A minha origem veio da pequena comuna italiana de Broni, no caso, falo do casal: Contardo Bardoni e Maria Ponzinibbio, com seus quatro filhos, um deles, Francesco, meu bisavô. Saída de Gênova, essa família de agricultores, fugindo da pobreza na Itália para uma terra nova, chegou ao Brasil em 06 de março de 1886. Francesco casou-se aqui e teve Abrão Barduni, meu avô, pai de Jairo Barduni, do qual sou o filho caçula, a “rapa do tacho”, como diria minha avó por parte de mãe. Meu pai faleceu quando tinha seis anos, abrindo uma lacuna masculina em minha vida. Cresci praticamente rodeado pelas mulheres da família, irmãs que brincavam comigo, avó que me ensinou a cozinhar escondido da minha mãe, e pela mulher mais guerreira que conheci - minha mãe - que sustentou quatro filhos lavando roupa e faxinando em casa de família. Falecida em 2001, foi a maior perda de minha vida.

Na escola pública, principalmente depois de entrar para a quinta série, nomenclatura da época, fui considerado pelos professores e diretores como um aluno de

⁴ O jornal **O Bonde** é um periódico estudantil masculino surgido no ano de 1945, seu período de vida foi de dezoito anos, ou seja, até 1963. A explicação a respeito de seu surgimento e de seus objetivos e perfil serão apresentados ao longo do primeiro capítulo.

mediano para fraco. O rótulo foi porque me tornei um exímio colador nas provas de Matemática, ajudado, é claro, pela rede de amigos contribuintes da corrupção escolar e também pelo fato de sempre estudar em turmas consideradas padrão C tipo: 6-3 e 7-3 (na época, era a nomenclatura das turmas que ia do 6-1 até 6-10 à noite). Na época, ocorreu um episódio que me marca até hoje. No começo do ano, ao anunciarem, no pátio, a lista dos alunos para a sétima série, não ouvi meu nome em nenhuma das listas. Já quase chorando, corri atrás da diretora e perguntei o motivo de não me chamarem e ela me disse: “Nós te chamamos, sim, você foi para a 7-1”. Naquela hora, fiquei em pânico, com medo de sofrer perseguição, *bullying*, afinal, só os melhores, a “elite” da escola pública, estudavam na chamada turma 1. Pedi-lhe para continuar com minha ex-turma da 6-3 que tinha ido toda para a 7-3 e assim ela o fez. Quando você é rotulado, classificado como sendo de determinado nicho/ grupo, dificilmente você acredita poder alterar o que parece prescrito. Assim, já no “automático”, pensando que iria para a turma 7-3, não ouvira meu nome quando fora chamado para a turma dita especial.

Eu era um fracasso na área de Exatas. Embora tenha encontrado o carinho da professora Miriam, de Matemática, que parecia nutrir uma fé especial em mim, infelizmente, não retribuída com boas notas. Meu sucesso vinha nas disciplinas na área de Humanas. Recordo-me do gesto carinhoso da professora Rosa, de Português, de me dar o livro da matéria que eu não tinha dinheiro para comprar e da professora Denise, de Biologia, que nos tirava da escola para passeios pedagógicos, entre eles, na UFV. Já a Educação Física era, para mim, um momento de respirar um ar fresco. Para quem não sabia jogar bola e não podia jogar vôlei, (garotos eram rechaçados se jogassem vôlei) o ócio e o banco de reserva eram meus companheiros. O refeitório da escola não era um lugar de lanchar, mas de almoçar. Garantir a refeição era importante e é impressionante como minha memória se conecta com minhas duas escolas públicas pela lembrança do cardápio de segunda a sexta.

A biblioteca da escola era meu refúgio. Naquele ambiente, havia um clima diferente de qualquer outro lugar da escola. Era acolhedor, embora frio, pela falta de sol nas paredes externas. No verão, tornava-se um oásis, lugar de descobrir a Coleção Vagalume e a Enciclopédia Barsa de capa dura e vermelha.

Mesmo com uma trajetória escolar complicada a escola me deu armas para enfrentar a vida e suas agruras. Hoje sei que esses infortúnios não foram naturais. A desigualdade de classe não é natural e tampouco deve ser internalizada como senso comum. A política é um dos motores que move o mundo. Por isso, em tempos

sombrios, de retrocessos, com Temer⁵, é que me ponho indignado com a possibilidade de um regresso na educação para uma época em que a comida da escola era a única refeição garantida do dia dos estudantes pobres. Creio que não se pode negar que foi pela política do Partido dos Trabalhadores (PT) que eu e muitos tivemos a oportunidade de estudar. No caso da UFV, tive sempre muito apoio estudantil, tanto estrutural como alojamento, comida, saúde, como recursos para viagens para eventos acadêmicos, organizações de eventos, entre outras atividades. Isso, no mínimo, me faz poder agradecer a uma política externa que impactou meus estudos de graduação, mestrado e parte do doutorado.

No tocante à minha sexualidade, meu temperamento introvertido e a orientação sexual talvez fosse um dos motivos de suspeitas na época. Exatamente por isso, um autor *outsider*⁶ como Foucault dialoga comigo no encontro desse incômodo. Filósofo, falando sobre sua sexualidade, declara em entrevista a Pol-Droit (2006, p. 71), ser um “excluído, não verdadeiramente rejeitado, mas pertencente à parte sombria da sociedade”.

Ao falar em estudos da sexualidade, Foucault é um suporte ímpar para a compreensão da sexualidade antiga e moderna. Ler seus livros é sempre um momento de paixão singular. Foucault se tornou um bom companheiro em dialogicidade com minhas experiências de corpo, de sexualidade, de diferença, de coragem e até de classe, mas, principalmente, pela motivação. Logo, enxergo o mundo como uma história em acontecimento, referindo-me a Foucault (2012a), para quem a historicidade que nos determina é belicosa e não linguística. Tal historicidade é permeada de relações de poder em suas curvas sinuosas.

Entendo que, com suas flutuações e descontinuidades, o mundo se apresenta como acontecimentos. Por isso, Foucault me ajuda a investir em um olhar curioso,

⁵ De forma sucinta, a crise política brasileira começou a ganhar tons de golpe em dezembro de 2015, com a aceitação de “impeachment” da presidenta Dilma Roussef pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, justificando-se-lhe pelas ditas “pedaladas fiscais” que a Presidenta teria supostamente cometido. Coincidentemente, foi no mesmo dia que o PT votara a favor de sua cassação no conselho de ética da Câmara. Este cenário foi se tornando cada vez mais conturbado, em 2016, ocorreram delações premiadas na Polícia Federal, além disso, manifestações foram às ruas, contra e pró-“impeachment”. Também houve a saída do PMDB da base do PT na Câmara, a mesma Câmara que aproveitaria a votação do *impeachment* em abril para promover um show de discursos de ódio e sem fundamentação plausível, houve de tudo um pouco, dedicatória a família, a Deus e até a ex-ditadores da época em que o Brasil foi militar. Em meio a tantos despaltérios, venceu o *impeachment* com o placar de 367 votos contra 137, Dilma é cassada e Temer, vice-presidente, assumiu a cadeira da presidência.

⁶ *Outsiders* é um termo da língua inglesa que, de acordo com Elias (2000, p. 7), são “os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela”. Trata-se de um conjunto de pessoas heterogêneas e difusas unidas por laços sociais menos intensos que os *established* enquanto grupo que se autopercebe como “boa sociedade”, modelo de moral para os outros.

entendendo que somos invenções em um jogo em disputa e de reconhecimento de si, Foucault (1984) destaca que os jogos de verdade são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito (p.12). O sujeito historicamente enquanto uma verdade neste caso seria a sua posição de reconhecimento em um jogo que pressupõe o verdadeiro x falso, ser louco ou ser normal, quando ele se julga trabalhador, honesto e viril, enfim, seria o modo como o homem se reconhece como homem.

Esses jogos de verdade ocorrem em um fluxo de afrontamentos e negociações na relação com o sujeito outro. Somos múltiplos atores deslizando em nossas movimentações cotidianas, encarnando alguns papéis provisórios, outros principais, atuando na linha de frente ou nos bastidores da teatralização do dia-a-dia.

Após terminar o Ensino Médio e passar quatro anos trabalhando em um frigorífico na minha cidade natal, fui, em 2005, para Viçosa, para tentar algo diferente, com apoio do professor Oswaldo. Na época, ele era amigo de um amigo que se propôs a me ajudar. Em 2006, fui aprovado na UFV e passei a morar no Alojamento Masculino Novíssimo⁷, apenas um dos seis alojamentos existentes nessa Universidade e um dos três masculinos. Por indicação da amiga Márcia, busquei vaga no quarto 421. Começaram aí algumas hostilidades que culminaram na minha expulsão do quarto. Possivelmente, eu era uma ameaça no quarto por ser um homossexual, fato este que eu deveria ter revelado na entrevista⁸ (regra interna do quarto que eu desconhecia).

Creio que tal fato me rotulou de morador diferenciado, talvez, brigão, militante, atrevido ou chato, enfim, algum tipo de notoriedade pela fofoca que se espalhou. Embora o contexto tenha ficado desfavorável no quarto, consegui a permanência, após ter contado o ocorrido ao Sr. Sebastião, na época, responsável pela Divisão de Assuntos Estudantis (DAE), que interveio a meu favor, evitando a minha saída do quarto. Houve uma conversa com os outros moradores cujo resultado foi um pedido de desculpas e uma trégua no clima ruim. Talvez, aos olhos dos demais moradores, eu tenha sido um transgressor. Essa transgressão se deu em um lugar de fronteira - o alojamento - que,

⁷ O Novíssimo é similar ao alojamento feminino chamado de Novo. Ambos foram prédios construídos na década de 1970.

⁸ As entrevistas dos alojamentos ocorrem sempre no começo do ano, assim que sai a lista dos contemplados com moradia pela divisão de assuntos estudantis (DAE). O roteiro de cada entrevista é elaborado pelos moradores veteranos a fim de sabatinar o calouro, saber se este possui o perfil que agrada aos demais do quarto. Por vezes, alguns calouros que não conseguem a vaga logo de imediato perambulam por vários quartos até encontrarem a vaga ou recorrem à DAE a fim de que esta defina em qual quarto eles irão morar, já que não obtiveram aceitação de nenhum quarto.

como aponta Louro (2008a), é um lugar onde “convivem” grupos, culturas diferentes, não havendo lugar mais fronteiriço do que um quarto de alojamento.

Os quartos de alojamento são locais que propiciam subversões, transgressões tendo em vista o policiamento do outro. E, obviamente, onde há vigilância, há poderes. Como aponta Foucault (2012a), o poder ocorre em rede. Apesar de os indivíduos não serem o centro de transmissão do poder, estão sempre em posição de exercer e sofrer a ação desse poder, que é relacional. Se relato tal ocorrido, não é no sentido de promoção, mas, sim, para dizer que este é um dos motivos principais que me levaram a me interessar pelos estudos sobre gênero, sexualidades e, agora, masculinidades em um jornal estudantil.

O acesso a esse periódico se deu de modo agradável. Em 2012, como professor substituto do Departamento de Educação da UFV, reencontrei com o professor Eduardo Simonini Lopes que me convidou para compor, como membro, a pesquisa: “*A invenção da vida discente nas moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa/MG*”. Tal pesquisa visava acompanhar o cotidiano discente da UFV em dois alojamentos da instituição: o Novo (masculino) e o Novíssimo (também masculino).

O jornal surgiu como ponto de partida da pesquisa. Mesmo já tendo tido contato com o periódico em sua época de doutorando, segundo o professor Eduardo, havia muito ainda o que explorar do material. De fato, falávamos em dezoito anos de um jornal quase intocado, de 1945 a 1963, abrangendo três anos do cotidiano da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV-1926-1948) e a maior parte sendo composto já da época da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG⁹-1948-1969). É importante salientar que utilizarei nesta tese o termo “esavianos” para me referir aos garotos, mesmo sabendo que, durante grande parte de circulação do jornal, a Escola de Veterinária já havia sido transferida para Belo Horizonte. O próprio jornal manteve, em sua quase totalidade, a sigla ESAV, mudada no topo da primeira página apenas em 1956, no número 172. Por algum motivo, eles não atualizaram em 1948, talvez um apego pela simbologia e nostalgia que o termo “Escola” carregava para eles. Também nas referências do jornal, irei seguir o que consta no material coletado, ou seja,

⁹ A lei nº 272, de 13 de novembro de 1948, assinada pelo então Governador do Estado, Dr. Milton Soares Campos, e pelos seus Secretários de Agricultura, Dr. Américo René Giannetti, e de Finanças, Dr. José de Magalhães Pinto, criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, nela incorporando a Escola Superior de Agricultura, Escola Superior de Veterinária, Escola Superior de Ciências Domésticas, Escola de Especialização, Serviço de Experimentação e Pesquisa e Serviço de Extensão (Escola Superior de Agricultura: Origem - Desenvolvimento - Atualidade, 1968 p.27). É importante frisar que, mesmo com a mudança de ESAV para UREMG, em 1948, os estudantes continuaram a chamá-la de ESAV por muitos anos ainda.

a sigla UREMG só aparecerá referenciada em recortes que vierem após o número 172 do periódico. O jornal se encontra arquivado no Museu Histórico da UFV, localizado na Vila Giannetti. Ressalto que esse material de pesquisa não é inédito¹⁰.

Além de mim, o grupo de pesquisa era formado pelos seguintes membros: professor Eduardo Simonini Lopes, a psicóloga Grasiela Gomide de Souza e a bolsista Cristiane Roque Pereira. Dos quatro, fui o responsável por resgatar o jornal no museu. Assim, não apenas consegui abertura para o encontro com o jornal, como também fui surpreendido pela grata disposição do historiador responsável (Eduardo Luiz dos Santos) em escaneá-lo para mim. Com sua experiência com documentos históricos, procedeu com todo o cuidado necessário, munido de luvas, auxiliando-me com uma habilidade que eu não possuía. A prudência do historiador se tornou muito bem vinda. Desse modo, foram reproduzidas 553 imagens de *scanners*, armazenadas em um dispositivo móvel, que, posteriormente, socializei com todos os membros da pesquisa. Importante ressaltar que, dos 553 *scanners*, 4 ficaram ilegíveis, logo, o total é de 549 *scanners*.

Após a coleta, comecei a leitura do jornal, momento de deleite inexplicável e até de sonoras gargalhadas pelas surpresas hilárias contidas nas mais de quinhentas digitalizações. Na discussão a respeito do cotidiano e subjetividades, produzimos, eu e mais três pesquisadores um artigo intitulado *O Julgamento de Peter Lorre*¹¹ (2015). Paralelamente a esse momento de contato com o jornal, eu estava tentando o processo seletivo do doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O projeto com o qual eu disputava uma vaga era intitulado *Novo, Novíssimo: a invenção das homossexualidades nas moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa/MG*.

A banca se tornou preponderante na minha decisão de trocar de pré-projeto, principalmente pelas perguntas de uma integrante da banca examinadora, professora Sônia Regina Miranda, a respeito do recorte que trouxera dos alojamentos em seu período de construção e a possibilidade de trabalhar com narrativas.

Passei a refletir nas possibilidades de esse jornal se constituir como o objeto de minha pesquisa. Após ter sido aprovado no doutorado, resolvi apresentar **O Bonde** ao

¹⁰ Refiro-me à tese de doutorado do professor da UFV, Eduardo Simonini Lopes (2011), intitulada: “Praticantes de Mundos: A invenção de cotidianos discentes em uma universidade”, disponível em: http://www.bdtd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5244, outros pesquisadores também se empenharam em ler o jornal: Azevedo (2005) e Lopes (1995), ambos também professores da UFV.

¹¹ <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoem perspectiva/index.php/ppgeufv/article/view/324>

meu orientador, convidando-o, inclusive, a participar da confecção de um segundo artigo sobre o jornal. Naquele momento, ouvindo sua aquiescência ao meu pedido de pesquisar o jornal no doutorado, percebi que havia iniciado uma tese contemplando a temática da masculinidade.

Por essa razão, a questão principal que me move é: ***De que modo se constrói discursivamente as masculinidades presentes no cotidiano do jornal estudantil O Bonde?***

Do universo de *scanners* mencionados, utilizei alguns recortes de diversos textos e gêneros discursivos. A escolha partiu de uma seleção não aleatória, mas, sim, do meu interesse por publicações que pudessem contribuir para compreender a constituição social, política, pedagógica e de gênero daqueles garotos. Assim, os critérios de seleção se deram da seguinte forma: **Garotos no/com o cotidiano; Relação entre os garotos; relação dos bondistas com as economistas domésticas;** critérios relacionados com manchetes que tivessem rastros com as temáticas de gênero, masculinidades ou sexualidades. Desse primeiro recorte, logo veio o interesse sobre o aspecto de vigilância e controle do cotidiano que o jornal trazia como uma característica marcante. Desse modo, também coletei manchetes e colunas que versavam a respeito desse aspecto.

As escolhas de diferentes textos/recortes abarcam quase a totalidade temporal do jornal. Isso se deve a dois motivos principais. O primeiro é pelo fato de ser necessário explicar e trazer matérias que dizem da origem do jornal. Tais explicações estão comentadas em 1945. O outro é que as diferentes masculinidades que serão analisadas se espalham por todo o jornal. Na verdade, as categorias acima elencadas não estão restritas a uma ou duas décadas específicas, uma vez que elas compõem todo o corpo do jornal, do começo ao fim. Também pude observar e registrar outras fontes como fotografias, narrativas e memórias coletadas em entrevistas.

Cada edição do jornal era organizada em seis páginas de variedades. Grande parte das matérias publicadas era de colaboração de alunos que encaminhavam ao Bonde suas escritas - informações, reclamações, denúncias fofoqueiras/amorosas/esportivas. A fonte cotidiana não se garante, tanto sugere escritas originais como inventadas, exageradas etc.

Vale destacar que muitos desses estudantes eram filhos de proprietários rurais da região da Zona da Mata Mineira, ou garotos que vinham de lugares mais distantes como as regiões Nordeste e Norte do Brasil. Eles vinham por diferentes circunstâncias, como a influência do pai para depois regressarem e trabalharem na propriedade, por vontade

do próprio estudante ou por ouvirem dizer de um colega que falara bem da escola etc. O jornal chega a explicitar a naturalidade de alguns alunos em colunas como “Garoto Viçoso”, mas, não necessariamente, o motivo de seu deslocamento até a instituição. Embora muito ávido em detalhar a personalidade dos colegas, suas peraltices cotidianas, o jornal não se ateve em apontar a cidade de origem desses garotos viçosos, com algumas exceções, como já explicado.

O jornal **O Bonde** lida basicamente com os fatos cotidianos. Por isso, enxergá-lo sem a percepção do cotidiano e sem as relações que permeavam o dia-a-dia dos garotos na escola seria agir no sentido contrário do pretendido pela tese, já que as masculinidades se constroem por negociações/relações através de fatos/brincadeiras inusitadas, acontecimentos despercebidos que escrevem o cotidiano de uma instituição estudantil. O jornal era o fruto desse cotidiano e, ao mesmo tempo, produzia cotidiano na medida em que suas manchetes dominicais adentravam a semana agindo politicamente na dinâmica dos estudantes. Assim, é a vida estudantil em movimentação que está armazenada em páginas amareladas de **O Bonde**, trazendo vestígios singulares de subjetivações masculinas de época. Esse cotidiano histórico caracteriza a micro-história cotidiana da ESAV já que o jornal era ao mesmo tempo produto e produtor.

Motivado pelos meandros de movimentações masculinas estudantis é que me lanço na aventura investigativa do jornal **O Bonde**. A escrita a que me dedico, como diria Foucault (2006, p. 79), “é apenas um meio, não o fim. “A obra” também não é o fim!”. A citação é pertinente com o material empírico que tenho em mãos, pois este é extenso demais para caber em apenas quatro anos de pesquisa-tese, bem como minhas experiências vividas na UFV também o são. Como não pretendo esgotar o jornal, minhas escolhas/capturas serão interessadas de acordo com a leitura ao longo do material.

Desse modo, convido o(a) leitor(a), para uma viagem comigo, que percorrerá algumas de minhas capturas dentro do escopo de dez anos de história do jornal **O Bonde**. Espero contar com um olhar estrangeiro e, desde já, assumo ser um sujeito implicado na viagem por essa história esaviana. Como um viajante cambiante, sem pretensão nenhuma de me apoiar em certezas, buscarei ser um curioso investigador, mais interessado nas sensações e paisagens da viagem do que no destino final que, como apontou Louro (2008a, p. 13):

É possível pensar que esse sujeito também se lança numa viagem, ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar. Não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto.

O Bonde é uma viagem extensa e que impressiona tanto quanto o garboso trem de ferro da Leopoldina Railway, com sua estação localizada a alguns metros do prédio principal da ESAV, que transportava os passageiros do pequeno município de Viçosa-MG. (LOPES, 1995). A diferença aqui é que não me pauto em uma conclusão, mas sim em uma curiosidade em saber o que acontecia com o passar dos anos de vida do jornal. Quais masculinidades embarcavam nele? Quais cotidianos se inventavam nele? E como se davam as relações entre os passageiros dessa locomotiva chamada **O Bonde**?

A tese se divide em cinco capítulos, além desta introdução. No 1º capítulo, intitulado “Masculinidades um conceito em movimento”, me baseio em referências encontradas durante o meu período de Doutorado Sanduíche em Barcelona e, já na volta ao Brasil, com as leituras de Connell (1995-2013). Nesse capítulo, faço um trabalho conceitual através da masculinidade hegemônica, sua origem e a relação com o campo do gênero e sexualidades.

No 2º capítulo, intitulado “Encontrando **O Bonde** pelos trilhos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG)”, apresento o local de surgimento do jornal **O Bonde**, ou seja, a escola com seus personagens ilustres, uma instituição que fabricava sujeitos masculinos, bem como a presença do emblemático espírito esaviano.

No 3º capítulo, intitulado “Os apelidos no jornal estudantil **O Bonde**, sociabilidades, memórias e narrativas esavianas”, destaco os apelidos como marca latente desse pasquim e apresento as narrativas de dois ex-estudantes da escola a fim de compreender o significado que tais apelidos tinham no cotidiano dos estudantes e mesmo como era esse cotidiano repleto de apelidos.

No 4º capítulo, intitulado “Poetas, agricultores, boêmios, esportistas, delicados um mosaico de masculinidades no jornal **O Bonde**”, trago as diferentes facetas masculinas que circulavam pela Escola. Um desses tipos de masculinidades era reivindicado pelos bondistas que se intitulavam como os literatos-poetas. Trago também a história, as imagens e os relatos de uma festa tradicional esaviana, a Marcha Nico Lopes. Pelas imagens fotográficas, é possível perceber o cotidiano dessa festa, as brincadeiras, as

liberdades e as fronteiras entre os gêneros masculino e feminino através da prática dos garotos em se vestirem de mulher, um carnaval fora de época!

No 5º capítulo, intitulado como “As Economistas pelo olhar dos garotos de **O Bonde** e os bondistas pelo olhar das garotas de *A Paineira*”, discorro sobre a relação entre os garotos - agrônomos do jornal **O Bonde** e as garotas economistas domésticas do jornal *A Paineira*, as disputas de poder que estes praticavam no campus escolar, mas, principalmente, como as mulheres/estudantes eram vistas pelos garotos da escola, já que não podemos pensar em masculinidade sem estar em relação com a feminilidade. A masculinidade afetava o modo de vida das mulheres, de maneira que a ideia aqui é buscar o aspecto relacional entre os jornais ou, mais especificamente, entre garotos e garotas.

Por último em: E chega o outono, até breve querido **Bonde**! Escrevo a respeito das conclusões a que cheguei após a leitura e análise deste semanário masculino estudantil.

1 - MASCULINIDADES: UM CONCEITO EM MOVIMENTO.

O presente capítulo é fundamental para a tese e para mim por se tratar de uma escrita a respeito da construção do conceito de masculinidades, uma discussão central no jogo das relações de poder, saber e subjetivações. Entre essas masculinidades, a hegemônica parece se ancorar na manutenção dos privilégios, “ensinada” em meio a relações de poder e força. Podemos pensar que se trata de um projeto para poucos homens, vinculado ao legado do patriarcalismo, “uma estrutura de longo termo da subordinação das mulheres” (CONNELL, 2013 p.254), enquanto ideologia masculina dominante. Conhecer esse projeto é importante, já que trabalho com um jornal masculino, com rastros dessa masculinidade, entre outras que se transformaram em *locus* de minha observação.

O capítulo se inicia com a seção intitulada **Primeiras navegações pela construção das masculinidades**, na qual trago um pequeno estado da contribuição de pesquisadores e seus olhares para o entendimento do que vem a ser a masculinidade hegemônica e seu construtivismo social. Trago algumas representações da imagem de masculinidades hegemônicas em *comics* e filmes. O interesse pelo artefato cultural fílmico liga-se ao que irei discutir mais adiante com a influência desse produto cultural no cotidiano dos garotos que escreveram o jornal. Por isso, torna-se importante pensar esse artefato cultural como meio de produção de subjetividades masculinas.

Enfim, este capítulo tem a pretensão de abordar alguns elementos da construção da masculinidade hegemônica e não hegemônica, ou masculinidades subalternas, que circundam em torno desse modelo dorsal da masculinidade capitalista. Por isso, busco compreender a socialização dessas masculinidades, os conflitos, os códigos, as conjecturas, ou seja, as relações estabelecidas, negociadas e seguidas pelos homens. Entretanto, não tenho a intenção de esgotar a discussão sobre a construção de uma masculinidade hegemônica, uma vez que se trata de um universo bastante extenso, desafiador, complexo e inacabado. Interessa-me ir à busca dos elementos históricos relacionados a esse conceito, seus constructos que possibilitam os discursos da masculinidade hegemônica, suas configurações relacionais, as ameaças a esse modelo de homem. Para esse fim, eu me dedicarei a dialogar com autores como Connell (1995, 2013), Seffner (2003), Guash (2006), Cortés (2004) Del Río (2003), Banditer (1993), Nolasco (1993) e Foucault (2004 e 2010b).

1.1 Primeiras navegações pela construção das masculinidades

Pensar masculinidades, gêneros, sexualidades, pelo viés da abordagem construtivista, é partir do pressuposto de uma não essência, afastar-se de uma ciência aos moldes do positivismo. O melhor caminho me parece ser o de olhar essas políticas micros que se estabelecem em contato com *estar sendo*, ao invés de um *já ser* que se relaciona a um sujeito submetido a condições de essência. Seffner (2003, p. 150), em sua investigação a respeito da construção das representações acerca da bissexualidade pela rede construída chamada Bis-Brasil¹², argumenta que “a visão construtivista fornece mecanismos que nos permitem trabalhar temas relativos à violência, opressão, autoestima e construção da cidadania vinculados à questão da construção da identidade”.

Por vezes, quando advogamos a favor de uma perspectiva de construção e não essência, como a pós-estruturalista, é comum haver questionamentos a respeito de que estamos colocando o sujeito num vazio, numa total desvinculação com o social, mas não é bem assim que acontece. Ao contrário, pensar o sujeito em relação, em construção, é mapear as possibilidades acessíveis, culturais e políticas, que produzem uma identidade ou a destituem. A perspectiva de construção pode ser compreendida nas palavras de Seffner (2016, p. 243): “As pessoas não são isto ou aquilo, mas sim isto, aquilo e mais aquele outro, e muito mais”. Por isso, desde já, é necessário ressaltar que a compreensão do termo masculinidades no plural tem a ver com seu aspecto relacional, como nos convida pensar Connell (1995, p. 188).

A masculinidade é uma configuração prática em torno da posição de homens na estrutura da relação de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração deste tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento deste fato, tem se tornado comum falar de “masculinidades”. Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um *pout-pourri* de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.

A pluralidade das masculinidades é uma realidade possível de ser encontrada em sociedades complexas, “en las sociedades complejas, existen masculinidades

¹² A Rede Bis-Brasil foi um projeto desenvolvido, em boa parte, com apoio da MacArthur Foundation, entre 1995-2000, que trouxe a Seffner (2016) um rol de informações a respeito das representações de bissexualidades masculinas. O termo foi sugestão dos próprios participantes (cerca de 500 homens) que passaram a trocar cartas pelos correios resguardados pelo anonimato.

hegemónicas y outras que son subalternas” (GUASH, 2006 p.24). Muito mais que hegemônicas e subalternas, poderíamos nomeá-las de não hegemônicas, pois existem representações diversas da masculinidade, inclusive a hegemônica e a subalterna no mesmo homem, sem nos esquecermos da bissexualidade, entre tantas outras práticas possíveis e inventadas no campo das identidades e diferenças que produzem masculinidades.

No meu estágio sanduíche na Espanha, encontrei o viés sociológico da construção das masculinidades em leituras como de Guash (2006), Cortés (2004) Del Río (2003) e Banditer (1993), que também defendem que a masculinidade não deve ser pensada como uma essência, um axioma ou uma naturalização só porque se nasce portador da genitália masculina.

Esses autores fazem a crítica a esse tipo de certeza e de defesa pelo biologicamente edificado, que é o que se encontra na estrutura do patriarcalismo, da misoginia, da homofobia e que dialoga com a masculinidade hegemônica, lembrando que, como aponta Guash (2006, p. 16), “la masculinidad es una forma de género. Y el género es estructura social”.

A masculinidade hegemônica se consubstancia no cotidiano como uma força adensada pelas instituições sociais (família, igreja, escola etc.). É importante ressaltar que a masculinidade hegemônica não é uma, já que ela pode ser várias em diferentes culturas, várias dentro de uma mesma cultura, constituindo-se em estratégias individuais ou coletivas.

A masculinidade hegemônica é um tipo inventado de masculinidade, (CONNELL, 1995; 2013). Os estudos das masculinidades ganharam espaço com os estudos feministas e gays que serviram para fortalecer a perspectiva de construcionismo em detrimento ao essencialismo identitário.

Podemos razoavelmente concluir que a análise das múltiplas masculinidades e o conceito de masculinidade hegemônica serviram como quadro para muitos dos esforços das pesquisas em desenvolvimento sobre homens e masculinidade, substituindo a teoria do papel sexual e os modelos categoriais da psiquiatria. (CONNELL, 1995, p. 247).

Além disso, Connell (1995) afirma que um dos elementos que contribuiu para o rompimento do essencialismo da masculinidade foi o fato de investigadores encontrarem a masculinidade em corpos femininos, ou seja, a masculinidade presente no gênero feminino. Por essa razão, afirma que

A masculinidade não é uma entidade fixa encarnada no corpo ou nos traços da personalidade dos indivíduos. As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular (Ibidem, p. 250).

Connell (1995) se baseia em pesquisas que buscam desmistificar a reificação de uma masculinidade hegemônica na sociedade, dizendo que não se trata apenas de um poder dos homens sobre as mulheres, ou seja, não se pode simplificar a relação como um poder opressor de gêneros. Ao contrário, é preciso levar em consideração as institucionalizações que favorecem as desigualdades de gênero, combinando, ainda por cima, aspectos de raça, classe social, nacionalidade etc.

A cultura da heteronormatividade¹³ colabora em julgar o que é prejudicial à imagem hegemônica masculina, principalmente de tudo que se aproxima ao universo do feminino, e, conseqüentemente, da homossexualidade. Segundo Guash (2006, p.79): “La heterosexualidad es el resultado de aplicar los procesos de racionalización a la gestión social del deseo erótico”. O autor ainda argumenta que a heterossexualidade nasce junto com o advento de instituições como prisões, escola, fábrica, hospital, manicômio, quartel, que, claro, possuem como função racionalizar ou certificar a heterossexualidade como termo médico (GUASH, 2006).

Logo, a cultura da heteronormatividade tem por rotina evitar esse universo feminino em prol do aprender a ser macho. Nós, homens, somos resultado de uma cultura da virilidade em que o modelo social e cultural de aprender a ser homem em relação às mulheres é exercido pelas instituições sociais, impregnando a cultura masculina de poder dominante. Poder institucional que se encontra como substrato da aprendizagem masculina para galgar privilégios que são inerentes ao exercer o papel do macho. Guash (2006, p. 29-30) também aponta para esse processo de construção social:

La masculinidad es una forma de identidad social y personal que regula las relaciones con los demás y que se aprende en los procesos de socialización. La masculinidad es un proceso social, emocional y subjetivo. Es social porque tiene que ver con algo que se adquiere. Las personas no nacen masculinas ni femeninas, aprenden a serlo. Es emocional porque tiene que ver con cómo sienten las personas (aunque luego inviertan tiempo y energía en

¹³ Louro (2008) vai dizer que há um processo pelo qual alguns sujeitos são normalizados e outros marginalizados. Isso ocorre quando falamos de uma heterossexualidade que é pensada e vivida como sendo necessária para a regulação social de normas e valores, uma identidade-padrão que, segundo a autora, é garantida por instituições como, por exemplo, a escola e seu currículo heteronormativo.

racionalizarlo). Y es subjetiva porque está condicionada por las experiencias personales.

A masculinidade, tal como conhecemos, é típica do ocidente. Trata-se de um conceito que é nosso, embora haja ritos e provas de virilidade em diversos lugares da terra. Por essa razão, não podemos aplicar esse conceito tal como ele é pensado por nós, ocidentais, ou teorizado por nós, a outros contextos continentais aleatoriamente, sem as devidas precauções (GUASH, 2006). Essa aprendizagem de masculinidade deve ser pensada como um projeto de gênero que, segundo Connell (2013), tem de ser vista de modo mais amplo, como a capacidade reprodutiva das diferenças de gênero que são trazidas para a prática social. Como vivenciamos estas construções sociais que impactam com a nossa relação com os corpos? “Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante” (CONNELL, 2013, p.189). Seffner (2016, p. 193) ainda acrescenta: “O corpo não é um continente seguro, de onde podem derivar definições acabadas sobre o pertencimento do sujeito, pois há uma compatibilidade ambígua entre sexo, práticas sexuais e desejo”.

Connell (2013), alertando para o equívoco de analisar as relações de gênero como dicotômicas, destaca que, ao olharmos para tais relações, devemos buscar a complexidade que existe em cada contexto. Esse cuidado traz uma interessante contribuição para os estudos das masculinidades: o fato de que diferentes masculinidades são construídas dentro do mesmo contexto. Assim, é possível pensar que, dentro de uma mesma instituição escolar, por exemplo, ocorram modos diversos de apresentar a masculinidade, com a presença do modelo hegemônico, assim como aqueles considerados marginalizados ou mesmo resistentes. Como existe certa contradição da masculinidade, é possível encontrá-la presente em mulheres, assim como a feminilidade presente em homens, sendo este o caráter que torna o gênero uma categoria histórica e mutante (CONNELL, 2013).

Contudo, o processo pelo qual é modelada a masculinidade hegemônica não ocorre no vazio. A elaboração de uma cultura para essa masculinidade foi historicamente arquitetada como políticas de construção ligando o homem ao prazer dos jogos de aventura, das competições, à paixão e afinidade para com o futebol, aos riscos, à violência e à invenção de imagens de contemplação como super-heróis e soldados. A guerra é um cenário de valorização do homem, aquilo que Connell (2013) chama de uma política de *lobby das armas*, em cuja construção a produção midiática possui

enorme participação. Portanto, falo de um escopo de artefatos culturais que ajudam a formar a identidade de uma biografia masculina de sucesso.

A afirmação da virilidade está explícita, nesse escopo, para a masculinidade hegemônica, que também inclui o mérito das conquistas amorosas, a capacidade racional para o mercado de trabalho e o domínio da família e da casa. Ademais, o mundo de uma masculinidade hegemônica se organiza por regras e códigos. Assim, para conseguir a integração com seus pares, seja na escola, na família ou trabalho (empregadores), o homem deve aprender a colocar em prática todo esse aprendizado cotidiano.

Desse modo, são os lugares convertidos em espaços de aprendizagem social para com os dados de uma cultura masculina. Como afirma Connell (2013), esse movimento produz, como custo, a repressão de sentimentos e, conseqüentemente, até mesmo certa dificuldade do homem nas relações com as mulheres e, creio eu, também com os próprios homens. O aspecto relacional fica claro nas palavras de Cortés (2004, p. 42):

(...) podemos decir que la masculinidad no se tiene, sino que se ejerce, y el poder es el eje central de su constitución y ejercicio. La identidad masculina nunca viene dada; por el contrario, se tiene que ir consiguiendo, afianzando y definiendo, siempre, en relación con los “otros”.

O caminho da masculinidade não é um caminho fácil de ser aprendido. Reprimir os sentimentos é doloroso, podendo ocasionar males silenciosos e também desconhecidos, pois o que ocorre é que se aprende a ser homem “na marra”, ou seja, à força. O campo da masculinidade tem muito a ver com a própria relação de poder pensada por Foucault (2012a). Sempre que há relação de poder como a repressão, há também resistência, pontos de resistências móveis e transitórios, lutas travadas e criadoras das multiplicidades de masculinidades. De acordo com Machado (2012a, p. 18), “não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social”. A masculinidade, assim como o poder, deve ser vista como uma categoria em constante luta, de disputa, um jogo de estratégia.

Nessa estratégia de pedagogização masculina, as manifestações de carinho, ternura, paciência, afetividade são vistas como fragilidade masculina. Tais manifestações se tornam alvo de suspeitas, sendo mal vistas. Ao homem são colocadas provas árduas na expectativa de que ele as supere satisfatoriamente, sem fraquejar nem

pedir “arrego”. E, por detrás de tais provas, encontram-se os amigos, o pai, o tio, o irmão, enfim, os olhos de outras masculinidades vigilantes, redes de olhares atentas aos passos do amigo, filho, sobrinho, irmão.

Podemos problematizar o sucesso desse processo. Os testes e provas que comumente são imputados aos meninos parecem produzir mais fracassos do que sucessos, causando impactos na expectativa interna e externa de uma aproximação ao ideal de masculinidade. “Há um processo ativo de exercício de poder por parte de quem nomeia e de quem é nomeado no campo das masculinidades” (SEFFNER, 2003, p.113). Então, é possível pensar que esse fracasso produz estigmas na construção das identidades masculinas.

Por esse motivo, torna-se utópica a reificação de um modelo masculino. Talvez por isso seja mais interessante pensar as masculinidades como um jogo de estratégias, de astúcias no qual o homem que conhece as regras do modelo hegemônico pode usá-las ou não, de acordo com o contexto cotidiano, jogando com elas. A aproximação ou o afastamento desse constructo social de masculinidade hegemônica ocorreriam em condicionamento ao desejo individual de encarnar ou não o teatro da dominação, de acordo com o interesse e o contexto vivido. Aproximar-se ou afastar-se produz representações diversas da masculinidade hegemônica. Sua negação em forma de crítica ou sua afirmação em forma de cumplicidade demonstram como a masculinidade pode ser repleta de estratégias que cada homem coloca em prática, de acordo com os interesses e as vantagens possíveis de serem conseguidos.

Desse modo, somos homens no plural, de possibilidades e recursos próprios para lidar com o velho modelo patriarcal e com as novas demandas do homem contemporâneo, utilizando, para esse jogo cotidiano, práticas discursivas. É nesse sentido que podemos compreender a emergência da liberação gay nos anos de 1970 como sendo uma prática discursiva de homens buscando se afastar desse modelo dominante e hegemônico. Não se pode negar que se trata de um movimento que traz um legado de sucesso para homens homossexuais, tornando a discussão a respeito dessa masculinidade possível, colocando-a no centro das políticas públicas de direitos humanos e combate a discriminações. No entanto, segundo Seffner (2003), não se podem romantizar as relações entre as masculinidades. Se assim o fazemos, corremos o risco de abandonar os mecanismos que fazem com que uma masculinidade se torne hegemônica. Por isso, devemos buscar os desníveis que se formam entre uma e outra masculinidade. É importante pensar nesses desníveis como uma causa de relação de

gênero, de maneira que as categorias de homem passivo e homem ativo são dicotomias de gênero que organizam determinados entendimentos de homossexualidades masculinas.

Tal perigo também pode ser relacionado ao fato de refletirmos até que ponto a homossexualidade também não se organiza pelos binarismos, de reproduções de comportamentos e de exclusões? É um equívoco pensar que a masculinidade homossexual configura-se somente como uma prática discursiva antidominação, ou uma masculinidade não hegemônica, já que ela pode também exercer dominância em relação a seus pares, configurando práticas tão discriminatórias quanto as combatidas. Dentro do rol das masculinidades homossexuais, o gay afeminado talvez seja o que mais sente essa discriminação.

No entanto, Seffner (2003, p. 221) traz a masculinidade bissexual como uma possível experiência de liberdade, visto que, segundo o autor, “a bissexualidade implica dissolução dos conceitos de heterossexualidade e homossexualidade”. Se pensarmos que tais conceitos, de fato, conduzem a padrões e modelos de conduta sexual, Seffner contribui para problematização das masculinidades, ao afirmar que a bissexualidade apresenta um rótulo de maior tolerância, percepção verificada nas narrativas dos seus correspondentes na rede masculina Bis-Brasil. O autor ainda aponta que a má relação entre bissexuais e homossexuais decorre exatamente pela resistência que os primeiros possuem das políticas de identidade que criam território para os homossexuais.

No mais, como se sabe, o modelo de masculinidade hegemônica torna-se um ideal de difícil acesso no sentido pleno de sua concepção para todos os homens. São poucos que alcançam tal status, que conseguem agregar todos os atributos enquanto requisito necessário para tal modelo. Por isso, uma das possibilidades de manter os privilégios concedidos para a masculinidade hegemônica é a de cumplicidade entre algumas sexualidades como os homens bissexuais com esse modelo, pois, ao casar, ter filhos, tornar-se provedor do lar, ser viril e musculoso, tendo uma vida nos preceitos do projeto de masculinidade valorizado na nossa sociedade, esse homem alcançará os privilégios e o status a ele outorgados (SEFFNER, 2003 p. 195). Obviamente, não se trata de demonizar, crucificar o homem bissexual por buscar esse modelo, vez que, conforme Seffner (2003, p. 195),

Desfrutar dos privilégios da masculinidade hegemônica pode ser vivido muito mais como uma situação de conforto e alívio de tensões, mesmo que

momentânea, do que propriamente como uma conquista a partir de um planejamento estratégico.

Nesse sentido, Seffner ajuda a pensar o aspecto relacional entre as masculinidades. O autor defende que temos de enxergar as masculinidades como vivências não lineares, passíveis de serem criticadas ou de serem almeçadas no desejo particular ou coletivo de se atingir. Logo, temos diferentes representações de masculinidades, construídas por diferentes nuances, negociações e resistências.

O processo de aproximação ou não com o modelo de uma masculinidade dominante reforça a ideia de construção e de re-construção, ou seja, pode ser revista como projeto de resistência, de transgressão ao modelo previsto. De acordo com Connell (2013, p. 191),

Se as masculinidades são construídas através dessas formas, elas são também constantemente reconstruídas. As masculinidades estão constantemente mudando na história. Obviamente, podendo não vivenciá-las como tais; a ideologia popular frequentemente representa o gênero como aquilo que não muda; o estável o “natural” padrão que subsiste sob o fluxo geral. O padrão agora frequentemente chamado de “masculinidade tradicional”, e vinculado à “família tradicional”, é, na verdade, uma forma de gênero historicamente recente, um produto claro do mundo moderno.

Dessa forma, a masculinidade tradicional, enquanto modelo capitalista moderno, é inventada como um produto de uma cultura em prol de uma funcionalidade múltipla que abarca os campos do político, do cultural. Uma manutenção de ordem natural patriarcal e dominante, modelo possível de ser desconstruído, alterado, desestabilizado, destitucionalizado, implodido, pois se trata de construção histórica.

Em que pese o fato de a masculinidade poder ser representada de formas diversas, por variantes como raça, faixa etária, classe e sexualidade, esse projeto patriarcal tradicional parece se constituir como a “espinha dorsal” de características que regulamentam a tipologia do homem dominante. A ordem discursiva desse modelo político busca se ajustar aos abalos e baixas devido a guerras e crises econômicas e continua refutando as ameaças do desviante masculino, essas diferenças que podem parecer suspeitas aos olhos de um coletivo masculino dominante.

O investimento constituído historicamente funciona como uma teia de proteção dessa masculinidade dominante, teia de conhecimentos que nós, homens, conhecemos e manipulamos em nossa defesa e honra. Nossa capacidade de sermos viris e fortes é testada no encontro com as três ameaças à constituição imanente de hegemonia: a

infantilização, a feminilização e a suspeita da homossexualidade. Aliás, essas ameaças são também vigiadas pelas mulheres - mãe, esposa, vizinha, professora - que podem vir a controlar as ameaças à masculinidade hegemônica. Quando se vive uma infância e adolescência numa cidade do interior, como no meu caso, é possível perceber que as mulheres também reforçam a dominação masculina. Isso ocorre, principalmente, porque elas são movidas pelo possível sentimento de vergonha de que seus maridos, filhos, irmãos e pais caiam na “boca do povo” e, mais que isso, que esses homens possam vir a ser confundidos com sujeitos submissos, fracos e dominados pelas mulheres. Fraqueza, submissão, vagabundagem, preguiça, alcoolismo, homossexualidade são desqualificações que solapam a imagem pública masculina.

Por isso, falar de masculinidades é falar de questões de gênero em que mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais também são impactadas por esse privilégio masculino. Porém, não seria correto generalizar tal afirmativa, vez que a aproximação ou afastamento dessa manutenção de imagem masculina dependeria de cada realidade, de como cada mulher lida com sua construção masculina. As mulheres aprendem o modelo masculino pela negação deste em sua identidade feminina.

Se, por um lado, a masculinidade no gênero feminino pode potencializar a masculinidade hegemônica, é fato que essa masculinidade passou a sofrer rachaduras epistemológicas desde o começo do século XX, justamente pela ação das mulheres com a luta feminista contra o patriarcado. O movimento feminista ajudou a abrir fendas no modelo hegemônico, causando profundos descontentamentos nessa masculinidade dominante que passou a ver sua imagem, domínio e poder serem ameaçados. Muitas das atrocidades causadas por essa masculinidade, como a violência contra as mulheres, têm tido um destaque particular nos últimos tempos, entendendo que a violência de gênero não se trata apenas da doméstica, mas, sim, de todo um arcabouço físico, simbólico, moral e sexual, no trabalho, na rua etc.

Nesse contexto, estudar as relações de gênero e as masculinidades é sempre uma aventura que nos traz novidades interessantes nos estudos das masculinidades. Um exemplo atual do que estou chamando de “novidades” são as inusitadas narrativas de homens retratando a violência sofrida nas mãos de suas parceiras, na investigação de doutorado *El maltratado varón: representaciones de las masculinidad danada sociales* de Folguera Cots (2013). Nesse trabalho, esses homens se autodeclaram serem casos raros de manifestação pública desse tipo de violência, justamente pela vergonha que é dizer que sofrem nas mãos de mulheres, fugindo da expectativa de controle e dominação

masculina. Trata-se da primeira investigação realizada na Espanha sobre homens maltratados e que, para mim, soa como uma interessante amostra dessa pluralidade masculina e de como o aspecto relacional de gênero pode surpreender as nossas estruturas binárias culturalmente constituídas. Ou seja, uma demonstração de que a violência chamada por Connell (1995) de *práticas tóxicas* também pode vir da opressão feminina. No mais, ao ter acesso a essa investigação, atentei para o fato de que o universo masculino e a violência de gênero são assuntos demasiados complexos, que fogem ao óbvio esperado pelas identidades de gênero e que apresentam dados interessantes, quando investigados em outros países com a variante cultural distinta.

Uma complexidade que aparece na fala de Gloria Careaga, psicóloga mexicana e feminista, que, na mesa redonda intitulada *La invisibilidad de las otras masculinidades*¹⁴, aponta que os homens não foram chamados para uma nova construção do ser homem. Hoje, com as novas realidades existentes, os homens não conseguem lidar bem com novas configurações de gênero e sexualidades. Não existiriam novos recursos, para os homens não foram pensadas novas reconfigurações a favor de novas identidades. Assim, os homens precisariam desenvolver novos elementos com poucos recursos, sendo este o nosso desafio para as discussões sobre masculinidade(s). Sobre esse aspecto, Guiddens (1993, p. 165) também se refere à dificuldade de superação enfrentada por nós, homens:

As mulheres protestaram e libertaram-se de seu confinamento em um ambiente doméstico e das limitações do autodesenvolvimento que o acompanhavam. Os homens ainda estão aprisionados no papel de provedores, muito embora os benefícios econômicos que os homens promovem para as mulheres causem, atualmente, mais ressentimentos do que apreço. A necessidade de “agir como homem” esta fortemente inculcada - e para a maior parte tal conduta é esperada também pelas mulheres - mas as pressões que ela provoca são intensas.

É importante ressaltar que as novas facetas de um mundo global capitalizado têm cada vez mais levado os homens a terem de se adaptar em recriações de masculinidades na relação com homens, mulheres, adolescentes etc. E, com a contestação, por parte dos movimentos feministas e gay e com o alcance desse público a papéis de provedores de famílias, causou-se uma destituição do papel heterossexual masculino, uma desestabilização e, arrisco a dizer, que um dos medos enfrentados pelos

¹⁴ Ponencia: la invisibilidad de las otras masculinidades, panel Masculinidades, Diversidad Sexual y Heteronormatividad. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h67joNlobPg&feature=youtu.be> Acesso em: 20 de jan de 2015.

homens é, justamente, a perda de controle financeiro, a perda do poder provedor. Nas últimas décadas, isso tem sido recorrente, principalmente pelo fato de que as mulheres têm sido, cada vez mais, demandadas pelo mercado de trabalho, apropriando-se, assim, do espaço público como direito de trabalho e de participação na vida pública e política.

A crise econômica afeta o lugar do trabalho, destituindo o homem de seu protagonismo provedor, enquanto *telos* almejado de vocação legítima do macho. A partir do momento em que o ideal do homem hegemônico necessita lutar e disputar poder com as mulheres e outras masculinidades por trabalho e postos de comando, essa crise torna-se mais visível. A crise parece ter seu lado negativo na medida em que pode muito bem levar ao aumento da violência doméstica ou depressão masculina e até ao suicídio pelo fato de esses homens não conseguirem suportar, assimilar a perda de poder e controle. Por outro lado, parece-me salutar a partir do momento em que ocorre uma desobrigação que vem da própria conjuntura econômica não mais capaz de oferecer à masculinidade hegemônica os seus privilégios historicamente concedidos. A crise também deve ser vista como uma crise da ordem do gênero. Assim, é nessa ótica que devemos focar para compreender o seu efeito sob a masculinidade e não como uma crise inerente da masculinidade (SEFFNER, 2003).

O movimento feminista, independente de sua linha teórica, conseguiu visibilizar o medo masculino de perder seu *status quo* de colonizador, pois, quando as mulheres passaram a se mover e começaram a redefinir o território destinado pelos homens a elas, o incômodo masculino começa a se transformar em uma crise de identidade que, segundo Banditer (1993, p. 25):

Lejos de ser pensada, como un absoluto, la masculinidad, atributo del hombre, es al mismo tiempo relativa y reactiva. De tal modo que cuando cambia la feminilidad - generalmente cuando las mujeres quieren redefinir su identidad - la masculinidad se desestabiliza.

A crise da masculinidade no século XX possui o caráter econômico, político e bélico. Tal panorama é destacado por Banditer (1993), ao dizer dos hiper-heróis nazistas que, por trás de toda uma virilidade aparente, haviam escondido uma fragilidade e problemas sexuais consideráveis. Isso, mesmo sendo a guerra, exatamente, um meio de corroborar com a masculinidade hegemônica, a fim de resolver uma crise da masculinidade já existente desde o começo do século, com a Primeira Guerra Mundial. Esta serviu para expor todas as patologias de uma virilidade fragmentada atenuada

depois da Segunda Guerra Mundial, já que esse massacre repetido dos próprios homens já não parecia mais adequado para remediar as deficiências masculinas.

A guerra, pode-se dizer, em sua concepção romântica e gloriosa, seria o cenário auge para uma masculinidade hegemônica, contexto perfeito para se fazer história, já que conjugaria elementos que possibilitariam ao homem poder sair vitorioso e ser admirado pelos pares na defesa da pátria e na causa de agruras ao inimigo. Todavia, a guerra também serviria para perseguir masculinidades não hegemônicas, masculinidades banidas da base militarista masculina, por exemplo, da sociedade alemã que fornecia seus melhores homens entre as classes sociais da época, de maneira que a guerra agregava um interclassismo. O interclassismo é a capacidade de agregar diferentes masculinidades em prol de um propósito heróico de defesa da pátria e formação de guerreiros, como ocorreu na Alemanha de Hitler. Cortés (2004), analisando pinturas e esculturas da época dessa sociedade, assinala que é possível identificar que os personagens fundamentalmente representados eram “el obrero, el agricultor y el soldado (las tres columnas del estado nazi) en una actitud y un espíritu combativos” (CORTÉS, 2004, p.114), os quais seriam as colunas do estado nazista e uniam os elementos da terra e sangue.

Logo, ocorria a junção da pureza e da força como substrato ideológico de uma sociedade que buscava formar um exército de homens rendidos em homenagem aos deuses gregos e romanos para frisar a formação de uma determinada masculinidade. Qualquer outra forma de masculinidade que não possuísse as virtudes fundamentais de um projeto nazista coletivo era vista como uma suspeita para perseguições.

Cortés (2004) lembra também que a sociedade alemã das primeiras décadas do século XX estava imersa na ideia do heroísmo relacionada com o cultivo do físico, do que ele chama de o “corpo do povo”, obviamente uma analogia ao belicismo como tentativa de justificar o militarismo. O caráter masculino, tido como consequência desse corpo, seria algo que viria como consequência natural dessa ideia do heroísmo.

O interclassismo que formou a base masculina alemã para a guerra encontrou em campo de batalha apenas o homem por companhia, o que fez desse cenário um palco de mortes, mas também de cumplicidade. Não é à toa que Foucault (2004) diz que os soldados, na guerra de 1914, sobreviveram muito por conta de uma afetividade criada entre eles, uma rede de sociabilidade masculina que os levava a suportar os piores cenários humanos. Assim, pouco importava viver com o corpo sobre ou abaixo do companheiro, quando havia coisas mais importantes acontecendo ao redor, no caso, a

morte. Segundo o autor, a devoção estava presente e isso era sancionado pelo jogo de vida e morte. O tecido afetivo, como diz Foucault (2004), é o que salvou muitos dos jovens soldados da morte.

A amizade, conforme se manifesta Fernandes (2008), em alusão a Foucault, é da ordem das lutas, não no sentido de um esmagar do outro como aniquilação, mas o de uma relação agonística que significa ser uma relação de poder em que ocorre a provocação permanente para um jogo de um mínimo de dominação e liberdade. Tal poder, na relação de amigos, não deve ser efetivada como uma força que paralisa, mas, sim, como algo que seja atrativo. “Esses jogos estratégicos, compreendidos como possibilidade de dirigir a conduta dos outros, são o que tornam a amizade “atraente e fascinante” aos olhos de Foucault.” (FERNANDES, 2008, p. 389). Ainda sob a ótica foucaultiana, a autora aponta que

Pensar a amizade é poder experimentar a diferença, as singularidades e também a pluralidade de um mundo livre, onde o exercício de uma agonística entre os amigos tenha lugar para as provocações mútuas, o trabalho da crítica com seu poder de estabilizar e desestabilizar a amizade, os questionamentos, as divergências de opiniões, uma “ética da palavra”, o falar franco com abertura do coração e da mente, fertilizando o solo inseguro da amizade, contrapondo-se à possibilidade de um dizer de si autorizado apenas pelas verdades dos discursos da hermenêutica do desejo. (Idem).

A amizade é um jogo estratégico necessário para qualquer período bélico histórico. O fenômeno da crise masculina não atingiu apenas a Alemanha Nazista, mas grande parte da Europa e do mundo, com seus homens em pedaços pelos campos europeus, asiáticos, norte-africanos e, por consequência, muitos países sofrendo baixas consideráveis pela mortandade masculina. Os efeitos danosos das guerras começaram a pôr em dúvida as verdades existentes a respeito da tecnologia bélica que acabara se voltando contra o próprio homem, bem como se começou a destacar a fragilidade do homem como sujeito comum, atingível, passível de danos irreversíveis em seu corpo jovem, quase infantil, expondo esse material humano, biológico, como algo frágil, perecível às intempéries de uma guerra.

Enfim, várias incertezas não admitidas se fortaleceram no pós-guerra de 1945, a ponto de fazer com que os países dominantes, como os Estados Unidos da América, repensassem seu modo de estratégia bélica, investindo em tecnologias cada vez mais eficazes e modernas no intuito de minimizar os impactos dos ataques, além do acompanhamento psicológico para seus soldados. Contudo, mesmo com tais políticas,

os estadunidenses não deixaram de continuar enviando seus homens mundo afora em aventuras de intervenções políticas nacionalistas.

Os Estados Unidos da América, também, na primeira metade do século XX, buscaram construir seu próprio modelo de masculinidade dominante, aproveitando-se para atenuar o efeito sentido da crise financeira advinda do *crack* de 1929. Nesse sentido, começa-se a criar um modo interessante de reforçar o sentimento de virilidade em modelos de masculinidade hegemônica com a produção de super-heróis que ficaram conhecidos na publicação da editora norte-americana de histórias em quadrinhos *D.C Comics*. Como aponta Cortés (2004, p. 164):

Los hombres ya no eran capaces de ocupar tan fácilmente ese lugar de hegemonía y control en la sociedad: tenían que volver a resituar el debate de lo que significaba ser un hombre, el papel de su cuerpo y sus competencias. Y para ello necesitaban de la construcción de unos iconos que trataran de ocultar la erosión que sufría el poder masculino y callar las voces de sectores que, como las mujeres, exigían su papel dentro de la cultura y la economía. La ideología e iconografía de los superhérois servió para enmascarar la realidad y conseguir reafirmar la coherencia corporal masculina y la mitología heroica de su identidad social en un momento de profundas dudas.

Os super-heróis, como bem lembra Cortés (2004), servem de antídoto para um cenário de desconfiança em um mundo onde os velhos símbolos haviam sido derrubados, necessitando, assim, de outros símbolos adequados aos novos tempos. O autor revela que o período que compreende a Grande Depressão até a Segunda Guerra Mundial foi o momento de grande produção para os super-heróis que invadiram o cenário cultural americano e começaram a ser disseminados para o resto do mundo. De fato, constituíam-se como um poderoso artefato cultural masculinizante. Os super-heróis publicados nos anos 1930 tinham caráter de rebeldes e justiceiros, já nos anos 1940, incorporavam personagens patriotas contra o nazista Hitler, dentre outros ditadores mundiais.

Pensar a estratégia de construção e de recuperação da imagem masculina, através de personagens de histórias em quadrinhos, é um modo de exemplificar uma das diversas representações da masculinidade hegemônica. Afinal, trata-se de uma invenção masculina capitalista que trouxe a figura do super-herói, relacionada à masculinidade idealizada. Quero frisar que a intenção de trazer os *comics* (histórias em quadrinhos) é apenas como exemplo de representação da masculinidade hegemônica e pelo fato de essa representação do herói estar presente em alguns autores que busquei para construir o capítulo.

O super-herói representa a ideologia masculina fomentada para os homens do ocidente pelos Estados Unidos da América para amenizar, segundo Cortés (2004), os efeitos da crise econômica advinda da grande depressão que afetou o modelo conhecido como *American Way Of Life*, mas, principalmente, salvar a imagem do homem americano dos destroços bélicos e, sobretudo, fortalecer, frente ao mundo, aos expectadores desses quadrinhos, a imagem de ainda ser uma nação conhecida como uma potência de guerra.

Após a constatação de que as tecnologias em campo de batalha se tornavam inimigas do próprio homem, mutilando-os, era preciso pensar modelos fictícios que devolvessem agressividade e fortaleza e, ao mesmo tempo, controle corporal. Isso poderia ser alcançado com a imagem dos heróis míticos que pudessem inspirar o homem comum, soldados e líderes combatentes em meio a um cotidiano ordinário ameaçado pela linha tênue que divide viver e morrer na guerra, uma ilusão construída e que sobreviveu aos tempos para uma geração de estadunidenses e que se espalhou ao redor do mundo.

Os super-heróis como elementos culturais se tornaram meios de distração social, capturando o público masculino americano, espalhando-se como uma cultura juvenil mundo afora, subjetivando seus leitores por sua faceta lúdica de luta do bem contra o mal. Proporcionando uma relação de transferência do leitor para dentro da história como partícipe desse combate, constituiu-se um grande sucesso de adesão que precedeu o advento da televisão naquele país.

Pensar na masculinidade hegemônica construída pela indústria de histórias em quadrinhos é um modo de elencar um elemento cultural da construção da masculinidade. Algumas características presentes nesses quadrinhos são: seriedade, responsabilidade, nobreza, moral, ética e companheirismo como referenciais que regulam a postura do que se espera de um homem, um espelho cultural juvenil que, poderíamos dizer, trata-se de um “dispositivo pedagógico da mídia” pensado no conceito desenvolvido por Fischer (2002, p. 155), que descreve o dispositivo pedagógico da mídia como:

(...) um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de

uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem.

A masculinidade hegemônica é um tipo de masculinidade que Guash (2006) considera pertencer a uma categoria analítica nomeada como Herói. A categoria Herói (GUASH, 2006) engloba tipos de masculinidades ideais. São ideais de masculinidade calcadas no discurso da naturalização do gênero masculino. Esses tipos de ideais masculinos, segundo o autor, são relativos e históricos, uma vez que, em cada época, são construídos tipos diferentes de heróis, uma pluralidade de tipos ideais de homens para servirem de exemplos para outros homens. A categoria herói é um projeto que se aceita, se aprende e se ensina aos demais homens. Porém, as ameaças a esse projeto são as masculinidades subalternas citadas acima que se tornam um engodo na escalada da construção social e geracional pela transmissão da obrigação do macho.

Quando Guash (2006) aponta o sujeito criança como uma das masculinidades subalternas, é pelo fato de que, por analogia, a infantilização de um homem o leva a ser tratado e representado como criança ou bebê, ou seja, um sujeito dependente não autônomo, o que significa uma humilhação, já que um bebê permanece totalmente na dependência do adulto. Logo, chamar um homem de bebê, criancinha, seria um modo de minorizá-lo, inferiorizá-lo e estigmatizá-lo, bem como a feminização, ao chamá-lo de delicado, de feminino, seria um ultraje à masculinidade. Socialmente, ou seja, no cotidiano ordinário ocidental, os homens que pertencem à categoria dos heróis não seriam afeminados, nem dependentes, tampouco homossexuais e, como heterossexuais, exigiriam o respeito das demais masculinidades vistas por eles como projetos “imperfeitos”.

Guash (2006) vai apresentar a figura do herói mítico como sendo o espelho para a masculinidade hegemônica, embora o autor afirme ser uma farsa, visto que essa representação heróica ocorre poucas vezes na vida de um homem, dependendo da raça, da idade e do público que está disposto a vê-lo em ação, ou seja, expectadores de sua fortaleza, agressividade e controle corporal, além das qualidades nobres que não podem faltar ao roteiro da masculinidade heróica mítica já mencionada.

A cultura midiática que privilegia o tipo herói subscrito na representação do super-herói funciona como inspiração para uma sensação de masculinidade incompleta. Uma ficção que ideologicamente influencia as brincadeiras dos garotos, que vende bonecos em miniaturas, álbuns de colecionar, revistinhas, chicletes, camisetas e

uniformes e está presente como temas de aniversários dos garotos, enfim, um efeito cascata de consumo sempre renovado pela indústria dos super-heróis. A iconografia dos quadrinhos tornou-se tão poderosa que, como aponta Cortés (2004, p. 168),

Los años de la guerra y las postrimerías de la década de los cuarenta fueron la época de esplendor de estos cómics, y se convirtieron en una verdadera institución cultural de tal importancia que ningún americano menor de sesenta años ha crecido sin leer las peripecias de algunos de estos personajes.

Ainda de acordo com o autor, “...estas historias dibujadas se convirtieron, durante la Depresión Económica Americana, en el entretenimiento más barato y popular de los ciudadanos de aquel país” (Idem).

Mesmo antes dos *comics* de meados da década de 1940, e da I Guerra Mundial, já haviam aparecido, no campo da literatura juvenil norte-americana, personagens voltados à construção masculina que respondiam ao dilema da virilidade moderna após o sufrágio feminino. (BANDITER, 1993). Esses heróis reforçavam uma identidade masculina de virilidade como Tarzan e os *Cowboys*, personagens que se enraizaram na cultura estadunidense, portadores de uma generosa virilidade e protagonistas de episódios de aventura. Ambos os heróis são apresentados em imagens que retificam a estética do macho, da natureza, uma relação de simbiose entre o humano e o selvagem, principalmente com os *cowboys* dominando cavalos selvagens.

As pessoas de minha idade talvez se lembrem de ver as propagandas de cigarro da marca Marlboro em que os *cowboys* apareciam em cenas de virilidade, força e natureza, domando os seus cavalos e não se deixando serem domados. Ironicamente, porém, os *cowboys* oficiais que fizeram propaganda desse produto faleceram por doenças pulmonares ocasionadas pelos males do cigarro¹⁵.

O tipo de contestação por parte dos homens nas metrópoles em relação à masculinidade hegemônica do hemisfério norte imperial, que domina o estilo capitalista industrial, é chamada por Connell (2013, p. 192) de *masculinidades cowboys de fronteiras*, que desafiam esse modelo de masculinidade racionalizante, econômico e industrial capitalista norte-americano e europeu, uma masculinidade fascista, desafiante e violenta nas metrópoles. São os *cowboys* não aceitando serem domados pelo capitalismo selvagem vindo dos modelos imperiais.

¹⁵ O Homem do Marlboro, disponível em: <http://www.updateordie.com/2014/01/27/doenca-pulmonar-marlboro/> Acesso em: 21 de jan de 2015.

O Tarzan e o *cowboy* foram alguns dos primeiros personagens a destacarem a virilidade e a relação entre o ser humano, o animal e a natureza selvagem. Depois, no universo dos quadrinhos, veio o mais famoso e primeiro personagem criado introduzindo a dupla identidade clássica, o *Superman*, um super-herói que desabrocha de Clark Kent, repórter na redação do Planeta Diário. Clark representa o discreto homem branco, bonito, heterossexual e de caráter politicamente versado pela nobreza. Como salienta Cortés (2004, p. 166): “es un dios hecho hombre, un extraterrestre que tiene en un reportero del *Daily Planet*, Clark Kent, a su alter ego”.

Clark Kent incorpora a característica interclassista que Guash (2006) aponta como fazendo parte da masculinidade herói em nossa sociedade, pois o herói pode bem ser o soldado, o guerreiro mítico, mas também o obreiro, o tipógrafo, o investigador, o redator de um jornal estudantil, o pai, o homem comum em seu cotidiano que sempre está disposto a ajudar e a contribuir socialmente pela liberdade e cidadania, agindo dentro dos valores liberais da modernidade.

Contudo, o modelo de hegemonia masculino não está restrito aos quadrinhos. O cinema estadunidense também colaborou para a difusão de uma tipologia do homem portador de atributos viris em personagens que garantem sucesso de bilheteria. São mocinhos, heróis que servem, desde meados do século XX, como uma tipologia de masculinidade. A respeito dessa faceta de representação da masculinidade funcionalista construída pela mídia, Seffner (2003, p. 175) afirma:

A conhecida teoria dos papéis sexuais e dos papéis de gênero opera nessa lógica, estabelecendo, em geral a partir da análise de produtos da comunicação, como os filmes e a própria vida dos atores mais famosos, um conjunto de características que definiriam o papel masculino, seja ele objeto de crítica ou de aplauso.

Embora haja a influência do modelo hegemônico masculino pelas diversas mídias, cada homem experimenta uma pluralidade de modos de ser no cotidiano. A investigação de Seffner (2003), com homens que narraram suas histórias, anseios e modos de ser, mostra como a masculinidade pode ser vista como uma plasticidade que decorre das negociações, rejeições e aceitações de acordo com a estratégia particular de cada sujeito.

Seffner (2003) conclui, em sua pesquisa, que as masculinidades bissexuais não são identidades autônomas ou no meio do caminho, mas identidades que orbitam ao redor da hegemônica numa relação de valorização ou desvalorização em relação a esta, o que

nos faz refletir sobre as diferentes masculinidades no jornal **O Bonde** que o(a) leitor(a) irá encontrar neste trabalho. Poderia dizer que o jornal me apresenta masculinidades orbitando ao redor de um modelo valorizado de ser homem e das masculinidades orbitantes.

A leitura de Seffner (2003) também me fez pensar que meus sujeitos de pesquisa possuem sua originalidade e particularidades de vivenciar seu(s) próprio(s) modelo(s) masculino(s). Uma das particularidades foi justamente a apropriação que eles fizeram do cinema em suas vidas, de maneira que poderíamos pensar nos efeitos de endereçamento de uma cultura para uma representação de homem.

O efeito da produção fílmica nos telespectadores ocorre por modos de endereçamento, que é um termo dos estudos de cinema, que tem um enorme peso teórico e político. Ele é usado por teóricos do cinema para dialogar com questões como “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador?” (ELLSWORTH, 2001, p. 12).

Os filmes, bem como os livros e comerciais de televisão, são feitos para alguém, eles visam e imaginam determinados públicos e, algumas vezes, até o desejam, explica Ellsworth (2001). A narrativa estrutural de um filme é pensada para o público que irá assistir a determinado filme, um dispositivo cultural e pedagógico com endereço certo para atingir determinada(s) subjetividade(s). A autora ainda explicita que “o modo de endereçamento como um conceito que se refere a algo que está no texto do filme e que, então, age de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais, ou sobre ambos” (Ibidem, p. 13). Ou seja, o conceito de modo de endereçamento é dado com base no argumento de que, para que um filme “funcione” para um público, é preciso que ele crie uma linha de intencionalidade que una o personagem com o telespectador. Quanto mais real for o personagem, maior é a chance de ele conquistar fãs na plateia.

A autora afirma que os traços da estrutura de endereçamento não são visíveis, não se apresentando diretamente na tela. Assim como a própria história e a trama do filme, o modo de endereçamento não é visível e pode errar o alvo, uma vez que o espectador e a espectadora nunca são apenas aquilo que o filme pensa que eles são: “O modo de endereçamento parece-se mais com a estrutura narrativa do filme do que com seu sistema de imagem [...] uma estruturação que se desenvolve ao longo do tempo das relações entre o filme e seus espectadores” (ELLSWORTH, 2001, p.16). Entretanto, para que um filme atribua algum sentido aos seus espectadores, é preciso que eles se envolvam com seu modo de endereçamento, afinal “o modo de endereçamento de um

filme está envolvido nos prazeres e nas interpretações dos públicos - inclusive em sua decisão de simplesmente recusar-se a ver o filme” (Ibidem, p. 24).

Esse envolvimento entre a experiência fílmica e o telespectador serve para unir a política da masculinidade com a indústria do entretenimento e os modelos hegemônicos, bem como os não hegemônicos do cinema, como símbolos de uma sociedade dicotômica. Inclusive, os roteiros românticos, que constituem a grande maioria dos filmes e são clássicos do amor romântico (GUIDDENS, 1993), ou então do faroeste, do esporte, são produções em que os homens surgem como protagonistas fortes, sedutores e de dupla faceta como os heróis disfarçados. De algum modo, a imagem do masculino se funde como um amálgama na constituição de sociedade do trabalho, do cotidiano, da família. No mais, de algum modo, as produções cinematográficas capturam nossa classificação cultural e nos fazem introjetar alguma divisão por categoria, como afirma Cortés (2004, p. 177).

Cada filme tiende a conseguir del espectador una identificación específica en relación a la construcción de las diferentes categorías culturales ya a lo socialmente definido en relación a la división sexual, los géneros y la identidad social enmarcada en la sociedad patriarcal.

Quando pensamos em masculinidade, parece-nos possível relacionar essa categoria a essa representação de poder dos heróis e seus atributos. Além disso, foi possível perceber a existência de instituições, dispositivos que são funcionais para um determinado fim, que é o de produzir esta “verdade”, a verdade de um ideal de masculinidade como essência. Só há essa normalização cotidiana pelo fato de que, como diz Seffner (2003, p. 169), “a norma é, paradoxalmente, aquilo que está sempre presente, mas poucas vezes enunciado claramente”.

Assim, como já nascemos em um mundo organizado, classificado, deslocar essa verdade internalizada é uma tarefa processual, ou seja, no meu ponto de vista, deve ser diária e ininterruptamente lembrada e praticada. Acredito que o jornal **O Bonde** me propicia desconstruir tal verdade, na medida em que trarei as negociações, dependências, cumplicidades, submissões, afastamentos e aproximações que compõem originalmente as relações de um cotidiano masculino, nutridas de uma malha discursiva complexa e sustentadas por jogos estratégicos. E o pano de fundo, o teatro em que ocorriam as atuações se trata, nada mais, nada menos, de uma Escola de muita fama e

historicamente de uma importância ímpar para o cenário educacional de Minas Gerais e Brasil.

Às vezes, quando estou lendo **O Bonde**, me pego com o seguinte pensamento: “Se eu contasse essas traquinagens, essas reivindicações e brincadeiras estudantis para alguém sem mencionar da época, nem que se trata de um jornal de meados de 1940, seria esta pessoa capaz de supor ser ações de um tempo que não o agora/atual?” Creio, quando se fala de gênero, masculinidades e sexualidades no âmbito escolar, que estamos sempre presenciando cenários muito semelhantes. Mudam-se os atores, mas não o palco e o roteiro cotidiano de valorização de uma masculinidade sobre as demais, de um gênero em relação ao outro, de resistências como desdobramento do poder que se sofre, de brincadeiras como modo de incluir ou excluir e, desse modo, reforçar laços de identidade e diferenças.

2. ENCONTRANDO O BONDE PELOS TRILHOS DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA (ESAV) E DA UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS (UREMG).

Este capítulo não tem a pretensão de abarcar todos os detalhes da história referente à ESAV/UREMG, tampouco seja este o objetivo da tese. Porém, é de suma importância revisitar o surgimento dessa instituição de ensino e os acontecimentos que merecem destaque para a compreensão dos homens que estiveram à frente desse projeto educacional e seus estudantes, além de trazer o contexto de surgimento do jornal **O Bonde** e suas astúcias cotidianas.

Sinto a necessidade de apresentar, ao menos brevemente, como ocorreu o início da instituição, seus enunciados, as condições de discurso que a ESAV colocava em operação. Ou seja, irei à busca das “condições de enunciados”, as condições que permitiram a construção de uma masculinidade institucional. Para isso, utilizarei, neste capítulo, fontes secundárias, que seriam as referências já produzidas sobre a ESAV e UREMG, ou seja, o que tais referências produziram enquanto investigações. Como sinaliza Jenkins (2005), é possível enxergar tais fontes secundárias como primárias, já que estas tanto poderiam ser lidas como introdução à história da ESAV, mas também como o que determinado pesquisador tinha para destacar sobre aquele determinado momento da instituição. No mais, utilizo de narrativas de ex-alunos como o Sr. Juarez, em 2012¹⁶, e o Sr. Geraldo, em 2013¹⁷ e, por fim, a fonte principal desta investigação, o jornal **O Bonde** como *locus* principal de análise.

Falar de cultura institucional escolar é lembrar a relação que esta possui com o poder como saber que se utiliza nas relações sociais, permitindo pensar de que maneira se configuram essas relações que operam em um determinado local, uma determinada instituição e que tipo de cultura se estabelece ali. Um dos caminhos na busca por conhecer essas composições cotidianas e o tipo de cultura estabelecida é o método genealógico foucaultiano. Creio que tal método/ perspectiva investiga o sujeito na sua prática política, econômica, cultural, discursiva e não discursiva. Logo, como uma invenção moderna, ou seja, um sujeito constructo, que é subjetivado de acordo com suas afiliações subjetivas. Por esse motivo, julgo importante apresentar, neste capítulo,

¹⁶ Data do primeiro encontro em que ocorreu uma conversa informal.

¹⁷ Data da primeira e única entrevista na cidade de Viçosa.

algumas narrativas de ex-alunos da ESAV que servirão para apresentar o cotidiano da escola e as astúcias produzidas e praticadas.

O capítulo está organizado nos seguintes tópicos: 1. *Explicando minhas ferramentas teórico-metodológicas* em que apresento minha escolha metodológica teórica e o caminho que faço com esse dispositivo enquanto arquivo, ou seja, “uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação” (FOUCAULT, 2012a, p.159). Desse oferecimento de diferentes enunciados, faço, então, uma seleção interessada para análise e problematização que não se encontra apenas em um determinado momento da tese, mas, sim, compondo-a integralmente.

Em 2. *Desembarcando em terras viçosenses. Homens trabalhando!*, apresento alguns destaques sobre a historiografia da ESAV/UREMG para o entendimento de como veio a surgir o jornal **O Bonde**.

No tópico subsequente, 3. *Investir na ESAV é investir na força jovem masculina*, o objetivo é apresentar o modo como a instituição se configurava como uma oficina de formação masculina de acordo com a sua organização filosófica/ideológica.

Na sequência, em 4. *Espírito esaviano: contra a indisciplina e ações individualizadas*, o foco é no espírito esaviano como um dos dispositivos que ajudam a subjetivar como símbolo de organização, camaradagem, fraternidade, confiança recíproca, justiça, entre outros sentimentos de pertença aos quais os estudantes que chegavam eram chamados a congregar.

Em 5. *Uma pausa na “canseira” que é hora da “zoação”, astúcias e invenções no nascimento do jornal O Bonde*, interesse-me por saber como o jornal se tornou uma invenção cotidiana, quais acontecimentos levaram os garotos daquela escola a criar um periódico semanal que retratasse a vida no campus e fora dela tendo os próprios estudantes como protagonistas.

E, por último, em 6. *Estratégias, Táticas, Astúcias e Traquinagens no cotidiano escolar*, interesse-me em detalhar e problematizar as ações desse dispositivo que funcionou ativamente com facetas que versavam em vigiar e disciplinar o outro como o de ser um instrumento de luta estudantil em relação às políticas estudantis ofertadas pela escola como alimentação e lazer.

2.1 Explicando minhas ferramentas teórico-metodológicas

Talvez seja possível afirmar que Foucault entende a história como um acontecimento discursivo no qual os discursos, como conjuntos de enunciados, fazem parte de modalidades que se vinculam com a prática. A prática é histórica, uma vez que ela carrega discursos que são produzidos no concreto. O autor aponta que a história dos conhecimentos, bem como da literatura e filosofia, possibilita multiplicar as rupturas e abrir as possibilidades de continuidade, diferentemente da história pura que tenderia a apagar, em benefício das estruturas, a irrupção dos acontecimentos (FOUCAULT, 2012b, p.7).

Por meio de um documento histórico - o jornal **O Bonde** - busquei analisar os textos de crônicas, cartas, poemas, notícias, classificados, comentários/opinião etc. Operar sobre um documento histórico é sempre um desafio de lidar com as séries, as relações que ligam ou desligam algum acontecimento. É nesse sentido que o jornal **O Bonde** é utilizado metodologicamente, como um documento repleto de enunciados e elementos de discursividades para serem explorados e problematizados em sua concretude histórica.

A análise documental de um jornal acadêmico possibilita compreendermos a dimensão do tempo, em uma determinada sociedade, que nos conduz a comportamentos, discursos, práticas e mentalidades. No caso do jornal, ideologias masculinas de um determinado período histórico. Utilizar o jornal como fonte de análise significa também estabelecer uma fotografia de uma época histórica e de uma instituição histórica como a UFV.

Metodologicamente, como já indiquei, busco acompanhar recortes, desde a primeira edição do jornal, em 1945, até capturas do ano de 1962, buscando problematizá-las em suas relações práticas enunciativas. É importante salientar que compreendo essas relações práticas discursivas como Foucault (2012b), ou seja, dentro do campo da história. Não se trata de internalidade ou externalidade enquanto língua ou as circunstâncias em que ela se desenvolve, mas, sim, de possibilidades discursivas práticas que vão surgindo para além da palavra em si, para além das palavras e das coisas. A inspiração metodológica é exatamente esta, a de buscar compreender os enunciados e as práticas discursivas em relação à construção das masculinidades dentro de um cenário estudantil do século XX.

Um cenário estudantil composto de um jornal que é fundamentalmente um acontecimento semanal discursivo e enunciativo de práticas e experiências que ajudaram a compor tipos de masculinidades de um cenário político e social de época. Esse esforço metodológico arqueológico e genealógico que Foucault utilizou em seus estudos históricos é o que eu tento aplicar nesta tese como algo que está para além da palavra escrita possível de ser encontrada em um objeto empírico como um jornal. Como lembrava Foucault (2012b, p. 109): “Por mais que uma frase não seja significante, ela se relaciona a alguma coisa, na medida em que é um enunciado”. E mais, como cada frase é portadora de um enunciado, a reprodução da mesma frase ou até mesmo de elementos desta em outros contextos, certamente, não irá dizer do mesmo significado enunciativo, já que se trata de outras regras de utilização.

O enunciado está ligado a um referencial que, por sua vez, liga-se a um conjunto de regras para objetos que se deseja afirmar ou negar. Por isso, a característica de existência ou não de um objeto ou sujeito depende das regras que definem esse referencial. Portanto, o nível enunciativo tem a ver com seus espaços de uso, plausibilidades enunciativas. O jornal possui vários enunciados que evidenciam a presença ou a ausência de sujeitos, um jogo político descrito no conceito de enunciado por Foucault do seguinte modo:

Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (Ibidem, p.116).

A metodologia foucaultiana arqueológico-genealógica expande a percepção de leitura e pesquisa dos discursos presentes em um artefato histórico, principalmente pelo fato de que o enunciado nunca é só, ele sempre está ligando passado e futuro em uma relação de possibilidades locais de existência. Os enunciados, por sua vez, não são neutros, eles sempre fazem parte de outros, logo, nunca são livres, são sempre jogos enunciativos e, como aponta Foucault (2012b, p. 121): “Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”.

No mais, é sempre bom destacar que cada sociedade possui seu controle e regulação dos discursos, daquilo que deve ou não ser controlado para evitar os acontecimentos aleatórios que podem surgir justamente de um não controle

(FOUCAULT, 2012b, p. 8 - 9). Ao longo da tese, vai ser possível ao leitor perceber que o jornal que pesquiso foi escrito por um grupo específico de estudantes da ESAV, o que exemplificaria um dos sistemas de exclusão que Foucault proferiu em sua aula inaugural no Collège de France em dezembro de 1970. Refiro-me ao efeito de rarefação do discurso em que o controle se dá pela seleção dos indivíduos que estariam qualificados por domínio das regras e normas para enunciá-los.

Por isso, o discurso é um lugar de disputa, de domínio e de poder. Nesse sentido, talvez uma das mais importantes contribuições foucaultianas para esta tese é considerar o caráter de disputa que existe pelo discurso, fazendo com que seus indivíduos se aproximem ou se afastem por classificações e diferenciações.

É importante destacar que, como destaca Foucault (2012b), enunciados e discursos são correlatos, na medida em que o discurso é produzido por uma sequência de signos existentes que se fixam para a solidificação de determinados discursos como o clínico, econômico, cultural, sexual etc. Nesse sentido, interesse-me por problematizar as construções discursivas a respeito de masculinidades.

Quando considero problematizar as construções discursivas de masculinidades, é porque entendo que os bondistas são sujeitos praticantes (CERTEAU, 1994). Sujeitos que são performáticos em suas escritas e ações cotidianas, operando em movimentos de apropriação e reapropriação de discursos, linguagens, representações e imagens, fazendo bricolagens de toda essa gama de elementos do dia-a-dia, a fim de romper a monotonia, o tempo e a mesmice da vida estudantil.

Ou seja, os bondistas transformavam e narravam o lugar da escola, os recortes do cotidiano, aquilo que chegava até eles ou do que eles iam atrás, capturando e costurando para a produção do jornal. Logo, o jornal é um produto de bricolagens praticadas no dia-a-dia, entendendo espaço como lugar construído socialmente, como narrativa de um fluxo e de encontros de conflitos existentes.

Além disso, o jornal se torna fonte indispensável para o encontro com o passado das discursividades estudantis, uma vez que este parece ser o único material do acervo histórico esaviano que expõe as movimentações cotidianas discentes da época. Aponto, ainda, algumas outras duas questões que se desdobram no curso desta investigação:

- Que enunciados de masculinidades estão presentes e operando no jornal

O Bonde?

- Qual o significado de brincadeiras, perseguições, transgressões e resistências no cotidiano escolar para pensarmos as construções discursivas e enunciativas masculinas nas páginas do jornal **O Bonde**?

O jornal me faz enxergar uma linha invisível que une a escola dos bondistas e a universidade em que morei, estudei e trabalhei. É inegável que, ao ler o jornal, estou rememorando em uma viagem particular de subjetivações produzidas na minha época de estudante.

Ao longo da leitura do jornal **O Bonde** e dos primeiros ensaios escritos que fazia, fui me dando conta de que, teoricamente, eu estava lidando com os métodos arqueológico e genealógico foucaultianos, pensados pela perspectiva de um saber-poder que o autor utiliza como caminhos epistemológicos em seus estudos. O caminho arqueológico está mais ligado ao saber, aquilo que está presente como acontecimento discursivo de uma determinada época, possível de ser escavado por uma teoria crítica, capturando acontecimentos e discursos como práticas que obedecem, muitas vezes, a regras que não são privilégio do passado. Por vezes, estas se atualizam como regras do presente, ou seja, o que acontece e se discute hoje na sociedade e que possui suas raízes plantadas em um determinado momento histórico.

Nesse sentido, seria errado dizer que Foucault investiga apenas o passado, não existe sobreposição entre passado, presente e vice-versa. Foucault se contrapõe aos métodos de interpretação como fontes fidedignas e exclusivas de uma dada realidade. O filósofo se interessa pelos fragmentos, pelos aspectos discursivos, saberes e poderes que bailam em jogos do visível e invisível, do oficial e oficioso, do dizível e indizível de raízes construídas em diferentes épocas históricas e que justificam muito do que somos no presente. Tais aspectos nos formam e conformam nosso pensamento, nosso comportamento, nossas instituições, nossos desejos e valores, sentidos etc.

Os jogos de verdades apontados por Foucault (1984) relacionam-se também aos jogos das relações de poderes nesses espaços enunciativos e discursivos de um grupo, presentes em uma instituição educacional e em um jornal como **O Bonde**. Ou seja, a verdade aparece relacionada a um poder com suas regras que a legitima enquanto verdade daquele grupo, lugar, mídia etc. É por meio desses jogos que nos constituímos enquanto sujeitos subjetivados, que torna possível a fala do verdadeiro ou do falso sobre determinado objeto. Por isso, quando utilizo esta palavra no título da tese, esta relaciona-se a um querer problematizar estes jogos discursivos e enunciativos presentes

no jornal **O Bonde** no intuito de tornar visibilizado as relações entre as masculinidades presentes naquele ambiente de ensino.

O caminho arqueológico pode ajudar a problematizar muitas dessas construções de sentidos, valores que emergiram em determinadas épocas e que, por algum motivo, sobrevivem ao tempo. Como aponta Machado (2012a, p. 11), “a arqueologia foucaultiana tem como ponto central visibilizar a relação dos saberes com os discursos e suas ligações com as instituições”.

Foucault, ao invés de interpretar, experimentava a curiosidade de conhecer o mundo. Ele dobrou este mundo e o desdobrou, rachando e desmontando as verdades presentificadas em discursos cristalizados. O filósofo fez da sua própria existência a sua experiência traduzida em uma caixa de ferramentas valiosa para que fosse apropriada por seus leitores. Para minha inspiração, Foucault não investigou nada por que ele não tivesse vontade e paixão.

O caminho genealógico de investigação corresponde, para Foucault, à busca por partes de instâncias discursivas para saber como o poder está implicado nos discursos, transformado-os, assim, em legítimos numa relação de desqualificação com outros discursos ou, no caso, poderíamos dizer, sujeitos em relação de poder com outros sujeitos. É importante ressaltar, inclusive, que é um equívoco separar a arqueologia da genealogia, pois ambas funcionam para acompanhar o andamento da história, suas conjecturas, jogos que permitem o encontro de uma invenção, um sujeito, uma norma, um discurso ou uma lei. Por isso, talvez seja mais apropriado utilizar do termo arqueogenealogia.

Fazer uma arqueogenealogia é tratar de fenômenos empíricos sem a pretensão de buscar a verdade totalizante. É pensar numa origem, não no sentido de localização da verdade como essência historicamente natural, mas, sim, em uma origem por desaguamento de encontros de forças, ponto em que ocorre a produção e a invenção de algo ou alguém. Seria a emergência de um sujeito ou de um saber. Esse movimento é completamente contrário a uma ideia de buscar produzir uma nova ciência ou teoria, pois nem arqueologia nem genealogia teriam tais pretensões. (VEIGA-NETO, 2007).

Nesse sentido, atentando-me a essas possibilidades foucaultianas é que tenho me encaminhado para as capturas no jornal, problematizando os discursos masculinos existentes, buscando, na sua leitura, perceber quais discursos eram mais valorizados, quem eram os sujeitos do discurso jornalístico e que posições ocupavam e lutavam para proteger. Quem estava com eles e quem não estava nessa relação? O jornal, que faz

parte desse movimento de saber-poder, apresenta-se como um acontecimento de um vibrante cotidiano no qual circula o discurso de uma filosofia institucional. Assim, esse dispositivo se torna um produto de poderes, contendo os modos/concepções de ser, agir e pensar de um tipo de masculinidade hegemônica. Quando digo que o jornal se transformou em um dispositivo de poder, estou me embasando em Foucault quando este aponta o seguinte:

Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2012a, p. 364).

Com isso, quero apontar o caráter de alcance que ele teve na vida estudantil, tanto territorial quanto simbolicamente. Visível e invisível, o jornal expande o que é a ESAV/UREMG com todos os seus dispositivos institucionais de saberes e poderes e, ao mesmo tempo, eles, os bondistas, são a prova dessa produção de sujeito construído dentro de um propósito político e pedagógico, a prova de um projeto institucional masculino no coração da Zona da Mata Mineira.

A tese traz, em sua composição, alguns relatos com ex-alunos da ESAV. Por isso, é importante ressaltar que esses relatos/entrevistas também foram analisados na perspectiva foucaultiana de investigação, ou seja, as entrevistas não me servem para fornecer verdades passíveis de dominação pelo entrevistador, visto que não me coloquei como um entrevistador coletor de registros adquiridos numa relação de dominação sobre o entrevistado em uma tradicional entrevista. Tampouco me dei por satisfeito com uma única versão, já que, com um dos meus entrevistados, houve mais de um encontro. Foucault (2012b, p. 108), ao falar da não compatibilidade entre enunciado e regras de utilização, destaca que “uma formulação idêntica reaparece - as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado”.

No tocante ao uso de imagens, no caso, das pinturas da escola feitas pela artista plástica Valéria Vidigal, bem como dos recortes do jornal **O Bonde**, contendo inclusive charges, além de fotografias cedidas por um dos ex-estudantes que me concedeu algumas narrativas, utilizo todo esse material imagético também no sentido foucaultiano. O uso da imagem ocasiona um cenário de alteridade e identidade. O uso

de determinadas imagens em detrimento a outras diz de uma representação singular, já que o universo da ESAV foi clicado de um determinado ponto de vista pelo fotógrafo da época, como as pinturas de Valéria foram retratadas pelo olhar singular dessa artista, assim como a charge no jornal **O Bonde** foi criada dentro de uma perspectiva de poder que produz um tipo de representação em detrimento a qualquer outro dentro do jornal. Assim, como o olhar é algo guiado dentro de uma perspectiva singular de sujeito, a perspectiva dos estudos culturais é importante para o reconhecimento das imagens na tese.

2.2 Desembarcando em terras viçosenses. Homens trabalhando!

A ESAV nasceu na primeira metade do século XX e trouxe alguns personagens emblemáticos na construção da instituição, como o Presidente da República e fundador da ESAV, Arthur da Silva Bernardes; o professor estadunidense Peter Henry Rolfs, que idealizou a Escola nos moldes estadunidense; o engenheiro João Carlos Bello Lisbôa, que ajudou a erguer tal projeto almejado; o dono de um pequeno barzinho Antonio Lopes de Faria Sobrinho (Nico Lopes) e, também, o estudante, professor e depois diretor (1947-1951) Antônio Secundino de São José.

Estes são alguns dos muitos personagens que contribuíram significativamente na construção da escola tanto de forma física (estrutural) como simbolicamente, tornando-se sujeitos fundamentais para que se perpetuasse uma vida acadêmica em Viçosa e consolidando enunciados que se tornaram legados para a historiografia da hoje UFV. Uma instituição feita de homens para homens. Creio que, à medida que encontro livros de atas, livros comemorativos, um livro autobiográfico e o próprio jornal **O Bonde**, estou me aproximando das narrativas de vidas e histórias longínquas. Lembrando, que como assinala Nora (1993, p. 9):

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.



Pintura¹⁸ 1: Prof. Peter H. Rolfs e o Eng. Bello Lisbôa. Fonte: Pintora, Valéria Vidigal, exposição em comemoração aos 85 anos de UFV (DA ESAV à UFV – Um Olhar de Valéria Vidigal, 01/08/2011 Técnica: Acrílico sobre linho, dimensões: 70x70cm).

No encontro com esse imenso acervo escolar, incluindo o jornal **O Bonde**, penso que talvez eu possa dilatar um pouco dessa historiografia no contato com narrativas e memórias que ainda não foram desveladas, as que estão submersas, as que dizem de datas, comemorações, celebrações, inaugurações. Partes constituintes de um *iceberg* escondidas em um oceano temporal que encobre os detalhes humanos dessa historiografia. Como o jornal é parte constituinte desse universo escondido, investigá-lo significa tomar consciência de um todo constituinte, apropriar-se de uma origem de acontecimentos e, no meu entender, não reconhecer a importância desse documento é

¹⁸ É importante ressaltar que encontrei postada uma das pinturas da artista Valéria Vidigal no *facebook* e, diante de sua estética única, resolvi pedir sua autorização para utilizar algumas delas, publicadas em seu blog, pertencentes à exposição em comemoração aos 85 anos de UFV intitulada DA ESAV à UFV - Um Olhar de Valéria Vidigal, na tese. A intenção não é fazer uma análise das pinturas, mas sim o de enriquecer esteticamente a tese com o uso dessas fontes visuais.

negligenciar sujeitos que produziam uma escola no cotidiano. Para Veiga-Neto (2007, p. 61),

(...) estudar a emergência de um objeto-conceito, prática, ideia ou valor - é proceder à análise histórica das condições políticas de possibilidades dos discursos que instituíram e “alojam” tal objeto. “Não se trata de onde ele veio, mas como/de que maneira e em que ponto ele surge” (*Grifos do autor*).

Exatamente pensando nessas palavras de Veiga-Neto (2007) é que se torna importante a contextualização que faço agora da escola. A ESAV teve seu início em 1922, criada pelo Decreto Estadual 6.053, de 30 de março de 1922. Uma época em que o mundo vivenciava o pós - 1ª guerra (1914-1918), uma época marcada pela mudança de um Brasil de modelo agrário-exportador para um processo lento de urbanização pela industrialização, bem como de nacionalização da economia. O modelo agrário-exportador era uma característica da então Primeira República (1889-1930). Este foi um período também conhecido como República Velha, que englobou diferentes períodos e nomenclaturas tais como: República da Oligarquia, República dos Coronéis, República do Café (ARANHA, 2006). Um momento na história brasileira em que os escolhidos para exercerem o poder não o faziam por uma via democrática e, sim, por controle de uma elite, ou mais especificamente, de uma elite fazendeira.

Enquanto isso, no tocante ao cenário cultural urbano da época, a Semana de Arte Moderna (1922) surgia como proposta de uma cultura nacional, como também foi uma movimentação de contestação à ordem econômica vigente no país. Do mesmo modo, a década de 1920 fora marcada por movimentos de contestação, principalmente dos segmentos médios urbanos contra a oligarquia dominante. O cenário educacional nessa década, tinha um índice de analfabetismo de 80%. Segundo Aranha (2006, p. 303):

(...) as características dos anos 1920 foram o “entusiasmo pela educação” e o “otimismo pedagógico”, promovidos por aqueles intelectuais e educadores que empreenderam debates e planos de reforma para recuperar o atraso brasileiro e foram os gestores dos movimentos nas décadas seguintes.

Nesse contexto é que germinou o desejo de construir uma escola que trouxesse o desenvolvimento agrário para o país e, sobretudo, vencesse a barreira da tida ignorância campesina. Cabe lembrar que a construção da escola serviu para consolidar a vocação mineira das oligarquias agrárias, bem como a vocação do País em ser um gigante sul-americano das atividades agrárias.

Também é verdade que a escola como uma “instituição moderna”, denominação que data do século XVIII e XIX no ocidente, tratou de afiançar-se na transmissão de valores e conhecimento em prol de um ideal, seja ele cívico/político ou religioso. O ensino nessa tríade se aplicou ao Brasil. A ESAV, desde sua origem, a meu ver, não se furtou dessa missão modernizante, muito pelo contrário, ela buscou domar a ignorância campesina através da materialidade racional com que moldava a aprendizagem dos seus garotos.

Isso significou o desejo por um modelo de homem do campo, atento às mudanças na sociedade, um sujeito menos “matuto”, poderia inferir, um homem mais racional e menos ingênuo. O que indica que a escola atrelou a natureza ao conhecimento em uma função social esperada dela, no caso, justamente controlar seus garotos recém-chegados, a fim de incorporá-los em um lugar onde a transferência de conhecimentos para a modernização da pátria era o mais importante. Tal missão se constituía com conhecimentos técnicos e morais, uma vez que o importante era entregar safras de mentes jovens e moldadas de acordo com o projeto nacional de urbanização e de desenvolvimentismo brasileiro estatal.

De fato, uma escola com tamanha responsabilidade só poderia ter começado nas mãos de um homem com esse ideal comum. Naquele tempo, o Estado de Minas Gerais tinha como presidente, termo utilizado para governador de Estado, o viçosense Arthur da Silva Bernardes, empenhado em alavancar a agricultura brasileira. Nascido em oito de agosto de 1875, na cidade de Viçosa, Arthur era um homem que, como afirma Paniago (2006, p. 49-50), “teve educação familiar rígida, baseada numa hierarquia de valores em que honestidade e princípios morais e religiosos firmes solidificaram os alicerces de seus estudos no tradicional Colégio de Caraça, em Ouro Preto”.

O presidente assinou, juntamente com o Secretário de Agricultura da época, o senhor Clodomiro Augusto de Oliveira, a autorização para a implantação de uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária no Estado. A Lei de número 761, de seis de setembro de 1920, traz, no artigo 4º, o objetivo buscado na construção da Escola: “Esta Escola terá por objectivo ministrar o ensino prático e theorico de Agricultura e Veterinária e bem assim realizar estudos experimentares que concorram para o desenvolvimento de taes sciencias no Estado de Minas Gerais” (BORGES, 2006, p. 20).

De acordo com Borges (2006), para a concretização do grandioso projeto de materializar a Escola, o presidente, através do embaixador do Brasil nos Estados Unidos da América, o então José Cochrane de Alencar, pediu que este indicasse um especialista

que fosse capaz de “fundar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola moderna” (Idem, p. 20). O indicado, e então contratado, vindo para a distante América Latina, foi o americano Dr. Peter Henry Rolfs - diretor do *Agricultural College da University of Florida* (ligado à Universidade da Flórida), de 1915 até 1920.

Peter Henry Rolfs permaneceu pelo tempo de seis anos como encarregado de organizar, nos moldes filosófico, arquitetônico e educacional, o ambicioso projeto que lhe fora outorgado: a fundação da escola agrícola em solo nacional. Rolfs se tornaria o diretor da Escola no período 1927-1929. Assim, após ter ocorrido à compra dos terrenos para a construção da Escola, por Fernando de Mello Vianna, procurador geral do Estado, a instituição foi oficializada exatamente como é:

Adquiridas as terras, o Vice-Presidente do Estado, no exercício do cargo de Presidente e autorizado pela Lei nº 761, baixou, em 30 de março de 1922, o Decreto nº 6.053, criando a Escola Superior de Agricultura e Veterinária e instalando-a em Viçosa (BORGES, 2006, p.23).

2.3 Investir na ESAV é investir na força jovem masculina

A compra de terras em Viçosa foi motivada por ser uma cidade localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, local de maior riqueza agrícola e também maior densidade populacional naquele período. Isso ocorreu depois de ter sido feita uma pesquisa em outros terrenos de cidades mineiras próximas como Ponte Nova, Ubá e Visconde do Rio Branco.

Finalmente, no ano de 1926, mais precisamente no dia 28 de agosto, foi inaugurado o prédio principal da ESAV, chamado edifício Arthur da Silva Bernardes, um prédio neoclássico e suntuoso que hoje é conhecido comumente pelos alunos como “BERNADÃO”.

A inauguração foi um momento de muita festividade, que ficaria marcado pelo discurso inaugural de seu criador, e então Presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, juntamente com o Presidente de Minas Gerais, Fernando de Mello Vianna. Na ocasião, Bernardes proferiu um discurso em defesa de uma agricultura científica, no sentido de transformar um país de agricultores ingênuos em um grande país agrícola:

O Brasil, antes de tudo, tem de ser um grande país agrícola. Sem dúvida, temos que cuidar das indústrias manufatureiras em que tão grandes capitais estão empregados, tamanhos interesses criaram à sombra das leis, devendo-se

tais indústrias a proteção necessária à sua conservação e crescimento sem sacrifícios. O grande interesse do Brasil está ainda na agricultura, está no aumento da produção, está na solução de todas as nossas dificuldades financeiras (BERNARDES, 2006, p. 56).



Pintura 2: Trem Arthur Bernardes em 28-08-1926 Fonte: Pintora, Valéria Vidigal, exposição em comemoração aos 85 anos de UFV (DA ESAV à UFV - Um Olhar de Valéria Vidigal, 01/07/2009. Técnica: Acrílica sobre linho. Dimensões: 70x90 cm.

No final do seu discurso, o presidente enfatiza o seu desejo de que a ESAV aperfeiçoasse não apenas o conhecimento e o aspecto material, mas também o aspecto moral estudantil esaviano. A melhoria desse “outro lado, o higienista” estava em voga nas palavras de Bernardes (2006, p. 56): “Sem ódios e divisões estéreis, unidos e solidários numa aspiração alta de aperfeiçoamento material e moral. Trabalhemos pela felicidade e grandeza do Brasil”.

Logo, é perceptível que a escola foi construída a fim de extirpar a ignorância do homem do campo. Para tal, era preciso inserir o “verdadeiro” conhecimento que as ciências agrárias/científicas poderiam proporcionar ao desenvolvimento do país. E, não apenas isso, o local a se chegar dependia da cooperação entre os estudantes, a união de uma família esaviana em compasso com os ditames escolares. Esses estudantes levariam, depois de formados, o “verdadeiro” conhecimento agrícola para os lugares

mais longínquos do geograficamente imenso Brasil Rural, a fim de ajudar a desenvolver a agricultura, uma missão e tanto!

A escola foi fundada sobre bases filosóficas estadunidenses, principalmente pelas legendas: *Learning By Doing* (Aprender Fazendo) e *Science with Practive* (Ciência com Prática). Segundo Borges (2006), foi sendo construída nos moldes dos *land grant colleges*¹⁹ estadunidenses que tinham como base a pesquisa, o ensino e a extensão (LOPES, 1995). Lembrando que, nessa época, nos Estados Unidos, as ideias de John Dewey, pedagogo americano, pautavam-se na crítica contra a escola tradicional e, exatamente por isso, ele foi o precursor da Escola Nova ou chamada de Construtivista, que é a escola na qual o ensino é voltado para o aluno como sujeito central da aprendizagem, crítica ao modelo tradicional conservador. Esse modelo escolanovista influenciou o Sistema Educacional Brasileiro com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova de 1932.

Este é um modelo que se pauta na relação que o aluno constrói com seus colegas e professores, objetivando um possível bom clima de ensino-aprendizagem, incluindo, obviamente, a experiência positiva de estar em comunidade escolar. Na verdade, a experiência envolve a interação entre o sujeito e o meio, que, no caso, seria a experiência entendida nos moldes deweyano, como aponta Ferreira (2011). O filósofo americano defendia uma educação em que houvesse a prática cotidiana, a relação entre os alunos favorecendo o aprender e a socialização, ou seja, trata-se de defender a experiência do aluno, devendo a escola aproveitar tal experiência no desenvolver do ensino. A experiência é vista como algo pertencente ao naturalismo, no qual as sensações são verdadeiras, onde terra e homem se fundem na prática estudantil, como ocorria na ESAV.

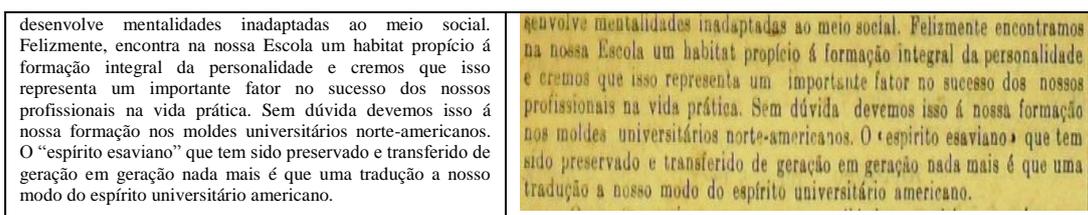
A experiência para Dewey, de acordo com Ferreira (2011), afasta-se da noção de experiência cartesiana na qual ocorre a separação de mente e corpo, sujeito e meio, pois como, para Descartes, os sentidos eram vistos como algo duvidoso, algo suspeito de certezas, não se poderiam considerar as sensações como experiências para o conhecimento. O corpo, como recipiente das sensações, era tido por Descartes como

¹⁹ A narrativa histórica sobre a Universidade Federal de Viçosa - UFV - salienta que a escolha do modelo inspirador da Escola de Agricultura - ESA - foram os *land-grant colleges*, constatado seu sucesso no país de origem. Eram tomados como um modelo de ensino que tinha dado certo nos Estados Unidos da América do Norte, na medida em que buscavam encontrar soluções agronômicas para os problemas dos *farmers* estadunidenses, através de uma prática agrícola que racionalizasse a produção, utilizasse de forma adequada o solo, transformasse o saber rotineiro em saber *científico*, não oriundo da ciência até então prevalecente, mas de uma ciência cuja aplicação prática fosse tão valorizada quanto a aquisição do conhecimento por ela mesma. O lema era *aprender-fazendo*. (BORGES, 2006, p.50)

algo a ser controlado, já que o único meio de alcançar o conhecimento real seria pelo trabalho com a mente, com o cognitivo racional.

Ora, a experiência para Dewey, segundo Ferreira (2011), é justamente o contrário, ela ocorre com a junção de corpo e mente, ou através do *learning by doing*, que é um pressuposto fundamental para esse pedagogo. Logo, o pragmatismo, que está presente na relação entre teoria e prática que ocorre no aprender escolar na experiência com o cotidiano de atividades práticas pedagógicas, tornou-se preceito para um mundo em desenvolvimento, em prol da industrialização. Portanto, o pedagogo estadunidense também serviu de base para o projeto de crescimento econômico daquele país.

O projeto deweyano está intrínseco ao modelo filosófico que a ESAV adotava. Uma testemunha de aproximação desse modelo foi o jornal no qual é possível constatar a influência desse pragmatismo na vida dos estudantes, como, por exemplo, na matéria intitulada “Atividades Extra-Curriculares”, assinada por J.M Pompeu Memória, em que o estudante diz dos moldes em que a escola foi fundada.



Fonte: Jornal **O Bonde**. (Ano 1948. Número 73).

Tal modelo ocorreu por influência de Peter Henry Rolfs, pois a intenção era romper com o ensino livresco e conservador que até então marcavam a tradição do ensino no Brasil. A ESAV trouxe o molde pragmatista estadunidense, ou seja, o ensino e a ciência como o foco no desmonte da ignorância do homem do campo. Um ensino que valorizava o saber teórico balizando a prática com a natureza. A experiência com as práticas servia para que os estudantes aprendessem, colocando o conhecimento teórico adquirido em sala de aula em ação, conhecimento cobrado em exames.

Os estudantes eram vistos como garotos matutos e ingênuos que chegavam à escola. Essa credence rural está presente na narrativa do Sr. Juarez, ex-estudante do curso de capataz, bem como a explicação sobre as diferentes modalidades de ensino, destacadas por Lopes (1995)²⁰. Sr Juarez foi um ex-estudante que estudou e morou na

²⁰ O ensino era dividido em três tipos de cursos: Curso Elementar, Curso Médio e Curso Superior. De acordo com Lopes (1995, p. 42), “os títulos conferidos aos estudantes que concluíssem seus respectivos

escola em 1951. Na época da entrevista, 19 de julho de 2012, Sr. Juarez estava com 82 anos de idade. No momento em que pedi que me contasse sobre sua vida na ESAV, narrou o seguinte:

Eu estava morando na roça, e o papai me perguntou se eu queria fazer um curso de capataz, pois eu levava jeito para roça, daí eu falei que ia fazer. Papai viu que eu tinha vocação de ficar na roça, ele tinha uma usina de cana de açúcar, daí ele me mandou porque eu gostava da roça. O que mais me interessava era a zootecnia, por conta dos animais, sempre gostei! Mas eles ensinavam tudo o que eu já sabia (risos) (Sr Juarez).

A escola chamou a atenção do Sr Juarez, afinal um empreendimento garboso como a construção da escola naquela época era motivo de fama por toda a região. Naquela época da ESAV, a escola tratava de selar o estudante que ali chegava com o conhecimento científico ausente em meio à ingenuidade de sua prática na roça.

Um modo de tutorar o sujeito buscando conduzir/cultivar o/no jovem a verdade/racionalidade do saber científico rural. Isso só poderia ocorrer com a implementação de uma pedagogia da prática, uma pedagogia que estivesse voltada a construir conhecimentos relacionados à teoria e à prática. O pensamento de Dewey como influência filosófica educacional foi fundamental para que ocorresse um ensino regrado por práticas em laboratório, no campo com os animais, com o manuseio das máquinas rurais e, principalmente, com as aulas teóricas e palestras que versassem sobre higiene, civismo e moral.

Uma filosofia ligada à natureza e ao homem, uma combinação propícia para uma escola localizada no interior de Minas Gerais, ou seja, um ambiente abraçado por um cinturão de terras férteis, pela natureza verde e espaço suficiente para as aulas práticas. Logo, o cenário favorecia o ensino, para que esse jovem, com sua experiência rural tida como “ingênua”, pudesse se transformar em um sujeito consolidado através da experiência, visando ao aperfeiçoamento de corpo e mente naquela escola agrícola masculina.

O pragmatismo da escola pode ser percebido pelas quatro pilastras ali construídas. Peter Henry Rolfs trouxe a ideia dos Estados Unidos da América e João Moogen, professor da Escola, imprimiu os lemas que serviram de inspiração e sigla da ESAV. Em cada pilastra há um lema inscrito, “*Estudar, Saber, Agir e Vencer*”, no original seria: *Ediscere, Scire, Agere e Vincere*. Os dizeres produzem efeitos não

cursos: curso elementar - título de Capataz rural; médio - de Technico agrícola; superior de agricultura - Engenheiro Agrônomo”.

discursivos pelo simbólico que delimita territorialmente a escola. Foucault (2012a, p. 253) já havia apontado que “a descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados”. Esses espaços, segundo o autor, guardam processos de poder.

É importante salientar que o Brasil, desde a decadência do império e do nascimento da primeira república, buscou sustentar um ideal nacional, ou, um projeto de nação em que o higienismo ficou marcado como uma das políticas fundamentais para tal intento e, como afirma Miskolci (2013, p. 25),

No Brasil, a preocupação coletiva com a sexualidade emergia na intersecção de discursos políticos, científicos e literários sobre a nação brasileira que seguiam objetivos como o de branqueamento/civilização de nosso povo por meio de práticas claramente discriminatórias ou formas sutis de rejeição, disciplinamento e controle das relações íntimas, particularmente as afetivas e sexuais, conformadas ao ideal reprodutivo (portanto heterossexual), branco e viril.

Assim, a preocupação com a moralidade dos garotos da escola se mesclava a uma política de instruções a respeito de assuntos diversos, como de comportamento, de moralidade, de civismo, de higiene, entre outras preleções que colaboravam para uma formação asséptica de transgressões e revoltas de qualquer ordem, uma doutrinação para a mente e corpo. Logo, as reuniões tratavam de disciplinamento e vigilância do corpo. Miskolci (2013, p. 31), a respeito de um movimento de disciplinamento e eugenia que ocorria no Brasil de fins do século XIX, diz que: “a consolidação do regime republicano é marcada por uma associação entre Estado e masculinidade que coloca à prova a capacidade de autodomínio de nossos homens de elite” (Idem).

O casamento e a criação de uma família, segundo o autor, seria um modo de esses homens serem vistos como verdadeiros cidadãos nacionais. É possível que tal premissa, de um início de república, tenha servido de base para as décadas posteriores, tendo sido mesmo incorporada a instituições masculinas, como foi a ESAV. Afinal, é interessante como os pré-requisitos para uma sociedade brasileira contemporânea que Miskolci aponta são próximos, para não dizer idênticos, aos vivenciados pelos garotos dentro da filosofia esaviana, uma filosofia para uma hegemonia masculina, um projeto de futuro promissor em detrimento a um passado a ser superado. E, principalmente, se pensarmos no modo de capturar a individualidade para dentro de um coletivo, criar o desejo de estar em um coletivo, esta é uma perspectiva que dificulta as resistências cotidianas ao projeto maior de futuro da pátria.

Por esse motivo, o discurso nessas reuniões objetivava um eugenismo escolar. Isso pode ser percebido pela fala do professor Nello de Moura Rangel, o qual, na preleção última do ano de 1940, mostra como os alicerces da ESAV preparavam e estruturavam a juventude em moldes bem canalizados. Segue o exposto de 1940:

(...) pelo homem são, pela boa semente, pelos bons rebanhos, abrangia todos os aspectos da esfinge desafiadora. (...) Não se cuidava apenas em formar profissionais competentes, mas plasmar homens completos, conhecedores da profissão, dignos pelo caráter, cidadãos pela integral compreensão das questões básicas da nacionalidade e pela consciência da missão relevante que lhes competia desempenhar (BORGES, 2006, p.81).

Havia, assim, uma preocupação em construir um ambiente favorável à filosofia e à prática pedagógica do civismo e patriotismo, tornando-se um local da moral e comportamento dignos de vivência esaviana. Os elementos de disciplinamento e responsabilidade se tornam fundamentais para a transição da fase do jovem “matuto do interior” para homem racional de futuro pelo Brasil agrícola.

2.4. Espírito esaviano: contra a indisciplina e ações individualizadas

A fraternidade, que é uma das bases do discurso liberalista moderno, era o tom repetido assiduamente entre os estudantes da escola naquela época, um sentimento advindo do espírito esaviano cuja explicação é feita na matéria intitulada Espírito Esaviano²¹ assinada por D.C. Giacometti em abril de 1947. A definição sucinta seria a seguinte: “Espírito Esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV” (**O Bonde**, número 45). O espírito foi criado numa época de eugenia, de agregar os estudantes em um mesmo ideal de consciência para o progresso da nação.

As chamadas Reuniões Gerais, segundo Da Silva e Borges (2008), ajudaram nesse intento de formação humana, corporal e higiênica. Elas ocorriam no salão nobre do edifício central da ESAV, geralmente realizadas em 15 ou 20 minutos, sendo de “natureza prática”. A partir de 1928, as reuniões ocorriam de segunda a sábado, no horário de 10 h até 10h30min, ministradas por professores, tendo como alvo os estudantes, que possuíam cadeira fixa, um modo para coibir a ausência e que mostrava o autoritarismo da proposta de ensino (Ibidem, p.15). Assim, tal preocupação culminou na

²¹ A matéria na íntegra pode ser lida mais adiante.

expressão que ficou famosa e ecoa até os dias de hoje na atual UFV, o chamado “espírito esaviano”. Essa expressão foi fortalecida por João Carlos Bello Lisbôa, como verdadeiro espírito nutrido no coração e mente dos jovens estudantes. João Carlos Bello Lisbôa foi o engenheiro responsável pelo conjunto da obra arquitetônica da ESAV, tornando-se, logo em seguida, professor da ESAV e, posteriormente, o segundo diretor da Escola, em primeiro de fevereiro de 1929.

O espírito esaviano surge ajudando na construção de uma mentalidade capaz de sanar o atraso brasileiro, conduzindo o país para o progresso. Obviamente, para um cenário como este, a educação passa a significar o *locus* central para o investimento em futuros profissionais formados técnica e moralmente para esse intento. O espírito esaviano do século XX investia, então, em uma filosofia versada pela eugenia, que significava formar um grupo de sujeitos diferenciados pela racionalidade técnica dos tidos “simplicírios trabalhadores rurais”. Distingui-los significa torná-los responsáveis em capacidades adquiridas para um grande objetivo para com a nação brasileira.

Eugenia e educação caminhavam de mãos dadas numa época em que a eugenia ganhava espaço e crescia a “pleno vapor” no país. De acordo com Schneider; Meglhioratti (2012), entre os anos 1929 – 1933, havia a circulação no País da publicação - *O boletim de eugenia* - criado pelo médico eugenista Renato Kehl, o qual teria como objetivo despertar no público o interesse pelos problemas públicos no país, alegando que a causa dos problemas era a origem racial. Como a educação era pensada, na época, como um privilégio de poucos, somente a seleção eugênica seria capaz de fazer o sujeito assimilar os conhecimentos para o progresso do País. Isso incluía uma aprendizagem pela disciplina, moral, higiene, educação física etc. Na matéria Espírito Esaviano, é construído o que vem a ser esse sentimento de pertença.

Espírito Esaviano
Por D.C GIACOMETTI

Existe realmente o espírito esaviano?

E o que vem a ser espírito esaviano?

Aí estão duas perguntas que tenho ouvido com frequência desde os meus primeiros dias de ESAV, isso há cinco anos atrás, quando me baila contra a dureza do Curso Complementar. Todo esse tempo é passado e a experiência me conduziu a conclusões de caráter puramente prático.

A ESAV é uma oficina de homens. Todos eles, ao iniciarem aqui seus estudos, são crianças grandes que trazem de suas fazendas, os segredos da rotina da vida ginásiana, ou de suas fazendas, os segredos da rotina e da ignorância. Uma vez aqui, o trabalho na fabricação deste produto escasso, que é o engenheiro agrônomo, o técnico agrícola e o administrador rural, começa intenso e orientado. Professores, veteranos e funcionários são todos mobilizados para a fusão desta matéria prima tão complexa, tão cheia de impurezas. Uma vez obtido o guza humano é este submetido à ação de alta temperatura e certos agentes para atingir sua fase final, passando em laminadores de onde é lançado, ainda cintilando, aos 8.500.000 kms² de terras brasileiras: terras planas e montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios. O produto tem alta cotação no mercado, o seu rótulo "Made in ESAV" é a senha para todas as portas.

Pois bem, tudo o que dissemos acima é uma ilustração da prova que queremos apresentar da existência do espírito esaviano, tão farejado por uns, ignorado por muitos e conhecido por tão poucos. Preferíamos pertencer ao grupo dos que o conhecem e bem por isso afirmamos que o espírito esaviano não é um mito — o espírito não é algo uniforme abraçado por todos, muito pelo contrário — ele existe realmente e quem duvidar que peça informações ao Dr. Secundino, ao Clarimundo, ao Botelho, ao Everardo e terá a resposta procurada — "Sim, ele existe!..."

Definição: a exata seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas, como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV.

A sua origem, sem dúvida nenhuma, vem do espírito americano. Trabalhar em conjunto, cooperação e camaradagem, confiança recíproca e justiça, são os característicos deste êmbolo da vida esaviana. E uma prova de que tem ele sua origem no espírito americano é o caso do Instituto Granbery, em J. Fora, que tem também seu "espírito Granberriense" e este Instituto foi fundado em 1890 por americanos.

Às vezes, eu me ponho a imaginar quão ideal seria o alastramento deste espírito através de todo o povo brasileiro tão mal conduzido pelos seus governos, tão mal orientado em suas escolas primárias, secundárias e superiores. Mas felizmente, tem havido muito terreno fértil para a germinação de sua semente, lançada por este gigante deitado eternamente em berço esplêndido (já é tempo de levantar, velhinho!...).

Não contasse a Escola com a força, motriz e potencial, infinitamente grandes do espírito esaviano e não teria por certo resistido ao terrível ataque de anemia do qual foi vítima no período do trevoço que deixou de existir há um ano atrás.

Espírito Esaviano

Por D. C. GIACOMETTI

Existe realmente o espírito esaviano?

E o que vem a ser espírito esaviano?

Aí estão duas perguntas que tenho ouvido com frequência desde os meus primeiros dias de ESAV, isso há cinco anos atrás, quando me baila contra a dureza do Curso Complementar. Todo esse tempo é passado e a experiência me conduziu a conclusões de caráter puramente prático.

A ESAV é uma oficina de homens. Todos eles, ao iniciarem aqui seus estudos, são crianças grandes que trazem de suas cidades o colorido da vida ginásiana, ou de suas fazendas, os segredos da rotina e da ignorância. Uma vez aqui, o trabalho na fabricação deste produto escasso, que é o engenheiro agrônomo, o técnico agrícola e o administrador rural, começa intenso e orientado. Professores, veteranos e funcionários são todos mobilizados para a fusão desta matéria prima tão complexa, tão cheia de impurezas. Uma vez obtido o guza humano é este submetido a ação de alta temperatura e certos agentes para atingir sua fase final, passando em laminadores de onde é lançado, ainda cintilando, aos 8.500.000 kms² de terras brasileiras: terras planas e montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios. O produto tem alta cotação no mercado, o seu rótulo "Made in ESAV" é a senha para todas as portas.

Pois bem, tudo o que dissemos acima é uma ilustração da prova que queremos apresentar da existência do espírito esaviano, tão farejado por uns, ignorado por muitos e conhecido por tão poucos. Preferimos pertencer ao grupo dos que o conhecem e bem por isso afirmamos que o espírito esaviano não é um mito — ele existe realmente e quem duvidar que peça informações ao Dr. Secundino, ao Clarimundo, ao Botelho, ao Everardo e terá a resposta procurada — "Sim, ele existe!..."

Definição: a exata, seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas, como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV.

A sua origem, sem dúvida nenhuma, vem do espírito americano. Trabalhar em conjunto, cooperação e camaradagem, confiança recíproca e justiça, são os característicos deste êmbolo da vida esaviana. E uma prova de que tem ele sua origem no espírito americano é o caso do Instituto Granbery, em J. Fora, que tem também seu "espírito Granberriense" e este Instituto foi fundado em 1890 por americanos.

Às vezes, eu me ponho a imaginar quão ideal seria o alastramento deste espírito através de todo o povo brasileiro tão mal conduzido pelos seus governos, tão mal orientado em suas escolas primárias, secundárias e superiores. Mas felizmente, tem havido muito terreno fértil para a germinação de sua semente, lançada por este gigante deitado eternamente em berço esplêndido (já é tempo de levantar, velhinho!...).

Não contasse a Escola com a força, motriz e potencial, infinitamente grandes do espírito esaviano e não teria por certo resistido ao terrível ataque de anemia do qual foi vítima no período do trevoço que deixou de existir há um ano atrás.

Fonte: Jornal O Bonde. (Ano 1947. Número 45).

Pela matéria, é possível perceber um tom de desqualificação pelo saber que vem dos rincões rurais, um tom de desdém pelo cotidiano bucólico do campo. O calouro é visto como uma matéria bruta que vai ser trabalhada pela ação de professores, havendo todo um aparato instrumental em sua lapidação. Assim, essa "criança grande", como eles apontam, pode se tornar um sujeito com capacidade técnica e moral para retornar ao campo e ajudar a sanar a ignorância nativa. Uma alusão ao caráter de que a escola doma o aluno, torna-o sujeito recipiente para o ensino racionalizante, apartando a cultura nativa que vinha do calouro, introjetando, nesse corpo e mente jovem, uma filosofia institucional sedutora. Os garotos, que se encontravam inexperientes e ávidos por um novo mundo, fariam parte de um grupo raro de engenheiros agrônomos.

A frase: “o espírito não é algo uniforme abraçado por todos, muito pelo contrário” demonstra que havia resistências em relação ao tão falado e aclamado espírito esaviano. Uma não adesão por todos indicando os conflitos que permeavam o cotidiano daquele universo masculino, em que a diferença de opiniões, de comportamentos gerava uma paisagem de resistências e enfrentamentos diversos, tanto entre estudantes como entre estudantes e direção escolar.

Falar do espírito esaviano é falar a respeito da tradição, uma noção pertencente à ordem do discurso que Foucault (2012b) identifica como sendo uma das características do enunciado e que, de certo modo, consegue dar continuidade à história das metanarrativas, pressupondo o cultivo de grandes nomes, gênios etc. Ao ler uma matéria dedicada à defesa do espírito esaviano, é como se o jornal zelasse por uma identidade de sujeito, um mito, um ícone heróico. É a tradição como unidade do discurso enquanto enunciado que concretiza a escola como símbolo coletivo a qual se deve honrar com comportamentos adequados à referência de seus fundadores e estudantes veteranos. A palavra “espírito” pode possuir vários significados. De acordo com o dicionário Aurélio de Ferreira Holanda (1986, p. 706):

Espírito [Do lat. spiritu.]. S. m. 1 A parte imaterial do ser humano; alma 2. Entidade sobrenatural ou imaginária, como os anjos, o Diabo, os duendes. 3. Pessoa dotada de inteligência ou bondade acima do comum: É um grande e s p í r i t u. 4. Imaginação, engenho, inteligência, finura. 5. Ânimo, índole: Tem o e s p í r i t u forte. 6. Graça, humor, sainete: anedota de e s p í r i t u aberto. 9. Idéia, pensamento; cabeça: Não tiro este caso do e s p í r i t u. 10. Líquido obtido pela destilação; álcool. 11. *Filos.* O pensamento em geral, o sujeito da representação, com suas atividades próprias, e que se opõe às coisas representadas; à medida ou a natureza.

Com a leitura das descrições conceituais sobre o termo “espírito”, penso que o espírito esaviano incorpora porque traz ao corpo - IN-CORPORE o significado da índole subjetiva do homem, processando-o na lapidação e transformando a ingenuidade e as impurezas do garoto dos rincões rurais de um Brasil distante, ou mesmo de ao redor de Viçosa, em sujeitos comprometidos com uma missão nobre e grandiosa.

A semelhança entre a matéria do jornal com o projeto de escola moderna não é mera coincidência, já que o modelo pedagógico moderno visava justamente ao trabalho de civilizar o sujeito pela racionalidade. Ambos os aspectos ligados ao preceito ideológico de um Brasil desenvolvimentista, industrial. Desse modo, o espírito esaviano era um sentimento praticado aplicando o sentimento de pertença, fraternidade, harmonização e fidelidade pela ESAV.

O jornal **O Bonde** fora o instrumento no clamor pelo exercício do “espírito esaviano”, bem como um severo crítico na lamentação da perda (enfraquecimento) desse sentimento através dos tempos. Com o crescimento da escola e, conseqüentemente, sua mudança de nomenclatura de ESAV para UREMG, começou a haver um enfraquecimento desse sentimento, desse espírito. Os bondistas, por sua vez, demonstram uma postura de resistência perante tal mudança, já que, mesmo depois de se tornar UREMG, os garotos continuam a se referir à instituição como ESAV. Em um artigo intitulado “Foi a E.S.A.V.”, publicado no número 89, de maio de 1950, de autor desconhecido, há uma descrição elogiosa à ESAV por todo o sacrifício realizado advindo de seus idealizadores e ainda uma frase bastante interessante que reforça o caráter de resistência dos bondistas: “Bravo ESAV, pois foi a ESAV quem venceu e não a UREMG que nem um tostão arranjou, e muito menos estimulou” (p.5).

A lamentação pela perda gradativa desse sentimento de pertença que fomenta o espírito esaviano fora feito por estudantes bondistas e colaboradores do jornal que começaram a se queixar da falta de compromisso dos novos colegas. Estes principalmente queixavam-se em relação a determinadas atitudes dos companheiros, o que revela que o medo dessa comunidade se abatia por sobre os esavianos. Com o passar dos anos, tal sentimento vai se tornando cada vez mais alvo de críticas, o tão aclamado *slogan* começa a ruir e isso se torna uma preocupação publicizada pelo jornal, um claro recado para a comunidade estudantil.

O jornal passou por crises e não somente pela crise de fraternidade estudantil. Embora tenha circulado por dezoito anos, **O Bonde** deixou, por vezes, de circular, como consta na matéria de 1951, intitulada “Até a volta, Amigos”, na qual M. J. d’Oliveira escreve sobre a despedida de fim de ano do jornal e conta também das vezes em que o semanário teve sua circulação interrompida.

Houve ocasiões em que foi forçado interromper sua circulação, quando lhe faltava então energia necessária, sem a qual seus condutores nem a força lhe moviam. Não fosse o esforço até demasiado de alguns, talvez não tivesse “**O Bonde**” conseguido cruzar as linhas desta e de outras paragens, a fim de atingir o ponto final de suas viagens: Servir e agradar a todos (p.1, nº 107, UREMG, 10/11/1951).

Nota-se uma fragilidade dessa fraternidade institucional, sendo, por isso, um bom exemplo para compreendermos que o tempo do jornal não foi um tempo estável, pelo contrário, houve vários desses “picos” de instabilidade, de medo e incertezas ao

longo de sua circulação. A falta de dinheiro foi, provavelmente, o maior problema enfrentado pelo jornal, já que, como consta na matéria “Uma explicação”, no número 138, de 1954, o jornal custava 30 cruzeiros e não era vendido de forma avulsa, ou seja, quem não tinha dinheiro acabava lendo compartilhado com outro colega. O autor ainda aponta que, por vezes, eles recebiam ajuda financeira do reitor para o custeio. Além disso, revela o seguinte: “(...) o ideal do jornal é sadio, livre de preconceitos, sem parciaisidades, sem o desejo de magoar quem quer que seja” (p.1).

Houve casos em que o jornal relata os ataques de esavianos que, por não terem suas matérias publicadas no jornal, retaliavam-no, escrevendo para outros jornais e criando rixas com o **Bonde**. Isso caracteriza um cenário cotidiano no qual o jornal está muito longe de ter sido um consenso de aceitabilidade. Na verdade, pelo seu caráter também de ser uma mídia venenosa, a criação de desafetos era uma constante.

Com a expansão e a mudança de Escola para Universidade, ficaram cada vez mais nítidas essas rixas no interior da instituição. É possível percebermos isso pela matéria que se segue, em que os estudantes ainda continuam nutrindo a presença de um espírito como élan de coletividade, porém, dessa vez com outra nomenclatura: a de um Espírito Universitário.

<p>Espírito Universitário Edgard de Vasconcelos</p> <p>Não basta criar, pela lei, a Universidade, como já dissemos em outra ocasião. É mister insuflar-lhe um “espírito”. Comunicar-lhe uma “alma”... Ora isso não é, nem pode ser obra de legisladores. E este é o grande problema que temos pela frente. Nele devem estar interessados todos os elementos que compõem a nossa estrutura universitária: Reitor, Diretores de Escolas, de Serviços, Professores, Alunos.</p> <p>A par da “expansão”, é necessário promover, por todos os meios e modos, a “expansão espiritual” da unidade universitária, procurando vencer as “distancias sociais”, superar “hiatos” que existem entre pessoas e grupos; a fim de que todos se sintam galvanizados pela mesma força, pelo mesmo sentimento de participação comum, nos destinos da Instituição que nos puseram às mãos, para que fizéssemos dela um instrumento de bem-estar para nós e para as gerações que nos hão de suceder, na enfiada dos anos.</p> <p>A formação do “espírito universitário”, entre nós, está exigindo, portanto, antes de mais nada, a cooperação de todos os elementos, formadores da estrutura universitária. E a primeira tarefa a realizar consiste em “fechar” todas as veredas que conduzem as pessoas e os grupos aqui existentes, a “planos diferentes”, a “pontos de vista antagônicos” em</p>	<p>fim, a qualquer forma de “separação” ou de “segregação”, que possa enfraquecer o todo, ou dividir a unidade.</p> <p>Daí a razão por que é, inteiramente, inadequada, neste momento, toda e qualquer atitude de susceptibilidade exagerada, de supervalorização pessoal e de hipertrofia do ego.</p> <p>Essas atitudes só servem para afastar as pessoas para distanciar os grupos e enfraquecer a “unidade universitária”, que terá de viver em função de um espírito são, isento de “preconceitos”, fortalecido pela serene convicção de que deve reinar entre nós um “espírito”, semelhante aquele que nos fraterniza debaixo do mesmo teto, ou à sombra do mesmo tempo.</p> <p>Mas, para que possamos lograr a formação desse “espírito universitário” é necessário, antes de mais nada, que organizemos o nosso próprio “espírito”, nos processos de convivência com aqueles que conosco vivem e trabalham, nesta grande Instituição, em função de um ideal comum, de uma só vontade, de um só coração, a pulsar no mesmo anseio de amor as coisas que nos envolvem e nos estimulam a cada instante.</p> <p>Sem a composição dos espíritos, não é possível construir o “espírito universitário”. Se a atitude das pessoas é de “prevenção”, de “desconfiança”, de “ressentimento” por motivos, os mais insignificantes.</p>	<p>Espírito Universitário EDGARD DE VASCONCELOS</p> <p>Não basta criar, pela lei, a Universidade, como já dissemos em outra ocasião. É mister insuflar-lhe um “espírito”. Comunicar-lhe uma “alma”... Ora isso não é, nem pode ser obra de legisladores. E este é o grande problema que temos pela frente. Nele devem estar interessados todos os elementos que compõem a nossa estrutura universitária: Reitor, Diretores de Escolas, de Serviços, Professores e Alunos.</p> <p>A par da “expansão”, é necessário promover, por todos os meios e modos, a “expansão espiritual” da unidade universitária, procurando vencer as “distancias sociais”, superar os “hiatos” que existem entre pessoas e grupos, a fim de que todos se sintam galvanizados pela mesma força, pelo mesmo sentimento de participação comum, nos destinos da Instituição que nos puseram as mãos, para que fizéssemos dela um instrumento de bem-estar para nós e para as gerações que nos hão de suceder, na enfiada dos anos.</p> <p>A formação do “espírito universitário”, entre nós, está exigindo, portanto, antes de mais nada, a cooperação de todos os elementos, formadores da estrutura universitária. E a primeira tarefa a realizar consiste em “fechar” todas as veredas que conduzem as pessoas e os grupos, aqui existentes, a “planos diferentes”, a “pontos de vista antagônicos” en-</p> <p>fim, a qualquer forma de “separação” ou de “segregação”, que possa enfraquecer o todo, ou dividir a unidade.</p> <p>Daí a razão por que é, inteiramente, inadequada, neste momento, toda e qualquer atitude de susceptibilidade exagerada, de supervalorização pessoal e de hipertrofia do ego. Essas atitudes só servem para afastar as pessoas, para distanciar os grupos e enfraquecer a “unidade universitária”, que terá de viver em função de um espírito são, isento de “preconceitos”, fortalecido pela serene convicção de que deve reinar entre nós um “espírito”, semelhante aquele que nos fraterniza debaixo do mesmo teto, ou à sombra do mesmo tempo.</p> <p>Mas, para que possamos lograr a formação desse “espírito universitário” é necessário, antes de mais nada, que organizemos o nosso próprio “espírito”, nos processos de convivência com aqueles que conosco vivem e trabalham, nesta grande Instituição, em função de um ideal comum, de uma só vontade, de um só coração, a pulsar no mesmo anseio de amor as coisas que nos envolvem e nos estimulam, a cada instante.</p> <p>Sem a composição dos espíritos, não é possível construir o “espírito universitário”. Se a atitude das pessoas é de “prevenção”, de “desconfiança”, de “ressentimento” por motivos, os mais insignifican-</p>
--	--	---

A matéria invoca união, homogeneização de sentimentos e desejos pessoais. É como se, a essa altura, com uma multiplicidade de estudantes e, conseqüentemente, com o crescimento do mosaico subjetivo convivendo dentro do mesmo território, houvesse a necessidade de uma voz de comando, voz que viesse da consciência de cada um em prol do coletivo. Por isso, a matéria me parece soar como uma chamada à consciência individual em prol do coletivo, o que também reforça o papel do jornal executando a faceta do pastor chamando por suas ovelhas e ensinando-lhes ficar juntas em nome de um bem comum.

O espírito esaviano também era tido como investimento para esse reconhecer-se num grupo de pertença. O sentimento de pertença afina-se em sentir-se agregado por nossos pares. Contudo, se existem as afinidades, também existem os desafetos, os não pares, e é desse modo que se começa a estabelecer socialmente a comunidade/guetos. A matéria que segue é um convite a essa colaboração por pares de afinidades.

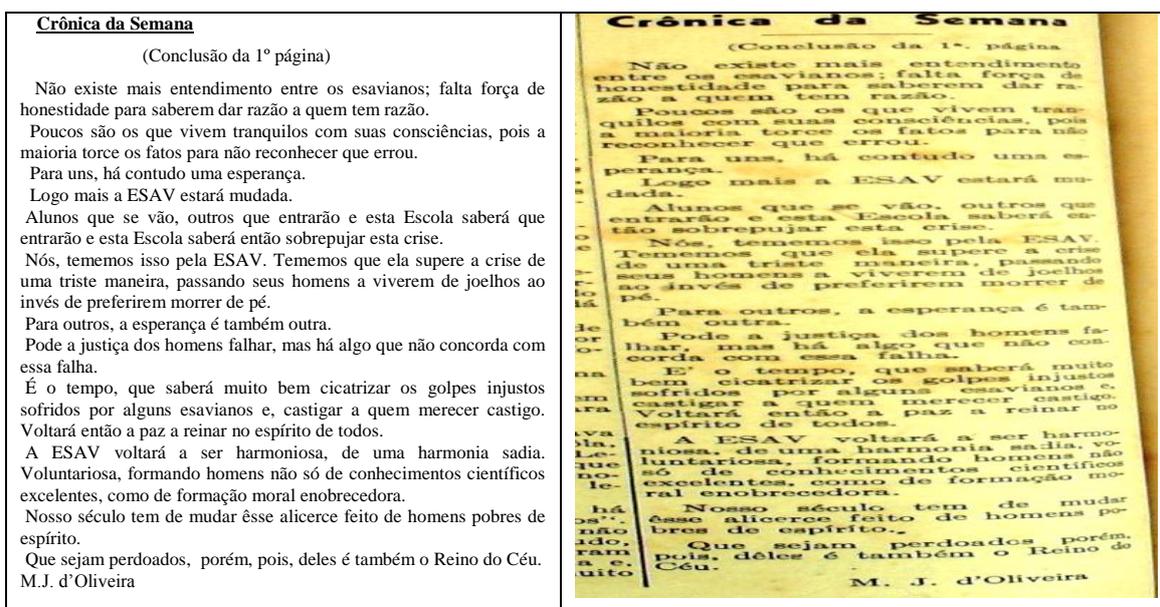
<p style="text-align: center;"><u>Para você, Esaviano</u></p> <p>Estamos no início de mais um ano letivo. Novos cursos nos esperam e novos trabalhos temos de realizar. Tudo será esforço, boa vontade, compreensão.</p> <p>E, dentro destas normas, podemos estar certos de que venceremos, vencendo também, concomitantemente, esta casa grandiosíssima, esta forja maravilhosa de técnicos da terra. A você, esaviano veterano, cabe seguir os mesmos rumos de anos passados, si é que você tem absoluta certeza de que os seus passos foram concientes e produtivos. A você, esaviano mais moço, cabe seguir as pegadas de seus irmãos mais velhos, para assim, todos, como máquina perfeita, desenvolvermos trabalho eficiente e digno.</p> <p>Nesta comunhão de pensamentos sublimes, caminharemos juntos, confiando nas nossas próprias forças.</p> <p>“O futuro dos povos assenta na livre iniciativa dos moços”.</p> <p>“A juventude aquilata-se pelo inquieto afã de se renovar, pelo desejo de empreender obras dignas, pela incessante floração de sonhos capazes de embelecer a vida. Jovem é aquele que sente dentro de si a força do seu próprio destino, aquele que sabe cuidá-lo contra a resistência alheia, aquele que pode ampará-lo contra os interesses criados”.</p> <p>“Sem ideais não pode haver iniciativa”.</p> <p>Eis porque, dedicamos a vocês, velhos e novos colegas, estas palavras, ao assinalarmos com indissimulável alegria, o início de nossas atividades à frente deste órgão, esperando a cooperação indispensável de todos para que tenhamos a nossa jornada coroada do mais completo êxito.</p>	<p style="text-align: center;">Para você, Esaviano</p> <p>Estamos no início de mais um ano letivo. Novos cursos nos esperam e novos trabalhos temos de realizar. Tudo será esforço, boa vontade, compreensão.</p> <p>E, dentro destas normas, podemos estar certos de que venceremos, vencendo também, concomitantemente, esta casa grandiosíssima, esta forja maravilhosa de técnicos da terra. A você, esaviano veterano, cabe seguir os mesmos rumos de anos passados, si é que você tem absoluta certeza de que os seus passos foram concientes e produtivos. A você, esaviano mais moço, cabe seguir as pegadas de seus irmãos mais velhos, para assim, todos, como máquina perfeita, desenvolvermos trabalho eficiente e digno.</p> <p>Nesta comunhão de pensamentos sublimes, caminharemos juntos, confiando nas nossas próprias forças.</p> <p>“O futuro dos povos assenta na livre iniciativa dos moços”.</p> <p>“A juventude aquilata-se pelo inquieto afã de se renovar, pelo desejo de empreender obras dignas, pela incessante floração de sonhos capazes de embelecer a vida. Jovem é aquele que sente dentro de si a força do seu próprio destino, aquele que sabe cuidá-lo contra a resistência alheia, aquele que pode ampará-lo contra os interesses criados”.</p> <p>“Sem ideais não pode haver iniciativa”.</p> <p>Eis porque, dedicamos a vocês, velhos e novos colegas, estas palavras, ao assinalarmos com indissimulável alegria, o início de nossas atividades à frente deste órgão, esperando a cooperação indispensável de todos para que tenhamos a nossa jornada coroada do mais completo êxito.</p>
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1946. Número 14).

A comunidade esaviana chama seus comuns para que estes se integrem dentro de um projeto de futuro, de heroísmo dos povos, um pedido dos mais velhos aos mais novos por união. Chama-me a atenção a seguinte frase: “A você, esaviano mais moço, cabe seguir as pegadas de seus irmãos mais velhos, para assim, todos, como máquina perfeita, desenvolvermos trabalho eficiente e digno”. A prescrição soa como uma busca

por novas peças de engrenagem acadêmica, peças precisando se ajustar em meio à ordem já existente.

Na relação entre veteranos e calouros, o processo de subjetivação escolar versava pelo voluntarismo e submissão. É difícil balizar a gradação dessa relação entre os estabelecidos e os que estão chegando, mas, como Elias (2000, p. 20) aponta, “os indivíduos superiores podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes julgando-se humanamente inferiores”. Ou seja, como sujeitos novatos diante do desconhecido, esse sentimento de carência pode ter ocorrido em algum nível dessa socialização. No caso do jornal, é possível perceber que, quando a tradição dessa iniciação sofre abalos provocados pela mudança dos tempos, a crítica ocorria, ou seja, reivindicações de quem se sente responsável pelo nome da instituição, pelo nobre ritual de batismo, como pode ser percebido na matéria abaixo.



Fonte: **O Bonde** (Ano 1952. Número 122).

A matéria retrata um contexto no qual um ex-estudante, na época morando em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, procurou a ESAV para dizer que ouvira muitas coisas a respeito da escola e concluiu que, naquele momento, ela vivia um processo de desarmonia. O autor acredita que a instituição superaria a crise causada por aqueles esavianos que, vivendo em clima de lutas e de incompreensão, colocavam o espírito sadio em risco. De acordo com o autor, as lutas tendem a ser vencidas pela força, já que, muitas vezes, por meio das palavras, não se consegue a compreensão. Assim sendo, ele reforça que quem não tem força, acaba perdendo e a instituição voltaria à lei dos mais

fortes. De um modo geral, há uma linha histórica institucional pela força da tradição coletiva pelo comportamento e disciplinamento escolar.

As reuniões e o próprio espírito esaviano possuem o viés de disciplinamento e controle na prática pedagógica. A criação da disciplina como uma herança moderna surgiu no século XVII, momento em que Foucault (2012) aponta como sendo o período de descoberta do corpo, quando as forças se multiplicam na sociedade, o corpo como sendo o primeiro lugar de controle social. A disciplina surge para colocar esse corpo em realização com a docilidade e o domínio. Corpo e disciplina se fundem em um propósito ambicioso que é o de condução do sujeito. A partir dos séculos XVII e XVIII, isso se concretizou em ambientes de grandes populações como os de fábricas, escolas, quartéis militares, asilos, penitenciárias, manicômios etc. Para Foucault (2012, p. 133):

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

Assim, a partir desses séculos, há um constante investimento no corpo através da disciplina que se constituiu, então, como herança moderna, revelando-se muito presente no cotidiano esaviano, visto que se trata de um cotidiano escolar, como salienta Foucault (2012, p. 134): “A disciplina é uma anatomia política do detalhe”.

Bello Lisboa, ao ser nomeado vice-diretor, no período de 1926-1929, tinha como uma das principais funções, segundo Borges (2006, p. 32), “a de manter a disciplina e a de incrementar nos alunos a frequência às aulas”. Logo, desde os primórdios, já eram anunciados dispositivos de controle como a vigilância, ingrediente na nutrição desse espírito e no disciplinamento do corpo. Corpo que ganhava o reforço com as atividades físicas através do regime de instrução militar do então Sargento Pereira Silva, homem responsável pela parte esportiva na escola.

Dessa forma, o constructo disciplinar é um élan histórico que perpassa a invenção da escola moderna. Na vida dos bondistas, os exames tornaram-se dispositivos comuns de preocupação, críticas e reflexões. Como lembrado por Foucault (2012, p. 177), “o exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar,

classificar e punir”. Trata-se de uma técnica de opressão, principalmente quando o seu intuito é o de classificar e quantificar sujeitos.

Nesse sentido, os exames utilizados pela escola buscavam justamente classificar os “melhores estudantes” e os “piores estudantes”. Isso ocorria no tocante às notas dos alunos, que também eram classificados nessa lógica pelos próprios alunos. Obviamente, os piores se tornavam sujeitos alvos para correção e modelação em referência aos melhores alunos. Assim, os alunos que tiravam notas baixas ou zeravam as provas eram alvos de chacota pelo jornal **O Bonde**. Aliás, não apenas isso, o exame faz de cada indivíduo um caso.

[...] é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído, etc. (FOUCAULT, 2012, p.183).

O exame é um processo que possui o caráter de burla implícito. É possível perceber que os bondistas se incomodavam com o uso da cola, que, para eles, tratava-se de uma vergonha pública, uma desonestidade e infantilidade do colega que, para conseguir seu objetivo de êxito nas provas, lançava mão dessa artimanha ardilosa. Essa desaprovação pode ser percebida na matéria intitulada “À sombra da cola”.

<p>À sombra da cola</p> <p>A ESAV sempre teve um orgulho. Orgulho justo e merecido, orgulho de gente boa que sabe do prazer da honestidade. “Na Escola não há “cola”, a responsabilidade individual é um “fato”: sempre disseram os esavianos àqueles que generalizavam a desmoralização do ensino brasileiro. E o esaviano dizia isto bem alto, enfaticamente, como se fizesse a afirmação mais importante, mais específica, sobre sua amada Escola. E era mesmo. O meio estéril à “cola”, “sui generis” na estrutura do ensino brasileiro, evidenciava-se como nossa maior glória, nossa maior tradição.</p> <p>Mas, infelizmente, a “cola” está chegando. De mansinho, como quem quer se esconder e ficar para sempre. As Quatro Pilastras têm visto com tristeza, o aumento de “coladores” na ESAV. A velha tradição começa a se arrear. Um nevoeiro cinzento e frio começa a se condensar sobre o nome íntegro que nossa Escola tem lá fora e os esavianos sentem, na carne, a decepção e a tristeza de não mais poderem repetir, convictos: “Na ESAV não há cola”!</p> <p>O problema da “cola”, ao contrário de que muitos pensam, não se resume na desmoralização do indivíduo. O nosso problema da “cola” é que ela está tentando desmoralizar a Escola. E, neste ponto, temos razão de gritar, todos nós. Estamos nos roubando um grande direito: o de nos formarmos numa Escola íntegra, o de ostentarmos, lá fora, um título a que ninguém ponha dúvida de como foi obtido. Estamos nos roubando a maior arma de defesa, o maior braço esaviano: “Na ESAV não há “cola”, a responsabilidade individual é um fato!”</p> <p>A cada “sopro” que parte, a cada papel desdobrado, a cada caderno consultado, a cada colega solicitado, mais um golpe é desferido aos alicerces do nome de nossa Escola. É preciso que, agora, tomemos consciência do problema e no que poderá resultar dele para o nosso nome profissional.</p> <p>Muitos dirão, que este assunto não fica bem ser comentado n’O Bonde. Muitos dirão que é propaganda negativa. Porém, não há razão para temores. O Bonde é jornal de casa, não tem âmbito para propaganda negativa. O Bonde é conversa em família</p>	<p>À sombra da cola</p> <p>O problema da “cola”, ao contrário de que muitos pensam, não se resume na desmoralização do indivíduo. O nosso problema da “cola” é que ela está tentando desmoralizar a Escola. E, neste ponto, temos razão de gritar, todos nós. Estamos nos roubando um grande direito: o de nos formarmos numa Escola íntegra, o de ostentarmos, lá fora, um título a que ninguém ponha dúvida de como foi obtido. Estamos nos roubando a maior arma de defesa, o maior braço esaviano: “Na ESAV não há “cola”, a responsabilidade individual é um fato!”</p> <p>A cada “sopro” que parte, a cada papel desdobrado, a cada caderno consultado, a cada colega solicitado, mais um golpe é desferido aos alicerces do nome de nossa Escola. É preciso que, agora, tomemos consciência do problema e no que poderá resultar dele para o nosso nome de profissional.</p> <p>Muitos dirão que este assunto não fica bem ser comentado n’O Bonde. Muitos dirão que é propaganda negativa. Porém, não há razão para temores. O Bonde é jornal de casa, não tem âmbito para propaganda negativa. O Bonde é conversa em família</p>
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1958. Número 191).

A matéria acima fortalece um discurso moral em defesa do respeito, fama e tradição que a escola mantém. O jornal, como parte da família institucional, sente-se na obrigação de chamar a atenção desses colegas desonestos e pedir à direção da escola providências contra as “maçãs podres” que insistiam em manchar a imagem da comunidade escolar. O discurso, carregado de um tom moralizante, diz de um clamor familiar, chegando a envolver as quatro pilastras e o brasão da escola como vigilantes desolados pelas colas que insistiam em proliferar, um ecoar dramático para sensibilizar o leitor.

O discurso, de certo modo segregador, busca higienizar o mundo da racionalidade acadêmica desses incômodos sujeitos que tentam burlar o ritual dos exames. O jornal lança uma severa tentativa de conscientizar os estudantes, ou seja, para os bondistas, talvez o ideal seria todos os colegas possuírem o mesmo nível de “capacidade/inteligência” ou “maturidade”, o que corroboraria com o nome e status da escola e não envergonharia os corretos e honestos estudantes que buscavam ser aprovados nos exames por seus méritos. Logo, a cola não tinha nada de cômico, de brincadeira. O tom rígido mostrava o descontentamento com esse tipo de atitude estudantil reprovável.

Além disso, Foucault (2012, p. 171), falando sobre as técnicas de vigilância, ressalta: “Poder que é em aparência ainda menos ‘corporal’ por ser mais sabiamente “físico”. Entendo que a vigilância se converte em um controle de si em prol de uma funcionalidade territorial, ou uma doutrina que atinge corpo e alma para uma subjetivação de acomodação ao território.

Pensando foucaultianamente, creio que o olhar sobre o outro, sobre a cola do outro revela um disciplinamento perspicaz que, além de ser um ritual de classificação para meritocracia e punição, ressalta a relação de comparação do indivíduo com os seus pares, dando margem ao julgamento para quem burla o ritual sagrado do exame. Parece que o ato de clamar pelo “espírito universitário” é uma maneira de tentar zelar pelo bem comum coletivo que seria a atitude ordeira e moral dos colegas ao fazerem a prova, evitando, assim, manchar esse “espírito” produzido por um disciplinamento escolar, nitidamente corroborado pelos alunos. E, como Foucault (2008) notou, o ato de governar tem um aspecto ascendente, ou seja, chamar o colega a se corrigir é também pensar no futuro, é almejar a aprovação, é pensar na imagem profissional de si e do coletivo que se busca construir para o governo de um futuro garantido sem práticas ilícitas, sem corrupção do território.

Espírito, mente e corpo na fusão para uma pedagogização de um tipo de sujeito na ESAV. Aqui, há um intrínseco diálogo entre prática e teoria, tendo em vista que os jogos de noções presentes no discurso, segundo Foucault (2012a), espelham a concepção de verdades construída em uma determinada época. Assim, a partir da leitura dos regulamentos, compreende-se a emergência de certos discursos que aparecem historicamente, que remetem à tradição da instituição. Sobre isso, o autor diz:

O mesmo acontece com as noções de mentalidade ou de espírito, que permitem estabelecer entre os fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época uma comunidade de sentido, ligações simbólicas, um jogo de semelhanças e de espelho - ou que fazem surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva (FOUCAULT, 2012a, p.26).

Pensando nas palavras foucaultianas e também no modelo técnico/prático da escola como um anseio institucional para o Brasil, é possível fazer ligações filosóficas e pedagógicas com o que o Estado Novo, que namorava o fascismo, ansiava, ou seja, a criação de um modelo de homem embasado na instrução moral, higiênica, patriótica, ordeira, entre outras. Nesse sentido, as prescrições escolares se voltavam para o perigo explicado por Azevedo (2005, p. 47), ao apontar que o motivo de tanta doutrinação era “(...) em virtude da ameaça representada pelo perigo do comunismo, cujo conteúdo doutrinário vinha sendo sub-repticiamente pregado nas escolas”. É o Estado influenciando o contexto microdisciplinador e controlador, como podemos perceber na escola.

Os bondistas problematizam o contexto do trabalhador-operário brasileiro na matéria “Comunismo”. É uma escrita que tece críticas aos políticos por deixarem o povo na condição de aderir ao marxismo - comunismo. Segundo eles, sem mesmo saber do que se trata tal ideologia. O trecho se refere à segunda parte da matéria.

<p>E os nossos democratas conservadores não compreendem que já não podem existir, não podem mais malbaratar êsse grande povo? Em vez de fazerem do Brasil uma nação onde todos se sentissem tranquilos, certos de que têm assegurados os seus direitos, certos da honestidade governamental, fazem com que, pelo contrário, grasse o descontentamento, a desorganização geral político-administrativa, mantendo ainda, a política da proteção aos “afilhados”, em vez da política da honestidade, da capacidade de trabalho, e do valor técnico do homem. Ao em vez de procurarem corrigir erros, fazem conchavos políticos, para conseguirem despreocupadamente, passando seus fins de semana, com suas Secretárias, nos Hotéis de Petrópolis, Terezópolis, etc.</p> <p>Como não haverá, então, quem não abrace a ideia marxista, mesmo sem saber o que seja, porquanto a base de sua ideologia é, justamente combater estes conservadores retrógados?</p> <p>O operário da cidade se organiza cada dia com mais eficiência, o homem do campo não lhe ficará atrás, e, então... ou mudamos nosso modo de agir, ou teremos um governo ultra-socialista, ou comunista...</p> <p>Será, então, tarde para se arrepender...</p>	<p>E os nossos democratas conservadores não compreendem que já não podem mais existir, não podem mais malbaratar êsse grande povo? Em vez de fazerem do Brasil uma nação onde todos se sentissem tranquilos, certos de que têm assegurados os seus direitos, certos da honestidade governamental, fazem com que, pelo contrário, grasse o descontentamento, a desorganização geral político-administrativa, mantendo ainda, a política da proteção aos «afilhados», em vez da política da honestidade, da capacidade de trabalho, e do valor técnico do homem. Ao em vez de procurarem corrigir erros, fazem conchavos políticos, para conseguirem se manter mais tempo no poder, e, então, descansar despreocupadamente, passando seus fins de semana, com suas Secretárias, nos Hotéis de Petrópolis, Terezópolis, etc.</p> <p>Como não haverá, então, quem não abrace a idéia marxista, mesmo sem saber o que seja, porquanto a base de sua ideologia é, justamente combater êstes conservadores retrógados?</p> <p>O operário da cidade se organiza, cada dia com mais eficiência, o homem do campo não lhe ficará atrás, e, então... ou mudamos nosso modo de agir, ou teremos um governo ultra-socialista, ou comunista...</p> <p>Será, então, tarde para se arrepender...</p>
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1949. Número 84).

O cenário nacional/político que envolvia as primeiras décadas de vida da UREMG e, conseqüentemente, do jornal, foi o de um Brasil que vivia seu contexto nacional-desenvolvimentista, que galgava pretensões de evolução, superando a pobreza extrema. O Brasil, como um país já em destaque na América Latina, buscava alavancar sua economia, combater a inflação, além de buscar a cooperação do capital estrangeiro. Isso ocorreu, principalmente, na volta ao poder, em 1951, de Getúlio cujo interesse na industrialização era claro, conforme mostra Almeida Junior (2004, p. 247):

A análise da composição do primeiro ministério de Getúlio, designado após sua posse, em janeiro de 1951, é, em si mesmo, uma verdadeira aula de política. Vargas reservou ao seu partido, o PTB, um único Ministério: o do Trabalho. Isto demonstra a importância que o presidente atribuía a este setor e o quanto apostava no processo de industrialização e no crescimento da classe operária urbana, enquanto força política decisiva.

O desenvolvimentismo também teve importância no governo de Juscelino Kubitschek (JK) na década de 1950, perpetuando a ideologia de um desenvolvimento atrelado à ordem e à moral em detrimento da subversão (comunismo) e da miséria. Os aspectos de ordem e moral pretendidos pelo governo JK são apontados por Cardoso (1978, p. 158), ao destacar as palavras do presidente sobre a ordem e moral: “Para que se consolide a nossa soberania, para que os nossos filhos vivam tranquilos e seguros... o elemento essencial é mantermo-nos dentro da ordem”.

E continua:

A solução dos problemas nacionais terá de ser encontrada dentro de uma organização político-jurídica adequada à nossa índole cristã, bastante eficiente para não se deter ante as dificuldades inerentes ao nosso subdesenvolvimento econômico e financeiro (Idem).

Nesse sentido, o jornal **O Bode** viveu um Brasil dos ditames nacionais em prol do nacionalismo-desenvolvimentista, período político que abarcou boa parte da produção dessa mídia estudantil. Assim, o jornal também foi alimentado por esse embrião eugenista que controlava e disciplinava em prol de um modelo de brasileiro no Estado Novo.

No bojo de um cenário econômico voltado para a industrialização, a dualidade entre a agricultura e a indústria se exaltava e tornava esta como modelo a ser seguido em detrimento ao atraso daquela algo a ser superado, como se o modelo agrícola precisasse de correr contra o tempo para se modernizar frente ao projeto urbano desenvolvimentista pretendido para o país. O Brasil não poderia abrir mão de sua vocação agrícola, no entanto, deveria fazer desse campo um lugar promissor e produtivo para funcionar como a força motriz da indústria, constituindo-se como um lugar de bons agrícolas - moralmente falando. Reflexo do higienismo burguês que nasce no século XIX, para que esse desenvolvimento se desse em compasso com a ordem vigente, combatendo revoltas de qualquer ordem.

2.5 Uma pausa na “canseira” que é hora das brincadeiras, astúcias e invenções no nascimento do jornal O Bode.

Pelo exposto no tópico anterior, o jornal **O Bode** nasce abraçado por um singular período político na história do Brasil, marcado pelo comando de Getúlio Vargas. Tendo a sua origem no final do Estado Novo (1937- 1945) e um pouco antes da renúncia de Getúlio, que ocorreu em 29 de outubro de 1945. Após a queda de líderes de ditaduras nazi-fascistas, como as de Hitler e Mussolini, foi a vez, no Brasil, de Getúlio sucumbir. Assim, o cenário político na época, mesmo com a queda de Getúlio, não proporcionou um contexto democrático, pois, como aponta Soares, citado por Almeida Junior (2004, p. 239):

“o golpe que depôs Getúlio Vargas foi um golpe puramente político, não uma revolução sócio-econômica”. As estruturas sociais e econômicas permanecem

intactas. E, na verdade, não poderia ser de outra forma. As oposições vencedoras a 29 de outubro representavam elites econômicas e oligarquias regionais afastadas do poder em 30, ou que o tinham sido durante o Estado Novo, e não tinham interesse algum em realizar qualquer transformação de peso, que viesse a permitir a real participação das massas populares no processo de decisões políticas. Menos ainda poderiam estar interessadas em alterar substantivamente a infra-estrutura econômico-social de modo a possibilitar uma nova forma de propriedade dos meios de produção.

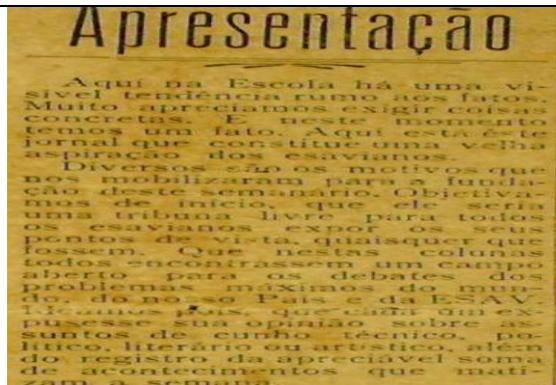
A criação do jornal acontece em setembro de 1945, findando em novembro de 1963, fazendo com que essa mídia circulasse também no governo provisório de José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, que esteve à frente do país após a queda de Getúlio até as eleições de dezembro de 1945. A eleição colocou no poder o ministro da guerra de Getúlio, Eurico Gaspar Dutra, fazendo com que o Brasil continuasse respirando ares getulistas que volta ao poder em janeiro de 1951, buscando respeitar a democracia. Na verdade, Getúlio, usando de uma estratégia política, buscou mudar sua imagem de ditador para um homem democrata, mantendo sua política nacionalista anti-ditatorial. O fracasso de Dutra no poder deveu-se a sua política burguesa que não recorria às práticas populistas getulistas, como, por exemplo, não abrindo a participação popular.

O tom político que circula pelo jornal como um dos elementos em seu nascimento foi o de apelo ao fim da censura e pelo direito à voz estudantil, já que ele surge no bojo de uma eminente queda fascista no Brasil. Logo, o ensejo pelo espírito de democracia, de liberdade e de justiça parece ter contribuído para a invenção do jornal, no qual os bondistas se tornaram os sujeitos do discurso, do protagonismo, da enunciação e dos acontecimentos dentro da escola. Na matéria “Apresentação” aparecem os motivos que os mobilizaram a fundar o jornal.

Apresentação

Aqui na Escola há uma visível tendência rumo aos fatos. Muito apreciamos exigir coisas concretas. E neste momento temos um fato. Aqui esta este jornal que constitui uma velha aspiração dos esavianos.

Diversos são os motivos que nos mobilizaram para a fundação deste semanário. Objetivamos de início, que ele seria uma tribuna livre para todos os esavianos expor os seus pontos de vista, quaisquer que fossem. Que nestas colunas todos encontrassem um campo aberto para os debates dos problemas máximos do mundo, do nosso País e da ESAV. Ideamos pois, que cada um expusesse sua opinião sobre assuntos de cunho técnico, político, literário ou artístico, além do registro da apreciável soma de acontecimentos que matizam a semana.



Fonte: Jornal **O Bonde**. (Ano 1945. Número: 1).

O Bonde assim se inventa para dar voz a esses acontecimentos apreciáveis semanais e, segundo a matéria, dar voz a todos os esavianos. O nome com o qual foi batizado o jornal não ocorreu por mero acaso, nem por coincidência, pois a palavra “Bonde” possuía um significado para os estudantes, significado que é descrito pelo autor Lam-Sánchez (2006), quando este ex-estudante da UREMG relata a importância do periódico:

“porque para nós a palavra carregava a conotação, só existente na Escola, de coisa que fazia barulho” (Idem, p. 186), e, mais, “No internato, nos momentos de folga, principalmente depois das refeições, formavam-se os grupinhos, as “chacrinhas”, como a gente dizia”. Quando a chacrinha virava bagunça, passava a “Bonde” (Ibidem, p. 290-291).

Pelo exposto acima, fica explicada a origem do termo **Bonde** que se tratava de uma invenção ocorrida entre os garotos, à medida que o movimento aumentava, a “chacrinha” virava bagunça, passando, então, a Bonde.

É importante ressaltar que o jornal teve apoio do funcionário Francisco São José, tipógrafo importante para a produção do jornal nas gráficas da ESAV, considerado pelos bondistas como um amigo. No mais, também vale apontar que esse semanário foi censurado por um período de dois anos pela direção da escola até a posse de Secundino José como diretor. Segue o trecho da matéria intitulada: “Dia de Aniversário”, na qual eles celebram dois anos de existência do semanário e expõem tal informação.

<p>Parabens ao Dr Secundino. Com um gesto digno de louvor concedeu uma das maiores ambições do nosso jornal: Imprensa livre. “O Bonde” foi censurado pela Diretoria da Escola até a sua posse. E, subalternos sem escravizar-nos, esperamos firmes pela vitória, todo esse tempo, quando o atual Diretor, interpretando a nossa angústia, compreendeu que “a juventude termina quando se apaga o entusiasmo” e que “a juventude cética é flor sem perfume” e concedeu-nos o maior direito da imprensa, a liberdade, mas liberdade dentro de um conceito real: A liberdade é o direito de fazer o que devemos, e não o queremos ou o que nos ditam.</p> <p>Parabens para o nosso Semanário que, religiosamente, vem cumprindo o seu destino de Órgão Informativo, Cultural, Crítico e Humorístico.</p> <p>Aos sábados, após luta intensa e estafante de estudar e aprender durante os dias da semana que passaram, lá está ele nas mãos dos esavianos, sob os olhos cúpidos dos colegas.</p> <p>Um procura a crítica ao seu nome no futebol da véspera, outro, uma história de Amor com seu colega ao lado para “gozá-lo”. E assim se esquece que ontem tirou zero numa prova. “O Bonde” vem sacudi-lo, acordá-lo, tirando-o das agruras do tédio.</p> <p>Chamado, acode, solícito, a falar-nos com suas letras, dos acontecimentos da semana.</p> <p>Se um colega, criticando-o atira-o na cesta de lixo, ele não reclama. Na outra semana talvez esse mesmo colega venha procurá-lo para conversarem a sós. Ele não alude ao incidente que passou. Atende-o, sem um gesto de recriminação, sem uma lágrima de protesto, executando, fielmente, a sua missão, sempre jovem, sempre esaviano, sobrepondo o seu ideal — que é nosso também — às veleidades terrenas e aos vitupérios dos incautos.</p>	<p>Parabens ao Dr. Secundino. Com um gesto digno de louvor concedeu uma das maiores ambições do nosso jornal: Imprensa livre. “O Bonde” foi censurado pela Diretoria da Escola até a sua posse. E, subalternos sem escravizar-nos, esperamos firmes pela vitória, todo esse tempo, quando o atual Diretor, interpretando a nossa angústia, compreendeu que “a juventude termina quando se apaga o entusiasmo” e que “a juventude cética é flor sem perfume” e concedeu-nos o maior direito da imprensa, a liberdade, mas liberdade dentro de um conceito real: A liberdade é o direito de fazer o que devemos, e não o queremos ou o que nos ditam.</p> <p>Parabens para o nosso Semanário que, religiosamente, vem cumprindo o seu destino de Órgão Informativo, Cultural, Crítico e Humorístico.</p> <p>Aos sábados, após luta intensa e estafante de estudar e aprender durante os dias da semana que passaram, lá está ele nas mãos dos esavianos, sob os olhos cúpidos dos colegas.</p> <p>Um procura a crítica ao seu nome no futebol da véspera, outro, uma história de Amor com seu colega ao lado para “gozá-lo”. E assim se esquece que ontem tirou zero numa prova. “O Bonde” vem sacudi-lo, acordá-lo, tirando-o das agruras do tédio.</p> <p>Chamado, acode, solícito, a falar-nos com suas letras, dos acontecimentos da semana.</p> <p>Se um colega, criticando-o, atira-o na cesta de lixo, ele não reclama. Na outra semana talvez esse mesmo colega venha procurá-lo para conversarem a sós. Ele não alude ao incidente que passou. Atende-o, sem um gesto de recriminação, sem uma lágrima de protesto, executando, fielmente, a sua missão, sempre jovem, sempre esaviano, sobrepondo o seu ideal — que é nosso também — às veleidades terrenas e aos vitupérios dos incautos.</p> <p>(Continua na 8ª página)</p>
--	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1947. Número 54).

A matéria acima se refere a uma imprensa estudantil na luta pela liberdade de expressão, por poder vivenciar e contar suas peripécias cotidianas, além de registrar para quê funcionava **O Bonde**.

No jornal de número 71, de agosto de 1948, há outra matéria intitulada apresentação em que o estudante de pseudônimo E. L Hartung diz que **O Bonde** seria o que quisesse, não se importando com as censuras. Isso dependeria de colaboradores mais sensatos, constituindo-se motivo de alegria o fato de saberem que teriam mais liberdade. O autor diz que tendo sido comunicada ao diretor a intenção de tornar o jornal registrado, ele seguiria as leis da imprensa, deixando claro que o semanário nunca tivera a intenção de atacar a instituição, os professores e os programas. Segue dizendo que: “Continuaremos a ser um jornal humorístico por excelência, mas não descuidaremos da crítica que, para ser publicada deverá obedecer aos seguintes itens: 1º ser verdadeira e construtiva; 2º não ser cretina; não ser capciosa.” (p.1).

Com a frase da matéria “Dia de Aniversário” apresentada acima: “*O Bonde*” vem sacudi-lo, acordá-lo, tirando-o das agruras do tédio, fica esboçado que os bondistas se sentiam enfadados com a lógica produtivista e pragmatista racionalista da rotina escolar, corroborada por exames que buscavam extrair o conhecimento técnico adquirido pelas práticas rotineiras. O pragmatismo, como filosofia pedagógica, era tão importante que havia a publicação dos resultados científicos produzidos dentro da escola que eram publicizados pelo periódico “oficial” da instituição intitulado *Seiva*. Esta foi a primeira publicação da instituição em nível acadêmico. Esse periódico também pode ser relacionado à própria política educacional de Estado de fazer com que as instituições agrícolas enfatizassem sua característica de pesquisa, cumprindo o papel de laboratórios experimentais para o campo agrônomo. Desse modo, as instituições escolares agrícolas colaborariam com suas pesquisas para a modernização da agricultura e a exportação brasileira. O jornal **O Bonde**, bem como a revista *Seiva*, foram lembrados como registro histórico, quando Borges (2006, p. 39) aponta para os periódicos existentes na escola.

O primeiro número de “*Seiva*”, periódico técnico e informativo do corpo discente, circulou em agosto de 1940, sob a direção dos estudantes Luiz Rodrigues Fontes, Gaston Duval e Ruy Alves de Araújo. O fato deu ensejo à brilhante preleção do professor Nello de Moura Rangel, publicada em outro local deste livro. Essa revista teve fases de altos e baixos, está desativada, mas merece destaque na história da ESAV, principalmente pela sua primeira fase. Outro periódico estudantil, de caráter humorístico, foi o “**O Bonde**”, infelizmente de curta duração.

Podemos sinalizar que a revista Seiva, criada em 1940, era a revista “séria” da escola, uma revista técnico-científica de status e respeito, enquanto o jornal **O Bonde** contrastava com esse periódico, ao se caracterizar como uma publicação popular, uma válvula de escape dos estudantes, o que o fez ser conhecido como o pasquim estudantil, repleto de fofocas, críticas, humor e traquinagens.

Com circulação semanal, a responsabilidade pela direção do jornal **O Bonde** foi sendo alternada ao longo do tempo acompanhando a própria dinâmica de entrada e saída de estudantes da escola. A direção começou em 1945 com Antônio A. Athayde até o número 13, em seguida Nemésio J. Sírio assumiu até o número 39. Costa Júnior esteve à frente até o número 62 e logo em seguida veio Albert M Alonso até o a tiragem de número 61, em seguida Guy. P de Freitas assume. Como a lista de diretores é extensa, não a listarei, mas o fato é que a rotatividade foi grande, tendo havido vários diretores responsáveis pela direção do semanário.

As colunas também variavam e apenas algumas tiveram certa constância, eram estas: Garoto Viçoso... da ESAV; Crônicas da Semana; Ronda Esaviana; Leia, senhor diretor!; Qual garota dos seus sonhos?; Coisas sérias; Coluna louca; A onda; Coisas que incomodam na ESAV; Sociais; Perfi...dias; Venenos, Veneninhos; Você Sabia que; O Testamento de Judas; Dicionário esaviano; Mancadas; Nem todos sabem; Coisas que incomodam na ESAV; Soubemos que...; Cartaz; Perfil; Cinema; Código de ética do estudante; Consultório sentimental; Folhetim de amor rural; Love Letter's; Esportivas; Caneladas; Sociais e Esportes e Pílulas esportivas. As quatro últimas tinham a função de contar sobre a vida esportiva da ESAV, fazer críticas aos fracassos que a escola amargava nas competições locais e nacionais e, principalmente, a alguns esavianos que deixavam a desejar em suas atuações desportivas ou, ainda, exaltar o sucesso de algum destes. Os gêneros textuais variavam entre cartas, crônicas, bilhetes, poesias, poemas, artigos, piadas, notícias etc.

O dia em que o jornal circulava provocava impacto na vida dos estudantes. Sr.Geraldo, quando inquirido acerca de sua lembrança sobre a opinião dos estudantes a respeito do jornal, faz uma narrativa esclarecedora:

*Sr Geraldo: Olha em minha opinião é o seguinte, eu acredito ser a opinião de todos lá dentro, porque era o jornal que nós tínhamos, foi criado por nós mesmos para manifestar, publicar algum resultado e era um jornal que quando chegava no sábado ficávamos o dia inteiro:
Cadê **O Bonde**!(risos)*

Solta O Bonde aí!(risos)
Tá faltando gasolina?(risos)
Mas então deixou ele saudades, deixou marcas, era dos estudantes as decisões, depois que eu saí, não tive mais informação, pensei que ele ia acabar.

O autor também conta que, em momentos de prova e exames, período mais intenso de estudos, as “chacrinhas” tendiam a diminuir, embora continuassem a ocorrer durante o ano. Logo, este nome retirado de uma prática cotidiana acabou institucionalizando algo que já ocorria, o que significa que eles passaram a divulgar uma ação, fazendo-a se tornar um registro cotidiano, fazendo das práticas de traquinagens um discurso impresso e visível. Em outras palavras, a abrangência do jornal ocasionou uma expansão do que antes existia apenas entre um pequeno grupo de alunos, tornando-se agora, com o jornal, uma caixa amplificadora da vida destes e dos outros estudantes.

Antonio Athayde, o fundador do jornal, que era um estudante do Curso Médio de Agricultura, aponta o que seria o conteúdo do jornal **O Bonde**. O lado da animação e algarria dos estudantes aparece em destaque como marca do jornal **O Bonde** (1945, p. 1), quando este registra que:

Mas, para melhor lenitivo as nossas canseiras e maior proveito das horas de folga, pensamos em publicar nessa folha os quadros mais curiosos da vida esaviana - que nem sempre estão ao alcance da vista ou dos ouvidos de todos - fazendo críticas, contando piadas e os “foras” de particular fertilidade em alguns colegas.

É importante salientar a pincelada de vigilância presente no trecho: “*que nem sempre estão ao alcance da vista*”, o que demonstra, já na apresentação, a vigilância como uma característica do jornal. Desse modo, Athayde e seus colaboradores inventaram o jornal na intenção de que ele fosse tanto um informativo vigilante e humorístico a respeito da vida das pessoas, mas também um canal que possibilitasse dar voz aos estudantes que quisessem se fazer ouvir por meio daquele veículo de informação, seja pelas críticas, contando piadas ou revelando os “foras” de particular fertilidade em alguns colegas.

2.6 Estratégias, táticas, astúcias e traquinagens no cotidiano escolar.

O jornal **O Bonde** é gestado num cotidiano de saudade e conflitos locais. Como o cotidiano guarda inúmeros movimentos e produz novidades, é que afirmo o fato de o

jornal ser uma invenção cotidiana. Como diz Certeau (1994, p. 38), “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”, como as muitas maneiras praticadas pelos sujeitos em criações cotidianas, apropriando-se dos espaços e reinventando-os. O autor aponta que as formas criativas estão ligadas às astúcias dos praticantes do cotidiano que ressignificam os espaços tecnocraticamente e assim os reproduzem. O jornal literalmente se apropriou de um espaço escolar, desde o seu maquinário da imprensa para imprimir os números semanais, como também da vida estudantil que, como matéria prima, preenchia suas folhas semanais.

Isso levou o jornal a ir em direção aos acontecimentos cotidianos que não se enquadram em uma organização cartesiana, disciplinar laboral e institucional. O jornal se contrapôs a um didatismo sem humor, encontrado nas reuniões cotidianas escolares como acontecimentos.

Nesse sentido, o jornal nos possibilita cotidianamente pensar nas relações de poder que ocorrem no movimento de invenção, de conflito, de resistência como os acontecimentos estudantis. Pensar no cotidiano vivo que surge no seio da malha estrutural da escola é aproximar-se da rede de disciplinamento foucaultiana. Contudo, não somente é possível pensar com Foucault quando o tema é poder e cotidiano, sendo perfeitamente possível pensar também esses movimentos microbianos com Certeau (1994) que, embora não possua uma aproximação direta à perspectiva foucaultiana de disciplinamento, ajuda a pensar as técnicas de estratégia e táticas pertencentes ao cotidiano.

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas no livro de Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância” (CERTEAU, 1994, p. 41).

Certeau (1994), autor do cotidiano, utiliza-se desses dois conceitos importantes, a estratégia e a tática, para abrir esse cotidiano, entendendo as estratégias como algo próprio, um lugar bem pensado estrategicamente como base de ocorrência das relações que se passam em seu interior. Isso seria um retrato de uma instituição tecnocrática

como a escola, o quartel, ou uma igreja, instituições alimentadas de acordo com tradições que vão criando ou se utilizando de uma divisão do espaço para a classificação, ou seja, utilizando-se de uma prática *panóptica* foucaultiana.

Além disso, a estratégia se vale de um poder enquanto ponto principal de base para se estabelecer como comando, como campo próprio. Estaria aí a possível diferença com a concepção de poder foucaultiana, pelo menos no que concerne às relações cotidianas, pois a estratégia é o uso de regras econômicas e políticas aproveitadas de um emaranhado instrumental de leis e regras, princípios e normas que podem se estabelecer dentro de determinado território para operar. Assim, a estratégia possuiria, para Certeau, poder identificado enquanto *locus visível*, ou seja, o poder estratégico possui seu lugar determinado, verticalizado, de definição a priori.

A estratégia é uma analogia à guerra, ao militar que tem, por excelência, um plano estratégico como algo institucional, é algo que requer tempo e caminho bem traçado para chegar ao controle desejado. Em alguns momentos, dotado de uma postura conservadora, o jornal ajudou na estratégia pedagógica da escola pela racionalização de uma tradição institucional, que, na verdade, trata-se de uma exaltação patriótica da tradição incorporada pelos bondistas.

As táticas, que não podem ser pensadas como não sendo separadas das estratégias, já que ambas são intrínsecas nas relações de poder, já seriam um não lugar, não são fruto de um planejamento lógico estratégico, elas justamente jogam com a estratégia para ver o que se podem conseguir. As táticas seriam algo próximo das resistências ou redes de antidisciplina, existindo nos curtos espaços de tempo, no momento do desvio de uma determinada força, pertencendo ao mundo do intuitivo da poesia, do criar o novo, do titubear da estratégia. Certeau (1994, p. 46-47) sintetiza assim a explicação dos dois conceitos assim:

Chamo de “estratégia” o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um “ambiente”. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A racionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda.

Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”.

A obra de Certeau (1994) me parece colocar as táticas como sendo a arte do fraco (oprimido) e as estratégias como sendo o lugar do poder (opressor), o que alude a um território de poderes entre opressores e oprimidos. No tocante ao jornal, eu não o vejo como pertencente a essa paisagem dicotômica, mas, sim, exercendo um jogo relacional de acordo com as circunstâncias que ora demandam elaboração de estratégias, ora performances táticas. Enxergo-o como sendo um dispositivo que teatraliza, utilizando-se dessas performances táticas para ganhar algo no jogo contra a estrutura política escolar e, ao mesmo tempo, advogando em prol da reprodução de tradições e discursos de poder dentro da escola os quais lhe interessavam. Logo, o jornal, com suas escritas semanais, expande-se para subjetivar e des-subjetivar o outro.

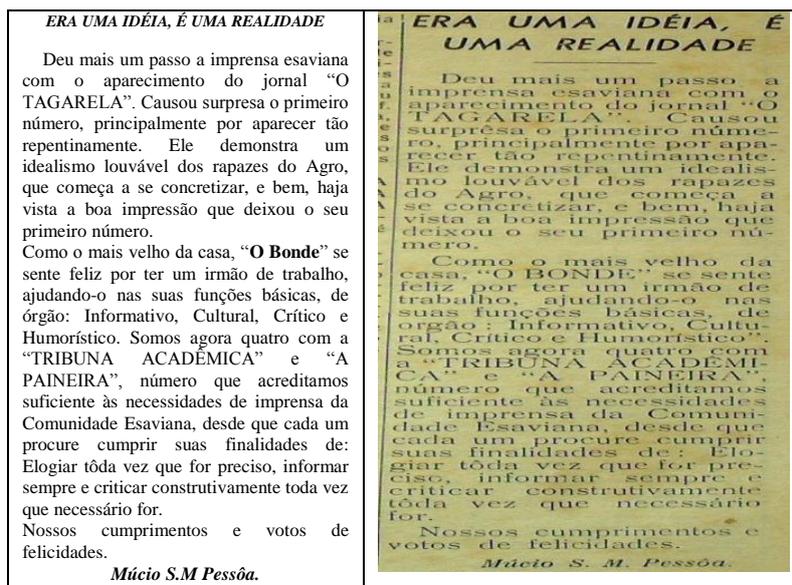
No cotidiano escolar é que são elaboradas as astúcias estudantis, astúcias como sinônimo de traquinagem, de uma habilidade de saber lidar com o cotidiano de modo a tirar proveito para si próprio ou para um grupo/coletivo de uma determinada circunstância. Certeau (1994) vai explicar que astúcia vem da categoria *métis* que se refere a uma inteligência astuta. Seria uma espécie de inteligência adquirida a partir da prática cotidiana de enfrentamento com o inimigo. Sendo menos força e mais efeito, trata-se de um saber que se configura como um conjunto de aquisições intermináveis, como um leque de ferramentas à disposição contra o inimigo, da qual lançamos mão para ludibriar, para o jogo de cintura de despistar e, assim, conseguir. Para ele, “a *métis* aponta com efeito para um tempo acumulado, que lhe é favorável, contra uma composição de lugar, que lhe é desfavorável” (CERTEAU, 1994, p.158).

No fundo, a *métis* é muito semelhante ao que Certeau (1994) aponta como tática, que se trata de uma lógica de guerrilha na qual não adianta se lançar para o enfrentamento direto contra o inimigo por impulso, sendo necessário medir forças, compreender a circunstância para, então, agir.

A tática se encontra, por exemplo, na circunstância de invenção do jornal. O fato de ele ter nascido como uma linha de fuga em meio ao cotidiano árduo de estudos pode ser entendido como uma fuga com que se inaugurou uma comunicabilidade das táticas existentes na escola.

O Bonde representava o estilo popular da escola relacionado a outra mídia como a revista esaviana Seiva, que representava o estilo científico escolar. Assim, **O Bonde**, como tal, introduzia no cotidiano as táticas populares (CERTEAU, 1994), das quais

lançava mão para desviar e manipular os elementos ordenados do dia-a-dia em proveito próprio. O uso do humor e das paródias faz parte dessas táticas populares a fim de embaralhar as estratégias construídas no normativo escolar. Lembrando que o jornal não foi o único que surgiu a fim de fazer a ligação entre a voz do estudante e o espaço institucional, uma vez que outras mídias estudantis apareceram com esse intuito, como aponta a matéria a seguir.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1958. Número 195).

O jornal **O Bonde**, ao que parece, foi o anfitrião dessas outras mídias estudantis surgidas a partir de uma demanda da comunidade esaviana. Nota-se um ar de apadrinhamento na escrita, um orgulho por terem sido os influenciadores para o surgimento desses outros jornais. Como irmão mais velho, ele se coloca numa obrigação moral frente a esses outros jornais, ressaltando o objetivo da imprensa esaviana aos seus novos companheiros midiáticos.

O Bonde conseguia capturar a vida estudantil em sua vitalidade imediata, visto que seus escritores se faziam presentes em muitas das "chacrinhas", uma das quais deu origem ao jornal. As "chacrinhas" faziam parte de uma quebra de normalidade motivada por traquinagens juvenis, destronando, assim, a dinastia do impiedoso relógio, marcador de um tempo das mesmas funções ordinárias, muitas vezes possuidor de um caráter macabro de tão monótono. Os bondistas descreviam como os estudantes corrompiam esse cotidiano e paginavam as hilárias peripécias que se transformavam em saborosos episódios. Algumas dessas situações hilárias e inventivas ocorriam com as

invasões dos bondistas aos quartos dos colegas esavianos a fim de adquirir alguma prova material que servisse ao intuito do ineditismo conquistado por eles para o jornal.

<p style="text-align: center;">D. I. V. A</p> <p>Esta historia de termos de escrever sempre, tenhamos ou não assunto, faz-nos, ás vezes abelhudos. Então, vamos ao quarto de um colega qualquer, bisbilhotarmos estantes, mesas e gavetas á cata de algum motivo para um pequeno gozo. Quem remexer por exemplo a gaveta do criado mudo do Velo encontrará por certo uma porção de troféus de significação desconhecida como sejam: uma chupeta; uma atiradeira, um pio, um lacinho de fita cor de rosa e mais algumas coisas que seria indiscrição demais citar. Saimos do apartamento 13 (oh n^o fatídico) e demos um pulo até o quarto do Ferraiolo e fomos direto á sua estante, cheia de livros muito bem arranjadinhos. Impressão nítida de estarmos diante de um soberbo arquivo didático. Começamos a ler os títulos, que tristeza!... Vejamos: Manual prático do chofer (e ele não tirou a carteira). A arte de conquistar Corações. "O Livro da Feiticeira", Desvendando o futuro. O Mundo em suas Mãos. Grafologia. Lá num cantinho, todo amarratado e cheio de poeira, como sinal de que nunca fora, encontramos um pequeno volume. Lemos o título, compreendemos porque estava desprezado:</p> <p style="text-align: center;">Q-U-I-M-I-C-A</p> <p>Iamos prosseguir com a ronda da bisbilhotice quando deparamos em outro apartamento com um pensamento colocado e um porta retrato (aquilo era mostrador de relógio, não é Cajú?) < Sucesso não requer explicação; Fracasso não admite desculpas ></p> <p>Sabado tem mais PINDARO</p>	
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1948. Número 74).

Embora ocorressem tais buscas excusas de cunho privado, o que configura o aspecto de vigilância e controle já destacado por Foucault (2012), a vida pública dos colegas, por si só, era fértil de acontecimentos cotidianos. Assim, os segredos eram lenha que serviam de combustão ao jornal **O Bonde**. Era como se, através dessas travessuras, os estudantes criassem movimentos de suspensão (MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten, 2013, p. 33) dentro do campus escolar com o jornal. O termo suspensão, que tem a ver com uma defesa pelo tempo da vida, da experiência subjetiva em detrimento ao tempo cronológico escolar de regras e normas, significaria um cessar de produção, uma liberação de um modo de vida para uma não mesmice da produtividade que se encontra geralmente inserida no tempo da escolarização.

O jornal **O Bonde** surgiu de uma astúcia estudantil e alegre, debochando de todo o poder autoritário e ausência de voz, tornando-se, por isso mesmo, um semanário de caráter conflitivo com a ordem institucional. Foi nesse jogo relacional de correlações entre os acontecimentos cotidianos e o tradicional escolar que **O Bonde** colocava em movimento suas críticas, almejando sempre oportunidades para a democracia e para a melhoria para a comunidade estudantil.

Nesse tocante, o jornal buscou abrir uma prática democrática entre comunidade estudantil, professores e direção, exercendo o papel de instrumento crítico dentro da escola. Ele rasgava o mundo estudantil com tons de denúncia, de reivindicação por

maior liberdade de expressão e com pedidos de melhorias em serviços essenciais para os estudantes como alimentação, saúde, entre outros. Seguem três matérias de cunho reivindicatório por qualidade desses serviços institucionais.

<p>Alimentação</p> <p>Todos somos unânimes em condenar a alimentação que nos é fornecida no refeitório e, condenamo-la veementemente porque não é uma Escola de Agronomia. Todos reclamamos a falta de qualidade, de variação e de eficiência no atender, atributos de uma boa mesa que infelizmente temos bem deficientes.</p>	<p>Alimentação</p> <p>Todos somos unânimes em condenar a alimentação que nos é fornecida no refeitório e, condenamo-la veementemente porque não é uma Escola de Agronomia. Todos reclamamos a falta de qualidade, de variação e de eficiência no atender, atributos de uma boa mesa que infelizmente temos bem deficientes</p>	<p>Outra novidade de que você ainda não teve ciência foi o aumento de taxas para o Internato da Escola, sem que até agora tenha surtido o efeito que esperávamos: Melhoria da nossa gororoba. A taxa duplicou e em compensação a gororoba decresceu de igual fração.</p>	<p>Outra novidade de que você ainda não teve ciência foi o aumento de taxas para o Internato da Escola, sem que até agora tenha surtido o efeito que esperávamos: Melhoria da nossa gororoba. A taxa duplicou e em compensação a gororoba decresceu de igual fração.</p>
--	---	--	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Anos 1952 e 1951. Números 110 e 93).

Ao longo do jornal, esses tipos de reivindicação apareceram de forma corriqueira, mostrando o descontentamento, em tom irônico, dos bondistas com a falta de estrutura e cuidado com a comunidade estudantil. Na matéria intitulada “Alimentação”, o alvo é a comida servida no Restaurante Universitário, no caso, um pedido de melhoria pelo “rango” que muitas vezes era requentado de um dia para o outro. A denúncia de má alimentação é uma das campeãs ao longo do jornal.

A matéria ao lado, intitulada como “Notícias”, diz respeito à aprovação de um novo regimento interno que, além de exigir mais empenho dos garotos nos estudos, aponta um aumento na taxa do internato. Synval logo se utiliza da ironia pela discrepância entre aumento da taxa e qualidade da comida servida. Além desses recortes, outra constante reivindicação na época era a demora da administração em concretizar a piscina da escola, uma construção que, por ter se estendido por muito tempo, tornou-se alvo de piadas e comentários venenosos.

PISCINA

No número de 25 de agosto, escrevíamos neste mesmo jornal sobre os trabalhos para a conclusão da piscina. Endossamos então a afirmativa, muito otimista, que em setembro as obras seriam começadas e que ano que vem já se poderia nadar lá.

Observamos porém durante todo o mês de setembro que dos trabalhos de construção, só foi feito uma capina envolta do buraco (aliás o mais famoso buraco da Escola). Perguntavam-se por aqui se os duzentos mil cruzeiros teriam dado para aquele trabalho todo de capinar.

Para os otimistas temos a informar que chegou e descarregou sua carga aqui (no Panteon), um caminhão de SOTO, modê-lo de 1955, primeiros emestre, seis toneladas, de azulejos. Um outro carro (fantasma) deve ter procedido de modo idêntico com o cimento.

Quanto aos azulejos estamos de pleno acordo que se armazene, pois aquele material valoriza-se muito, não deteriora e no futuro poderá vir a valer muito mais. Mas o cimento!!! O cimento não resiste 94% de umidade, nem rios de chuvas que correm lá pelo armazém. Ainda mais, o Brasil está em fase de construção, não se pode tomar dele um produto de vital importância!

Gomide, se esse negócio não vai começar agora, comece pelo menos para não estragar o cimento que o Brasil precisa, sim?!

SYNVAL

Piscina

No número de 25 de agosto, escrevíamos neste mesmo jornal sobre os trabalhos para a conclusão da piscina. Endossamos então a afirmativa, muito otimista, que em setembro as obras seriam começadas e que ano que vem já se poderia nadar lá.

Observamos porém durante todo o mês de setembro que dos trabalhos de construção, só foi feito uma capina envolta do buraco (aliás o mais famoso buraco da Escola). Perguntava-se por aqui se os duzentos mil cruzeiros teriam dado para aquele trabalho todo de capinar.

Para os otimistas temos a informar que chegou e descarregou sua carga aqui (no Panteon), um caminhão DE SOTO, modê-lo de 1955, primeiros emestre, seis toneladas, de azulejos. Um outro carro (fantasma) deve ter procedido de modo idêntico com o cimento.

Quanto aos azulejos estamos de pleno acôrdo que se armazene, pois aquele material valoriza-se muito, não deteriora e no futuro poderá vir a valer muito mais. Mas o cimento !!! o cimento não resiste 94% de umidade, nem rios de chuvas que correm lá pelo armazem. Ainda mais, o Brasil está em fase de construção, não se pode tomar dele um produto de vital importância !

Gomide, se esse negócio não vai começar agora, comece pelo menos para não estragar o cimento que o Brasil precisa, sim ?!

SYNVAL

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1956. Número 180).

A piscina era um símbolo do entretenimento para os estudantes e, conseqüentemente, refletia a possibilidade de suspensões do tempo disciplinar. Por algum motivo, sua existência parecia não ser prioridade, tornando-se uma lenda como o buraco mais famoso da escola, uma chacota diante do descaso pela demanda estudantil.

Outra questão interessante diz respeito aos apelidos que, normalmente, fazem parte das redes estudantis. Os apelidos, em sua grande maioria, eram jocosos e ocorriam de modo a batizar o estudante calouro da ESAV/UREMG, tornando-o identificável entre os demais pela sua alcunha. Nesse sentido, creio ser de suma importância dedicar-me à escrita de um capítulo sobre a invenção desses apelidos, suas conotações e significações diante do jogo de socialização que se seguia em sua volta. Pensando nisso, fui ao encontro de duas vozes esavianas, coletando-as e incorporando-as no próximo capítulo no intuito de potencializar os acontecimentos cotidianos, as astúcias diárias. Tais narrativas trouxeram elementos para compreender um pouco dos apelidos tão disseminados ao longo do jornal, bem como a respeito da vivência naquele ambiente estudantil, conectando, inclusive, com memórias da cidade. Afinal, a experiência de viver na ESAV também era a experiência de viver na cidade de Viçosa.

3. OS APELIDOS NO JORNAL ESTUDANTIL O BONDE, SOCIABILIDADES MEMÓRIAS E NARRATIVAS ESAVIANAS.

Saudosa amnésia

Memória é coisa recente.
Até ontem, quem lembrava?
A coisa veio antes,
ou, antes, foi a palavra?
Ao perder a lembrança,
grande coisa não se perde.
Nuvens, são sempre brancas.
O mar? Continua verde.
Paulo Leminski (2013)

Neste capítulo, utilizo-me de duas entrevistas com dois ex-estudantes, um da ESAV e outro da época em que a instituição já havia se tornado UREMG. Utilizo também algumas leituras que me ajudam a pensar a discussão teórica sobre as narrativas e memórias atreladas à contingência prática dessas duas entrevistas. Memórias que, como nos lembra Leminski (2013) na epígrafe, sempre vão existir, mesmo quando se perde a palavra que denota a existência dessa memória. E mais, como aponta Bosi (2003, p.64), “os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade”. Assim, enxergo como plausível a busca dessas ressignificações de memórias de dois senhores e seus possíveis élanos vivenciados como experiências na época de estudantes da ESAV e UREMG.

Mesmo com os lapsos e incertezas causados pela idade, as narrativas dos entrevistados se tornam interessantes, porque o ato de entrevistar é ouvir o saber traduzido em *performance* que emana pela voz do sujeito, é tentar fazer uso de uma *igualianza*, como aponta Portelli (2010, p.33). *Igualianza* significa que o entrevistador, no momento da entrevista, deixa que o protagonismo do entrevistado aconteça em sua originalidade. As entrevistas se tornaram importante material a ser relacionado com a fonte primária, no caso, o jornal masculino. Ademais, o que é disperso pode desvelar outras searas, outras memórias não esperadas, outras portas inesperadas que não imaginamos que poderiam existir.

O leitor irá perceber que, embora sejam apenas dois entrevistados, o material coletado é rico o bastante em práticas cotidianas de astúcias que envolviam as táticas e as estratégias de sobrevivência. As entrevistas entraram para compor o conjunto da tese, um movimento inesperado, já que eu não contava que iria encontrar essas vozes-narrativas, nem tampouco traçado essa busca como objetivo. Entretanto, foram elas que,

felizmente, me encontraram. Essa história será contada a seguir com o máximo possível de detalhamento.

3.1 Encontrando as memórias-narrativas do Sr. Juarez e do Sr. Geraldo.

A ideia do encontro com esses jovens senhores foi pensar o encontro dessas duas memórias com o jornal, apostando que esse relacionar de vozes pudesse favorecer a análise das matérias publicadas, principalmente a respeito dos apelidos, decifrando outros possíveis elementos através da recordação dos meus entrevistados. Como apontam Connelly; Clandinin (1995, p. 23):

Los datos pueden ser recogidos en forma de notas de campo de la experiencia compartida, en anotaciones en diarios, en transcripciones de entrevistas, en observaciones de otras personas, en acciones de contar relatos, de escribir cartas, de producir escritos autobiográficos, en documentos (como programaciones de clase y boletines), en materiales escritos como normas o reglamentos, o a través de principios, imágenes, metáforas y filosofías personales.

Nesta coleção de dados, as entrevistas se tornaram narrativas em diálogo com a fonte primária - jornal **O Bonde**. Tanto o Sr. Juarez²², quanto o Sr. Geraldo²³, tornaram-se sujeitos-chave para a pesquisa. Assim, surgiu-me o seguinte questionamento: Quais memórias ficaram guardadas sobre o cotidiano da ESAV/UREMG? Assim, o que me move nessa questão é a crença na perspectiva da história como narrativa e discurso.

De acordo com Jenkins (2005), a história é discurso, constituindo-se como uma série de discursos a respeito do mundo, apropriando-se do mundo e dando significados a ele. Para a autora, a história é narrativa, vez que “o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas e que não podemos sair dessas narrativas para verificar se

²² A primeira entrevista não foi gravada, somente a segunda entrevista que foi fruto de um terceiro encontro ocorrido no dia 31 de maio de 2013. A duração da entrevista foi de 27 min e 24 segundos e ocorreu na cidade de Cataguases com a presença do seu filho Luis. Sr Juarez nasceu em 28/11/1930, indo fazer o curso de Capataz na ESAV com 18 anos em 1951, era natural de Caratinga. Este entrevistado faleceu em 02/09/2013 quase quatro meses após ocorrer a entrevista.

²³ A única entrevista ocorreu no dia 12 de agosto de 2013, na época o Sr Geraldo estava com 80 anos. A duração da entrevista foi de 31 min e 58 segundos e ocorreu na cidade de Viçosa com a presença de Márcia, uma amiga que trabalhou por sete anos na casa do Sr Geraldo. Este entrevistado faleceu no ano de 2016. O Sr Geraldo nasceu em Presidente Bernardes, interior de MG. O entrevistado nasceu em 16/06/1933 e era um dos filhos mais velhos de uma família numerosa, entrou para o curso de Agronomia da ESAV em 1952 e formou-se em 1956, sua turma era conhecida como Chacrinha. Sr Geraldo faleceu em 08/04/2016 na cidade de Viçosa-MG.

correspondem ao mundo ou ao passado reais, pois elas constituem a “realidade” (JENKINS, 2005, p.28)”.

Ou seja, para Jenkins, a história é um constructo social, pois esta sempre nos chegará como sendo uma perspectiva do historiador como narrador.

Parti, assim, para o trabalho com entrevistas orais que requer uma responsabilidade e fidelidade com esse ato de entrega das memórias. Exatamente por isso, tentei não perder nenhum detalhe das memórias, sendo um ouvinte generoso e coadjuvante para com os gentis senhores que se constituíram como meus entrevistados. Tenho um compromisso ético com ambas as vozes entrevistadas. Durante as entrevistas, busquei conter minha ansiedade de interpelá-los com excessos de questionamentos. A ideia era deixá-los à vontade e intervir o mínimo possível, sabendo, aliás, que as entrevistas são um campo de complexidades em que podem ocorrer inovações, repetições, negativas e revelações inesperadas. É difícil, mas é importante, buscar ouvir em silêncio. É um aprendizado que só ocorre na experiência do encontro geracional entre o pesquisador e o velho.

Ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador. Aprendizagem difícil porque vivemos num moinho de palavras e citações que se apoiam comodamente no discurso ideológico (BOSI, 2003, p.65).

Potencializar a voz já “silenciada” é uma ação de encontro pelo entendimento com o presente, buscando, como aponta Bosi (2003), as contradições da memória do velho, aspectos distintos da História que encontramos nos livros, nos documentos, em atas etc. Esse encontro com as contradições e com uma memória que não se pretende se tornar teoria é o que a autora chama de História das Sensibilidades. Nesse encontro, no élan entre passado e presente, é que ocorre a possibilidade de diálogo.

O silêncio também tem a ver com a experiência. Segundo Larrosa (2014, p. 69), “a experiência tem a ver com o não-saber, com o limite do que sabemos (...). Na experiência sempre existe algo de “não sei o que dizer”. Por essa razão, a entrevista não pode, de fato, posicionar-se como um instrumento dogmático da linguagem, mas, sim, como uma conversação, que o autor diz sugerir oralidade, horizontalidade e experiência.

Nesse sentido, encontrar duas vozes esavianas é encontrar o jornal materializado, pois estes viveram no período de circulação do jornal. Conquanto não

tenham sido bondistas (escritores do jornal), eles se integram aos bondistas (leitores desse pasquim). Como afirma Marc Bloch (1997, p. 28), “os testemunhos só falam quando são interrogados”. Por essa razão, sinto-me privilegiado pela chance dos encontros com esses dois sobreviventes que compartilharam importantes informações, como o(a) leitor(a) pode verificar neste capítulo.

3.2 Meus jovens senhores, entre árvores, passarinhos, fotografias e limonada.

Ao entrevistar as fontes vivas da ESAV, eu, de certo modo, estou também interrogando uma tradição e, mais do que isso, creio que estou ajudando a preservar a memória dos entrevistados, ao descrevê-las nesta tese, materializando-as. Por isso, acredito que uma escrita que ressalte memórias esavianas a respeito do cotidiano da ESAV é uma forma de atualizar a história, não no sentido de completude, já que, como aponta Jenkins (2005, p. 32), “não existe nenhum texto fundamentalmente “correto” do qual as outras interpretações sejam apenas variações; o que existe são meras variações”. Por isso, o que vejo como possibilidade aqui é trazer as narrativas esavianas como situações, acontecimentos e não como um relato fidedigno do passado. A atualização estaria justamente não no trazer fatos novos para o que já se conhece em termos de história da ESAV/UREMG, mas o caráter significativo, de importância para referências cotidianas relacionadas em duas entrevistas que podem expressar como as coisas aconteciam e que significados tinham para os garotos estudantes da época, ou seja, das masculinidades da época. A contribuição é para a discussão de gênero.

Além, é claro, que se trata de uma tese versada na possibilidade de abrir espaço para novas narrativas, ou seja, novos sujeitos podem falar de suas histórias e experiências através dela. Assim, vejo a possibilidade de tirar duas memórias do anonimato, de trazer uma dimensão do tempo ainda não revelada.

A fala desses dois entrevistados produziram narrativizações que Certeau (1994) diz se tratar de uma indissociabilidade entre teoria do relato e da prática. Assim, uma produção como a entrevista, os relatos de vida ou de grupo não precisam de uma cientificidade para serem considerados. Nesse sentido, é como se pensássemos no conhecimento tradicional ou popular que possui, segundo o autor, um saber-dizer. A narrativização é dita do seguinte modo pelo autor:

Então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”: as mesmas práticas se produziram ora num campo verbal ora num campo gestual; fariam uma troca entre si - do trabalho no serão, da culinária às lendas e às conversas de comadres, das astúcias da história vivida às da história narrada (CERTEAU, 1994, p.153).

Certeau (1994) retoma Kant para apontar que a história narrada seria, para ele, como uma espécie de *ato* de funâmbulo, um gesto equilibrista em que participam a circunstância (lugar e tempo) e o próprio locutor, uma maneira de saber, manipular, arranjar e “colocar” um dito deslocando um conjunto, em suma, “uma questão de tato” (Ibidem, p.153).

Pois bem, como eu disse, não fui eu que cheguei até eles, foram eles que chegaram a mim. Mas como isso se deu? O primeiro entrevistado, o Sr. Juarez, encontrou-me em 2012. O entrevistado me chegou, à época, através de uma visita que fiz a meu cunhado na zona rural de Cataguases. Na ocasião eu estava inserido no projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Pesquisa em que eu me inseria com o professor Eduardo Simonini Lopes da UFV intitulado: “A invenção da vida discente nas moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa/MG.” Naquele momento eu havia apenas conversado informalmente com o senhor Juarez.

Na cozinha da velha casa, conversando com minha irmã a respeito da pesquisa que eu realizava na época chega aquele senhor de andar devagar e silenciado e se coloca a ouvir também meu relato. Nesse momento, ele me revela ter estudado na escola no ano de 1951, quando fez o curso intitulado como Elementar.

O Curso Elementar servia para formar o rapaz como capataz, uma das três modalidades oferecidas pela escola naquela época. De acordo com a fala de Rolfs (DUARTE DE CARVALHO, 1996, p. 9): “a instrução, como é ministrada nos Cursos Elementares e Médio, é a mais necessária para o desenvolvimento racional e rápido da agricultura do Estado de Minas Gerais”. Acredito que a frase vem ao encontro da ideia de que o capataz era o profissional mais próximo dos trabalhadores do campo e o elo entre o agrônomo e esse trabalhador. Este foi o curso em que meu primeiro entrevistado, o Sr Juarez, se formou. Ao lhe perguntar a respeito de seu curso, ele responde:

Sr Juarez: O meu era capagato como eles falavam, aqui eles falavam, você vai lá fazer o curso de capagato.

Após o primeiro encontro com o Sr. Juarez, voltei a encontrá-lo já no período de doutorado, foi quando combinamos uma entrevista semiestruturada que eu preferi não gravar. As entrevistas desse tipo, geralmente abertas, facilitam a lembrança do entrevistado. Segundo Rosa; Arnoldi (2008, p. 30-31), “as questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados”.

No mais, na entrevista semiestruturada, “o questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade” (Idem).

Conforme combinado, comecei, então, fazendo uma pergunta disparadora para iniciarmos o bate papo que foi a seguinte: *Sr. Juarez, me conte um pouco sobre sua vida e o que o fez ir para a ESAV?* Durante a entrevista, dialoguei com ele apenas para ajudá-lo em suas memórias, em momentos em que ele mesmo me perguntava se existia isso ou aquilo ainda etc. Como apontam Connelly e Clandinin (1995, p. 21):

En la investigación narrativa es importante que el investigador escuche primero la historia del practicante, y es el practicante quien primero cuenta su historia. Pero esto no quiere decir que el investigador permanezca en silencio durante el proceso de la investigación. Quiere decir que al practicante, a quien durante mucho tiempo se le ha silenciado en la relación de investigación, se le está dando el tiempo y el espacio para que cuente su historia, y para que su historia también gane la autoridad y la validez que han tenido siempre los relatos de investigación.

Apesar da saúde já bastante debilitada e uma memória oscilante, creio que a entrevista, ocorrida debaixo da sombra de uma árvore, foi muito proveitosa para ambos. Para mim, foi um encontro com detalhes de uma pesquisa corroborada pela memória do meu entrevistado e penso que, para o Sr Juarez, foi uma oportunidade de rememorar bons momentos de sua juventude. Ali, pude sentir a feliz coincidência de uma narrativa/memorial vinda à tona com toda a potência, naquela tarde de sol regada por um cenário tranquilo e inspirador, com muitas árvores ao redor, passarinhos, piscina, cães trotando ao redor da casa, galinhas ciscando perto do lago, elementos que agregaram para um sentir-se à vontade tanto do entrevistado como do entrevistador.

Contudo, apesar de ter me esforçado na tentativa de capturar as informações, senti necessidade de voltar a entrevistá-lo novamente, dessa vez, munido com um gravador. Nesse momento, com a intenção de escutar mais do Sr Juarez para a pesquisa

que tinha o Jornal **O Bonde** como objeto de análise, a entrevista ocorreu na varanda de sua casa em um sítio no bairro da Taquara Preta, havendo a presença de uma terceira pessoa no ambiente. Luis, seu filho, ajudou a “dar um empurrãozinho” nas memórias do pai. Esse homem se tornou essencial para que Sr. Juarez se sentisse mais confiante no selecionar os fatos e narrá-los, pois ele não estava contando mais suas memórias somente para mim, estava agora contando para seu filho, provavelmente mais uma vez, suas memórias de adolescente.

Para minha surpresa, meu entrevistado, em um determinado momento, buscou uma caixa de fotografias para me mostrar um pouco do que fora a sua vida na época de estudante da escola (as fotos apresentavam um garoto magrinho participando da Marcha Nico Lopes), momentos antigos e felizes de uma identidade esaviana. Aliás, não apenas me mostrar, mas também me emprestá-las, para que eu pudesse compor a escrita da tese. O gesto de empréstimo fez desse momento um ato emocionante que me tocou enquanto sensibilidade e solidariedade para comigo e para com a pesquisa. Penso nessas fotos confiadas a mim como fontes de registros históricos, como aponta Bloch (1997, p. 114):

É quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos. Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito. É curioso verificar quanto as pessoas alheias ao ofício avaliam mal o limite daquelas possibilidades.

As fotografias são consideradas possibilidades como objetos biográficos. No caso, trata-se de uma representação da vida do sujeito, incorporada à sua família, visto que o conjunto delas presente no álbum de fotografias do meu entrevistado pertence à sua família. Nesse sentido, as fotografias se encaixaram com algumas das narrativas, tornando-se fundamentais como fontes de informação para minha análise da Marcha Nico Lopes de 1951.

O segundo entrevistado, Sr. Geraldo, chegou-me por sugestão de uma amiga de graduação, Márcia, que conhecia um senhor, ex-estudante da escola. Sabendo do fato, fui para a cidade de Viçosa no intuito de coletar uma segunda entrevista. Não consegui realizá-la no primeiro momento, devido ao fato de este estar dormindo na hora em que foi marcada a entrevista. Após novas negociações feitas por intermédio dessa amiga, voltei à cidade para uma segunda tentativa. Lembro-me que, no dia, eu vinha voltando da UFV sentido centro de Viçosa, em direção à casa do meu entrevistado, quando me

deparei com um senhor carregando uma bolsa de remédios, de passos lentos, pelo balaústre da cidade, que corria até o endereço a que eu me dirigia. Uma intuição me veio à cabeça: “seria ele?” “não, deve ser apenas um senhor comum voltando da farmácia”. Meu sexto sentido ou faro de pesquisador estava em consonância com minha primeira suspeita, pois, ao chegar ao endereço, fui informado de que o senhor Geraldo saíra para comprar seus remédios. Para minha surpresa, o senhor que eu havia visto, chegou logo em seguida. Obviamente, pela idade, ele demorara mais na caminhada.

Assim, minha amiga me apresentou ao Sr. Geraldo que se encaminhou até a cozinha para beber um copo de limonada, oferecendo-nos gentilmente. A oferta da bebida geladinha parece ter ajudado a “quebrar o gelo”, aquele carinho em um dia quente em Viçosa me trouxe imensa satisfação de estar com aquele senhor. Após bebermos, ele sentou-se à mesa da sala de estar. Sentei-me ao seu lado, pedindo permissão para colocar o gravador na mesa. Nesse momento, minha amiga também se sentou ao meu lado. Na sala de estar, foi possível perceber um grande quadro da Santa Ceia, bem como várias fotografias de família e de santos diversos, inclusive a imagem de São Judas Tadeu que, segundo ele, tratava-se do santo protetor da esposa já falecida Maria José Mollica Vidigal. Era um ambiente nitidamente familiar, sendo possível perceber que as memórias estavam todas por ali, nos retratos de família, nos objetos antigos e de grande apreço para aquele homem.

A entrevista transcorreu com certa dificuldade de comunicação por uma dificuldade de audição do senhor, já numa idade avançada. Contudo, quando lhe mostrei a cópia colorida da primeira capa do jornal **O Bonde**, a resposta foi imediata, ocorrendo uma expressão de intimidade entre aquela mídia e ele. Uma alegria saudosa em voltar a ver a capa do jornal. Aliás, concordo com Ginzburg (2006, p. 16), pra quem “o fato de uma fonte não ser “objetiva” (mas nem mesmo um inventário é “objetivo”) não significa que seja inutilizável”. Com isso, quero ressaltar que, apesar de ter registrado uma memória já insólita, pela idade avançada, esta nunca me pareceu menor em importância.

3.3 Apelidos e fofocas: do cotidiano ao jornal O Bonde.

As duas memórias registradas se relacionaram fortemente com a cultura dos veteranos, informada pelo jornal, de inventar apelidos para os calouros, tornando-se parte significativa das entrevistas. Ambos os entrevistados se lembraram dessa prática

comum na época em que eram estudantes. Eles não apenas se lembraram, como narraram os apelidos numa ligação forte com a memória de amizade, como é o caso do Sr. Juarez, lembrando-se desses apelidos na relação com seu amigo da época, Danilo Sedrim, como pode ser lido nos trechos de entrevista abaixo. Outra característica interessante é que, ao que tudo indica, a origem dos apelidos estava relacionada a alguma característica física dos indivíduos. No trecho de entrevista que segue, Luís, seu filho, ajuda-me a desenvolver a memória do pai.

Luís²⁴: Pessoal encarnava muito naquela época?

Sr Juarez: O meu era sabiá, por causa das pernas finas, me colocavam naquela árvore em frente da igreja ali, cantando. Canta sabiá! Daí vinha o Danilo, desce daí, bobo, vem para cá. E ele era estudante lá, veterano que eles falam, né, daí ele dava trote, né, mais aí eu não sei que camaradagem ele tinha comigo, me chamava, ficávamos conversando. Daí eu ficava contando que tinha usina aqui, que tinha fazenda, ele falava que ia vir aqui, perguntava se eu tinha irmã, tenho (risos), camaradou comigo, mas ele nunca veio aqui em casa não, o nome dele era Danilo Sedrim.

Sr Geraldo: Mas cada um tinha que ter um apelido, um segundo nome, ou às vezes até um terceiro nome, (risos). Eu fiquei, como eu parecia muito com meu pessoal da roça, eu fiquei com o apelido de...de... (lembrando) como que fala? Filho de peixe peixinho é, eu era alevino (o sino tocando lá fora), parecia muito com nosso professor de Física, o... o... (sino tocando novamente) ah, como é o nome dele? Esqueci-me agora... Era de família daqui também, Mantovani, professor Mantovani.

Danilo Sedrim, o amigo do Sr. Juarez, também aparece nas memórias de Lam-Sánchez (2006), ex-estudante da escola, que escreveu um livro memorial. Segundo o autor, o nome completo do estudante era Danilo Cartaxo Sedrim da Costa, aluno paraibano que se formou no ano de 1953. Pelo trecho acima, Sr. Juarez apresenta uma memória saudosista do amigo através do ritual-trote que ele experienciou em sua passagem pela instituição. Como ele mesmo disse, Danilo parece ter “*camaradado com ele*”. No recorte que se segue, aparece uma fala de amizade para além da instituição. Portanto, o laço de afetividade começado num espaço educativo se estendeu para além das quatro pilastras. A relação entre estudantes e professores também é destaque nesta entrevista.

²⁴ Filho do Sr Juarez colaborando na entrevista.

Sr Juarez: Naquela época era muito boa a relação entre os estudantes, me lembro de que íamos para a cidade, ia todo mundo junto, eu ia muito com um amigo, o Danilo Sedrim, ele até já veio aqui em casa. Ele era muito meu amigo, eu acho que ele morreu, sabe? Ele era mais velho que eu. Ele fazia outro curso, o superior.

Entrevistador: Deve ser Engenharia Agrícola ou Agrônômica?

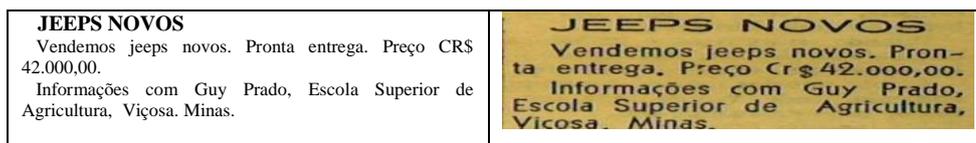
Sr Juarez: É, deve ser? Naquela época a gente fazia muita coisa no campo, as aulas eram de mais ou menos uma hora, os professores eram muito bons, e nós tínhamos uma boa interação com eles.

As narrativas dos entrevistados ocorreram por seleções de memória, ou seja, por seleções da história de vida que cada senhor me apresentou e que, como aponta Dosse (2009, p. 67), “al igual que la historia, la memória es, pues, un modo de seleccionar en el pasado, una construcción intelectual y no un flujo exterior al pensamiento”. Assim, podemos considerar que a memória e a vida são importantes fontes de saber e não um mero recordar de lembranças ao léu. Ademais, é aquela que não se apaga, ainda mais tendo a amizade como substrato dessa memória. Amores e amizades são, talvez, os elementos que mais preservamos como memórias de vida. A boa relação entre estudantes e professores que o Sr. Juarez aponta, de fato, ocorria, já que também acontecia de os estudantes serem convidados para almoçar na casa de um ou outro professor, o que produzia um laço de afetividade na relação entre docentes e discentes.

No tocante à cidade de Viçosa e seu contexto social, a memória do Sr. Geraldo aparece pincelada de flashes da década de 1940, época em que ele sai da fazenda em que morava para fazer o ginásio na cidade de Viçosa. O entrevistado narra a respeito da falta de estrutura de uma cidade pequena do interior de Minas Gerais.

(...) vim pra aqui em 1945, vim a cavalo. Voltava nas minhas férias esse negócio, dificuldade de ir no Rio. Chegando aqui, tinha dois ou 3 carros de praça Fordeco (risos). Naquela época não tinha nem banco do Brasil, papai, por exemplo, na época (risos)... Quando eles, o governo americano com o governo brasileiro, começou a vender jipe, caminhonetes rurais com tração porque não tinha asfalto, as estradas de chão mesmo, papai virou agricultor, precisava de financiamento agrícola tinha de vir a Viçosa, vinha à Viçosa a cavalo. Ficava numa pensão, procura pasto para poder soltar o bicho. Procê (sic) ver as dificuldades que era naquela época.

Meu segundo entrevistado apresenta brevemente características de uma Viçosa pequena, interiorana, de poucos carros/ jipes. Aliás, a presença dos jipes na cidade foi anunciada pelo jornal **O Bonde** que trazia um anúncio de venda desse veículo, como o(a) leitor(a) pode constatar a seguir.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1949. Número 83).

A participação dos esavianos na vida social da cidade pode ser notada na fala do Sr. Juarez, quando lhe indago sobre os passeios dos estudantes.

Sr Juarez: Meus colegas não saíam não, ficava conversando, dormia cedo, agora dia de sábado e domingo saíamos, íamos pra cidade, tinha a praça cinema (risos), eu arrumei uma namorada lá e ficava rodando a praça com ela, conversando, dava oito meia, nove horas, elas iam embora pra casa. Naquela época, dava essa hora, elas iam para casa, dava nove e meia, a gente não via moça nenhuma na rua, a gente ia pra praça ficava rodando, os homem para um lado, elas para outro. Às vezes a gente ia ao cinema com elas, não lembro o nome do cinema, um cinema todo caído as cadeiras, nove, nove e meia, depois a gente subia.

A praça parece ter sido importante para o Sr. Juarez e outros estudantes. A praça é o lugar de experiência e vivência do espaço que redimensiona o mapa geográfico por onde eles circulavam e praticavam a vida de modo a fruir dos finais de semana dentro do Cine Brasil localizado nesse território. A experiência, como diz Larrosa (2014, p. 68): “é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo do que não pode haver ciência, mas sim paixão”. A experiência dos estudantes na praça de Viçosa só diz respeito a cada um deles. A realidade ocorrida naquele espaço só pode ser mensurada por quem esteve presente, quem flertou, namorou, passeou, conheceu os rituais.

A experiência é algo irrepresentável, no máximo o que faço, é uma busca aproximada do que foi aquela praça na década de 1940 para os estudantes. A experiência é do mundo do singular, assim como quem vive se torna um sujeito particular, único.

O entrevistado também recorda de uma conquista amorosa potencializada pelo cinema da cidade que se tornou o lugar dos encontros amorosos. O ritual de homens fica evidenciado na foto abaixo na qual aparece um *footing* enquanto dinâmica de relacionamento; mulheres de um lado e homens do outro. Todos em busca de um olhar que cruzasse com o seu, uma estratégia para que garotos avistassem as garotas e vice-versa. A memória do meu entrevistado corrobora com Nora (1993, p. 9) para quem: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.



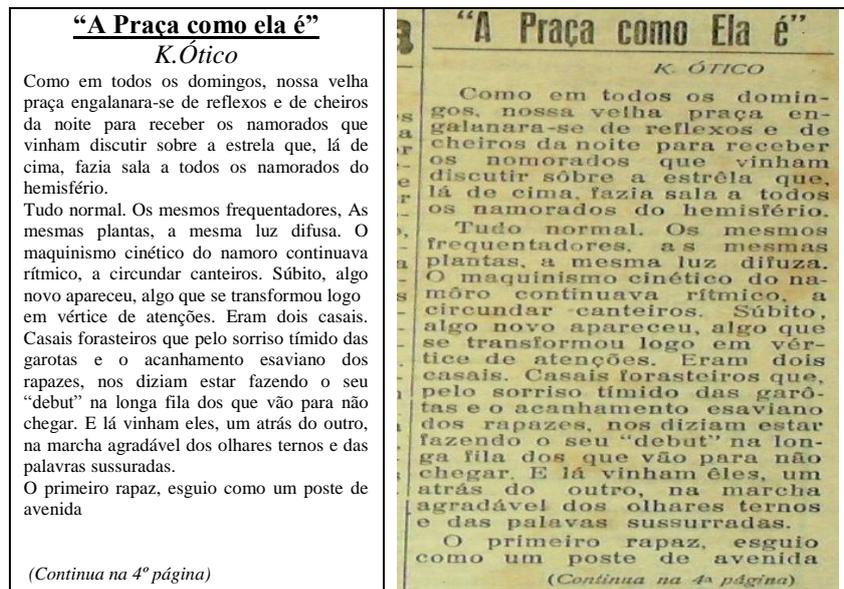
Foto 3: Praça Silviano Brandão - Viçosa na década de 1940, homens de um lado e mulheres do outro. A história de Viçosa, publicada em 31/10/2012 por Lucas Teixeira. Disponível em: https://www.facebook.com/vicosaminasgerais/photos_stream Acesso em: 23 de abr de 2014.

A praça da cidade se tornou um espaço rico de acontecimentos diversos, um lugar emblemático para os estudantes. Como aponta Freire (2013, p. 45): “Há uma natureza testemunhal nos espaços tão relegados das escolas”. De fato, a fotografia acima nos apresenta uma riqueza estética singular para pensarmos que os espaços citadinos são também ambientes de aprendizagem, de significados. Freire (2013, p. 45) ainda diz: “Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”. Ou seja, as relações de flertes e namoros, que ocorriam na praça da cidade, fazem parte de uma dinâmica pedagógica em que, se formos pensar, há também a sexualidade como pedagogia. O que cabe aos homens e as mulheres nessa praça? Afinal, esse ritual está impregnado de uma prática de aprendizagem na qual o estudante deve reconhecer tal contexto e nele se inserir. Ademais, de acordo com Miranda; Castro Siman (2013, p. 16),

(...) a cidade ancora a vida de cada um no tempo presente em sua multiplicidade de percepções simultâneas. Ademais, cidades trazem em si,

em cada realidade singular, marcas de experiências passadas, em diversas camadas de tempo que se atravessam.

O Bonde traz também uma publicação que dialoga com a fala do meu entrevistado a respeito da dinâmica social que ocorria naquele lugar. Talvez o jornal tivesse conseguido captar um pouco dessa multiplicidade que ocorria na cidade. **O Bonde** pode também ser visto como um arquivo de preservação dos lugares de memória da cidade, a partir do momento que descreve tais espaços públicos em sua dinâmica dominical. Segue a matéria.



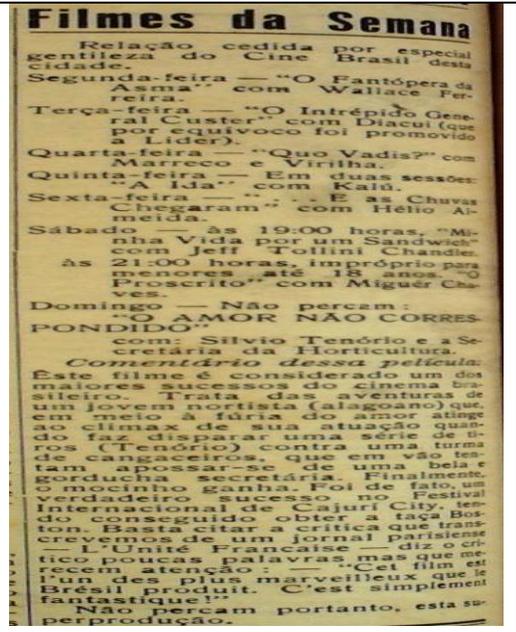
Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1956. Número 171).

A matéria corrobora com o clima de romance que invadia a praça aos domingos, quando a simples percepção de um novo casal fazia transparecer a inocência das garotas, com seu sorriso tímido, e dos garotos esavianos, com seu acanhamento típico. Sr. Juarez fala do cinema que, embora “todo caído”, diz de uma pedagogia de gênero existente através do cinema da cidade. De acordo com Louro (2008b, p. 82): (...) o cinema se constituiu, talvez desde sempre, como um espaço propício para encontros. Há algumas décadas, “gloriosas” matinês representavam, para muitos, a atividade central das tardes do domingo.

Em uma época em que a TV ainda era apenas uma possibilidade, o cinema reinava tanto em cidades grandes quanto do interior. Talvez, as salas de cinema do interior dos interiores não fossem tão boas quanto as das cidades grandes, porém, era o suficiente para imprimir, no cotidiano dominical, o ritual de namoricos pela praça da

cidade. O escurinho do cinema possibilitava o pegar na mão, entre outras ações mais avançadas.

O cinema aparece, por diversas vezes, em destaque no jornal, de modo a compor as sessões “Venenos”, “Fatos e Boatos”, como também em destaque na matéria “Filmes da Semana” a seguir.

<p>Filmes da Semana</p> <p>Relação cedida por especial gentileza do Cine Brasil desta cidade.</p> <p>Segunda-Feira – “O Fantôpera da Asma” com Wallace Ferreira.</p> <p>Terça-Feira – “O intrépido General Custer” com Diacui (que por equívoco foi promovido a Líder).</p> <p>Quarta-Feira – “Quo Vadis?” com Marreco e Virilha.</p> <p>Quinta-Feira - Em duas sessões: “A Ida” com Kalú.</p> <p>Sexta-Feira – “...E as chuvas Chegaram” com Hêlio Almeida.</p> <p>Sábado – às 19:00 horas, “Minha Vida por um Sandwich” com Jeff Tollini Chandler às 21:00 horas, impróprio para menores até 18 anos. “O Proscrito” com Miguêr Chaves.</p> <p>Domingo – Não percam: “O AMOR NÃO CORRESPONDIDO” com: Sílvio Tenório e a Secretária da Horticultura.</p> <p><i>Comentário dessa película:</i></p> <p>Este filme é considerado um dos maiores sucessos do cinema brasileiro. Trata das aventuras de um jovem nortista (alagoano) que, em meio à fúria do amor atinge ao clímax de sua atuação quando faz disparar uma série de tiros (Tenório) contra uma turma de cangaceiros, que em vão tentam apossar-se de uma bela e gorducha secretária. Finalmente o mocinho ganha. Foi de fato, um verdadeiro sucesso no Festival Internacional de Cajuri City, tendo conseguido obter a taça Boston. Basta citar a crítica que transcrevemos de um jornal parisiense.</p> <p>- L'Unité Française – diz o crítico poucas palavras mas que merecem atenção: - “Cet film est l'un des plus merveilleux que le Brésil produit. C'est simplement fantastique!”</p> <p>Não percam portanto, esta superprodução.</p>	
---	---

Fonte: Jornal **O Bonde**. (Ano 1954. Número 142).

Na matéria acima, o Cine Brasil aparece como lugar de interesse e frequência dos estudantes, lugar de sociabilidade, pois, através das brincadeiras, associam-se personagens de filmes com os colegas. Ao que parece, ocorria a escolha de personagens-estudantes a partir das características subjetivas e físicas entre estes. A narrativa de “O amor não correspondido”, com Sílvio Tenório e a secretária da horticultura, me faz retomar Louro (2008b, p. 83), quando a autora afirma que:

Os filmes hollywoodianos foram particularmente eficientes na construção de mocinhas ingênuas e mulheres fatais, de heróis corajosos e vilões corruptos e devassos (...). Nos clássicos de faroeste, os mocinhos eram fortes, corajosos, decentes, por vezes solitários e silenciosos. Invariavelmente brancos, lutavam contra índios, mexicanos e degenerados de todo tipo.

Os filmes da década de 1940 parecem ter sido, como aponta Louros (2008b), uma época de dicotomia dos papéis de gênero, homens corajosos e mocinhas indefesas. Já na década de 1950, o cinema buscou o retorno da mulher ao lar, com receio de um avanço feminista pós-segunda guerra mundial. Nos filmes *noir*, a sexualidade feminina

era central. A figura da *femme fatale*, personagem sensual e ameaçadora que despertava tanto o sentimento de possuí-la quanto de destruí-la, era, usualmente, o pivô das histórias. Além disso, cinema e paquera gerariam uma conexão importante na vida desses jovens enquanto sujeitos praticantes da praça e do cinema, espaços transformados em ambientes de grande atração e fofocas. Espaço não só de socializar, passear e espairecer, como, principalmente, de buscar um romance. É importante explicar que o nome *Cajuri City*, comentado na matéria, provavelmente se refere a uma cidadezinha próxima a Viçosa, que, por alguma razão, aparece ironicamente na brincadeira. Talvez, fosse a cidade de algum dos estudantes aludidos como ator da película “O amor não correspondido”.

Ainda sobre essa relação estudantes/personagens, o jornal apresentou algumas chamadas expressivas e curiosas com apelidos que relacionavam o cotidiano estudantil com os artistas da época que chegavam até eles por meio do Cine Brasil, o cinema da cidade de Viçosa. Consta, por exemplo, no número 61, de 1948, a seguinte chamada: Este é o “Super Gilda”. Nunca houve um bonde igual a este. O título, nesse contexto, ao que tudo indica, é uma paródia ao filme *Nunca houve uma mulher como Gilda*, na qual a atriz Rita Hayworth interpreta a personagem Gilda, uma mulher sedutora e sexy disputada por dois amigos. Uma personagem ousada para a década de 1940 e que ficou marcada na memória masculina como a imagem de mulher fatal e de mulher extemporânea. Gilda reaparece outras vezes no número 59 de 1947 na matéria: “Eu enterrei Gilda”, na qual o aluno de pseudônimo Coveiro diz lamentar a morte de Gilda, que estava grávida e fora morta por veneno e igualmente por ele enterrada de pé. No final, ele diz “*Nunca houve uma cachorra como você, Amém*” (p.2).

Novamente, no número 60, de 1947, o nome Gilda é apropriado na seção “Dizem que”... Na qual, diz o seguinte: “*O Gilda estava batendo um papo numa roda de moças e esclareceu: “sou muito popular na Escola, tenho cartaz pra xuxú”. – Ah, comentou uma das moças, então porque enterraram você?*” (p.3). E, por último, Gilda volta a aparecer no número 69, de 1948, na seção: “Dizem que”... Gilda se aproxima de um camarada e os dois começam a falar do nascimento do nono filho desse sujeito. Gilda alerta o camarada para ir mais devagar pela quantidade de filhos que ele já possuía, utilizando o jargão: “Roma não se fez em um dia”. Enfim, uma série de enunciados conotativos envolvendo o nome de uma personagem famosa em apelidos de estudantes e até animais. Uma apropriação de uma atriz estadunidense que representava personagens *femme fatale* que, pela tela do Cine Brasil, era incorporada ao ambiente

acadêmico, encampando a comicidade do cotidiano estudantil. Gilda foi uma diva so cinema estadunidense que parece ter arrebatado a atenção e a criatividade dos estudantes da época, tendo em vista que Lam-Sánchez (2006), ao falar do Cine Brasil na relação escola-cidade registra que: “Quem não conheceu a bela sueca Ingrid Bergman (...) E a bela Rita Hayworth, no filme Gilda, cantando “*Put the blame on Mame*”, Ponha a culpa em Mame, incendiante interpretação” (p.350).

Entrevistar é estar preparado para um vai e vem de memórias que, por vezes, se abrem para outras veredas de recordações que a princípio pareciam se dispersar, mas que, na verdade, vêm depois se conectar com alguma memória anterior já narrada. São contradições, tensões e reconstruções inerentes às memórias individuais ou coletivas cujo contato com o entrevistador ajuda na sua exposição e ativação.

Nesse sentido, consegui capturar outros detalhes do cotidiano estudantil, já no final da entrevista com o Sr. Juarez, na qual ele fala mais da praça. Nesse momento, ele se lembra do cinema como local de namoro, da bicicleta como transporte dos estudantes e do tipo de calçado/vestimenta usados na época.

Sr Juarez: O local era uma pracinha da igreja, eu frequentava mais a praça e cinema, o cinema era um lugar escuro e esquisito, parecia que ia descendo que nem uma rampa era ali que eu levava a minha namorada. Naquela época só tinha um professor com carro, um Chevette anos 50. Ficava na diretoria no pátio em frente ao prédio, o resto era tudo bicicleta, os alunos, numa farra danada, desciam com as bicicletas pela avenida, usava aquelas meias botas, (ele mostra na canela dele a altura que o cano da bota batia) chapéu, capa de chuva. Eles ainda usam essas botas?

Entrevistador: As botas de hoje são mais para estilo, o cano da bota até diminuiu.

Sr Juarez: O cano da nossa bota era maior, ia até metade da canela porque a gente ia pra tudo quanto é lado, a gente andava por todos aqueles lugares.

O depoimento acima coloca a bota como um objeto/acessório representativo de um tipo de masculinidade específica que é a masculinidade rural. Na narrativa acima, trata-se de uma composição da indumentária usada tanto para a lida no campo quanto para os passeios na cidade de Viçosa. Obviamente, no tocante ao trabalho no campo, representa uma identidade rústica, uma vestimenta necessária para enfrentar a vida árdua e as práticas laborais da profissão agrícola para cujo trabalho na lavoura a bota é essencial.

A bota também é um acessório que indica virilidade. Não importa a época, é um objeto apreciado pela masculinidade hegemônica no meio rural. A bota é um símbolo

que codifica o contexto agrário de Viçosa, seja em meados do século XX como até os dias de hoje. Remete à indumentária do agrônomo, do médico veterinário e do zootecnista. Os estudantes desses cursos exibem suas botas em festas sertanejas e outras similares como objeto marcador de uma identidade de curso, de uma profissão. Parece-me que a bota torna-se parte desse profissional, provando, na prática, que toda profissão é um construto social.

Os agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas, entre outros garotos das Agrárias, pensando em minha época de estudante ufeviano, anos 2000, vestiam-se tipicamente com a indumentária específica desses cursos, uma composição viril masculina, conjunto estético desse grupo, ou seja, calças jeans apertadas e surradas, botas, camisa xadrez com chapéu ou boné, um estilo caipira em tonalidades urbanas. Para completar essa estética universitária masculina, faz-se necessário o gosto pela música sertaneja, caipira, pois quem é caipira gosta de música sertaneja. Porém, os ufevianos gostam do sertanejo universitário, um estilo sertanejo com arranjos mais ao estilo pop. A nova geração de garotos e até de garotas desses cursos buscam reforçar a imagem de profissionais ligados ao agrícola, à raiz rústica, ao cultural que mescla o urbano com o rural.

Recordo-me das panfletagens feitas pelas turmas das Agrárias em prol das festas sertanejas. Todos (as) de botas e, muitas vezes, com carros de som parados em frente ao Restaurante Universitário (RU) tocando as baladas sertanejas, inclusive uma delas fazendo da bota o refrão da música. “*É na sola da bota... É na palma da mão... É na sola da bota... É na palma da mão...bote um sorriso na cara... E mande embora a solidão*²⁵”. Tal música faz parte de um conjunto cultural feito justamente para esse público do sertanejo, para o qual a bota ganha um significado de gênero como acessório de composição imagético. Cortés (2004, p. 41- 42) assim se manifesta:

Los valores de género son un producto del entorno social (de la educación más que de la naturaleza) y un factor decisivo en la comunicación que transmitimos a través del lenguaje y la apariencia (aspectos tales como los movimientos, los gestos, las expresiones, el tono de voz o el tipo de ropa que usamos), o la que leemos en los otros, es decir, cómo percibimos, interpretamos, etiquetamos y usamos la información que nos llega de otros individuos.

²⁵ Letra da música - Na sola da Bota, segunda faixa do CD Na sola da bota de 2003 de Rionegro e Solimões disponível em: <http://letras.com/rio-negro-e-solimoies/77138/> Acesso em: 02 de fev de 2016.

Ainda a respeito das composições corporais, na entrevista com o Sr. Geraldo, que se lembrou de uma dessas composições como marca dos estudantes da ESAV, como a bicicleta, como também do tempo de moradia em uma pensão da cidade e sobre o gosto em trabalhar com produção de alimento, o que influenciou sua escolha profissional. Segue o trecho da entrevista.

Entrevistador - O Sr morou em alojamento

Sr Geraldo: Heim?

Sr Geraldo: Morei, eu toda vida fui, praticamente interno.

Entrevistador – era bom?

Sr Geraldo: Tanto no colégio de Viçosa quanto na universidade eu morei, eu só fiquei um ano na pensão santo Antonio, ali ao lado do Itaú, pensão dona Aristina porque eu tinha de fazer o tiro de guerra, o primeiro cursinho pré-universitário criado aí eu fui um dos primeiros a participar... e...(mais o que que eu ia falar?)(Sr Geraldo)

Ah! A questão do internato, então, o papai comprou uma bicicleta pra mim, eu falei “ah, pai, você vai ter de comprar uma bicicleta pra mim”. Aí ele falou “eu já sabia”. Aí ele vendeu uns bezerros na roça, um bocado de milho, ele trazia milho no carro de boi, capado morto, capado vivo para abastecer Viçosa.

Márcia: Não tinha nada!

Sr Geraldo: Viçosa que tinha um rio importante, Viçosa escora como margem de um rio importante, a margem do rio Piranga com o rio Doce era muito produtiva, mas os agricultores careciam de assistência, e essas foram as razões que me levou em vez de ficar na tecnologia de alimentos que até hoje eu fico fabricando aqui (risos), até a cocada da Zezé. Às vezes eu fico pensando (risos), se eu não tivesse meus 80 anos, eu ia fabricar!

Entrevistador: ganhar dinheiro, né?

Sr Geraldo: É (risos), ganhar dinheiro.

Mais o que eu gostava muito do curso Tecnologia de Alimentos de origem animal e vegetal, é que lá nas férias na roça, ajudava muito a mamãe a fabricar biscoitos, broa, brevidades, doce de goiaba, de manga, doce de cidra, desnatar o leite, fazer o creme, queijo, fazer até requeijão de leite desnatado, fica gostoso (risos).

A fala do Sr. Geraldo, no final dos recortes, sugere-me que ele tinha um gosto especial pelo curso de Tecnologia de Alimentos de cujos ensinamentos ele se utilizava para aplicar em sua prática em períodos de férias na roça, quando ajudava a mãe a fazer os doces, as compotas, o requeijão etc. Uma gostosa recordação de um ensino significativo, aquele que levamos para toda a vida, que não está separado da prática vivencial do aluno.

A bicicleta, que perpassa a sua memória, foi, com certeza, um objeto de desejo dos esavianos. A paixão por esse tipo de transporte aparece explicitamente na matéria: “Da bicicleta e da vida”. Nessa reportagem, eles dizem do nascimento do veículo e da existência dos tipos de bicicletas: “*Algumas possuem canos. São as ditas bicicletas masculinas. As de cano curvilíneo são as femininas*”. E também: “*Em Viçosa, a bicicleta é mais comum que boi nas ruas das cidades indianas*” (p.3). Até um caso de roubo de aves mal sucedido foi destacado com o uso da “magrela”, colocando esse transporte como um símbolo das peripécias estudantis. A bicicleta se tornava cúmplice dos arteiros da época, uma tecnologia que se incorporava ao corpo do estudante em seu processo de movimento, de traquinagens e de caça pelas garotas no campus escolar e na praça. A bicicleta e o estudante formavam uma parceria quase orgânica, possível de ser percebida pelo trecho da matéria “Da bicicleta e da vida”.

<p>Mas, bicicleta agora, nesta terra de Santa Rita, foi usada na captura de aves.</p> <p>Um bom gastrônomo ou, como êle se diz – apaixonado autor da Ciências Avícola – foi à noite, estudar os galináceos bojudos de Ex-Ave Hall.</p> <p>E saiu-se mal.</p> <p>Perdeu a bicicleta, as galinhas e o paradeiro.</p> <p>O móvel do crime (como diria Sir Bimbinha Holmes) foi recolhida à repartição competente e trancafiado sob os olhos de ostensiva guarda.</p> <p>O fato ganhou a imprensa internacional e motivou a viagem de dois ilustres homens do Ex-Ave Hall ao U.S.A; com o fim de recrutar elementos do F.B.I., para deslindar o mistério.</p> <p>Pelos “CAMPOS” da Ex-Ave Hall, espalharam várias “TÓRRES” de observação onde vigias espreitam os habitantes da famigerada comunidade.</p>	<p>Mas, bicicleta agora, nesta terra de Santa Rita, foi usada na captura de aves.</p> <p>Um bom gastrônomo ou, como êle se diz – apaixonado autor da Ciências Avícola – foi à noite, estudar os galináceos bojudos de Ex-Ave Hall.</p> <p>E saiu-se mal.</p> <p>Perdeu a bicicleta, as galinhas e o paradeiro.</p> <p>O móvel do crime (como diria Sir Bimbinha Holmes) foi recolhido à repartição competente e trancafiado sob os olhos de ostensiva guarda.</p> <p>O fato ganhou a imprensa internacional e motivou a viagem de dois ilustres homens do Ex-Ave Hall ao U.S.A., com o fim de recrutar elementos do F.B.I., para deslindar o mistério.</p> <p>Pelos “CAMPOS” da Ex-Ave Hall, espalharam várias “TÓRRES” de observação onde vigias espreitam os habitantes da famigerada comunidade.</p>
--	---

Fonte: jornal **O Bonde**. (Ano - 1958 número: 200).

Entretanto, nem tudo é um “mar de rodas” no universo em duas rodas. Existiam os “gatunos” que surrupiavam as bicicletas alheias e as escondiam. Um outro fato atemporal, pois, também em minha época de ufeviano, tive uma bicicleta roubada, a diferença está no caráter do sumiço. Enquanto que, naquela época do jornal, o sumiço estava ligado a uma brincadeira, na minha época, anos 2000, tratou-se de um furto o qual me deixou a pé, já que desisti de comprar outra com medo de ser roubado de novo dentro do próprio bicicletário que ficava ao lado do meu alojamento. Segue mais uma matéria tendo a bicicleta como foco do assunto no jornal **O Bonde**.

Os apelidos, de fato, podem mesmo estigmatizar o outro. O estigma social pode ser produzido pelo batismo de um apelido maldoso e disseminado como fofoca pelo espaço escolar. Goffman (1988) destaca vários tipos de estigma, do corpo, do caráter e tribais. Qualquer que seja o estigma, todos possuem a característica de afastar o sujeito que poderia ser recebido socialmente pelo grupo por conta de um traço que o identifica de modo depreciativo em detrimento a outros atributos seus. Embora o estigma pudesse causar um incômodo, acredito também no lado benéfico que os apelidos causavam. É provável que ocorressem casos de ambivalência nessa relação, ou seja, para o calouro, receber um apelido poderia ser uma honraria digna de pertencimento do grupo, mesmo que nem todos os apelidos trouxessem uma carga simbólica desejável e fácil de lidar no cotidiano. A questão é que, segundo Goffman (1988), muitas das vezes, utilizamos, em nosso cotidiano, palavras para estigmatizar, sem mesmo pensar no seu significado original.

Como a fofoca aparece com destaque no jornal **O Bonde**, penso ser importante a dedicação a esse fenômeno social. Para isso, a leitura de Elias (2000), em seu estudo etnográfico realizado em Winston Parva²⁶ - Inglaterra/UK, é importante, uma vez que o autor percebeu a fofoca delineada como elogiosa - *praise gossip* - e depreciativa - *blame gossip*, uma moeda de troca nas relações sociais. O semanário também cultivava esse caráter de acordo com os acontecimentos do dia-a-dia, com os sujeitos envolvidos. De forma humorada ou não, as fofocas do jornal ora produziam um contexto elogioso ou depreciativo, de acordo com os sujeitos envolvidos na fofoca, ou mesmo a instituição, os personagens políticos etc.

Elias (2000) aponta que os apelidos eram usados como dispositivos de distinção entre sujeitos, exercendo a função social de separação entre dois grupos, no caso, os Estabelecidos e os *Outsiders*. Enquanto estes eram sujeitos percebidos pelos primeiros como pertencentes a famílias não tradicionais, aqueles faziam uso da distinção familiar tradicional para estigmatizar os sujeitos maridos, esposas, e filhos (as) do grupo “de

²⁶ Este é o nome fictício de uma cidadezinha inglesa na qual Norbert Elias permaneceu pelo período de três anos em trabalho de campo. Elias fora um sociólogo de família judaica que foge da Alemanha no período da segunda guerra mundial e se estabelece na Inglaterra permanecendo durante quatro décadas. Publica “Estabelecidos e *outsiders*” que, por ser uma obra que tratava de um objeto de pesquisa local, ou seja, pesquisa de uma comunidade, passou a ocupar um lugar marginal com relação à sociologia da época dominada pelo modelo estrutural-funcionalista que se embasava sobre a relação sociologia-teórica e sociologia-empírica. Assim, o estudo de Elias não foi considerado relevante, pois, de acordo com esse modelo, quanto mais localizado e menor a escala do objeto, menor impacto a pesquisa teria entre os cientistas sociais da época.

fora”, vez que, segundo Elias (2000, p. 22), “a exclusão e a estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido era uma arma poderosa para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar”.

Ainda sobre o uso de apelidos, o autor lembra que, em todas as culturas, os sujeitos fazem uso de termos que são próprios de uma relação entre estabelecidos e *outsiders*. Assim, ao ouvirmos termos como: “crioulo”, “gringo”, “carcamano”, “sapatão” e “papa-hóstia”, isso significa, segundo Elias (ibidem, p. 27), que “todos esses termos simbolizam o fato de que é possível envergonhar o membro de um grupo *outsider*, por ele não ficar à altura das normas do grupo superior, por ser anômico em termos dessas normas”. Os apelidos apresentados pelos bondistas, ao que tudo indica, tinham a função social escolar de agregar o calouro, os recém-chegados. Porém, o modo de subjetivação possui sua faceta obscura de crueldade e, dependendo do apelido, este causava incômodo ou, por trás de uma brincadeira, poderia haver o desejo de humilhação, o deboche do outro.

O ritual de batismo nas escolas não é algo novo na sociedade, como aponta Foucault (2010b, p. 26): “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”, ou seja, a relação de colocar apelidos é uma prática antiga da humanidade, o que a diferencia temporalmente são as diferenças contextuais que aparecem entre estabelecidos e *outsiders*. Logo, as novidades são as invenções de novos acordos de socialização ou novos modos de se praticarem as exclusões de acordo com o contexto histórico. Os sujeitos desse contexto e as relações de interesse que se estabelecem são os mesmos, porém outros.

Se, entre os garotos, os apelidos agregavam, na maioria das vezes, um sentido de sociabilidade, de camaradagem, em relação às garotas, essa camaradagem se mostrou às avessas com o apelido “Pica Couve”, dado às alunas do curso de Economia Doméstica. Embora, na época, o apelido não tenha sido provavelmente pensado como sinônimo pejorativo, o fato é que, por desconhecimento e senso comum, esse apelido coletivo ganhou, ao longo do tempo, um sentido de garotas que eram formadas para cuidar do marido, da casa e que sabiam preparar bem os alimentos na cozinha. Logo, um apelido que aguça as diferenças de gênero no que tange à relação de poder entre homens e mulheres na escola.

O uso desse apelido conota às garotas um status de inferioridade em relação aos cursos de Agrárias. Tal distinção de inferioridade e superioridade ainda pode ser sentida

até os dias de hoje na UFV. Mas, quando um grupo define o outro como inferior, principalmente nessa divisão sexual de poder e conhecimento, isso não significa que devemos compreender esse fenômeno como uma hierarquia natural. De acordo com Scott (2005), igualdade e diferença não são opostos, ambos são conceitos interdependentes e essa correlação ocorre por tensão. As tensões são históricas e devem ser observadas em seu contexto específico político. Por isso, torna-se importante contextualizar essa tensão entre garotos e garotas e o produto gerado dessa tensão como os apelidos e determinados estigmas e estereótipos.

Scott (2005, p. 15) ainda argumenta que “identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade”. Nesse sentido, a definição de hierarquia de um grupo sobre o outro pode não condizer com a prática, indicando uma farsa grupal, um forjar superioridade para obter o domínio de outro grupo. Isso acaba remetendo o grupo que estigmatiza e inferioriza a ser percebido em suas fragilidades também, em sua inferioridade, na medida em que ele necessita de forjar uma hierarquia de gênero.

Na época de estudante, pude presenciar essa distinção entre os cursos masculinos das Agrárias com os apelidos de “Agroboys” e das economistas domésticas com o apelido de “Pica- Couve”. Como este último é um curso de concentração feminina, descolar gênero de poder é algo definitivamente equivocado. Enfim, essa discussão de gêneros e cursos será mais bem detalhada no capítulo que virá em seguida.

Os apelidos só se fazem lugar de memória pelo fato de eles escaparem do lugar da história oficial da instituição. Por isso, os apelidos se esparramam pelo campus e fora dele, identificando os estudantes com apelidos lembrados mesmo muito tempo depois de formados. A facilidade de disseminar os apelidos no ritual do trote aparece no trecho de entrevista com o Sr Juarez:

Entrevistador: E entre os estudantes, o senhor já falou que havia uma boa relação, né?

Sr Juarez: Sim, (risos)... Eles até, tinha o Curuquerê (risos).

Entrevistador: O que significa isso?

Sr Juarez: Ah! Era como chamávamos os mais velhos. (Sr Juarez).

Entrevistador: Ah! Os veteranos (risos).

Sr Juarez: Sim, quando a gente passava por eles, tínhamos que chamá-los assim. Tinha até uma saudação que tínhamos que fazer (risos), senão a gente sofria trote. Naquela época a gente namorava no final de semana, e, se eles

descobrissem que a gente namorava, na época do trote, a gente passava aperto com eles. Como eu, por exemplo, (risos). Colocaram-me em cima da árvore na praça para ficar cantando e as meninas passavam e riam de mim. O Cedrin é que me tirava da zoação. Também tinha um local na Escola, que os Curuquerês levavam os novatos para ficar dando volta, era um local com escadas, parecia um palanque, e o novato ficava lá dando volta até que o Curuquerê quisesse. (risos).

Entrevistador: A convivência com esse apelido era boa?

Sr Juarez: Ah, eu não prestava muita atenção, esse negócio de curuquerê, você tinha que chegar perto e curuquerê augustíssimo, daí a gente tinha de passar e gritar curuquerê Sr augustíssimo, daí eu pensava ah, curuquerê o(palavrão), daí eu vim embora (risos). Era só no horário de recreio que eles ficavam dando trote, mesmo assim não abusava não, só quem não queria aceitar o trote, quem aceitava, era tudo normal.

O apelido “Curuquerê” aparece diversas vezes no jornal, como, por exemplo, na matéria “Curuquerê 59!”. A escrita traz no título a saudação que os calouros deviam fazer aos seus veteranos e apresenta, de forma debochada, o quão inexperiente era o garoto ao chegar à escola, tornando-se alvo de muitas brincadeiras e de aferição de apelidos.

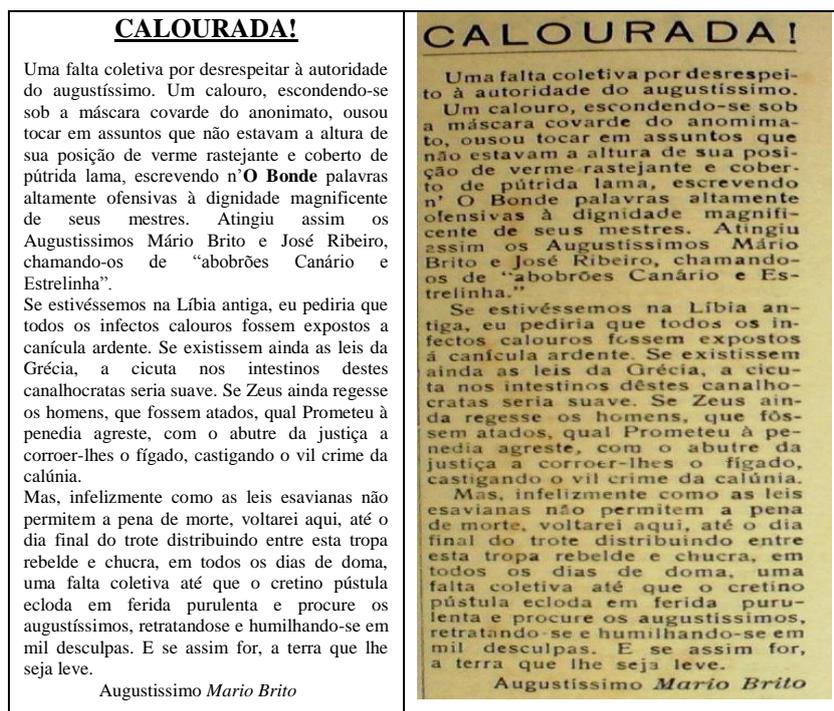
<p>CURUQUERÊ 59! Tudo considerado, forçoso é concluir que mais um ano de lutas se inicia. A imposição do calendário torna-o cético as coisas formas, pecúlio de todo começo e aos poucos envolvem-nos no mesmo drama. As novidades circulam por aí. Algumas produtivas, outras maldosas ou pueris e por fim, um amontoado de banalidades que se perdem nas conversas a varejo, após um diluído café das nove. Dentro de tudo isso está você Calouro, figura singular e anacrônica, dando com sua indefectível burrice, um toque animalesco ao cenário imaculável dos Revmos.</p>	<p>Exmos. Sapientísimos Augustísimos. Esta coluna é sua, exclusivamente sua, pois nem um outro equídeo merece nesse momento, tamanha curiosidade. Mas, você também é filho de Deus. Deixe de lado esta circunspeção bifurcada e venha trotando ao nosso encontro, para respirar um pouco de ar ilustre. Sómente assim poderá ir lapidando as facetas ásperas da animalidade, que a natureza lhe concedeu. A caminhada é árdua e cheia de “pedras”, trate, pois, de estudá-las. A sombra de nossos cabelos, poderá peregrinar pelas coisas utópicas ou mesmo realizar suas clorofiladas divagações às grutas sinistras de “seixos” reluzentes.</p>	<p>CURUQUERÊ 59! Tudo considerado, forçoso é concluir que mais um ano de lutas se inicia. A imposição do calendário torna-o cético as coisas formais, pecúlio de todo começo e aos poucos envolve-nos no mesmo drama. As novidades circulam por aí. Algumas produtivas, outras maldosas ou pueris e por fim, um amontoado de banalidades que se perdem nas conversas a varejo, após um diluído café das nove. Dentro de tudo isso está você Calouro, figura singular e anacrônica, dando com sua indefectível burrice, um toque animalesco ao cenário imaculável dos Revmos.</p> <p>Exmos. Sapientísimos Augustísimos. Esta coluna é sua, exclusivamente sua, pois nem um outro equídeo merece nesse momento, tamanha curiosidade. Mas, você também é filho de Deus. Deixe de lado esta circunspeção bifurcada e venha trotando ao nosso encontro, para respirar um pouco de ar ilustre. Sómente assim, poderá ir lapidando as facetas ásperas da animalidade, que a natureza lhe concedeu. A caminhada é árdua e cheia de «pedras», trate pois, de estudá-las. A sombra de nossos cabelos, poderá peregrinar pelas coisas utópicas ou mesmo realizar suas clorofiladas divagações às grutas sinistras de «seixos» reluzentes,</p>
---	---	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1959. Número 203).

O deboche relacionado ao trote possui, sobretudo entre homens, caráter de violência simbólica, demarcação de poder. Assim, quanto mais acentuado for o deboche, maior será a separação entre os que já se encontram legitimados no território escolar e aqueles que nada conhecem ainda, ficando, desse modo, mais distintamente marcado o lugar de hierarquia, mando e obediência.

Há uma matéria intitulada “Calourada!” que faz conexão com a última parte do trecho de entrevista do Sr. Juarez, pois enfoca também a solene saudação entre calouros e veteranos. Na matéria, Mario Brito diz de um calouro que desrespeitara alguns

augustíssimos e, por esse motivo, seria perseguido pelo jornal, sempre que o autor escrevesse sobre os trotes e calourada.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1956. Número 168).

Quando o entrevistado destaca o ritual de gritar "*curuquerê Sr augustíssimo*", lembro-me de Dosse (2009, p. 72), apontando que: "el rito permite mantener la memória al reactivar la parte creativa del acontecimiento fundador de la identidad colectiva". Isso pelo fato de que o Sr. Juarez, embora tenha deixado claro não ter aderido ao ritual, reproduziu, durante a entrevista, a frase em uma entonação de obediência no ato de me mostrar como era a continência entre o calouro e o veterano. A sua memória guardou o ritual presenciado, além da recordação da praça de Viçosa evocando a memória desse acontecimento como experiência pessoal, vivência que constrói uma identidade. É na experiência com a cidade que guardamos - em cada um de nós - os símbolos e os emblemas que vão forjando, com a passagem do tempo, nossos sentidos de pertencimento e identidade (MIRANDA; CASTRO SIMAN, 2013).

A árvore se tornou um símbolo memorial, representando a memória do trote que o Sr. Juarez vivenciara. O entrevistado, além de se lembrar da saudação *Curuquerê*, recordou também de colegas que tinham apelidos dentro da escola.

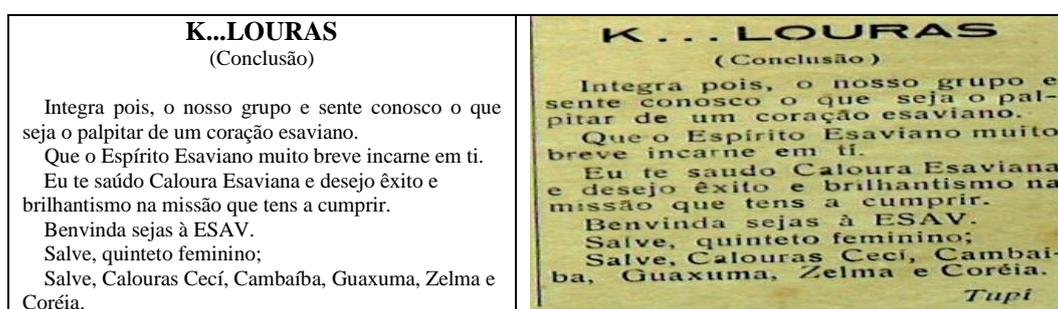
Sr Juarez: Lembro-me de uma moça que era chamada de "Cambaíba". Acho que ela tá até numa das fotos ... Ela é muito bonita! Viçosa tem muita mulher bonita, né? E na época tudo muito respeitosa. "Cambaíba" era o apelido dela, o meu era Sabiá (risos). Todo mundo tinha apelido. No meu quarto tinha o "Mão boba", ele era todo desconjuntado. Meio bobo mesmo (risos).

A turma era legal, naquela época tínhamos respeito, e tratávamos a moça com respeito.

Entrevistador: ele tinha problema na mão?

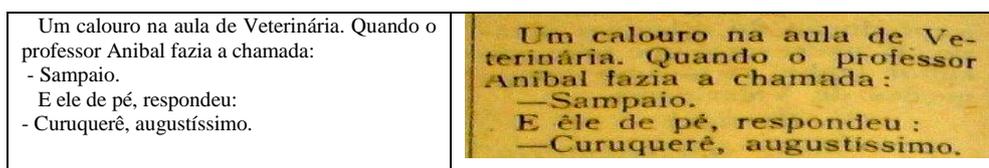
Sr Juarez: Não, ele que fazia as besteirada dele, fazia besteirada daí botaram o apelido nele de Mão boba. Tinha um outro colega de quarto, não sei o nome dele, eu esqueci.

O apelido *Cambaíba* aparece no jornal **O Bonde** na matéria “K...Louras”, no qual o assinante Tupi dá as boas vindas para as estudantes de 1951, entre as quais há uma caloura de apelido *Cambaíba*.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 92).

O jornal corrobora as entrevistas e além de *Cambaíba*, a saudação *Curuquerê* também aparece em tom de comicidade na matéria intitulada: “Soubemos que...”,



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1948. Número 61).

Há uma explicação política para essa saudação, algo que é contado por Lam-Sánchez (2006, p. 200), ao relatar detalhadamente sobre o comportamento adotado pelo calouro no encontro com um veterano:

Quando o calouro se via ou era colocado na situação de falar a um veterano, o protocolo inarredável consistia em se dizer “Curuquerê Augustíssimo Fulano de Tal”, enquanto se efetuava a saudação integralista de braço direito reto, horizontalizado, com a palma voltada para baixo. “Curuquerê” era a paródia entomológico-esaviana do “Anauê²⁷” dos integralistas, partidários de Plínio Salgado.

²⁷ Plínio Salgado, político tido como um nacionalista naquela época, foi fundador do partido chamado Ação Integralista Brasileira (AIB). Em relação à saudação “Anauê”, esta é uma palavra indígena,

Esse trecho exemplifica que os estudantes, definitivamente, não se isentavam de falar sobre assuntos políticos. Os calouros, então, não apenas entoavam uma expressão local de tradição escolar, como aderiam a uma reprodução partidária.

No tocante aos “foras” que também ajudavam na origem aos apelidos, estes ficaram corroborados com a narrativa do Sr Juarez dizendo que os “foras” eram ansiosamente aguardados pela comunidade estudantil, afinal, de um fora poderia surgir um apelido, uma brincadeira.

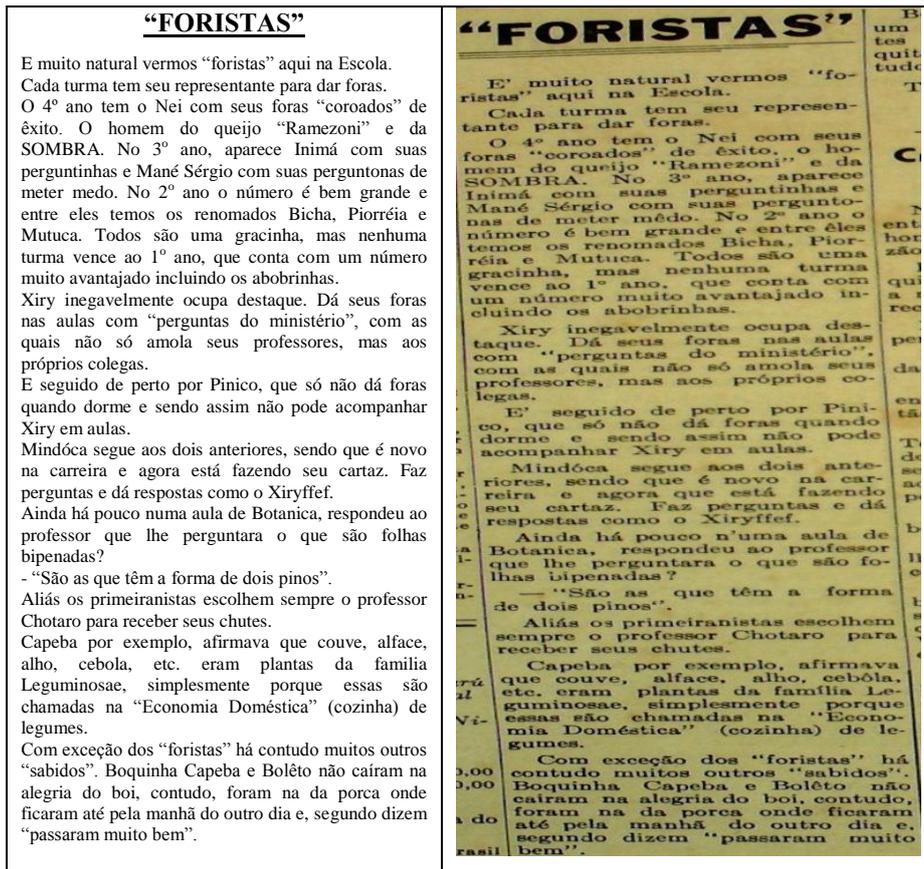
Sr Juarez: Todos (risos). Todo o fora que um estudante, um calouro principalmente davam, O Bonde ficava aguardando o resultado, nós ficávamos aguardando o resultado (risos) no jornal O Bonde.

Eram os ditos “foras”, que se tornavam importantes acontecimentos capturados cotidianamente pelos bondistas. Desse modo, eram tais “foras” que sacudiam as páginas do jornal, nutrindo e agitando a vida estudantil. Um néctar sorvido pelos estudantes ávidos de entretenimento, vigilância, julgamento e controle, já que o que se torna “fora” é o que escapa do esperado. O “fora” é o que foge do regulado tempo de sala de aula, a nota desarmônica, a anormalidade cotidiana.

Há uma definição de “fora” no Dicionário Esaviano²⁸ de 1946, assinada por Dupla X, que significa: “*Tudo aquilo que não é dentro*” (p. 3). Mas, o que seria este dentro? Dentro de uma ordem? Dentro de uma disciplina? Dentro de uma comunidade? Também há, no jornal de número 122, de 1952, uma interessante lista com os “FORISTAS” mais conhecidos de cada turma.

sequestrada e utilizada como saudação do partido, que significa em tupi: “você é meu irmão”. Os integralistas utilizavam de uma saudação comum, “Anauê”, para cumprimentar seus associados. Além disso, vestiam camisas verdes e adotaram a letra grega sigma (símbolo matemático para somatória) como formas que incentivariam um forte sentimento de comunhão e amor à pátria. Mesmo contando com intensas manifestações, os integralistas perderam força com a implementação do Estado Novo, no final dos anos 1930. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiab/a-acao-integralista-brasileira.htm> Acesso em: 03 de jul de 2016.

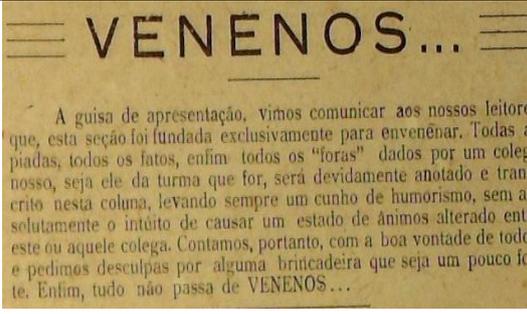
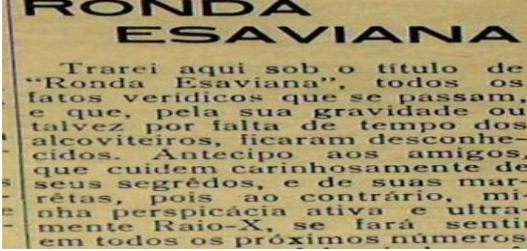
²⁸ O Dicionário Esaviano é uma coluna que apareceu pela primeira vez em 1946, na edição de número 24 do jornal, aparecendo também em outras edições. Nessa primeira aparição, além de trazer a explicação do significado de “fora”, também é apresentado o significado de Bonde, que, segundo o estudante ou estudantes identificados por Dupla X, quer dizer: “Frége em frente ao internato, após o café da noite” (p.3).



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1952. Número 122).

Os “foras” têm o poder de desmontar a estrutura tradicional de sala de aula. Isso ocorre quando um esaviano diz algo sem pensar, às vezes para “aparecer”. Como os bondistas reclamam, esse querer aparecer acaba “*saindo pela culatra*” e o estudante vira alvo de chacota, transforma-se em substrato para publicação no jornal. Os “foras” são as autenticidades da vida estudantil, aquilo que há de mais genuíno, mais original da época, tendo o jornal transformado essas autenticidades em registros cômicos dominicais.

Os “foras” facilmente viravam fofocas publicadas. Para demonstrar a fofoca como um tipo de discurso que permeou o semanário em seus dezoito anos de circulação, apontarei a existência de três colunas irregulares em periodicidade como “Fatos e Boatos”, “Venenos” e “Ronda Esaviana”, embora houvesse outras aparições de fofocas em outras matérias. Essas três colunas são as mais importantes, tendo em vista o caráter concentrador das fofocas nesses espaços. Infelizmente, não encontrei no jornal a explicação dos bondistas para a criação de “Fatos e Boatos”, porém, encontrei para “Venenos” e “Ronda Esaviana”. Segue a explicação para ambas:

<p style="text-align: center;"><u>VENENOS...</u></p> <p>A guisa de apresentação, vimos comunicar aos nossos leitores que, esta seção foi fundada exclusivamente para envenenar. Todas as piadas, todos os fatos, enfim todos os “foras” dados por um colega nosso, seja ele da turma que for, será devidamente anotado e transcrito nesta coluna, levando sempre um cunho de humorismo, sem absolutamente o intuito de causar um estado de ânimos alterado entre este ou aquele colega. Contamos, portanto com a boa vontade de todos, e pedimos desculpas por alguma brincadeira que seja um pouco forte. Enfim, tudo não passa de VENENOS...</p>	
<p>RONDA ESAVIANA</p> <p>Trarei aqui sob o título de “Ronda Esaviana”, todos os fatos verídicos que se passam, e que, pela sua gravidade ou talvez por falta de tempo dos alcoviteiros, ficaram desconhecidos. Antecipo aos amigos, que cuidem carinhosamente de seus segredos, e de suas marretas, pois ao contrário, minha perspicácia ativa e ultramente Raio-X, se fará sentir em todos os próximas números.</p>	

Fonte: Jornal **O Bonde** (Anos 1945 e 1954. Números 1 e 138).

Pelas descrições acima, as sessões foram criadas para caçar os acontecimentos “fora” do comum, os segredos dos outros. Talvez o jornal refletisse um cotidiano impregnado por fofocas (de uma cultura estudantil interiorana), um discurso a priori daquele contexto pacato à espreita de um acontecimento que mexesse com a mesmice do cotidiano escolar. Por isso, a vida do outro, no caso a vida no campus, renderia várias notícias. Assim, sempre havia o que dizer, sempre havia o que fofocar e não faltava o que colocar no papel. Verdadeiras ou fictícias, o que importava era o movimento inventivo em busca de criar as novidades.

Pela matéria, é possível perceber que o romance, como sucesso de público, não é algo dos dias de hoje, já vem de muito tempo. Esse sucesso se deve às fontes ilícitas friamente calculadas e vasculhadas por mãos ávidas pelos segredos dos outros. A invasão de intimidade não ficou restrita a uma ou duas gavetas, mas, sim, a algumas destas ao longo do jornal. Assim, a fofoca parece ser uma modalidade inventada dentro de uma articulação que envolvia o rompimento da proibição, vez que talvez fosse difícil se segurar diante de um material tão particular e intocado como uma carta de amor.

É importante, para finalizar este capítulo, ressaltar o sentimento de saudade de ambos os entrevistados da escola e do jornal. Os trechos a seguir demarcam a presença desse sentimento como algo que ficou no coração deles.

Eu achei a ESAV muito boa, até hoje me dá saudades daquela época. Eu morei lá no alojamento, o primeiro que foi construído, isto foi lá pela década de 50, já tem mais de 70 anos, né? (Sr. Juarez).

O jornal era bastante democrático, eu me lembro!(Sr Geraldo).

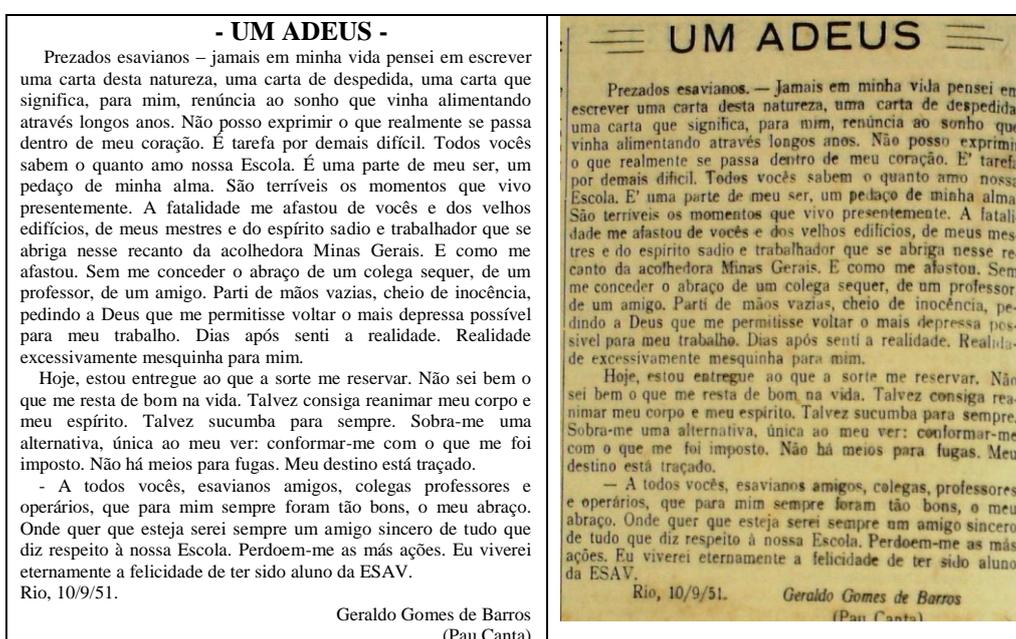
*Tenho, tenho saudades de **O Bonde**, tive, e tenho mais saudade da nossa revista Seiva, tanto que eu cheguei ao ponto depois que, que... nós criamos um escritório regional a nível que, um convênio com a universidade, então... aqui da nossa região eu e um outro colega viemos aqui, e o meu colega de turma que foi muito amigo meu, Jose do Carmo Neto, veio pra ser o diretor do escritório seccional, convênio com a universidade. Então nós fizemos levantamento geral como a segurança, identificamos problemas principais, para atender às necessidades da agricultura e região, senão teríamos que fazer uma cooperativa, criamos a cooperativa agropecuária, também a associação comercial nós participamos da ampliação, e também problemas de indústria. Então, eu, na época, eu já vinha combatendo porque precisava desenvolver programa agroindustrial e eu acabei me demitindo da universidade e criamos nossa saudosa Agroseiva Comércio Indústria S/A (Sr Geraldo).*

Para o Sr. Juarez, a escola foi boa, sua experiência como esaviano foi marcante, ao menos ele compartilhou boas narrativas da época. Para o Sr.Geraldo, **O Bonde** era um jornal democrático, exatamente como os bondistas gostavam de ressaltar como sendo esta uma de suas facetas. Também narra a saudade da revista Seiva e seu envolvimento em projetos em parceria com um amigo da época.

De fato, a época de estudo parece ter sido um período de saudade tanto para meus entrevistados quanto para muitos outros ex-estudantes, pois, conquanto houvesse muitas reclamações no jornal a respeito de estrutura e descaso para com a assistência estudantil, a escola se destacava por ser um território de amizade. As amizades também se tornavam reguladas pelos códigos de uma “boa amizade”, aquela ética, companheira e protetora que pudesse se tornar uma extensão do cuidado “perdido” temporariamente por eles pela distância com a família.

Ainda falando de amizades, Fernandes (2008), ao falar da experiência da amizade em Foucault, considera que, diferentemente da visão sociológica clássica de que a amizade tende a ocorrer entre sujeitos de uma mesma classe social, meio, compartilhando gostos e interesses iguais, em que haveria a simetria de troca igual entre eles, as amizades não seriam geradas por princípios iguais e tampouco redundariam em indiferença ao outro. A amizade, para o filósofo, seria a abertura para a experimentação, produzindo novas construções e novas formas de relacionamento e sociabilidade e, ainda, ao contrário, heterogeneidade, hierarquia, dissensos e rupturas, elementos que coexistem com aspectos consensuais (reciprocidade, igualdade, lealdade etc.) (FERNANDES, 2008).

O amigo não é qualquer sujeito, ele é um indivíduo que ocupa um lugar especial. Fernandes (2008, p. 388) diz justamente que é nesse momento que a amizade aparece, ou seja, sabemos quem é o nosso amigo pelo lugar que ele ocupa. “Esse outro é o outro de nossa eleição, de nossa afinidade, por quem sentimos afeto, simpatia e temos prazer em conviver” em encontros das masculinidades, uma caserna de sociabilidade masculina, um lugar de aura ritualística buscado por rapazes da região e de longínquos Brasis. Assim, quando chegava o momento da formatura ou outro motivo que os fazia ter de se afastarem da escola, eles passavam por um momento doído, como segue na matéria “Um adeus”.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 103).

É possível perceber, pela matéria, um pouco da vida cotidiana, das experiências. “Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão” (LARROSA, 2014, p.28).

A experiência é capaz de transformar vidas e, se isso acontece em apenas um encontro, imagina em uma instituição de ensino em que os encontros com amigos e professores são constantes e as novidades trazidas são recorrentes e diferenciadas. Quando estamos abertos a receber tais experiências, é que a transformação é possível. Entre o céu e a terra parecem caber as experiências e a função da paixão e da mudança.

A matéria anterior traduz o sujeito da experiência de Larrosa (2014, p. 28), pois, segundo o autor, “(...) o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente,

receptivo, aceitante, interpelado, submetido”. Ainda consoante o autor, o seu contrário, ou seja, “o sujeito incapaz da experiência seria firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade” (Idem).

Assim, os encontros são capazes de nos marcar de forma indelével, são esses selos grudados na memória que levamos para contar aos familiares, amigos e futuros entrevistadores. A amizade e os jogos de sociabilidade masculina trazem um caráter único para um estudante. Por vezes, os livros, os cálculos, a teoria perdem seu protagonismo diante da alegria que é estar em meio às brincadeiras e ser reconhecido enquanto sujeito de identidade e pertença a um grupo.

Não é fácil escrever e falar sobre a vida dos outros. A curiosidade é um sentimento legítimo que nos leva ao movimento, a territórios desconhecidos, mundos e memórias intocadas a fim de trazer esses sujeitos comuns para o plano da visibilidade histórica. Freire (2013) lembra que “a curiosidade é já conhecimento”. Creio que o fruto da curiosidade, desvelado nas duas entrevistas, revelou conhecimentos desconhecidos que se tornaram importantes elementos na composição da tese.

E se, na matéria anterior, foi possível perceber as marcas de uma vida cotidiana de encontros, essa vida era saboreada pela leitura do jornal. Sobre isso, há uma frase esporádica localizada no pé da página 2 no **O Bonde**, de número 3, que ilustra o prazer que era ler o jornal, mesmo que conflitando com os estudos: “A leitura de **O Bonde** atrapalha seus estudos? Ora, deixe os estudos e continue lendo **O Bonde**” (ATHAYDE. A, ANTONIO, 1945). Obviamente uma brincadeira que ressalta a importância de haver esse momento de fuga de uma realidade abstrata acadêmica para uma realidade cômica do cotidiano.

A vida estudantil é feita dessas duas facetas cotidianas, dos livros, das provas, dos seminários e também dos encontros, das brincadeiras, dos foras, dos momentos de batismo com os apelidos. Uma política dos apelidos que tão bem funcionou na ESAV, por vezes nem sempre bem vinda.

Talvez o estudante de pseudônimo Peter Lorre tenha sido um dos garotos afetados pelas traquinagens cotidianas objetivando o riso do leitor de **O Bonde**. Peter pode ser o exemplo de que é na política de apelidos que se encontrava um caminho para a pedagogização das masculinidades entre os garotos. Ele foi um dos calouros cuja masculinidade foi colocada “à prova” pelos seus veteranos.

O Peter estudante herdou a alcunha em alusão ao ator húngaro chamado Peter Lorre (1904-1964), intérprete de personagens vilões e monstros em filmes como: “Casablanca”, “O diabo riu por último”, “Relíquia Macabra”, “O homem dos olhos esbugalhados”, “Cassino Royale”, Crime e Castigo e “M, o vampiro de Dusseldorf”, neste último fazendo o vilão Le Chiffre. Ellsworth (2001) nos chama a pensar a relação com o cinema, ao dizer que, para que algum personagem faça sentido, o telespectador deve entrar em contato com a história. De certo modo, um personagem deve ser uma identificação ou o seu contrário, pois o antagonico também se destaca e, por vezes, torna-se tão atraente que pode tomar o lugar do mocinho, logo, o vilão é tão desejado quanto o mocinho. Isso pelo fato de que, no cotidiano, essa dualidade de papéis parece ser vivenciada pelas pessoas ao se classificarem de um lado ou do outro do roteiro cotidiano.



Imagens 2 e 3: O ator Peter Lorre em cena nos filmes: Casablanca e Crime e Castigo

Fontes: [https://s-media-cache-](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/d5/b0/3f/d5b03f30615ab1a78eac9ea00ec2b63d.jpg)

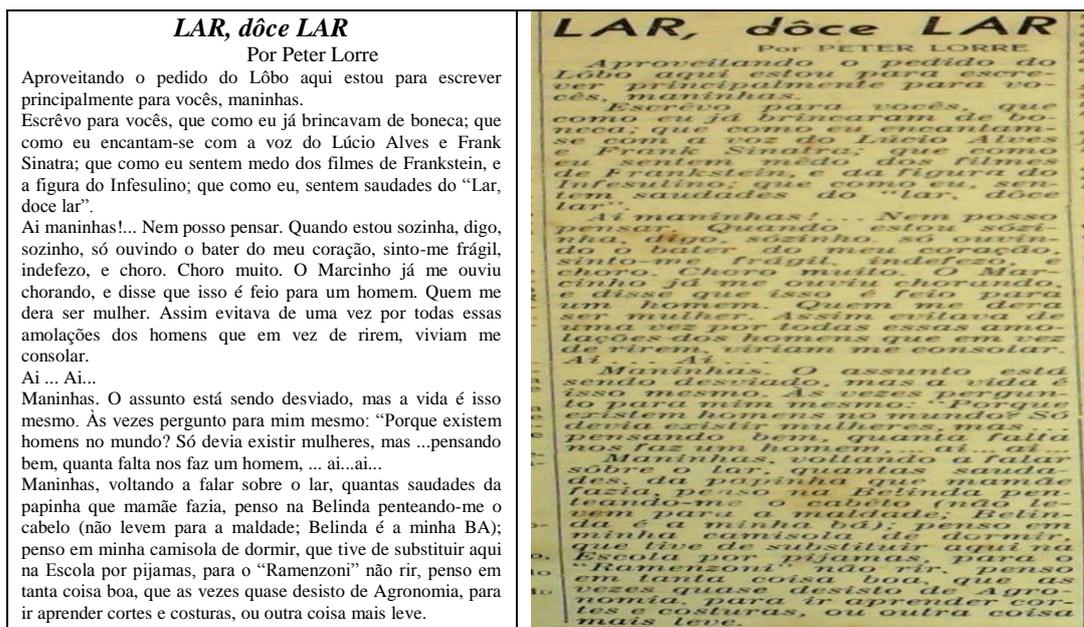
[ak0.pinimg.com/236x/d5/b0/3f/d5b03f30615ab1a78eac9ea00ec2b63d.jpg](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/d5/b0/3f/d5b03f30615ab1a78eac9ea00ec2b63d.jpg) e

<http://theredlist.com/media/.cache/database/films/cinema/1940/casablanca-/1468679918-033-casablanca-theredlist.jpg> Acesso em: 16 de nov de 2014.

O Peter ator interpretou, no cinema hollywoodiano, papéis sombrios, misteriosos, estranhos e perigosos. Um estrangeiro, um *outsider* em terra estadunidense que parecia encarnar bem papéis de vilão que o cinema americano lhe atribuía. No tocante a esse constructo social da vilania, Elias (2000) aponta que este se desdobra em oposição a nobre, termo vinculado aos guerreiros senhores de escravos em Atenas. O termo vilão acabou se atrelando a um grupo, ou pessoa designativa de moral baixa (grifo meu). O Peter esaviano se tornou herdeiro do ator húngaro. As hipóteses do apelido podem ser devido à sua singularidade ameaçadora, talvez relacionada também ao físico. Uma aparência poderia disparar a perseguição? Se vários estudantes herdavam

apelidos pela proximidade de aparência com os atores e atrizes do cinema da época, é muito provável que esse apelido, de fato, tenha relação com o ator húngaro.

Peter, ao que tudo indica, foi um estudante diferente dos demais, perseguido, acusado, destacado pelo jornal, exposto nas brincadeiras e acusações de colunas como “Venenos”, “Fatos e Boatos”, “Lar, doce Lar” e “Testamento do Judas” de 1951. Darei destaque às duas últimas colunas citadas, destacando que Testamento de Judas de 1951 foi a primeira aparição de Peter nas páginas do jornal **O Bonde**.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 94).

A matéria “Lar, doce Lar” começa feminilizando Peter Lorre. É possível indagar que se trata de outro autor assinando o texto como se fora Peter, uma atitude que evoca um modo de incomodá-lo, ao utilizar seu nome em uma matéria com toda uma conotação feminina. Pelo contexto, é perceptível o intuito de atribuir-lhe características de um bebê, ou de um garoto delicado, desprotegido. Trata-se de uma forma vigilante e uma tentativa de correção pela humilhação que sofrem todas as masculinidades periféricas ou subalternas, ao não se afirmarem pelos códigos esperados do modelo viril. Lembrando que, de acordo com Connell (1995, p. 261): “Masculinidades não hegemônicas existem em tensão com, mas nunca penetram ou impactam a masculinidade hegemônica”. Há, então, uma representação dualística das masculinidades.

Aliás, o constrangimento, para Peter, foi tão grande que o jornal logo tratou de se retratar em uma “ERRATA” publicada no número 95 do jornal que diz:

O Bonde, como os grandes jornais, é passível de engano. Mas todo erro, quando consertado, é justificado. Consertemos, portanto, que em vez de Manoel Martins Soares, como saiu nas Sociais do número passado, leia-se Heliodoro de Almeida Nabuco. Também retificamos o pseudônimo de “Lar, doce lar”. É ele Mater Mór e não Peter Lorre. A justificação é necessária, pois vinha trazendo bastante amolação a esse colega (LÔBO, 1951, p.4 - grifo nosso).

Assim, a não compreensão/assimilação desses códigos de sociabilidade e da masculinidade hegemônica pode fazer com que essas masculinidades periféricas ou subalternas sejam alvo de chacotas, constrangimentos, surras e humilhações públicas para que o sujeito aprenda como é que se deve comportar. É o que afirma Cortés (2004, p. 46):

(...) la peor humillación que un hombre puede sufrir, según la visión hegemónica de la masculinidad, es la que consiste en ser tratado como una mujer, es decir, ser poseído. Como consecuencia de estas ideas, es necesario negar o ocultar cualquier tipo de feminilidad (aquí entendida como cualquier atisbo de fragilidad, debilidad o pasividad) o de deseo por otros hombres".

A meu ver, existem, entre as masculinidades, uma mescla entre um espírito selvagem, um gosto pela caça de vítimas e o desejo de socialização entre estas, uma vontade de descarregar um ímpeto, fúria, de criar um inimigo, em se autenticar enquanto um não outro e ao mesmo tempo uma carência por afeto.

Por vezes, relembro dos garotos da Escola Família Agrícola que investiguei no período do mestrado e me vêm a cabeça as cenas de carinho, cumplicidade e afetividade. Dois garotos caminhando pela escola de mãos dadas, abraços apertados, entre outros, como deitar a cabeça no ombro do amigo no assistir dos seminários oferecidos pela minha pesquisa. Enfim, um contexto que, entre outras explicações, existia o fato de eles permanecerem por período quinzenal morando na escola e os outros quinze dias em casa, em período de alternância. Este é um dos fatores que aproxima aqueles garotos, ou seja, masculinidades que brincam, brigam e se amam. Talvez o contexto dos bondistas não seja tão distinto, já que, ao que tudo indica, eles pouco regressavam ao lar, geralmente permaneciam morando no alojamento ou na cidade de Viçosa até se formarem.

Esse aspecto da socialização inclui o ataque para demonstrações de virilidade. Ser homem é manter a vigilância constantemente em si e no outro homem. Por isso, a liderança e o controle fazem parte da sociabilidade, mesmo entre homens. Como em uma matilha, a liderança pela experiência, pela idade ou por algum outro privilégio faz

toda a diferença. A vigilância capturava os lobos mais desviantes da matilha, foi o que parece ter ocorrido com a brincadeira abaixo, em que Peter aparece como um desses lobos desviantes, alvo de brincadeiras maliciosas.



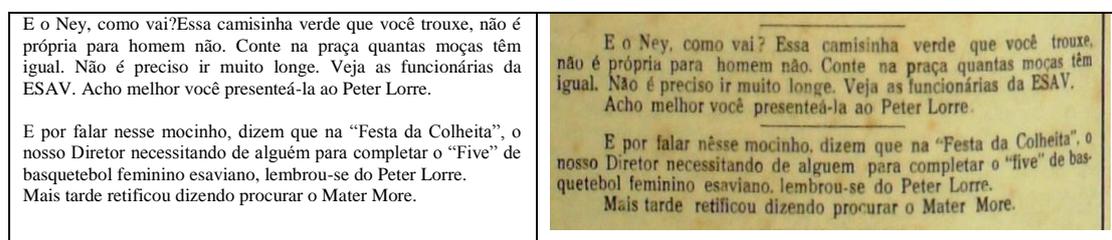
Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 92).

Numero 92	O BONDE	Página 5
Testamento do Judas de 1951		
<p>Eu, Judas Scariote, vacinado contra tifo pelo seu Germano; morador no paralelo 38, onde a calma reina; o piteusinho das mulatas; o colega de ondas do Zizinho; o frequentador noturno do aviário; o sócio das linguigas da D. Germana; o habitué do pomar; o proprietário de uma casa de cômodos na Lapa, cansado dos padecimentos na ESAV, onde, apesar de pagar mais, menos se come; subnutrido e anêmico, porque, o que servem no refeitório, nem o Hernane conseguiria comer: tristonho, entre aspas, com a saída do Secundino, resolvi desaparecer.</p> <p>Não usarei dos meios vulgares do suicídio; substitui-os por um lauto jantar Esaviano já começando a sentir os seus efeitos.</p> <p>Antes porém que exploda como uma bomba atômica, quero deixar meu testamento:</p>	<p>Ao Flávio e Maestri, os votos de boas vindas.</p> <p>Ao Nestôr, deixo uma lata de ... (Chico Maltema)</p> <p>Ao Dorofeef, a gravação "suicídio".</p> <p>A Da. Berta, uma chave.</p> <p>Ao Sargento Vavá Medina Sabiá, deixo um sorriso no elevadôr, um chupão do Estácio, um diploma de PDVI, o retrato de Evandro de Castro, e lembranças do Biriba.</p> <p>Ao Couceiro um encontro com Balalau.</p> <p>Ao Bitencourt, o meu enxoval de casamento.</p> <p>Ao Zú, uma voltinha com a Tânia.</p> <p>Ao Perúá, uma excursão á Abisínia.</p> <p>Ao Kunka, deixo umas tranças para se amarrar.</p> <p>Ao CC, o lugar de guarda noturno na Rua Sêca.</p> <p>Ao Guy, a papa do Zé de Alencar.</p>	<p>Ao Panterinha, uma camisa de força e o par de pernas do Mecônio.</p> <p>Ao Paliteiro, as memórias póstumas do Grainville.</p> <p>Ao Quati, a última edição do meu livro: "A mulher proibiu-me de beber".</p> <p>Ao Zumbi; a portaria da Escola.</p> <p>Ao Jujuba, dias de 48 horas para estudar.</p> <p>Ao Tumang, uma rampa menos forte.</p> <p>Ao Miquimba, a receita da Wanja: 20 kls. de chocolate, 40 de amendoim. Misturar e agitar antes de usar.</p> <p>Ao Guaiaca, um amortecedor de ronco e o romance: "De amor também se morre."</p> <p>Ao Piorreia, ensinamentos de como não encher as moças.</p> <p>Ao Murubeca, os olhos do Danilo.</p> <p>Ao Peter Lorre, uma dose de hormônios masculinos. (grifo meu).</p>

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 92).

O recorte apresenta uma brincadeira do estudante Oliveira (1951), que se intitula como Judas Escariote. O contexto diz de um determinado aluno que resolve desaparecer deixando seus pertences e qualidades para os colegas e, na lista de distribuição, sobra

para Peter Lorre “*uma dose de hormônios masculinos*”. O testamento²⁹ é apenas o primeiro de outros momentos em que Peter é perseguido. Há outros episódios de perseguição que também me chamaram a atenção, como na seção permanente “Venenos”.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 97).

O sujeito Peter é um possível microcosmo que enfrentou dificuldades em sua passagem pela escola, uma diferença e uma resistência na comunidade escolar masculina da época. Provável *outsider* masculino, entre tantos outros que podem ter sofrido com apelidos e diferenças. Pelos indícios que capturei ao longo do jornal a respeito desse estudante, tudo indica que Peter parece não se aproximar dos códigos de uma masculinidade hegemônica, causando comicidade e estranheza pelo seu jeito de ser. Uma masculinidade um tanto quanto desajustada aos olhos do coletivo masculino e que, talvez por isso, tornou-se um alvo de observação do jornal **O Bonde**. Como assevera Propp (1992, p. 60):

Há normas de conduta social que se definem em oposição ‘aquilo que se reconhece como inadmissível e inaceitável. Essas normas são diferentes para diferentes épocas, diferentes povos e ambientes sociais diversos. Toda coletividade, não só as grandes como o povo no todo, mas também coletividades menores ou pequenas - os habitantes de uma cidade, de um lugarejo, de uma aldeia, até mesmo os alunos de uma classe - possuem algum código não escrito que abarca tanto os ideais morais como os exteriores e aos quais todos seguem espontaneamente. A transgressão desse código não escrito é ao mesmo tempo a transgressão de certos ideais coletivos ou normas de vida, ou seja, é percebida como defeito, e a descoberta dele, como também nos outros casos, suscita o riso.

²⁹ O testamento de Judas, ou também chamado O Julgamento de Judas, Enforcamento de Judas, Queimação de Judas, é uma brincadeira que, no Brasil, ocorria em cidades do interior, na tradição popular. Antes da execução de Judas, no sábado de aleluia, é lido um testamento escrito em versos e que faz sátiras a pessoas e fatos locais. As pessoas escolhidas para as sátiras em versos são sempre aquelas que gostam de criar problemas ou que se metam na vida das pessoas, ou mesmo que tenham uma vida fora dos padrões locais. Maiores informações, acessar o site Jangada Brasil disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/abril20/cn20040b.htm> Acesso em: 27 de jan de 2016.

É importante salientar também que Peter destoava de uma masculinidade esaviana esportiva, aquela moldada pela prática da Educação Física, pelo time de futebol que era o centro das atenções, bem como destoava das diferentes masculinidades existentes na ESAV, a serem apresentadas nos próximos capítulos em recortes do jornal **O Bonde**, como pelas fotografias da Marcha Nico Lopes de 1951 que trazem as imagens de um cotidiano masculino estudantil de época.

4. POETAS, AGRÍCOLAS, BOÊMIOS, ESPORTISTAS, DELICADOS UM MOSAICO DE MASCULINIDADES NO JORNAL O BONDE.

Este é o capítulo em que as diferentes masculinidades presentes na ESAV/UREMG serão apresentadas. Os colaboradores do jornal **O Bonde**, bem como seus redatores, capturaram essas diferentes subjetividades que compunham o mosaico de estudantes no qual uma das masculinidades se tratava justamente deles próprios, os literatos ou poetas, especialidade de uma masculinidade culta, escritora, quase poetas natos dos acontecimentos cotidianos. Também havia os esportistas (os colegas “bons de bola”, “craques” que brilhavam no time da escola e levavam o nome da instituição em campeonatos regionais e estaduais). No rol dos indizíveis, existiam os delicados cuja masculinidade, em um grupo masculino, torna-se uma subjetividade indesejada ou, no mínimo, atacada por brincadeiras e perseguições.

4.1 - Agrícolas, boêmios e poetas

Seffner (2003) aponta que a construção das diferentes masculinidades ocorre no mesmo espaço social, ou seja, da família, da escola, da comunidade. O que torna possível essa pluralidade construtiva é a pluralidade de cotidianos, de caminhos que alguns homens perseguem ao longo de sua trajetória de vida. Isso nos oferece, enquanto estudiosos das masculinidades, um pressuposto de que nem a masculinidade hegemônica existe de um único modo, de maneira que podemos afirmar que as masculinidades hegemônicas são diversas. Por isso, o leitor poderá perceber que, pelos recortes do jornal que trago neste capítulo, é possível identificar diferentes masculinidades, mas algumas diferenças dentro da mesma categoria.

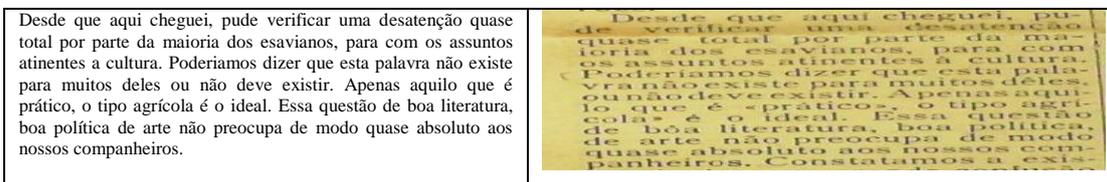
A relação de diferenciação dentro do jornal garantia certo poder de uma masculinidade poeta-literária que tecia críticas à masculinidade agrícola, um rechaço que teve por base o binômio simbólico entre teoria e prática ou racionalidade e corpo. Estas, por exemplo, são duas masculinidades que poderiam ser consideradas duas diferenças dentro da mesma categoria hegemônica. É importante expressar que esses estudantes, tidos como bons para o trabalho manual, aptos ao manejo das práticas agrícolas, não eram indesejados na construção da masculinidade, muito pelo contrário, criticá-los fazia parte do jogo de afirmação da identidade literária dos bondistas.

Na edição de número cinco do jornal de 1945, aparece uma interessante discussão sobre as diferentes masculinidades existentes na escola. De fato, é preciso conhecê-las, identificá-las para poder aproximar-me dessas relações de construção que não são harmônicas, mas sim conflituosas e disputadas. A pluralidade dessas masculinidades é bem exemplificada com os agricultores e os literatos-poetas, ou seja, duas masculinidades, duas convivências destacadas pelos bondistas. Entre essas masculinidades, não é difícil perceber que os bondistas se identificavam como pertencentes aos poetas/literatos, diferenciando-se dos agricultores por um jeito de se comportar e pensar mais estético e, os agricultores, por conseguinte, diferenciavam-se dos “mocinhos de avenida” cuja indumentária era perfeitamente cuidada. Segue uma matéria do jornal na qual aparece a existência e a relação entre essas masculinidades na escola e como os bondistas discursavam em prol de uma crítica à masculinidade agrícola.

<p style="text-align: center;">O agricultor e a poesia</p> <p style="text-align: center;">Joel da Silveira</p> <p>- Que é a poesia? - É uma conversa mole, sem nenhum resultado prático. É um amontoado de frases bonitas, repassadas de sentimento, onde o bardo lamenta a ausência de sua bem amada. É um conjunto de palavras rimadas, nas quais o vate, abusando da liberdade poética, diz os maiores absurdos. Estas são as respostas do “agricultor”.</p> <p>A poesia é a causa mais desclassificante para o alto espírito que o anima. Aquele só é admissível para o adolescente que encara a vida como sonhos cor-de-rosa. Poesia é tolerável, apenas, para as jovens que vêm delineada, em cada ator de cinema, a figura de seu príncipe encantado. A poesia deve ser cultuada apenas pelos boêmios dos cafés. Noites a fio. Alcool. Música do rádio. Confidências. Poesia... Rimas e mais rimas. E o “agricultor” se perde nestas cogitações. Numa generalização audaciosa, ele conclui que esta sublime arte foi criada para qualquer um, excetuando o “agricultor”. Segue sua rota. Vai indiferente às vozes que o cercam, cioso do seu dever de restaurador da agricultura nacional. Analisando-o, vemos que o seu espírito agrícola consta do seguinte: Andar mal vestido, apregoando aos quatro ventos seu gosto antiestético e sua despreocupação pelas regras mais elementares de boas maneiras. Assistindo a uma aula prática de anatomia, suja-se todo com o sangue do animal abatido. Só assim será “agricultor”. O bom “agricultor” nunca usa gravata. Esta foi feita apenas para mocinho de avenida. O bom “agricultor” nunca usa o paletó, indo ao cinema em mangas de camisa.</p> <p style="text-align: right;">(Continua na 4ª página)</p> <p style="text-align: center;">(conclusão)</p> <p>Com grande orgulho o “agricultor” ostenta sua bota, inseparável até nos bailes. Só conversa em agricultura; este assunto vem à baila, mesmo quando está dansando. E assim, faz muitas outras coisas ditadas pelo seu retrógrado encéfalo. Esta mentalidade precisa ser mudada. Felizmente muitos progressos têm sido feitos.</p>	<p style="text-align: center;">O agricultor e a poesia</p> <p style="text-align: center;">JOEL DA SILVEIRA</p> <p style="text-align: center;">— Que é a poesia ?</p> <p>— É uma conversa mole, sem nenhum resultado prático. É um amontoado de frases bonitas, repassadas de sentimento, onde o bardo lamenta a ausência de sua bem amada. É um conjunto de palavras rimadas, nas quais o vate, abusando da liberdade poética, diz os maiores absurdos. Estas são as respostas do «agricultor».</p> <p>A poesia é a causa mais desclassificante para o alto espírito que o anima. Aquele só é admissível para o adolescente que encara a vida como sonhos cor-de-rosa. Poesia é tolerável, apenas, para as jovens que vêm delineada, em cada ator de cinema, a figura de seu príncipe encantado. A poesia deve ser cultuada apenas pelos boêmios dos cafés. Noites a fio. Alcool. Música do rádio. Confidências. Poesia... Rimas e mais rimas. E o «agricultor» se perde nestas cogitações. Numa generalização audaciosa, ele conclui que esta sublime arte foi criada para qualquer um, excetuando o «agricultor». Segue sua rota. Vai indiferente às vozes que o cercam, cioso do seu dever de restaurador da agricultura nacional. Analisando-o, vemos que o seu espírito agrícola consta do seguinte: Andar mal vestido, apregoando aos quatro ventos seu gosto antiestético e sua despreocupação pelas regras mais elementares de boas maneiras. Assistindo a uma aula prática de anatomia, suja-se todo com o sangue do animal abatido. Só assim será «agricultor». O bom «agricultor» nunca usa gravata. Esta foi feita apenas para mocinho de avenida. O bom «agricultor» nunca usa o paletó, indo ao cinema em mangas de camisa.</p> <p style="text-align: right;">(Continua na 4ª página)</p> <p style="text-align: center;">(Conclusão)</p> <p>Com grande orgulho o «agricultor» ostenta sua bota, inseparável até nos bailes. Só conversa em agricultura; este assunto vem à baila, mesmo quando está dansando. E assim, faz muitas outras coisas ditadas pelo seu retrógrado encéfalo. Esta mentalidade precisa ser mudada. Felizmente muitos progressos têm sido feitos.</p>
---	---

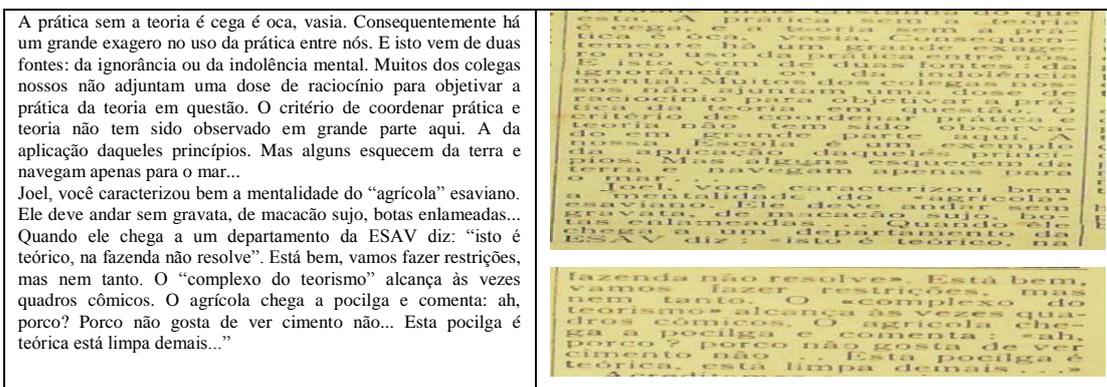
Fonte: Jornal O Bonde (Ano 1945. Número 5).

Além desse texto de caracterização do que vem a ser o agrícola, é possível perceber o reforço das palavras de Joel da Silveira por Athaíde (estudante do curso médio de Agricultura e fundador do jornal) que aponta a seguir uma crítica a respeito da cultura dos colegas esavianos: trata-se de um rechaço ao excesso de prática em detrimento da cultura na escola.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1945. Número 6).

Athaíde continua sua defesa em prol da não fragmentação entre teoria e prática, “assinando em baixo” a favor das palavras do colega Joel e as críticas feitas sobre os modos agrícolas.



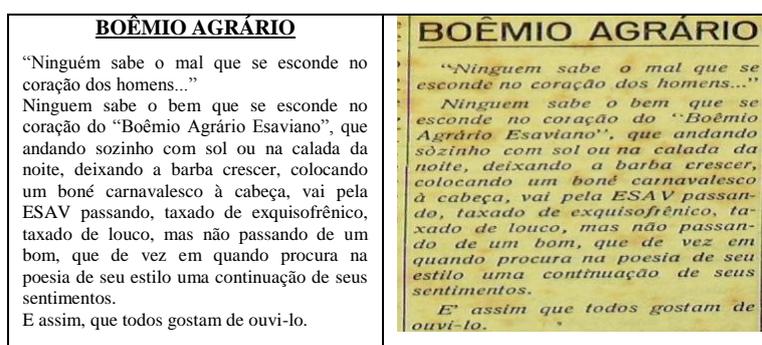
Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1945. Número 6).

Assim, não apenas reforça a dualidade entre as masculinidades existentes, como aponta para o que ele chama de “complexo de teorismo” que seria a exigência de explicação para tudo. A exigência de introdução a tudo que se faz na vida, algo que não apetecia aos agrícolas, um preconceito ao tipo de conhecimento prático do estudante mais voltado para a prática agrícola e tido como ideal para essa função. Logo, essa masculinidade seria mais resistente à teoria, segundo o jornal.

O discurso do jornal acima apresenta esses tipos de masculinidades que vão diferenciando um grupo do outro como dois universos distintos. No caso da escola, com os garotos, o aspecto da divisão envolveria o saber que está ligado ao poder. O espaço de saber científico separava os esavianos agrônomos do curso superior dos outros estudantes como dos cursos elementares. Sem contar que quem escrevia **O Bonde**, os literários como eles se intitulavam, abriam essa divisão que distinguia os dois

grupos de masculinidades. Porém, não era só isso, pois também o corpo e os tipos de indumentárias seriam elementos fundamentais dessas distinções sociais estudantis.

A distinção pela indumentária ocorria em relação ao estudante agrícola que não possuía tanto cuidado com seu asseio, dadas as circunstâncias de sua prática na escola, de contato direto com o sangue do animal morto causando um aspecto visual desagradável. Este tampouco comparecia aos bailes utilizando gravatas, o que reforçava o estereótipo do bom agrícola. A imagem de que, dentro dessa divisão, o bom agrícola era mesmo o que nunca usava gravata, nem mesmo para ir a um baile. Esse estudante, ao que parece, seria classificado como o ser rústico, de praticidade acima do normal e pouco cultural, totalmente diferente dos mocinhos de avenida e também dos poetas escritores do jornal. Ao longo da leitura do jornal, encontrei uma matéria intitulada: Boêmio Agrário que se repete umas três vezes e que parece contradizer a aversão do agrícola para com a poesia, os sentimentos, a boemia.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1952. Número 110).

Certamente, a masculinidade agrícola é a masculinidade mais entoada e classificada pelo jornal. Devido à sua indumentária e seu modo peculiar de vivenciar a identidade masculina, os estudantes classificados como os agrícolas práticos, por vezes boêmios e rústicos, colocavam-se em uma posição de julgamento e comicidade aos olhos da masculinidade literária. Barduni Filho, Lopes, De Souza e Pereira (2014, p. 80) descrevem essa relação entre as masculinidades, bem como apontam para outras que eram problemáticas no campus, como era o caso já mencionado anteriormente de Peter Lorre:

(...) o dedicar-se à literatura era considerado uma prática sentimentalista, provavelmente associada aos interesses mais femininos, enquanto o trabalho científico sobre a terra se apresentava como sendo um exercício mais sério e mais masculino. Por sua vez, havia aqueles que entendiam a literatura como elemento partícipe da formação do sujeito esaviano e não apenas um lance de emotividade. Essas duas masculinidades - a do literato e a do agrícola - de

tempos em tempos se digladiavam no jornal, sendo muitas vezes o agrícola ridicularizado pelo **O Bonde**. Contudo, enquanto estas referidas masculinidades eram aceitas no convívio do campus, outras se tornavam problemáticas pelo fato de não se enquadrarem nos padrões da época e muito menos nos padrões do “Espírito Esaviano”.

Peter Lorre seria uma masculinidade deslocada nesse contexto masculino, um sujeito que carregou características destoantes tanto dos literários quanto dos agrícolas. Ao que tudo indica, ele não parecia agrícola, nem literário e tampouco parecia se enquadrar como mocinho de avenida. Então, quem seria Peter senão uma diferença que não se pode classificar? Uma masculinidade fugidia!

Existia um projeto de ser homem na sociedade dos bondistas e, como assinala Guash (2006, p. 21): “Hay que entender la masculinidad como el resultado de estructuras de género que organizan la masculinidad y los roles de los varones, al margen de que cumplan o no los modelos socialmente previstos para ellos”.

Neste trabalho, é preciso compreender que as masculinidades são reguladas por uma estrutura de gênero de época, bem como as demandas sociais que estão sendo impostas sobre a construção daquela época, embora não seja nenhum equívoco afirmar que, historicamente, a masculinidade sofre pelo peso da *responsabilidade*. A responsabilidade é algo relacionado com a vida adulta, com o trabalho. Os bondistas, sobretudo quando estavam prestes a sair da condição de estudantes para o mundo do trabalho no campo ou nas empresas, sentiam esse “peso”, mostrando como a responsabilidade era e ainda é um elemento chave na construção masculina, já que responsabilidade está atrelada com a ideia de emprego, sobrevivência e manutenção do lar. Esse elemento aparece na matéria “Vida Prática”, na qual o peso da responsabilidade é bem descrito por eles.

<p>Realmente, trata-se de uma experiência nova. Mudar de estudante a profissional inclui, por certo, novas responsabilidades, novas habilidades, principalmente a habilidade de tratar o próximo — a exploração de um novo ângulo da vida — não há dúvida de que se trata de uma experiência totalmente nova! O moço vai começar a se tornar homem, começar a formar, ao seu redor, sua própria esfera de vida, começar a depender de si ao em</p>	<p>Veza de trilhar os caminhos previamente traçados pelas mãos carinhosas dos pais. Irá despir-se da magia da palavra estudante — à qual a sociedade permite e desculpa quase tudo — para vestir-se da responsabilidade de profissional e iniciar a colocação das primeiras pedras que irão formar seu mundo. Contudo, não é preciso temer, não é preciso ficar procurando soluções para difíceis problemas hipotéticos que, provavelmente, nunca surgirão. Só se deve atacar um problema depois que ele surge e, um dos maiores erros do homem, é ficar despendendo energia em busca de soluções que, frequentemente, não serão necessárias. “Ser homem é precisamente ser responsável; é sentir que quando se assenta uma pedra, se está concorrendo para construir o mundo” (Saint Exupery), portanto não há porque temer as responsabilidades, nem as reações que delas advirão. E bem de ver, por outro lado, que o agrônomo sai da Escola com um lastro de conhecimentos assaz suficiente para sua vida profissional. No que tange ao agrônomo extensionista, estes conhecimentos vão muito além do que ele aplicará em toda sua vida, tal o atraso de nossa agricultura real. O roceiro simplório, contudo, apesar de atrasado, ensinar-lhes-á muita coisa prática, de grande utilidade em nossa profissão, portanto, nunca substituem suas observações, por mais estranhas que pareçam.</p>	<p>Realmente, trata-se de uma experiência nova. Mudar de estudante a profissional inclui, por certo, novas responsabilidades; novas habilidades, principalmente a habilidade de tratar o próximo — a exploração de um novo ângulo da vida — não há dúvida de que se trata de uma experiência totalmente nova! O moço vai começar a se tornar homem, começar a formar, ao seu redor, sua própria esfera de vida, começar a depender de si ao em</p>	<p>A vez de trilhar os caminhos previamente traçados pelas mãos carinhosas dos pais. Irá despir-se da magia da palavra estudante — à qual a sociedade permite e desculpa quase tudo — para vestir-se da responsabilidade de profissional e iniciar a colocação das primeiras pedras que irão formar seu mundo. Contudo, não é preciso temer, não é preciso ficar procurando soluções para difíceis problemas hipotéticos que, provavelmente, nunca surgirão. Só se deve atacar um problema depois que ele surge e, um dos maiores erros do homem, é ficar despendendo energia em busca de soluções que, frequentemente, não serão necessárias. “Ser homem é precisamente ser responsável; é sentir que quando se assenta uma pedra, se está concorrendo para construir o mundo” (Saint Exupery), portanto não há porque temer as responsabilidades, nem as reações que delas advirão. E bem de ver, por outro lado, que o agrônomo sai da Escola com um lastro de conhecimentos assaz suficiente para sua vida profissional. No que tange ao agrônomo extensionista, estes conhecimentos vão muito além do que ele aplicará em toda sua vida, tal o atraso de nossa agricultura real. O roceiro simplório, contudo, apesar de atrasado, ensinar-lhes-á muita coisa prática, de grande utilidade em nossa profissão, portanto, nunca substituem suas observações, por mais estranhas que pareçam.</p>
--	---	--	---

Fonte: **O Bonde** (Ano 1956. Número 175).

A partir da frase: “*Irá despir-se da magia da palavra estudante - à qual a sociedade permite e desculpa quase tudo - para vestir-se da responsabilidade de profissional*”, podemos pensar que, enquanto estudantes, os garotos se sentiam protegidos, “desculpados” pela “inexperiência” juvenil, porque é muito bom ser adolescente e ser estudante significa estar protegido pela rede de colegas e pela instituição ESAV. A despeito de que a escola fosse compreendida como um rito de passagem, uma preparação para uma nova fase na vida desses garotos, a responsabilidade é circunscrita em provas e práticas que, segundo a matéria, conferem um saber suficiente para não temer os desafios por vir.

Também com a frase: “*o moço vai começar a se tornar homem*” e “*ser homem é precisamente ser responsável*”, somos convidados a pensar que a formatura é vista pelos bondistas como precisamente esse ritual de transposição entre uma meninice da experimentação e a adulez da racionalidade. Um ritual de responsabilidade masculina

que imputava ao portador do título de engenheiro agrônomo a função de extirpar o atraso da agricultura brasileira. Trata-se de uma missão enobrecedora que esse homem, liderança responsável, deveria enfrentar sem medo, afinal, ele fora preparado moral e racionalmente por uma instituição de ponta.

A responsabilidade, vista como um dos atributos de maior importância para a construção da masculinidade hegemônica tem a ver com a passagem pela escola, como na frase da matéria acima: *“O moço vai começar a se tornar homem”*. Ora, esta é uma frase que coloca em paralelo o tornar-se homem com o fato de este passar pelas responsabilidades e rituais de uma instituição de ensino cuja formação lhe possibilitaria a sua independência, tornando-o, assim, um homem provedor de si e de sua futura família, o que coroaria todo o caminho até a masculinidade hegemônica.

Na frase *“O roceiro simplório, contudo, apesar de atrasado, ensinar-lhes-á muita coisa prática, de grande utilidade em nossa profissão”*, fica o convite para pensarmos uma relação de valorização da teoria sobre a prática, da razão científica sobre a cultura popular, de uma masculinidade dominante sobre outras tidas como subalternas. Em que pese o fato de que o roceiro fosse valorizado por sua habilidade prática, ele não deixa de ser classificado em uma hierarquia na qual o saber teórico do agrônomo é superior. Homens que comandam e homens que são comandados. Embora esse roceiro, como apontam, apesar de simplório, possuir uma gama de conhecimento da prática que, para eles, é fundamental, a mecânica do dia-a-dia, os truques, os detalhes são atributos de quem vivencia a prática e esta deve, segundo a matéria, ser apropriada nessa relação do engenheiro e o nativo do campo.

Por falar em liderança, aparece uma matéria intitulada: *“Será esta a sua oportunidade?”* publicada no jornal de 02 de abril de 1949, assinada por A. Secundino São José, uma colaboração especial vinda de um dos chefes da instituição. A matéria versa sobre a constituição do espírito sadio, de luta e de moral em que faltariam para verdadeiros homens, guias para a coletividade humana. O autor, que sinaliza que os esavianos fazem parte de um núcleo contra a resistência à degradação, termina a matéria dizendo: *“Você, Esaviano, está num ambiente formador de líderes. Está fadado a ser um deles”* (p.6).

A razão faz parte desse projeto de liderança, de trabalho, do mundo laboral enquanto fruto de um período chamado de Iluminismo, “século das luzes”, que implantou o entusiasmo pela ciência e progresso. É algo masculino, tornando-se o reflexo e a imagem do pensamento moderno. Essa dualidade cartesiana entre a

racionalidade e a irracionalidade coloca a razão como pertença de uma masculinidade hegemônica em oposição à dita natureza feminina da emoção e sensibilidade. Seidler (2000, p. 23) diz que “la teoría social se ha de convertir en un aspecto de los intentos de la civilización por definirse como un rasgo de la modernidad y de su lucha contra la naturaleza”.

A busca pela razão é algo tão premente no nosso cotidiano que os saberes tradicionais, populares, do homem do campo, não são considerados legítimos, bem como a emoção está relacionada ao mundo feminino e, conseqüentemente, como sendo um aspecto de perda de controle. Presente entre homens se torna coisa de maricas, de desviantes e a sociedade racional não admite o descontrole emocional justamente por ser algo destituído da razão. Como aponta Guash (2006, p. 73),

El miedo de las emociones es análogo al miedo a la naturaleza y sus arrebatos. Se piensa que las emociones forman parte de la naturaleza y que, como ella, son peligrosas por imprevisibles y por caóticas. De ahí se sigue la necesidad de reglamentar, civilizar y racionalizar a quienes se piensa que están bajo su influjo: a los negros y a los primitivos, a los niños y a las mujeres, ya a cualquiera que se hurte al dominio de la razón (en especial a los obreros y a las masas, pero también a los locos).

A razão que domina a sociedade moderna está nas mãos de homens que se denominam como responsáveis pelo desenvolvimento da sociedade, principalmente comparando e valorizando a masculinidade em relação à feminilidade. A razão/racionalidade é um *constructo* que pertence ao marido, namorado, noivo, irmão etc. A mulher, dentro da visão cartesiana racionalista, só se constitui como complemento do homem.

A passagem da vida estudantil de cujo cotidiano fazem parte as experiências, as alegrias, as chacinhas, as brincadeiras, para o dito “mundo da responsabilidade” significa “dar um tempo” nos sentimentos, nos desejos e nas emoções para fazer jus à imagem de responsabilidade esperada nessa nova fase. É como Seidler (2000, p. 45) diz: A medida que hacemos todo lo que podemos por construirmos de acuerdo con un ideal racionalista, aprendemos a hacer a un lado y eliminar emociones y deseos que no encajan con el ideal que nos hemos fijado.

Ainda refletindo sobre a matéria “Vida Prática”, esta remete ao mundo laboral masculino. Como a falta de emprego é um dos maiores problemas que pode ocorrer ao homem na sociedade moderna, a conquista de um posto de trabalho é a corroboração do sucesso dentro dessa sociedade racional. Um homem sem emprego é visto como

fracassado, vagabundo. Tornando-se estigmatizado socialmente, ele perde a capacidade de sujeito dominante do espaço público, ao qual deveria levar seu conhecimento tecnológico/científico/racional e desenvolver esse espaço culturalmente destinado para si e para os companheiros homens. Por isso, qualquer crise econômica que afete o mundo do trabalho afetará, automaticamente, a masculinidade hegemônica e sua arquitetura dominante. Neste momento, recordo-me da composição do álbum Alô, Alô Brasil (*Um homem também chora guerreiro menino*) de Gonzaguinha (1989) que canta:

*Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E vida é trabalho*

*E sem o seu trabalho
O homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata*

O mundo do trabalho torna-se, assim, tão vital para o homem como a manutenção de sua honra e virilidade. A seguir, apresento aos leitores uma das publicações de Garoto Viçoso, para mostrar o sentido humorístico um tanto quanto sarcástico e irônico com determinado colega como, de fato, é a característica dessa seção. Garoto Viçoso proporciona um olhar atento para o modo como as masculinidades eram retratadas e os aspectos mais valorizados, elementos de personalidade mais nobres e condizentes com uma vida em coletivo ou a favor de uma individualidade respeitada entre os colegas.

GAROTO VICOSO ... DA ESAV

E.F

Já falamos aqui de alunos de quase todos os cursos. Talvez por falta de conhecimentos lá no M1, nenhum dos seus alunos teve a honra (sair no **bonde** é honra) de se ver retratado nas nossas colunas. Pois bem, hoje trataremos de um “embrião” daquele curso e que no ano passado fez o Elementar. É de fato um garoto e para tanto, demonstra-o as suas peraltices. Sua altura é de 1,68m mais ou menos, olhos castanhos de boneca, lábios tentadores de moça, compleição feminina como atestam os seus traços delicadíssimos. Apesar de tudo ele é fortezinho pois até o futebol ele pratica. É de se notar que na linha intermediária é uma barreira. Também pudera, quem teria audácia de tocar-lhe, ele todo delicado, tão feminil!...

Como o Enxó, é duro de ser tolerado. Gosta de “encher” os colegas e o pior é que se seu desejo sempre é satisfeito e até demais.

Todo mundo sabe que não gostamos de nos meter na vida particular de quem quer que seja. Mas falemos um pouquinho da sua vida romântica. Neste particular é um felizardo. Prendeu o coração boníssimo de uma linda morena. Pensamos às vezes, como pode uma garota linda se prender a um garoto, sobre o qual tem verdadeira influência, trazendo-o num “cortado” incrível. O homem precisa ter força suficiente de domínio. Ele fala não ser sincero, mas em noites enluaradas, é o Nemésio que ouve as suas confidências e como ama este infeliz. Garoto, ouça o nosso conselho: mude o seu temperamento, porque senão... Bem, não temos nada com isso e já nos metemos demais.

O leitor, por certo estará pensando nas iniciais E.F.. Quem será? Edilberto Frota? Não. E, por haver esta coincidência de iniciais é que diremos: O Edilberto Frota é do S7 e o Eley Filgueiras (TAXINHA) é do M1.

E.RADO

GAROTO VICOSO ... DA ESAV

E. F.

Já falamos aqui de alunos de quase todos os cursos. Talvez por falta de conhecimentos lá no M1, nenhum dos seus alunos teve a honra (sair no **bonde** é honra) de se ver retratado nas nossas colunas. Pois bem, hoje trataremos de um “embrião” daquele curso e que no ano passado fez o Elementar. É de fato um garoto e para tanto, demonstra-o as suas peraltices. Sua altura é de 1,68 m mais ou menos, olhos castanhos de boneca, lábios tentadores de moça, compleição feminina como atestam os seus traços delicadíssimos. Apesar de tudo ele é fortezinho pois até o futebol ele pratica. É de se notar que na linha intermediária é uma barreira. Também pudera, quem teria audácia de tocar-lhe, ele todo delicado, tão feminil!...

Como o Enxó, é duro de ser tolerado. Gosta de “encher” os colegas e o pior é que seu desejo sempre é satisfeito e até demais.

Todo mundo sabe que não gostamos de nos meter na vida particular de quem quer que seja. Mas falemos um pouquinho da sua vida romântica. Neste particular é um felizardo. Prendeu o coração boníssimo de uma linda morena. Pensamos às vezes, como pode uma garota linda se prender a um garoto, sobre o qual tem verdadeira influência, trazendo-o num “cortado” incrível. O homem precisa ter força suficiente de domínio. Ele fala não ser sincero, mas em noites en-

luaradas, é o Nemésio que ouve as suas confidências e como ama este infeliz. Garoto, ouça o nosso conselho: mude o seu temperamento, porque senão... Bem, não temos nada com isso e já nos metemos demais.

O leitor, por certo, estará pensando nas iniciais E.F.. Quem será? Edilberto Frota? Não. E, por haver esta coincidência de iniciais é que diremos: O Edilberto Frota é do S7 e o Eley Filgueiras (TAXINHA) é do M1.

Parabéns pela volta do nosso semanário à circulação. Pelo feito novo que apresenta, pela variedade e distribuição dos assuntos, o que é uma prova do entusiasmo. (Continua na 4ª página)

Parabéns pela volta do nosso semanário à circulação. Pelo feito novo que apresenta, pela variedade e distribuição dos assuntos, o que é uma prova do entusiasmo. (Continua na 4ª página)

Parabéns pela volta do nosso semanário à circulação. Pelo feito novo que apresenta, pela variedade e distribuição dos assuntos, o que é uma prova do entusiasmo. (Continua na 4ª página)

Parabéns pela volta do nosso semanário à circulação. Pelo feito novo que apresenta, pela variedade e distribuição dos assuntos, o que é uma prova do entusiasmo. (Continua na 4ª página)

E. RADO

Fonte: Jornal **O Bunde** (Ano 1946. Número 22).

Destaco da matéria à frase “*É de fato um garoto e para tanto, demonstra-o as suas peraltices*”. A peraltice é uma qualidade do universo masculino, sinônimo de malandragem, astúcia e de moleque arteiro. São características do gênero masculino. Guash (2006, p. 30) destaca que

El género es anterior a las personas, las precede, y las sociedades, aún antes de ricibir las, ya conspiran sobre cómo deben ser. En función del sexo biológico (que es otra construcción social) se generan expectativas respecto a la identidad social y personal de varones y mujeres (p.30).

Podemos apontar que o gênero ocorre numa relação social, de maneira que o gênero masculino se constrói na afirmação da estripulia, malandragem, astúcia e aventura, quanto mais o gênero se confirma pelo olhar do grupo em nível de correspondência. A matéria ironiza a feminilidade do garoto do M1 que, embora seja considerado fortezinho, é feminil. No trecho: “*como pode uma garota linda se prender a um garoto, sobre o qual tem verdadeira influência, trazendo-o num “cortado” incrível. O homem precisa ter força suficiente de domínio*”, é apresentado como o homem não deve se deixar dominar pela mulher. O controle é masculino e se torna um desqualificador se for perdido pelo homem, que se torna um fraco socialmente e um alvo de suspeitas por sua sexualidade.

A seção Garoto Viçoso representa, em linhas gerais, um entretenimento de cunho classificador dos estudantes: o mais bonito, o mais chato, o mais impertinente, o mais fofoqueiro etc. Guash (2006, p. 45) vai dizer que: “La masculinidad se basa en el ejercicio del poder, de tal manera que la masculinidad de “A” siempre se construye sobre (es decir: dominando) la masculinidad de “B”. Ao meu ver, Garoto Viçoso da ESAV trata-se de uma disputa em tom de brincadeira que produz humor pelo discurso do que se espera de uma masculinidade e o que se encontra na prática cotidiana de alguns deles. Ou seja, a aproximação ou o distanciamento das características masculinas hegemônicas expondo, além do aspecto físico, o aspecto comportamental (caráter) do garoto. Os relatos dessa seção tanto podiam exaltar positivamente o colega quanto rotulá-lo negativamente.

Ao longo das páginas do jornal, as qualidades e os segredos constituem uma rede de ditos e não ditos que brincava com o escolhido da vez. O eleito aparecia entre os elementos do biológico-corpo, personalidade, sexualidade etc. A aproximação ou a exclusão de um determinado estudante pelo comportamento, conduta, ideias e relacionamentos, muitas das vezes, deixavam rastros da fofoca no ar pelo fato de este ainda não ter namorada, ou pela amizade excessiva por determinado esaviano, por suas manias estranhas, pela falta de higiene, por se achar cômico sendo totalmente sem graça, por seu lado sovina, por ser brigão, entre outras peculiaridades. Todavia, também aparecia a exaltação de sua capacidade de conquista, da popularidade entre as garotas, da sua beleza masculina, ou por ter uma personalidade marcante, que o faziam respeitado entre os colegas da escola.

Na matéria “Garoto Viçoso... da ESAV”, a frase: *“até o futebol ele pratica”* ironiza a superação de um garoto de imagem feminil. O mundo do esporte pertence a uma comunidade agregada pela força, competitividade, virilidade, reconhecimento que vem em forma de status de craque pelos outros garotos. Em *“fulano é bom de bola, vamos chamá-lo para nosso time”* mostra que é assim que o jogo começa e não em campo. O início do ritual se dá pela escolha feita dos colegas. Na frase *“mude o seu temperamento, porque senão... Bem, não temos nada com isso e já nos metemos demais”*. Trata-se de uma rechaça pública de como deveria o aluno agir, ou seja, como um homem de atitudes impecavelmente acima de qualquer suspeita!

O futebol volta como uma marca da matéria avulsa intitulada como “Caneladas”. Trata-se de uma complementação da seção “Esportes”, na qual se descrevem os bastidores das partidas de futebol ocorridas no campus e fora dele com a participação

dos estudantes. No futebol, aparecem características que envolvem força física como a “marcação cerrada” que fica como um lado ambíguo do esporte, uma mescla de contatos e afetos permitidos e de agressões aos corpos que são inaceitáveis diante da equipe rival, mas que podem fazer do agredido um herói em campo e fora dele. Os xingamentos que são censurados pelos pais e pela escola são permitidos nesse esporte, um quase vale tudo, se não fosse pelos cartões que regulam e pelo juiz que tenta comandar a guerra.

<p style="text-align: center;">CANELADAS Antônio Conselheiro</p> <p>- “Football é ou não é para homem?” Essa é a frase de guerra e depois dela pronunciada, vamos “tacar os ferros”.</p> <p>Pois bem, essa crônica é destinada a um jogador que era um exemplo e que se contaminou pela “Murilae Stupidarum”. Nós já tivemos ocasião de provar matematicamente que os jogadores quando largam a brutalidade e jogam bola, a produção é 100% maior. (Não é, Murilo?!)</p> <p>Ontem na partida você, Beija-Flor, tipo de jogador limpo e correto, procurando acertar jogadores adversários, e quantas vezes, perdendo a bola para vizar o inimigo. Como consequência disto, a sua produção que estava sendo boa, decaiu depois que você iniciou a tourada, chegando ao ponto de você no fim não parecer o mesmo B. Flor que sempre foi considerado um crack.</p> <p>Foi este o espírito que se criou em torno de você, e que culminou com os “upercuts” do fim do jogo. Você pode ter errado, como errou na agressão ao seu antagonista e até ai nós estamos contra você, mas o que se deu depois, no que diz respeito ao seu afastamento do nosso esporte, motivada por uma explosão injustificável de um companheiro que tinha como você molhado a comisa verde e branca da ESAV, estamos solidários com você. Si você não teve educação esportiva, não era também para ser desfeito em público como o foi. – “A Cesar o que é de César”, mas em seu lugar, tempo e hora. Acabemos com esse totalitarismo dos “donos” de times, com as decisões arbitrárias e egocêntricas de um só, ou então, onde se escondeu o decantado Espírito Esaviano?</p>	<p style="text-align: center;">CANELADAS Antônio Conselheiro</p> <p>— “Football é ou não é para homem?” Essa é a frase de guerra e depois dela pronunciada, vamos “tacar os ferros”.</p> <p>Pois bem, essa crônica é destinada a um jogador que era um exemplo e que se contaminou pela “Murilae Stupidarum”. Nós já tivemos ocasião de provar matematicamente que os jogadores quando largam a brutalidade e jogam bola, a produção é 100% maior. (Não é, Murilo?!)</p> <p>Ontem na partida você, Beija-Flor, tipo de jogador limpo e correto, procurando acertar jogadores adversários, e quantas vezes, perdendo a bola para vizar o inimigo. Como consequência disto, a sua produção que estava sendo boa, decaiu depois que você iniciou a tourada, chegando ao ponto de você no fim não parecer o mesmo B. Flor que sempre foi considerado um crack.</p> <p>Nós chegamos a pensar que você era o Souza.</p> <p>Foi este o espírito que se criou em torno de você, e que culminou com os “upercuts” do fim do jogo. Você pode ter errado, como errou na agressão ao seu antagonista e até ai nós estamos contra você, mas o que se deu depois, no que diz respeito ao seu afastamento do nosso esporte, motivada por uma explosão injustificável de um companheiro que tinha como você molhado a comisa verde e branca da ESAV, estamos solidários com você. Si você não teve educação esportiva, não era também para ser desfeito em público como o foi. – “A Cesar o que é de César”, mas em seu lugar, tempo e hora. Acabemos com esse totalitarismo dos “donos” de times, com as decisões arbitrárias e egocêntricas de um só, ou então, onde se escondeu o decantado Espírito Esaviano?</p>
---	--

Fonte: Jornal: **O Bonde** (Ano 1946. Número 34).

A crônica acima diz respeito à queda de rendimento de um determinado aluno tido como “bom de bola”, corroborando para a ligação construída subjetivamente do homem com esse esporte, como natural da prática masculina. A expressão: “*football é ou não é para homem?*” coaduna com a análise de Nolasco (1993, p. 103), quando este aponta que:

Expressões como “eu sou homem”, “eu sou é macho”, mesmo utilizadas de forma bem-humorada, surgem para fazer frente a uma situação de dúvida sobre o grau de comprometimento do indivíduo com o *status quo* mais do que para favorecer o encontro com sua suposta “identidade”.

As referências, segundo o autor, para a construção do modelo masculino, costumam ser as das representações do masculino e feminino. Essa relação entre imagem e binômio masculino/feminino lança seu espectro aos mundos do trabalho, do desempenho sexual e também pelo gosto aos esportes. O “*football*” é um dos espaços de

socialização de homens, espaços já destacados por Villela (1998, p. 134), quando esta diz que,

Na verdade, os homens passam grande parte do seu tempo tentando provar, garantir e se assegurar de que são HOMENS, dignos de ocupar o lugar privilegiado que lhes foi destinado. Neste sentido a cumplicidade grupal é determinante. Para os homens, o grupo é o foco da vida social e a matriz de referência. Estar entre homens - no bar, nos esportes, no trabalho - é compartilhar do atributo coletivo “masculinidade” sem se defrontar com questionamentos ou entraves individuais a respeito do que seja “ser masculino”.

Lembrando também que as identidades de gênero estão ligadas a expressões de gênero, ao ler “*football é ou não é para homem?*”, é possível detectar o reforço que todos os homens, cedo ou tarde, escutam de seus colegas, irmãos, pais, avós. Uma lembrança de que o futebol “foi feito para garotos”. O assunto é futebol? Este jogo é nosso e devemos exaltá-lo.

A identidade masculina hegemônica e a sua confraternização estão tão ligadas à prática do esporte que os bondistas narram, em uma matéria intitulada Olimpíadas, a congregação entre estudantes e professores.

<p style="text-align: center;">OLIMPIADAS Agronomandos x Professores</p> <p>A Chacrinha essa entidade máxima da ESAV, despedindo-se de sua gloriosa marcha esportiva destes últimos 4 anos, está fazendo realizar magnífico e disputadíssimo torneio contra os professores, abrangendo atletismo, Futebol, Basquete, Voleibol, Tenis, Xadrês, Dama, Ping-Pong e o violentíssimo Buraco.</p> <p>Já foram disputadas algumas modalidades de atletismo e o Basquete. Em atletismo, os agronomandos laurearam-se até o momento em Pêso, Dardo, Altura e Salto com Vara; os professores venceram, para surpresa geral, 100m livres</p> <p>A partida de basquete, movimentadíssima, terminou com a vitória dos professores por 27 a 19. O cestinha foi o professor Chaves, com 14 pontos, que aliás tirou para fora de campo três agronomandos: Humberto Broquinha, que ficou com o pé esquerdo virado para trás; Kalú, com 3 costelas contundidas e a clavícula deslocada e Chiclets com sério abalo sísmico na cabeça.</p> <p>Nessa mesma partida os professores Jurema e Maurício revelaram-se grandes "cobras" do basquete, sendo que por isso mesmo foram logo substituídos. O professor Couto foi a arma secreta, movido a laranja, o que aliás está legal porque ele é professor de Citricultura. O professor Daker esteve positivo, Milgar esteve apagado (embaixo do Murgel) e o Gomide comprovou que não é de nada mesmo.</p> <p>Na prova de Pêso o professor Ribeiro deixou para trás todos os professores, inclusive o professor Pimenta, que só serve mesmo para "extensão".</p> <p>Na prova de altura o professor Daker perdeu para Sacy por 2 cm e algumas micras.</p> <p>No lançamento de dardo Almeida venceu. O professor Matoso tirou 4º lugar e até hoje ainda está falando que deixou para trás o Mário (que também é de Curvelo) e o Bufa que é o "minhoca" do 4º ano.</p> <p>Deixamos de comentar 100 m e Salto com Vara. Vide Venenos.</p> <p>No Xadrês, desde segunda feira continuam jogando Carvalho x Fontes. Até o momento Fontes levava alguma vantagem. De meia em meia hora os jogadores movem as pedras 1 vez. Supõe-se que até 15 de dezembro próximo sueja um cheque-mate.</p> <p>Hoje à tarde teremos as partidas de Tenis. Parece que o professor Vaneti irá competir. Amanhã às 9:30 no DA a sensacional partida de Ping-Pong em que disputam os professores Dorofeef, Pimenta e Vaneti contra Almeida, Vilela e Humberto Broquinha de Café. O prof. Vaneti a dias vem treinando para esse embate.</p> <p>De um modo geral, até o presente momento a equipe da "velha-guarda" está aguentando a parada. Somente o professor Matoso ficou com o braço inchado de lançar dardo, O professor Ribeiro não quer dar o braço a torcer, mas ... Bem... parece que ele não tem podido nem apagar o quadro negro, por ter lançado peso.</p> <p style="text-align: right;"><i>Olimpicus</i></p>	<p style="text-align: center;">SOCIAIS</p> <p>ANIVERSÁRIOS</p> <p>Fazem anos:</p> <p>Dia 18 — Mécia Vanderley Lara, aluna da ESCD.</p> <p>Dia 19 — Manoel Borges Matos, o agronomando Barbadinho.</p> <p>— Paulo Oliveira, aluno de T4.</p> <p>Dia 21 — Francisco Rodrigues de Oliveira, o agronomando Kalú.</p> <p>— Antônio Vilela, o Lord, do S8.</p> <p>Dia 23 — Carlos Alberto Vianna, o... do S8.</p> <p>— José Maria Fenandes, aluno do T4.</p> <p style="text-align: center;">NOIVADO (2)</p> <p>Contrataram casamento, dia 7 deste, o Engenheiro Agrônomo Geraldo Ismael Rocha (Sir), com a srta. Marlem Haddad, aluna do último ano da Escola de Ciências Domésticas.</p> <p>Mais noivos O BONDE deseja as maiores felicidades.</p> <p style="text-align: center;">OLIMPIADAS Agronomandos x Professores</p> <p>A Chacrinha, essa entidade máxima da ESAV, despedindo-se de sua gloriosa marcha esportiva destes últimos 4 anos, está fazendo realizar magnífico e disputadíssimo torneio contra os professores, abrangendo atletismo, Futebol, Basquete, Voleibol, Tenis, Xadrês, Dama, Ping-Pong e o violentíssimo Buraco.</p> <p>Já foram disputadas algumas modalidades de atletismo e o Basquete. Em atletismo, os agronomandos laurearam-se até o momento em Pêso, Dardo, Altura e Salto com Vara; os professores venceram, para surpresa geral, 100 m livres</p> <p>A partida de basquete, movimentadíssima, terminou com a vitória dos professores por 27 a 19. O cestinha foi o professor Chaves, com 14 pontos, que aliás tirou para fora de campo três agronomandos: Humberto Broquinha, que ficou com o pé esquerdo virado para trás; Kalú, com 3 costelas contundidas e a cla-</p> <p>vicula deslocada e Chiclets com sério abalo sísmico na cabeça.</p> <p>Nessa mesma partida os professores Jurema e Maurício revelaram-se grandes "cobras" do basquete, sendo que por isso mesmo foram logo substituídos. O professor Couto foi a arma secreta, movido a laranja, o que aliás está legal porque ele é professor de Citricultura. O professor Daker esteve positivo, Milgar esteve apagado (embaixo do Murgel) e o Gomide comprovou que não é de nada mesmo.</p> <p>Na prova de Pêso o professor Ribeiro deixou para trás todos os professores, inclusive o professor Pimenta, que só serve mesmo para "extensão".</p> <p>Na prova de altura o professor Daker perdeu para Sacy por 2cm e algumas micras.</p> <p>No lançamento de dardo Almeida venceu. O professor Matoso tirou 4º lugar e até hoje ainda está falando que deixou para trás o Mário (que também é de Curvelo) e o Bufa que é o "minhoca" do 4º ano.</p> <p>Deixamos de comentar 100m e Salto com Vara. Vide Venenos.</p> <p>No Xadrês, desde segunda feira continuam jogando Carvalho x Fontes. Até o momento Fontes levava alguma vantagem. De meia em meia hora os jogadores movem as pedras 1 vez. Supõe-se que até 15 de dezembro próximo surja um cheque-mate.</p> <p>Hoje à tarde teremos as partidas de Tenis. Parece que o professor Vaneti irá competir. Amanhã às 9:30 no DA a sensacional partida de Ping-Pong em que disputam os professores Dorofeef, Pimenta e Vaneti contra Almeida, Vilela e Humberto Broquinha de Café. O prof. Vaneti a dias vem treinando para esse embate.</p> <p>De um modo geral, até o presente momento a equipe da "velha-guarda" está aguentando a parada. Somente o professor Matoso ficou com o braço inchado de lançar o dardo. O professor Ribeiro não quer dar o braço a torcer, mas ... Bem ... parece que ele não tem podido nem apagar o quadro negro, por ter lançado pêso.</p> <p style="text-align: right;"><i>Olimpicus</i></p>
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1956. Número 182).

Gostaria de abrir parênteses aqui para mostrar que a chacrinha, no sentido que aparece na matéria, tem a ver com o nome dado a uma determinada turma de estudantes. A explicação é dada no jornal de número 142, com a matéria "Página d'Chacrinha", na qual o estudante de pseudônimo Lontra explica que chacrinha é o apelido de batismo de sua turma que estava cursando o segundo ano do curso superior. Lontra, aluno do segundo ano, discorre a respeito dos méritos de sua turma que resolvera formar um grupo de rapazes tentando resolver problemas na escola. Essas olimpíadas provavelmente são fruto desse grupo de estudantes que organizaram a confraternização entre estudantes e professores.

Para além dessa explicação, a matéria deixa claro o encontro competitivo entre duas gerações de masculinidades, dois tipos de masculinidades, os hegemônicos heróis e os subalternos anciões. Estes últimos seriam os estudantes e o que eles denominam como velha-guarda. No caso, os professores. O esporte que envolve o corpo e a

vitalidade masculina seria uma competição que exalta uma masculinidade sobre outra. Na frase *“De um modo geral, até o presente momento a equipe da “velha-guarda” está aguentando a parada.”*, demonstra-se um ar de deboche com a velha-guarda, uma desconfiança de sua força, de uma resistência masculina inesperada vinda do lado dos mais velhos. Os componentes da dita velha-guarda, aos olhos dos estudantes, mostravam-se como “engraçados” por praticarem o futebol, pois, implicitamente, está o fato de que a madurez já é a fase ideologicamente na qual o homem torna-se inapto para exercer sua masculinidade esportiva.

Na descrição da matéria: “Olimpíadas”, a surpresa fica por conta do domínio da vitória da velha-guarda nos 100 metros. Um fato inesperado para os agronomandos. Ao mesmo tempo em que a esquadra de senhores parece sair desgastada da competição, o professor Ribeiro, ao que tudo indica, não quer dar o braço a torcer, um receio talvez em não demonstrar na frente de outros homens a presença da dor. Como reconhecer a dor que impossibilita nem apagar o quadro negro? Como reconhecer a dificuldade de recuperação após uma competição entre homens? A dureza aparece como um esconderijo da dor. A masculinidade hegemônica aprendeu e ensinou a viver na aspereza.

A construção da identidade masculina aparece explicitamente ligada ao discurso de confraternização e de competitividade, elementos que fazem jus ao título, pois os Jogos Olímpicos, em sua origem histórica, tratam exatamente de uma herança grega para a celebração dos povos/comunidades e exaltação dos seus heróis masculinos. Personagens míticos e reconhecidos pela estética corporal, pela beleza que se mescla à dominação do mais forte sobre o mais fraco, vencendo, é claro, o mais preparado, o mais temperante, que, em outras palavras, seria aquele que conseguisse equilibrar corpo e mente em harmonia para a vitória.

4.2 As masculinidades que se constroem por e para homens.

Guash (2006) destaca que é preciso trabalhar com a masculinidade no plural, já que esta se apresenta como formas hegemônicas e outras subalternas. É necessário colocar a masculinidade em relação, pois, quando percebemos um determinado discurso de afirmação de certa identidade, é porque existe outra que está sendo negada. A masculinidade é um projeto de cumplicidade entre homens que engloba normas e valores que se constroem perante o sexismo e a homofobia.

Quando o homem se põe a narrar a sua vida para o outro, tal narrativa aparece impregnada de outros homens: companheiros, parceiros, irmãos, camaradas etc. O contar-se masculino significa repassar um roteiro que lhe faça ser visto como tal aos olhos alheio e visto, sobretudo, em meio a um contexto de êxitos, de feitos, de batalhas e vitórias. As amarguras servem para valorizar o caminho da vitória. As narrativas de êxito costumam reforçar as grandes aventuras, possuindo o efeito de afastar qualquer suspeita de sexualidade desviante.

Esse contar-se, esse repassar-se em roteiro é produzido num duplo movimento de subjetivação que ocorre por um dominar os outros dominando a si mesmo. Trata-se de uma relação de poder e saber que, no contato com o outro, faz com que o sujeito transforme a si mesmo vigiando-se, controlando-se, tendo como balizador dessa prática discursiva o ato de narrar-se e narrar o outro enquanto um jogo de verdades. Foucault (2006) vai chamar de jogo de verdades justamente pelo fato de que o discurso, na relação com o outro, vai ou não se constituir como uma verdade. Assim, é preciso atenção para o poder que baliza esses discursos e que fazem deles aceitos ou não. Subjetividade, então, para Foucault (2006, p. 236), seria “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo”.

A relação de duplo movimento ocorre justamente no cálculo entre as forças externas que subordinam o sujeito e a sua própria força interna, autônoma que lhe confere certa liberdade nessa relação. A relação de poder e verdade precisa ser vista pela ótica da inclusão e exclusão, ou seja, pela ótica da prática social e pelo lugar de fala do sujeito em relação ao outro. Sua posição nesse diagrama social o fará subjetivar ou ser subjetivado por um conjunto de valores, regras, normas, padrões de conduta etc.

Portanto, a masculinidade hegemônica, aquela que enquadra a masculinidade heroica, é uma referência que alguns, aos olhos dos colegas, não possuem ou, se a possuem, precisam de correções advindas pela aproximação e ensinamento dos colegas. No tocante ao processo de hierarquia de gênero em que o homem deve se reconhecer, Guash (2006, p. 36-37) argumentou:

La masculinidad es un referente inevitable para definir las identidades sociales y personales de los hombres. La masculinidad condiciona el discurso y los varones deben afirmarla o cuestionarla, pero no pueden ignorarla porque tampoco lo hace la sociedad en la que viven. El modo en que la masculinidad condiciona la manera en que los varones se piensan a sí mismos puede ser burdo o sutil. Pero sea el ideal normativo o sus múltiples desviaciones (cobardes, miedosos, nenazas, maricas, calzonzazos, etc.) la masculinidad

condiciona la forma en que los hombres habitan el mundo social (que es un mundo mediado por el género). La masculinidad es inevitable, pero existen muchas formas de alcanzarla.

Quando Guash (2006) aponta para essa multiplicidade de masculinidades e que entre estas se encontra o binômio passivo/ativo, o autor diz de um sistema dominante, um mapa simbólico ocidental no qual, dentro da categoria dos afeminados, estão, desde os gays, covardes, traidores, até os impotentes.

O jornal **O Bonde** afasta a suspeita da categoria dos afeminados de um coletivo, quando, em uma das publicações da seção “Ronda Esaviana” (logo abaixo), uma seção destinada à vigilância dos colegas, publica uma possível caça à homossexualidade. A escrita clama por uma correção do comportamento do colega Paulo Guido Machado, intimado a honrar seus atributos masculinos e sua identidade de gênero. Há uma insinuação de que o colega fosse portador de uma feminilidade, incômodo e potencial alvo de chacota entre os garotos.

RONDA ESAVIANA

Caro amigo Paulo Guido Machado:

Cordiais saudações.

Não é meu costume ter intimidades com os tipos "nature-boys" que vegetam pela ESAV, porém você constitui uma exceção à regra. Somos conhecidos desde os velhos tempos no Colégio de Viçosa, quando você era ainda aquele garoto de pouca idade, mas nós sofremos a evolução do tempo, mas você por que permaneceu no que era. Tem ainda o mesmo tamanho, o mesmo corpo, os mesmos costumes, a mesma mentalidade, etc. Cousas que me deixam curioso.

Talvez não lhe passou pela cabeça, ainda, a ideia de conservar-se, mas é necessário que o faça, pois podem advir-lhe dificuldades futuras. Considero-o já um homem feito, pelo menos fisicamente, pois biologicamente desconheço isto.

Necessário se torna que você porte-se como tal, desfazendo desses modos, bastante esquisitos, que lhe são característicos. Experimente mudar aquele andarzinho rebolado. Quando dança, você quer ser a figura marcante do baile, parecendo um boneco de tão apumado. Vive se mostrando, mais do que "mostrador de relógio".

Seus romances amorosos são verdadeiros fracassos, pois além de metido e gostoso, é pouco prático nas funções de namorar. Você tem levado sempre a pior; todavia muito justo é, pois qual moça suportaria um namorado que só conversa em atores de cinema, de rádio etc? Além de bobo é muito chato. Vê se exhibe mais oficialmente seus característicos masculinos, pois até agora, eles se mantiveram ocultos.

Saiba que não está mais em uso ser o tal. Já se foi a era do homem mais sabido, e hoje mais vale aquele que mais sabido for.

Procure desde já encher-se de força de vontade, e corrija-se, pois senão será sempre um homem desmoralizado, tanto no lar como na sociedade.

Namore, mas deixe a ética conservacionista. Estamos na era atômica, portanto seu comportamento está bem antiquado. Troque essas revistas de amor em quadrinhos e de cinema pelas esportivas e policiais. Aquelas são leituras próprias para moças, e não para você, jovem de meia idade e que se formará este ano. Forme melhor sua personalidade e procure ser, pelo menos, a sombra daqueles que o rodeiam.

Quero que aceite meus conselhos, considerando sincera minha intenção de ser-lhe útil. É correto aquele dizer: "Quem avisa amigo é", portanto, creia-me. Com um forte abraço, despede-se o amigo de sempre,

EL ZORRO

RONDA ESAVIANA

Caro amigo Paulo Guido Machado:

Cordiais saudações.

Não é meu costume ter intimidades com os tipos "nature-boys" que vegetam pela ESAV, porém você constitui uma exceção à regra.

Somos conhecidos desde os velhos tempos do Colégio de Viçosa, quando você era ainda aquele garoto de pouca idade, mas fisicamente o mesmo de hoje: sempre uma figurinha difícil.

Todos nós sofremos a evolução do tempo, mas você, por que permaneceu no que era? Tem ainda o mesmo tamanho, o mesmo corpo, os mesmos costumes, a mesma mentalidade, etc. Cousas que me deixam curioso.

Talvez não lhe passou pela cabeça, ainda, a ideia de conservar-se, mas é necessário que o faça, pois podem advir-lhe dificuldades futuras. Considero-o já um homem feito, pelo menos fisicamente, pois biologicamente desconheço isto.

Necessário se torna que você porte-se como tal, desfazendo-se destes modos, bastante esquisitos, que lhe são característicos. Experimente mudar aquele andarzinho rebolado. Quando dança, você quer ser a figura marcante do baile, parecendo um boneco de tão apumado. Vive se mostrando, mais do que "mostrador de relógio".

Seus romances amorosos são verdadeiros fracassos, pois além de metido e gostoso, é pouco prático nas funções de namorar. Você tem levado sempre a pior; todavia muito justo é, pois qual moça suportaria um namorado que só conversa em atores de cinema, de rádio etc? Além de bobo é muito chato. Vê se exhibe mais oficialmente seus característicos masculinos, pois até agora, eles se mantiveram ocultos.

Saiba que não está mais em

uso a mania de ser o tal. Já se foi a era do homem bonito, e hoje mais vale aquele que mais sabido for.

Procure desde já encher-se de força de vontade, e corrija-se, pois senão será sempre um homem desmoralizado, tanto no lar como na sociedade.

Namore, mas deixe a ética conservacionista. Estamos na era atômica, portanto seu comportamento está bem antiquado. Troque essas revistas de amor em quadrinhos e de cinema pelas esportivas e policiais. Aquelas são leituras próprias para moças, e não para você, jovem de meia idade e que se formará este ano. Forme melhor sua personalidade e procure ser, pelo menos, a sombra daqueles que o rodeiam.

Quero que aceite meus conselhos, considerando sincera minha intenção de ser-lhe útil. É correto aquele dizer: "Quem avisa amigo é", portanto, creia-me. Com um forte abraço, despede-se o amigo de sempre,

EL ZORRO.

ESPORTES

Por PÊ DE PAU

ESAV X ESCOLA DE MINAS

Esteve entre nós a Associação Esportiva da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, representada pelos seus conjuntos de volei, basquete e futebol. As partidas foram realizadas no dia 4, sendo volei e basquete pela manhã e futebol à tarde.

VOLEI

Venceu a nossa equipe, sem dificuldades, pois não encontrou resistência por parte dos adversários.

- 1ª partida — ESAV 15 X Engenharia 9.
- 2ª partida — ESAV 15 X Engenharia 3.

Competiram pela ESAV: Brobó-Ramon, Saci-Bira, Colombina-Fumaça, depois Felix-PH. Pela Engenharia: Fonseca, Al

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1954, Número141).

Na publicação há várias pistas de que o que incomoda, em Paulo Guido, é a sua maneira de se comportar e suas conversas. Na frase: "*Quando dança, você quer ser a figura marcante do baile, parecendo um boneco de tão apumado.*" Vive se mostrando, mais do que "mostrador de relógio". É possível perceber que Guido tira *El Zorro* do lugar, alguma coisa incomoda *El Zorro*, desestabilizando-o de seu lugar de conforto. Talvez a competição, ciúmes de outro rapaz que chame mais a atenção nos bailes. Na frase: "*Quem avisa amigo é*", é nítida a busca de uma legitimidade na figura de autoridade do amigo.

Paulo Guido ainda é incentivado a conviver mais com os colegas supostamente tidos como exemplos de uma masculinidade a ser reproduzida. Na frase: "*Vê se exhibe mais oficialmente seus característicos masculinos, pois até agora, eles se mantiveram ocultos.*" É exposto um modo pelo qual os homens pensam a sua própria masculinidade. Aqui, sexo e gênero se embaralham em um jogo em que o biológico é chamado a atuar

frente ao gênero correspondente, o masculino. Na perspectiva de gênero binário, homens e mulheres são chamados à sua identidade (essência) de gênero que, em outras palavras, seria o homem como domínio/dominação e a mulher como submissão. Desse modo, a exibição liga-se ao corpo enquanto portador dessa dominação masculina que vai além do cultivo dos músculos, revelando-se em um modo de andar, de se comportar, entonação de voz, movimentos contidos dignos de uma racionalidade superior de gênero.

Assim, como o pensamento binário de fortalecimento de suas características se alimenta dessa forma, os homens se incomodam, quando não reconhecem no outro essas características chaves para a imagem viril, para a heterossexualidade. Manter o contato com outros homens é o caminho para que as características possam circular. Não se deve perder-se por entre um grupo que não possui tais características masculinas. Por isso, Guido é incentivado a conviver próximo da masculinidade hegemônica dos colegas, tidos como boas influências.

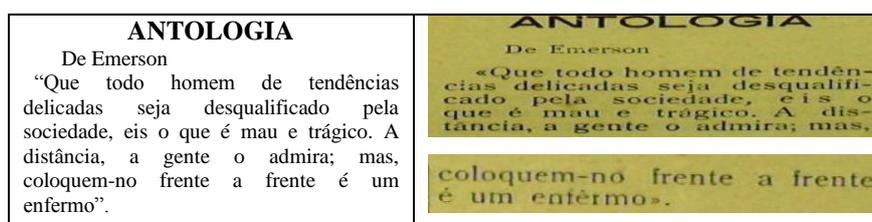
Dessa maneira, a matéria com referência a Paulo Guido está discursivamente carregada por um tipo de masculinidade, pois apresenta fragmentos de negação para o homem de comportamento delicado. Esse comportamento aparece rechaçado na matéria com os dizeres “*Experimente mudar aquele andarzinho rebolado*”, “*corrija-se, pois senão será sempre um homem desmoralizado*” e “*Troque essas revistas de amor em quadrinhos e de cinema pelas esportivas e policiais. Aquelas são leituras próprias para moças*”.

A repulsa ao que é do universo feminino chama a atenção. O modo como ele é intimado a honrar seu gênero masculino se destaca pelos tons de rechaço, já que as revistas policiais e de esportes são tipos mais que característicos para a construção de uma masculinidade hegemônica, enquanto que revista de quadrinhos amorosos e cinema seriam publicações femininas. As revistas de romance em quadrinhos e cinema lançam um Guido feminino direto para o rol de suspeitas na escola. “La masculinidad dominante es una forma de complicidad entre varones basada en la exteriorización ritual y verbal del sexismo, de la misoginia y de la homofobia” (GUASH, 2006, p. 21).

É possível percebermos uma tríade de gênero - masculinidade - homem viril fortalecendo a masculinidade hegemônica, no caso da matéria, a repulsa pelo comportamento delicado, ou seja, relacionado ao gênero feminino, reforça uma identidade masculinidade específica que é a do homem viril. Tanto em Sefner (2016) e Guash (2006), quanto em Connel (1995 - 2013), foi possível perceber que a política da

masculinidade, como a política social que constrói relacionalmente em prol do gênero masculino, trabalha discursivamente na busca de um modelo visível a ser seguido enquanto hegemônico/dominante por outros homens, sendo entendida como a norma geral a ser socializada. Por isso, humilhar, debochar, envergonhar e brincar com as características femininas presentes em um homem é um jogo necessário de ser jogado cotidianamente, com o qual se dissipa qualquer margem de dúvida de uma possível homossexualidade, corroborando, assim, toda a certeza de uma heterossexualidade.

A masculinidade de Paulo Guido, ao ser contaminada pela aproximação com o mundo feminino, torna-se uma mancha que o próprio Paulo deveria se dar conta e se corrigir, mas o “empurrãozinho” amigo torna-se uma premissa necessária no cotidiano masculino. A feminilidade presente é um traço que desqualifica o homem, fere sua biografia de macho e o torna um enfermo aos olhos da sociedade. E é exatamente essa a palavra que aparece no conteúdo de uma pequena coluna de textos literários da coleção Antologia do filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson. A intenção da publicação parece indicar que poderia haver a prática do homossexualismo na escola, no entanto, era algo inaceitável e mesmo indiscutível. Afinal, como uma escola em que garotos aprendem a se tornar homens responsáveis e modelos de líderes masculinos poderia conceber que, em seu meio, poderia haver a homoafetividade? No mínimo, isso poderia manchar todo um trabalho pedagógico e social que congregava o cotidiano daqueles garotos.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1946. Número 21).

As “*tendências delicadas*”, expressão utilizada no texto, refere-se, ao que tudo indica, a trejeitos femininos de um homem. Quando se registra: “*coloquem-no frente a frente é um enfermo*”, parece-me querer narrar: não se deve desqualificar, mas, tampouco, aproximar-se desse tipo de sujeito indesejado.

É importante ressaltar que, até pouco tempo, nos anos 1970, é que a prática da homossexualidade foi despatologizada, ou seja, retirou-se, do Código Internacional de Doenças, a homossexualidade como doença/perversão, para torná-la uma sexualidade possível. Logo, na época de circulação do jornal, a ciência condenava o sujeito

homossexual ao limbo da exclusão, principalmente pelo discurso da enfermidade, como pode ser percebido no uso do filósofo Waldo Emerson pelo Jornal **O Bonde**.

Um dos meus entrevistados, o ex-estudante da escola, Sr Geraldo (que foi melhor apresentado no capítulo III), narra uma importante memória da época a respeito dos possíveis estudantes homossexuais, ou como eles mesmos chamavam na época, os delicados. O trecho abaixo despontou no final de uma entrevista, pois, curioso, resolvi perguntar se havia muitas brincadeiras com gays naquela época, uma pergunta que me surgiu de momento pelo clima amistoso que nos envolvia.

Sr Geraldo: Olha, na época às vezes teve um ou dois com essas características assim de gays, mais a turma também segurava ele pela perna, daí eles não tinham muita oportunidade de arrumar os namoricos aqui na cidade não, a turma não era fácil não, (risos). Os veteranos pegavam no pé, ou ele (gay) tinha que procurar uma universidade onde ele podia arranjar o amorzinho dele por lá, ou então, se recuperar (risos), se regenerar (risos) porque não dava pé não (risos).

Essa memória com marcas de uma violência estudantil, viabiliza as pistas encontradas no jornal **O Bonde** a respeito dos garotos delicados da escola. Além dos bondistas buscarem demarcar as fronteiras das masculinidades, eram destiladas fofocas em colunas como “Fatos e Boatos” e “Venenos”, responsáveis por detalhar as vidas alheias dos estudantes, nas quais o discurso parece funcionar de uma maneira relacional e funcional, como depreciação ou exaltação de acordo com o jogo que permeia o julgamento do bondista que o escrevia. É importante lembrar que Seffner (2003, p. 139), em sua tese, aponta o seguinte: “reafirmo o que já foi dito antes acerca da identidade cultural: ela é provisória, temporária, não fixa e sujeita a mudanças, enfim, ela é uma posição de sujeito”. Logo, é possível uma compreensão de que a cultura em que o Sr Geraldo e demais garotos estudantes da época viviam, era uma cultura de predominância da masculinidade hegemônica. Nesse contexto, aceitar, sem nenhuma sanção, possíveis colegas homossexuais é algo improvável.

As publicações das colunas Venenos e Fatos e Boatos trazem diferentes masculinidades em consonância ou dissonância com o julgamento bondista. Esse “veneno” ocorre na medida em que os bondistas “cravam” o discurso do jornal sobre a vida dos colegas, utilizando chacota e colocando suspeitas e motivos para perseguição. A remediação viria na medida em que tal veneno possa ser benéfico pelo fato de o estudante reconhecer a crítica/sugestão como uma benfeitoria feita pelo jornal na vida dele, o que nem sempre acontecia, tornando-o mais um inimigo do jornal. As colunas

Fatos e Boatos e Venenos e o efeito que elas pareciam produzir me remetem ao Panóptico de Foucault (2012a) que lembra, em entrevista, que todos neste sistema são vigiados por todos e por alguns outros. Trata-se, segundo o filósofo, de um aparato de desconfiança total e circulante por não se tratar de um poder absoluto. No mais, segundo Foucault (2012a, p. 334), “a perfeição da vigilância é uma soma de malevolências”.

Como já deve ter sido possível perceber, uma das características que o jornal apresentou ao longo de seus anos foi o humor. Quase todas as seções possuem esse perfil cômico, inclusive as seções Venenos e Fatos e Boatos caracterizaram-se por esse perfil. O humor é um dos elementos que compõem a aproximação dos garotos em prol das fraternidades arteriais. Através dele, os garotos traçam laços de afetividades e tornam-se intimistas para com seus pares. A brecha do humor cria, por vezes, uma aproximação popular, invasiva e opressora.

Por isso, esse humor, dotado de doses consideráveis de sarcasmos, pincelou a identidade única que o jornal sustentou até o final de sua circulação. Nesse sentido, o humor talvez seja a forma mais genial de comunicação, pois produz o rompimento com a formalidade linguística, é teatro, é encenação, é transgressão das mais venenosas, mas também das mais originais, pode reforçar preconceitos, mas pode também destroná-los. Propp (1992), em sua busca por compreender as diferentes formas de riso, deu destaque em sua obra pela *derrisão* que seria o *riso de zombaria*. O autor, ao falar das infinitas formas de riso possibilitadas ao homem, com exceção dos momentos de dor, diz que:

(...) tanto a vida física quanto a vida moral e intelectual do homem podem tornar-se objeto de riso (p.29), e mais: Cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas (Ibidem, p.32).

Concordo com esse limite de inacessibilidade apresentado por Propp, há uma dificuldade em revelar o riso de uma determinada época histórica. Não é fácil compreender o significado do riso, da zombaria e jogos de palavras ao longo do jornal **O Bonde**. Cada época da sociedade atribui um diferente sentido a essa expressão. Arrisco a inferir que, pela época de circulação do jornal, o que movimentava o humor era a inocência dos garotos, alvos em potencial de zombarias pelos colegas que se alimentavam de persecutórias escritas (nutridas de curiosidade, sarcasmo e cultura da dominante masculina). O humor, além de estar presente nos textos de paródias e metáforas diversas, encontra-se também nas caricaturas enquanto representação do real.



Fonte: Jornal **O Bonde**. (Anos 1948 e 1954. Números em ordem crescente: 65, 66, 67, 69 e 84).

As caricaturas³⁰ servem para exagerar ou simplificar um retrato bem humorado dos aspectos físicos, psicológicos e comportamentais de uma pessoa como gestos, hábitos etc. As caricaturas serviriam como uma ponte entre o caricaturista e o público leitor a respeito do aspecto ideológico entre ele, o público e a vítima alvo. De acordo com Silvestrin Siqueri (2006, p. 40), numa perspectiva foucaultiana, “a associação e a organização dos signos nas caricaturas seriam arranjadas de acordo com um determinado acontecimento”. É o acontecimento que vai balizar o caricaturista na escolha dos elementos enfatizados na caricatura como o gestual, a roupa, a personalidade etc. A caricatura, nesse sentido, pode desvelar discursos-verdades escondidos do sujeito caricaturado, criando uma relação de intimidade entre a imagem e o público que pode reconhecer tais verdades. Como as caricaturas são quase sucessivas em números de publicação, isso produz uma sequência de discursos derrisórios que Silvestrin Siqueri (2006, p. 33) diz unir o caricaturista ao público no intento de ridicularizar, rebaixar, zombar do adversário pelo riso, ou seja, “força uma

³⁰ <http://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-caricatura.htm>

cumplicidade entre aqueles que promovem a derrisão e aqueles que riem”. A caricatura se apega a deformidades do corpo, a comportamentos que destoam da normalidade. O humor contido nas caricaturas, ou em qualquer produção humorística, protege quem o faz, já que, se a vítima não ri, se ela não entrar no jogo de humor, ela é tomada como mal-humorada ou como alguém que não possui senso de humor.

Por isso, nas caricaturas apresentadas, fica nítido o gosto pela zombaria alheia, o gosto pela comicidade existente na personalidade e estética física do colega vítima. Tais caricaturas implicam aspectos ligados ao cognitivo, a hábitos, ao corporal e à vestimenta. É uma das facetas discursivas e humorísticas do jornal que se mescla à cultura masculina estudantil peralta, astuta que enxerga a comicidade em tudo que possa se tornar alvo de brincadeiras. Nas caricaturas se percebe que havia, no jogo cotidiano masculino, alguns sujeitos passíveis de receber sentidos negativos, produzindo o riso dos leitores. Assim, a junção entre texto e imagem acima é uma forma de fazer a vítima falar por si, produzindo outros discursos em favor da derrisão e da zombaria.

As diferentes masculinidades existentes na ESAV podem também ser percebidas em um momento de liberdade anual chamado de Marcha Nico Lopes, evento que passou a ocorrer no começo de todo o ano letivo e que muito se assemelhava ao carnaval, que também é uma festa de começo de ano. A Marcha tornou-se um grande festejo que celebrava a descontração e a possibilidade de brincar fantasiando-se de mulher, sem que houvesse uma sanção a esse ato. Muito pelo contrário, o que se percebia, pela observação das fotografias que o(a) leitor(a) poderá conferir, é uma confraria que agregava risos e performances diversas.

4.3 A Marcha Nico Lopes: entre carnavais de ontem e hoje.

A liberdade seria então algo com o qual podemos entrar em relação, mas não algo que podemos ter ou possuir, não algo do qual pudéssemos nos apropriar (LARROSA, 2009).

Uma das tradições estudantis mais emblemáticas e originais surgidas na ESAV é a Marcha Nico Lopes, uma história cotidiana transformada em data comemorativa muito festejada e aguardada pelos estudantes até os dias de hoje. Especificamente, trago a Marcha em seu ano de 1951, período em que Sr. Juarez, um dos meus entrevistados e ex-estudante dessa escola, participa, junto com seus amigos, desse ritual estudantil.

A Marcha liga-se com a discussão das masculinidades na ESAV e continua a apresentar as traquinagens de uma tradição estudantil, transgredindo a barreira do gênero dentro de um cotidiano carnavalesco. O leitor poderá perceber as facetas cômicas existentes na escola, bem como a zoação com a masculinidade subalterna homossexual ou, como aparece em uma das fotos, baitolas.

O jornal **O Bonde**, ao longo de sua existência, publicou várias notícias a respeito da Marcha Nico Lopes. Considerando-se isso, trago o conceito de liberdade como algo pelo qual se tem de lutar, se conquistar, é uma condição advinda de confrontos, de relações de poder, como se expressa na epígrafe de Larrosa (2009) acima. Por essa razão, acreditando nessa filosofia, é que me interessa analisar uma das tradições da escola que se encontra presente até os dias de hoje na UFV, a Marcha Nico Lopes, um acontecimento que favorece discussões, reflexões, brincadeiras e embates pela conquista da liberdade.

A curiosidade me move com um olhar microscópico sobre o passado, de uma condição histórica vivida pelos garotos da ESAV na invenção dessa tradição. Antes de qualquer coisa, é preciso compreender quem foi Nico Lopes. Recorro, assim, à informação presente no número 19 do jornal de 1946. Nele, o estudante de pseudônimo A. Dias Lopes regressa ao tempo relembrando os primórdios da escola e a presença de um senhor chamado de Nico Lopes pelos alunos. Segue a matéria.

<p>MARCHA NICO LOPES</p> <p>Amigos, companheiros, visitantes da Escola, leitor que por ventura eu tenha, querem me acompanhar por instantes? Então fechem os ouvidos aos chamados e voltemos a alguns anos atrás na vida da Escola, onde encontraremos a origem do título que encima esta crônica.</p> <p>Em todas as cidades, sempre encontramos esses tipos característicos de rua, homens entregues ao convívio público, de uma pronunciada que os transforma rapidamente em um elemento conhecido de todos.</p> <p>Nico Lopes era assim. Logo que a Escola começou a funcionar, Nico Lopes, ora improvisando anedotas, ora remontando pilherias de sua vida boêmia, prendeu a atenção dos primeiros alunos, que não se cansavam em tê-lo em seus passeios e distrações. Quando se via uma rodinha em volta de um poste ou de um banco do jardim, podia se contar como certo que era Nico Lopes distraindo principalmente os alunos. Mas não demorou ele se foi para o derradeiro sono, deixando um enternecimento, em todos os corações. Principalmente dos alunos acostumados a ouvi-lo horas a fio, a se divertirem com suas galhofatices. Foi-se e quando todos pensavam que Nico Lopes tinha desaparecido com a sua consequente morte, deu-se justamente o contrário. Os alunos viram naquele velho de fisionomia denegrida pelo tempo, uma imagem que não podia desaparecer do nosso meio justamente quando a Escola começava a surgir. Tratava-se de quem primeiro havia compreendido a alma moça da Escola. E, então movidos por um desejo geral, resolveram imortalizá-lo em nossas tradições, dando o seu</p>	<p>△ A.Dias Lopes</p> <p>Nome à marcha de confraternização entre calouros e veteranos.</p> <p>E agora, leitor, olhe à frente que não demorará o desfile dos calouros. Uma grande tabuleta chama-lhe atenção: Marcha Nico Lopes. E atrás o que virá? Críticas, blocos, dísticos, carros alegóricos, decorações, atualidades, enfim, uma porção de causas que o leitor dirá: o que é isso? E com serenidade, orgulho e altivez, nós, veteranos, lhe diremos: é a maior das nossas tradições. Se não obedece a um plano pré-estabelecido, se não representa a sequência de fatos capazes de esclarecer, a priori, ao visitante a sua finalidade, é porque a sua característica é esta. E é justamente na disparidade das apresentações, nos contrastes berrantes dos blocos, nas pilherias e brincadeiras do nosso meio, que reside a importância dessa marcha. Porque dela parece estarmos ouvindo ainda, faz poucos dias, o esaviano antigo, pessoal ou coletivamente, ensinando ao calouro as nossas canções, as nossas saudações, o nosso hino, enfim, familiarizando-o com tudo que é nosso e que também é dele.</p> <p>E quando, leitor, desaparece o último calouro do desfile, atente bem para a sua vista porque com ele se poderá identificar a imagem do Velho Nico Lopes sempre alegre e aparentando jovialidade...</p> <p>E o compromisso do calouro com o veterano de zelar pelas nossas tradições, e pelos nossos ideais, dentro da camaradagem, união e entendimento mútuo, porque só do entendimento mútuo da união e da camaradagem é que poderemos ter ordem e progresso em nossa Escola.</p>	<p>MARCHA «NICO LOPES» △ A. Dias Lopes</p> <p>Amigos, companheiros, visitantes da Escola, leitor que por ventura eu tenha, querem me acompanhar por instantes? Então fechem os ouvidos aos chamados e voltemos a alguns anos atrás na vida da Escola, onde encontraremos a origem do título que encima esta crônica.</p> <p>Em todas as cidades, sempre encontramos esses tipos característicos de rua, homens entregues ao convívio público, de uma excentricidade tão pronunciada que os transforma rapidamente em um elemento conhecido de todos.</p> <p>Nico Lopes era assim. Logo que a Escola começou a funcionar, Nico Lopes, ora improvisando anedotas, ora remontando pilherias de sua vida boêmia, prendeu a atenção dos primeiros alunos, que não se cansavam em tê-lo em seus passeios e distrações. Quando se via uma rodinha em volta de um poste ou de um banco do jardim, podia se contar como certo que era Nico Lopes distraindo principalmente os alunos. Mas não demorou ele se foi para o derradeiro sono, deixando um enternecimento em todos os corações. Principalmente dos alunos acostumados a ouvi-lo horas a fio, a se divertirem com a suas galhofatices. Foi-se e quando todos pensavam que Nico Lopes tinha desaparecido com a sua consequente morte, deu-se justamente o contrário. Os alunos viram naquele velho de fisionomia denegrida pelo tempo, uma imagem que não podia desaparecer do nosso meio justamente quando a Escola começava a surgir. Tratava-se de quem primeiro havia compreendido a alma moça da Escola. E então, movidos por um desejo geral, resolveram imortalizá-lo em nossas tradições, dando o seu</p> <p>nome à marcha de confraternização entre calouros e veteranos.</p> <p>E agora, leitor, olhe à frente que não demorará o desfile dos calouros. Uma grande tabuleta chama-lhe atenção: «Marcha Nico Lopes». E atrás o que virá? Críticas, blocos, dísticos, carros alegóricos, decorações, atualidades, enfim, uma porção de causas que o leitor dirá: o que é isso? E com serenidade, orgulho e altivez, nós, veteranos, lhe diremos: é a maior das nossas tradições. Se não obedece a um plano pré-estabelecido, se não representa a sequência de fatos capazes de esclarecer, a priori, ao visitante a sua finalidade, é porque a sua característica é esta. E é justamente na disparidade das apresentações, nos contrastes berrantes dos blocos, nas pilherias e brincadeiras do nosso meio, que reside a importância dessa marcha. Porque dela parece estarmos ouvindo ainda, faz poucos dias, o esaviano antigo, pessoal ou coletivamente, ensinando ao calouro as nossas canções, as nossas saudações, o nosso hino, enfim, familiarizando-o com tudo que é nosso e que também é dele.</p> <p>E quando, leitor, desaparece o último calouro do desfile, atente bem para a sua vista porque com ele se poderá identificar a imagem do velho Nico Lopes sempre alegre e aparentando jovialidade...</p> <p>E o compromisso do calouro com o veterano de zelar pelas nossas tradições e pelos nossos ideais, dentro da camaradagem, união e entendimento mútuo, porque só do entendimento mútuo, da união e da camaradagem é que poderemos ter ordem e progresso na nossa Escola.</p>
---	---	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1946. Número 19).

De acordo com a matéria acima, a Marcha Nico Lopes foi idealizada por um dos estudantes da época: Antonio Secundino de São José. A marcha leva o nome de Antonio Lopes Sobrinho, vulgo Nico Lopes, tornando-se, assim, o iniciador desse ritual estudantil. A origem também pode ser verificada com Borges (1968, p. 13), segundo o qual

A passeata da Escola à cidade, denominada “Marcha Nico Lopes”, muito simples e puxada a sanfona naquela época, ainda hoje comemora o fim do “trote” dos calouros. A marcha “Nico Lopes” era a sátira, crítica de fatos pitorescos, pois todas as brincadeiras eram atribuídas ao Nico Lopes, espírito Folgazão, responsabilizado pelas coisas erradas ou más que aconteciam. Um dos atuais ex-alunos, o Dr. Antonio Secundino de São José, reunia os calouros, arregaçava-lhes uma das pernas da calça e fazia com que corresse em volta do jardim ao som de uma sanfona de 8 baixos e fole rasgado. Daí o nome da brincadeira.

Desse modo, o evento se tornou manteve a tradição, talvez, não a memória. A Marcha se apresenta como uma atração para muitos jovens da UFV, bem como para os moradores de Viçosa que participam, assistindo pelas janelas e sacadas dos prédios, jogando seus baldes de água nos estudantes para refrescar o calor dos primeiros meses do ano e se incorporando aos estudantes no final da marcha, geralmente, em um encontro entre nativos e estudantes na Praça Silviano Brandão. A Marcha finaliza o período de trote. É importante frisar que se trata de uma tradição masculina, pois o trote, socialmente, nada mais é do que uma invenção masculina de socialização, reconhecimento entre homens. Uma invenção que envolvia a chegada dos calouros no campus da escola e o reconhecimento dos veteranos por estes primeiros, enfim, uma prática de dominação em uma instituição masculina.

Assim, problematizar alguns pensamentos a respeito da Marcha Nico Lopes e, conseqüentemente, como esta era apresentada pelo jornal **O Bonde**, é capturar os lugares de fronteiras, resistências, afrontamentos e metáforas existentes em uma instituição de meados do século XX, bem como evidenciar os modos como o poder era concebido e exercido.

Como o poder é algo que relaciona sujeito - liberdade e resistência, a Marcha pode muito bem ser vista nesse prisma de relações. Era o momento em que as resistências jogavam com o poder institucional enquanto protesto, um momento em que, estrategicamente, os estudantes produziam meios de resistências em que, ao mesmo tempo em que buscavam sanar suas demandas, buscavam uma instituição melhor para estudar. Pensando foucaultianamente, a Marcha não seria a resistência enquanto fenômeno sociológico, mas, sim, a invenção da resistência contra um poder em expansão, no caso, a institucional-educativa. Isso no tocante a demandas estruturais e de lazer como alimentação e espaços de entretenimento - piscina etc. Do mesmo modo, a Marcha serve a propósitos de evidenciar as outras relações de poder, como no futebol, e até da estigmatização pela comicidade da masculinidade subalterna, como poderá ser visto mais à frente com a fotografia de um estudante empunhando o cartaz “baitolas da Martinica”, na Marcha de 1951.

Tive o prazer de participar da Marcha em 2008/2009. É este o momento em que me lembro de uma frase inspiradora e detonadora para a produção deste capítulo: “Não devemos temer nem julgar ilícito nada do que nossa alma deseja em nós mesmos” (HESSE, 2005, p.132). Para mim, o possível élan criativo de um trabalho artesanal de escrita está justamente nesse diálogo que me reaproxima de um movimento de vida, de

experiência, de captura subjetivada pelo meio em que vivi inspirado por Foucault (2006, p. 77-78), quando este diz que:

[...] há sempre uma espécie de prazer baixamente erótico, talvez, em encontrar uma frase bonita, quando se está entendido, numa manhã, escrevendo coisas não muito divertidas. Fica-se um pouco excitado, delirando e, bruscamente, aquela bela frase, que se esperava, aparece. Isto dá prazer, isto dá um élan para ir mais longe. Isto acontece, evidentemente.

Acredito que toda escrita se refere a uma bela frase, um belo pensamento, algo inspirador que nós, pesquisadores, temos o privilégio de encontrar ao longo de nossas leituras e escavações da investigação. Isso nos ajuda a produzir um mosaico artístico, arquitetural de nossa história na relação com os outros, do passado e do presente. Uma história de pequenos fragmentos aparentemente insignificantes, mas que são partes escondidas, reveladoras de uma vida. Somos sujeitos interessados, ou seja, implicados no movimento histórico, deixamos nossas pegadas no mundo e o mundo, em piruetas fascinantes, nos faz retornar para tais pegadas, porém, maduras. Por isso, ao falar do jornal **O Bonde**, retorno, depois de alguns anos, à instituição em que estudei.

É desse local que parto para escrever sobre um ritual ufeviano, que, como aponta Dosse, (2009, p. 73), “el rito es un marcador de identidad por su capacidad de estructuración de la memoria”. A Marcha é um dos rituais mais emblemáticos e agregadores que a UFV possui. Um rito engraçado para quem está de fora, mas extremamente intimista para os esavianos de ontem e ufevianos de hoje. No mais, ao tentar tecer esse élan da minha participação na Marcha em 2008, penso que estou expandindo a compreensão atemporal do que significa essa tradição institucional.

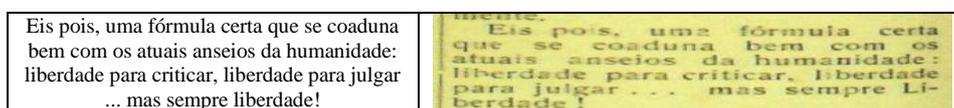
4.4 A Marcha Nico Lopes no O Bonde.

A Marcha Nico Lopes traz uma proposta de liberdade, uma liberdade que precisa ser relacionada ao poder. Como apontou Foucault (2010c, p. 97), “o poder, como puro limite traçado à liberdade, pelo menos em nossa sociedade, é a forma geral de sua aceitabilidade”. Logo, o poder também era algo desejável pelos estudantes. Havia uma parte existente no poder que o tornava aceitável, o próprio modo inventivo de produzi-lo ao marchar e protestar sem ser censurado por um aparelho de Estado - a escola era um modo de conjugá-lo à liberdade, liberdade para denunciar, para ser visto e ouvido.

Liberdade para cobrar dos superiores melhores condições de estudo e cobrar dos colegas melhores comportamentos e condutas.

Outro elemento relacionado à liberdade e ao poder, entoadado na Marcha, era a democracia, que era tida como direito de participação, independente da origem social do sujeito. Assim, os bondistas se viam no direito de poder participar, criticar enquanto possuidores de uma liberdade corroborada pela democracia.

Assim, é por esses aspectos que começo a falar da Marcha com a matéria no jornal **O Bonde** intitulada “Liberdade”. Tal matéria entoava a democracia ensejada pelos garotos da escola, que é uma liberdade ecoada e buscada pelo mundo no período pós-guerra de 1945. Os bondistas, não indiferentes ao contexto global, também reforçam o discurso “democrático” com o trecho a seguir:



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1950. Número 31).

O destaque aqui é para a expressão: “*liberdade para julgar*” que aparece no discurso do jornal. A liberdade seria uma filosofia dos estudantes, pois o desejo por esse sentimento já aparecera desde a apresentação do jornal, quando eles reivindicavam o direito de o estudante de ter voz. A “*liberdade para julgar*” está relacionada à democracia política que, nessa frase, possui uma das características deste tipo de democracia destacada por Guiddens (1993, p. 202): “o envolvimento dos indivíduos na determinação das condições de sua associação. Neste caso, supõe-se que os indivíduos aceitem o caráter autêntico e lógico do julgamento dos outros.”

E mais, o fato de a Marcha existir dentro de uma instituição de ordem constitucional, de autoridades acadêmicas, também corrobora com aspectos da democracia moderna, como a autonomia de vozes, na qual, segundo Guiddens (1993, p. 213),

A autoridade só se justifica até o ponto em que reconhece o princípio da autonomia; em outras palavras, até o ponto em que possam ser apresentadas razões defensáveis quanto aos motivos por que a condescendência aumenta a autonomia, seja agora ou no futuro. A autoridade constitucional pode ser compreendida como um contrato implícito que tem a mesma forma que as condições de associação explicitamente negociadas entre iguais.

Nesse sentido, a democracia e a autonomia estão intrinsecamente relacionadas no que tange a instituições que se dizem democráticas e, claro, com a possibilidade de ocorrer a prática da liberdade, que, tanto no jornal quanto na Marcha, me parecem corroborar com o tipo de liberdade negativa, um conceito que, de acordo com Larrosa (2009, p. 74), seria:

A liberdade não pode ser o atributo de um homem covarde ou preguiçoso, mas somente a conquista de um homem valente que é capaz de lutar por ela. Esta seria a face em que a liberdade aparece como liberdade negativa, e a face na qual o sujeito da liberdade aparece como protagonista de uma luta de libertação (da mulher, dos povos, das crianças, dos submissos...), que atravessam os dois últimos séculos, têm algo desse alento negativo e, ao mesmo tempo, heroico, épico, entusiasta e juvenil.

A Marcha me parece ser um acontecimento anual no qual eles possuíam essa liberdade de modo mais explícito. Uma liberdade de poder reivindicar, protestar e, por que não, o de poder libertar o estudante.

A liberdade dentro da Marcha traduz-se em poder discursar corporalmente desfilando em um carnaval ao ar livre, “desmontando” um circuito programático de disciplinamento do corpo, expondo uma heterogeneidade de cores, de atuações. Mas, é importante salientar que a liberdade como relação ou em “relação à”, “com relação” e “na relação com/entre” é como algo que não se possui, mas sim se relaciona, podendo também ser utilizada, manuseada dentro de um jogo de ganhadores e perdedores, como podemos perceber na matéria intitulada “*Aos perturbadores da tranquilidade alheia*”. Na matéria, é possível perceber a relação entre incômodo e liberdade, na qual a questão dos comportamentos dos vizinhos de quarto do alojamento era o que incomodava. Assim, fica explícito que a perturbação era sentida como a prática de um crime. Na matéria, a política da boa vizinhança é desejada, mas fica suspensa quando a questão é o barulho. Parece-me haver um sistema de lei implícito que serve como regulador dos comportamentos no alojamento. Foucault (2008, p. 58) considera que: “En el sistema de la ley, lo indeterminado es lo que está permitido; en el sistema del reglamento disciplinario, lo determinado es lo que se debe hacer, y por consiguiente todo el resto, al ser indeterminado, está prohibido. No caso do jornal está claro, bem determinado, que o som alto de Elvis e de Wagner deveria ser proibido para evitar qualquer cenário de desordem, caos.

<p>AOS PERTUBADORES DA TRANQUILIDADE ALHEIA</p> <p>Quanto mais se progride, mais aumentam os casos de mau uso da propriedade.</p> <p>As cores de que se revestem as ocorrências perturbadoras do sossego dos vizinhos variam muito.</p> <p>Podemos resumi-las no entanto, nos matizes mais comuns, numa espécie de preto e branco. São elas: propensão ao dialetismo musical com instrumentos de alto porte sonoro com impertinente assiduidade; predileção por música fina, em grossos acordes, nas velhas horas noturnas. Enfim um sem número de outros incômodos de que devem abstrair o caso fortuito ou uma eventualidade.</p> <p>Não se deve, por isso, pretender discutir ou criar casos com a vizinhança.</p> <p>Desde que não haja nem caso fortuito, nem força maior e desde que se perceba o amiadado costume de ligar-se a todo volume a <i>radiovítrola</i> nas "overtunes" de Wagner ou nos "rocks" de Elvis Presley, então o uso nocivo da propriedade poderá ser sanado judicialmente.</p> <p>Cabe, entretanto, aqui, um conselho: ninguém se arregue ao direito de coibir estes abusos pelas próprias mãos, a não ser, é claro, o mútuo acôrdo entre os vizinhos através de meios pacíficos.</p> <p>Quando se fala em sossego, pressupõe a tranquilidade noturna. Este direito à tranquilidade noturna. Este direito à tranquilidade durante à noite é indiscutível e evidente. Mas acontece que as perturbações ao sossego podem ocorrer também durante o dia.</p> <p>Há incômodos de vizinhança que deixam de ser meras perturbações da tranquilidade e passam a ser contrações penais. Chegam, às vezes, a constituir crime previsto no Código Penal.</p> <p>Para não alongar muito, vejamos rapidamente alguns exemplos: São contrações penais "disparar arma de fogo em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela, <i>queimar fogos de artifício</i>, soltar balão aceso, sem autorização da polícia, <i>arremessar ou derramar...</i> em lugar de uso alheio.</p>	<p>AOS PERTUBADORES DA TRANQUILIDADE ALHEIA</p> <p>Quanto mais se progride, mais aumentam os casos de mau uso da propriedade.</p> <p>As cores de que se revestem as ocorrências perturbadoras do sossego dos vizinhos variam muito.</p> <p>Podemos resumi-las no entanto, nos matizes mais comuns, numa espécie de preto e branco. São elas: propensão ao dialetismo musical com instrumentos de alto porte sonoro com impertinente assiduidade; predileção por música fina, em grossos acordes, nas velhas horas noturnas. Enfim um sem número de outros incômodos de que devem abstrair o caso fortuito ou uma eventualidade.</p> <p>Não se deve, por isso, pretender discutir ou criar casos com a vizinhança.</p> <p>Desde que não haja nem caso fortuito, nem força maior e desde que se perceba o amiadado costume de ligar-se a <i>todo volume a radiovítrola</i> nas "overtures" de Wagner ou nos "rocks" de Elvis Presley, então o uso nocivo da propriedade poderá ser sanado judicialmente.</p> <p>Cabe, entretanto, aqui, um conselho: ninguém se arregue ao direito de coibir estes abusos pelas próprias mãos, a não ser, é claro, o mútuo acôrdo entre os vizinhos através de meios pacíficos.</p> <p>Quando se fala em sossego, pressupõe-se a tranquilidade noturna. Este direito à tranquilidade durante a noite é indiscutível e evidente. Mas acontece que as perturbações ao sossego podem ocorrer também durante o dia.</p> <p>Há incômodos de vizinhanças que deixam de ser meras perturbações da tranquilidade alheia e passam a ser contrações penais. Chegam, às vezes, a constituir crime previsto no Código Penal.</p> <p>Para não alongar muito, vejamos rapidamente alguns exemplos: São contrações penais "disparar arma de fogo em lugar habitado ou em suas adjacências, em via pública ou em direção a ela, <i>queimar fogos de artifício</i>, soltar balão aceso, sem autorização da polícia, <i>arremessar ou derramar...</i> em lugar de uso alheio,</p>
---	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1959. Número 207).

É possível também perceber que a liberdade é um fio condutor de tensão, algo que pode ser conquistado por meio pacífico ou até pelo uso da força. No cotidiano, ela vira uma arma discursiva e ameaçadora contra "os vizinhos perturbadores", que, talvez, utilizassem o mesmo discurso de liberdade individual e coletiva do quarto para poderem legitimar a prática da "desordem". Se, por um lado, a liberdade ganha conotações de negatividade na possibilidade de poder produzir "desordens", ela pode funcionar como sendo um importante escudo a favor da democracia e combate contra a opressão, em relação à faceta negativa de reconhecimento das obrigações do dia-a-dia, diante de leis e regras. Nas palavras de Larrosa (2009, p. 74):

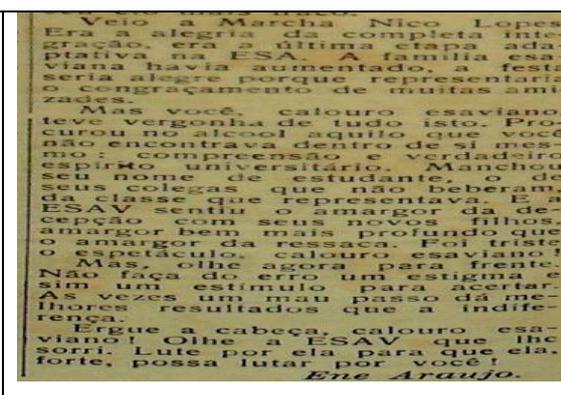
A liberdade como autonomia funda obrigações, mas obrigações próprias. É, portanto, uma forma de autogoverno cuja não-arbitrariedade está garantida pela razão, isso é, que não emana da arbitrariedade de um sujeito singular, ou de uma vontade contingente, mas da vontade de um sujeito racional e, portanto, ao menos na fábula kantiana, universal.

Pensando na Marcha, esta me parece seguir pelos dois vieses de liberdade apresentados até o momento, o de liberdade negativa, pois ela significa luta por direitos, por cidadania e, ao mesmo tempo, possui uma faceta kantiana de liberdade, já que me parece ser um espaço de "liberdade autorizada". Isso por ser um momento de autorização, tanto acadêmica quanto pelos próprios estudantes, para que as brincadeiras, subversões e chacotas

tivessem liberdades (sinal verde para marchar, protestar e transgredir, inclusive, performaticamente, a própria identidade de gênero).

Creio que o aspecto de autorização dessa liberdade é ainda controlado pelos próprios bondistas que, a partir do momento que o sinal verde era dado, estes não se furtavam em fiscalizar os comportamentos exagerados que eram capturados e transformados em manchetes cômicas para jornal. O estudante que extrapolava a liberdade concedida se tornava conhecido publicamente como um dos desordeiros e corruptores da Marcha na edição da semana seguinte.

Exemplificando esse caráter de liberdade controlada e autorizada é que trago a matéria “Trote e Marcha” apresentada como uma indignação por parte dos escritores do jornal, na denúncia pelo excesso de álcool que teria ocorrido na Marcha que comemorava o final da adaptação calourífica de 1957. Segue um trecho da matéria.

<p>Veio a Marcha Nico Lopes. Era a alegria da completa integração, era a última etapa adaptativa na ESA. A família esaviana havia aumentado, a festa seria alegre porque representaria o conagraçamento de muitas amizades.</p> <p>Mas você, calouro esaviano, teve vergonha de tudo isto. Procurou no álcool aquilo que você não encontrava dentro de si mesmo: compreensão e verdadeiro espírito universitário. Manchou seu nome de estudante, o de seus colegas que não beberam, da classe que representava. E a ESAV sentiu o amargor da decepção com seus novos filhos, amargor bem mais profundo que o espetáculo, calouro esaviano!</p> <p>Mas, olhe agora para frente. Não faça do erro um estigma e sim um estímulo para acertar. As vezes um mau passo dá melhores resultados que a indiferença.</p> <p>Ergue a cabeça, calouro esaviano! Olhe a ESAV que lhe sorri. Lute por ela para que ela, forte, possa lutar por você!</p> <p>Ene Araujo</p>	
--	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1957. Número 187).

Já em finais da década de 1950, com o trecho: “*Procurou no álcool aquilo que você não encontrava dentro de si mesmo*”, apresenta-se o indício de um elemento muito ligado ao cotidiano da masculinidade dominante tanto rural quanto urbano: o álcool. Nesse contexto, o álcool aparece como vilão e vício que ajuda no enfraquecimento da tradição, um elemento que colabora para a desarmonia dos estudantes que cada vez mais cresce em números dentro da instituição. Um mal a se combater, uma desgraça à honra de um homem perante a plateia de amigos, superiores e namoradas!

Obviamente que o senso de controle fica mais fácil quando o número de alunos é menor. À medida que a instituição vai crescendo, a malha de controle arquitetônico tenta a se expandir, mas começa a ficar inviável o controle sobre sua população. Nesse caso, o papel do jornal **O Bonde** era essencial, pois poderia alcançar o maior número de leitores estudantes a

respeito de um mal a ser combatido, uma “anomalia” que se apresentava contra a tradição e a ordem na instituição. Exatamente por isso, a relação estudantil se torna algo cada vez mais pulsante de “lidar”, tendo o jornal como testemunha chave desses conflitos.

Nesse sentido, penso em Foucault (2006, p. 277) quando afirma: “Portanto, para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre, dos dois lados, pelo menos certa forma de liberdade”. Isso, a meu ver, justifica tanto a existência da Marcha, quanto a de um jornal denunciador de estudantes entre os próprios estudantes. O clamor por liberdade se mescla a um poder de vigiar o outro para que o controle e os limites não fossem desrespeitados, pois todos seriam prejudicados por uma má atitude individual.

Continuarei abordando, no próximo tópico, a relação da Marcha com alguns temas que aparecem nesse carnaval estudantil, como o gênero e, principalmente, as masculinidades que constituem o foco da tese. Para isso, vou problematizar algumas fotografias da Marcha de 1951 gentilmente cedidas pelo meu entrevistado, um ex-esaviano, Sr Juarez.

4.5 Invenções, brincadeiras de gênero e de masculinidades marchando na Nico Lopes.

A UFV possui uma reta que conecta o campus acadêmico até a cidade de Viçosa, especificamente a Avenida PH Holfes. A reta é o percurso inicial da Marcha Nico Lopes. Um trajeto longo em que, além da Marcha, durante o ano letivo, cabem os assuntos de aulas dos estudantes, os flertes, as fofocas e as risaiadas, a busca pela sombra das árvores no verão e pelas caronas de carro das quatro pilastras até departamentos mais distantes como os da Veterinária e Zootecnia.



Pintura 3: Avenida da Reta após Inauguração da ESAV atual Avenida P. H. Rolfs. Fonte: Pintora, Valéria Vidigal, exposição em comemoração aos 85 anos de UFV (DA ESAV à UFV – Um Olhar de Valéria Vidigal, 01/08/2011. Técnica Acrílica sobre linho, dimensão 69,5 x 128,5cm).

A Reta nem sempre teve esse nome. Chamada de Avenida pelos estudantes da época do jornal **O Bonde**, só com o passar do tempo, ela passou a ser conhecida como Reta. Imagino que essa dominação conhecida atualmente se originou pela sua extensão retilínea, como duas paralelas expostas, duas paralelas longas que caminham em harmonia ao lado da linha férrea dentro do campus, passarela de desfile dos muitos estudantes todos os dias, transformadas em quase sambódromo na Marcha.

De fato, os estudantes, desde a época do jornal, vestiam-se com adereços e fantasias na Marcha, uma das características desse ritual tradicional. A Marcha constituiu-se como espaço autorizado para brincadeiras dos colegas, sobretudo os que se destacavam pela sua inventividade na fantasia usada ou pelo comportamento excêntrico, exagerado, palco de diversão e possível esculacho do jornal na semana seguinte. A Avenida se tornava um palco visível de transgressões do estabelecido, evidenciando sujeitos praticantes de uma trama cotidiana estudantil. Tramas de caráter sociabilizante de cunho político e sentimento simbólico.

A Marcha se tornou um dos principais momentos institucionalizados da sociabilidade estudantil. Uma sociabilidade que tinha como elemento principal o cultivo do espírito de brincadeira, espírito fanfarrão. Momento em que se permitia a troca de papéis de gênero no qual o masculino se transvestia de feminino, uma suspensão que permitia essa mudança

provisória de identidade. O espírito carnavalesco de subjetivação temporária (DAMATTA, 1997) bailava ao ritmo de brincadeiras e de um ensaio por luta e reivindicação. Logo, práticas como a Marcha Nico Lopes que sucedem o trote, significaram, desde sua origem, o ritual de selar a convicção de que eles, os calouros, eram esavianos e cabia aos veteranos, como uma função social importante, a condução dos recém-chegados garotos ao caminho institucional através desse findar batismal lúdico.

A cultura da escola diz de um coletivo, um nós que se perpetua pela tradição. É um modo de subjetivação e, ao mesmo tempo, uma prática com e para o outro. Sabemos que, para a afirmação de uma determinada identidade, é necessária a negação da identidade oposta, ou seja, nada melhor que exorcizar o matuto e ingênuo calouro dentro de um ritual tradicional, que congrega e internaliza valores estudantis, valor de uma família masculina unida pelo espírito da liberdade de luta, brincadeiras e responsabilidades.

Como acontece no nosso famoso carnaval, a Marcha é um ambiente de se esbaldar com a “farra” das trocas de papéis de gênero, uma farra de adereços diversos que eram usados pelos garotos. Com essa prática, ocorre um jogo favorável para uma transgressão de papéis de gênero, uma subversão autorizada. DaMatta (1997) chama esse fenômeno de inversão, teatralização, permitido somente naquele *momento sem dono* diante de um ano inteiro de rígidos códigos de controle. No carnaval, tais fenômenos são perfeitamente permitidos enquanto um *desfile polissêmico*. Na Marcha, o ato de vestir-se de mulher não ameaçaria a virilidade frente aos amigos permitindo, assim, o contato físico, o afeto e as brincadeiras entre os estudantes. Zoando com o sexo oposto, eles se sociabilizavam entre si, tornavam-se populares pela criatividade da personalidade escolhida e colocavam a feminilidade para fora de um corpo domesticado pela virilidade.

A Marcha se tornou o acontecimento de fuga que todos tinham enquanto oportunidade uma vez ao ano, um modo de liberdade em habitar o campus em clima de festejo, um momento de sair do internato estudantil³¹, das salas de aulas, dos laboratórios, das aulas práticas, enfim, lugares de maior controle e normalidade e regras de posturas sóbrias, concentração e obediência para viver a transgressão. Segundo DaMatta (1986, p. 68):

No Brasil, como em muitas outras sociedades, o rotineiro é sempre equacionado ao trabalho ou a tudo aquilo que remete a obrigações e castigos... a tudo que se é

³¹ A ESAV foi a primeira instituição de Ensino Superior a acolher um sistema de internato para seus estudantes. O primeiro alojamento, conhecido comumente como Velho, foi inaugurado em 1928 e no internato os residentes, além de quartos e de um banheiro coletivo, usufruíam também de um refeitório.

obrigado a realizar; ao passo que o extra-ordinário, como o próprio nome indica, evoca tudo que é fora do comum e, exatamente por isso, pode ser inventado e criado por meio de artifícios e mecanismos. Cada um desses lados permite “esquecer” o outro, como as duas faces de uma mesma moeda.

Se DaMatta (1986) afirma que o carnaval é, no fundo, uma oportunidade de viver tudo ao contrário, podemos pensar que a Marcha Nico Lopes se transformou em um inverter da lógica racional pedagógica. No Brasil, o carnaval é o momento possível de vivenciar uma transgressão de identidade, um tipo de liberdade sexual em alguns dias de fevereiro. Para muitos, é o feriado mais aguardado do ano, o que gera ansiedade, planos e muitas expectativas coletivas e individuais. Não é à toa que Roberta Sá, em sua música *Janeiros*³², em alusão a essa festa diz: “*Janeiros, calendário que nunca chega ao fim*”.

O carnaval se tornou a festa popular mais aguardada pelos brasileiros para o momento de suspensão do trabalho e abertura do prazer de viajar, sozinho ou acompanhado, para diversos roteiros turísticos. No interior, o carnaval é vivido em cidades vizinhas. O jornal também atentava para o carnaval, principalmente destacando o comportamento dos colegas esavianos nas festas em cidades da região, capturando os “foras” que viravam fofocas e caíam “como uma luva” para a seção de Fatos e Boatos. Segue um exemplar dessas fofocas de carnaval:

7. Que o Taxinha brincou no Carnaval é boato; mas que ele soprou muitos adjetivos no ouvido de u'a moça, pensando que era “home” é fato.

7. Que o Taxinha brincou no Carnaval é boato; mas que ele soprou muitos adjetivos no ouvido de u'a moça, pensando que era «home» é fato.

Fonte: Jornal **O Bonde**. (Ano 1946. Número 15).

Para exemplificar essa proximidade entre o Carnaval e a Marcha, apresento imagens fotográficas da Marcha de 1951, material cedido pelo Sr Juarez. As fotografias são de fundamental importância para apresentar o cotidiano da Marcha e de como esse espaço se tornou um momento de liberdade e rompimento do programado dia-a-dia.

³² *Janeiros* - 5º Faixa do álbum: *Que belo estranho dia pra se ter alegria*. Universal Music Brasil, 2007.





Fotografias em ordem crescente da Marcha Nico Lopes de 1951.

- Fotografia 1 - Estudantes vestidos com roupas femininas e desfilando de braços dados.
- Fotografia 2 - Estudante vestido com roupa feminina e segurando um pequeno cachorro no gramado da ESAV.
- Fotografia 3 – Dois estudantes vestidos com roupas femininas, em destaque não montado no cavalo o apelidado pelos colegas de mão-boba segundo Sr Juarez narrou.
- Fotografia 4 - Estudante montado em um cavalo vestido de mulher.
- Fotografia 5 - Sr Juarez em destaque em meio a seus colegas.
- Fotografia 6 - Alguns garotos vestidos com diferentes fantasias/personagens para a Marcha.
- Fotografia 7 - O aluno de apelido mão-boba com a mão no peito ao lado do Sr Juarez com a turma.
- Fotografias 8 e 10 - Estudante caracterizado de Luz Del Fuego.
- Fotografia 9 - Atriz Dora como: Luz Del Fuego, no Blog: Luz Del Fuego Memória Viva de Sandro Fortunato 21/03/1998. <http://www.memoriaviva.com.br/luzdelfuego/> Acesso em: 02 jul. 2013.
- Fotografia 11 - Estudante com a placa e os dizeres: “Único sobrevivente do jogo Atlético x ESAV”.
- Fotografia 12 - Cartaz: (Baitolas da Martinica) em alusão à música Chiquita Bacana - Marcha - 1951.
- Fotografia 13 - Garotas da Economia Doméstica participando da Marcha com os garotos.

Fonte: acervo pessoal disponibilizado pelo entrevistado Sr Juarez.

É possível, a partir das fotografias, perceber algumas manifestações, performances fronteiriças, “desviantes” destacando-se na festa de 1951. Tais transgressões movimentavam as brincadeiras e as sociabilidades desses garotos. Pela observação das imagens, podemos perceber que as brincadeiras se mesclam às fantasias, libertando a meninice que existe em todos os homens, independente da idade, bem como a feminilidade. A meninice, muitas vezes ingênua, aparece em brincadeiras com o gênero feminino e também com a indesejada homossexualidade.

Como já foi dito anteriormente, são universos de que a masculinidade hegemônica busca afastar-se. Por isso, as feminilidades são alvos em potencial das chacotas. Além disso, as fotografias revelam, a meu ver, afetividades masculinas em um clima “pra lá” de amistoso. Afetividades masculinas ancoradas na coletividade, proteção, união. O ato de satirização com fantasias e alegorias poderia ocorrer sem que o garoto fosse interpretado enquanto uma ameaça ao coletivo. Assim, o vestir-se de mulher abria um mundo até então inexplorado. Como aponta DaMatta (1986, p. 75):

A fantasia liberta, desconstrói, abre caminho e promove a passagem para outros lugares e espaços sociais. Ela permite a ajuda o livre trânsito das pessoas por dentro de um espaço social que o mundo cotidiano torna proibitivo com as repressões da hierarquia e dos preconceitos estabelecidos.

De acordo com as fotografias, é possível afirmar que a ESAV, com sua Marcha, era um espaço de invenção do cotidiano, de dessubjetivação e subjetivação da identidade masculina e, conseqüentemente, envolvendo a experimentação. Experimentação de outro gênero, ou seja, um descompasso permitido da ordem heteronormativa no embalo da alegria de poder praticá-lo.

Os estudantes caricaturavam-se, assim, em personagens plurais masculinos e femininos diversos como: índio, mendigo, presidiários, senhoritas, mas também em personagens de sucesso da época, como, por exemplo, Luz del Fuego, nome artístico de Dora Vivacqua, famosa bailarina capixaba, que era também uma naturista e feminista na época. Além disso, a brincadeira com a masculinidade homossexual ganhou destaque com faixa escrita: “baitolas da martinica”, como pode ser lido parodiando a música Chiquita Bacana, de Emilinha Borba, cantora brasileira de grande sucesso na época.

Com tais fotos, é possível pensar no conceito de fronteira de Louro (2008a), como lugar de encontro, transgressões e subversões. Um conceito que se encontra com a prática

cotidiana da Marcha Nico Lopes na qual os alunos se utilizam do recurso da paródia, principalmente na imitação de artistas e outros personagens. Como aponta Propp (1992, p. 87), “a paródia é cômica somente quando revela a fragilidade interior do que é parodiado”. Em um desses casos, penso que a fragilidade, aos olhos da sociedade de época, da condição extemporânea da artista Luz del Fuego (fotografia 9), se destacava como o de uma mulher que era alvo de comentários por sua transgressão dos preceitos socialmente impostos ao gênero feminino. Preceitos como submissa, recatada, doce, romântica, discreta etc.

A Marcha de 51 parece ter sofrido influência de Luz Del Fuego, figura conhecida na década de 1950 por suas polêmicas em aventuras amorosas e até por seu internamento em um hospital psiquiátrico na cidade de Belo Horizonte. Luz ou Dora Vivacqua, como o(a) leitor(a) preferir, subverteu o modelo de mulher da época com suas performances eróticas e seu modo de se transvestir como uma artista de circo.

Luz foi uma extemporânea, uma revolucionária, sem dúvidas! Uma, podemos afirmar “homenageada”, nesse carnaval da Marcha Nico Lopes, afinal, segundo DaMatta (1997, p. 63), “o mundo dos personagens do carnaval é, pois o mundo da periferia, do passado e das fronteiras da sociedade brasileira”. Luz se visibiliza por essa fronteira de periferia exótica, sendo exaltada pelo olhar de desdém ou de cobiça do machismo, como uma mulher para o consumo, um objeto louco e fascinante e, ao mesmo tempo, cômico a ser reproduzido na Marcha.

A reprodução, nesse contexto de Marcha/carnaval do erotismo de Luz Del Fuego, ganhou uma versão cômica no então corpulento estudante da foto. Aliás, parece-me que o vestir-se de mulher, assim como ocorre nos carnavais do Brasil afora, torna-se o típico momento cômico. No carnaval da Marcha de 51, é possível, pelas fotografias, perceber que muitos estudantes se vestiram de mulher e não apenas como Luz Del Fuego, mas como aparecem nas fotografias (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7), os garotos aderindo ao uso da saia e desfilando seus personagens pela Reta e na praça da cidade de Viçosa.

A liberdade também é lutar por aquilo que se acredita ser uma ameaça. Nesse sentido, a Marcha Nico Lopes de 1951 traz a liberdade em rechaçar os delicados, como aparece no cartaz (foto 12), com a frase: “*Baitolas da Martinica*”. Também me chamou a atenção a foto 6, na qual um estudante está vestido com uma roupa longa, uma espécie de vestido listrado com o número 24 no peito. Ora, é de conhecimento comum que, na cultura popular, o animal

veado é aquele portador/símbolo do número 24 no jogo do bicho³³. Como se associa a esse animal a masculinidade homossexual é possível haver um indício de que a fantasia do estudante não fosse uma coincidência aleatória e, sim, uma chacota, talvez, tratando-se de uma alusão a um presidiário gay. Ao falar dos territórios, Louro (2008a, p. 20) aponta que: “Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidentemente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações”.

No conjunto de imagens, a foto 11 me faz pensar a relação da masculinidade dominante e o futebol, da importância desse esporte na vida dos esavianos. Isso, inclusive, reforça a razão de haver, no jornal **O Bonde**, uma seção permanente intitulada “Esporte”, na qual a grande maioria das matérias publicadas era de conteúdos provenientes da prática do futebol esaviano. Nela, eram divulgados os resultados dos embates locais e regionais envolvendo os estudantes da escola.

Os dizeres “*Único sobrevivente do jogo Atlético x ESAV*” estabelecem uma aproximação entre esporte e guerra, o futebol como uma contenda entre rapazes, um embate entre duas tribos em que algum saem estropeados. É como se a frase contivesse a afirmação de que: “Futebol é uma prática violenta, que machuca, fere, mas nem por isso deixa de ser uma moeda valorosa no mundo masculino”. A faixa pode ser lida pelo fato de o garoto se sentir orgulhoso de ter sobrevivido ao embate, ou seja, a prática desse esporte ajuda a distinguir uma masculinidade fraca das demais, afinal, nele não há lugar para um homem frágil, feminino, desengonçado, perdedor ou vencedor.

As feridas simuladas na foto sugerem uma feroz batalha campal da qual o estudante seria o único a sair vivo, único a suportar com valentia a sua passagem por esse espaço viril. O corpo masculino machucado é um troféu a ser exibido com orgulho e, ao mesmo tempo, avisa que ali é uma escola de estudantes machos, dominantes, brutos, viris, competitivos e unidos moralmente pela defesa de um território estudantil de renome ao qual eles devem honrar no gramado contra as tribos de fora.

No mais, Calvo (1997) vai falar de um gregarismo que permeia o mundo masculino, a solidariedade que podemos perceber em grupos de homens vai para além das partidas de futebol, bares, carnavais e puteiros. Mas que utilidade essa solidariedade traz aos homens que se agregam? De acordo com Calvo (1997, p. 176):

³³ Por que o 24 é o número do gay, disponível em: <http://regatamotos.blogspot.com.es/2014/04/por-que-24-e-o-numero-do-gay.html> Acesso em: 25 de jan de 2016.

(...) la principal función utilitária que desempeña el gregarismo masculino es proporcionar una elevada rentabilidad social. En efecto, lós amigos informales son quienes nos ayudan a sortear lãs normas formales, permitiéndonos gana restatus, adquirir influencia, controlar el entorno, defender el território e, eventualmente, accender al poder. El gregarismo se invierte en conspirar, como principal médio de lucha por el poder. Y ese médio pronto se convierte en un fin en si mismo, haciendo del placer de conspirar en común el cemento que frágua y sella la cerrada solidaridad masculina.

A última fotografia apresenta garotas que, creio, fossem as economistas domésticas participando da Marcha, visto que, em 1951, já havia o curso das garotas. O próprio Sr Juarez me deu algumas pistas em sua entrevista a respeito de quem seriam elas. Do mesmo modo, ele me relatou que o rapaz que aparece em destaque de perfil na terceira foto seria o apelidado de *Mão boba*, seu companheiro de quarto. Seguem alguns trechos a respeito dessas fotografias.

Entrevistador: Naquela época ainda não tinha aquele curso para o lar, que é agora Economia Doméstica?

Sr Juarez - Não! Tinha as meninas era tudo misturado, né?

Entrevistador: era tudo misturado, né?

Sr Juarez - Era tudo misturado, tem até o retrato delas aí, eu lembro muito de uma que tinha o apelido de Cambaíba, mas as outras eu não lembro mais, eu fiquei muito pouco tempo lá. Eu não quis ficar não, eu vim aqui, falei pro o papai, vou ficar lá não, vou embora, eu fiquei no máximo uns oito meses, não gostei de lá não, vim embora, falei para o papai, eu vou parar com aquilo lá.

Entrevistador: o senhor se lembra de um apelido específico, tal de Peter Lorre?

Sr Juarez - Eu me lembro dessa menina Cambaíba, mas esse aí não, tinha dois colegas meus, um era o mão boba, o outro não me recordo, só sei que esse mão boba ele até tá na frente das fotografias, com a mão toda assim, eles chamavam de mão boba.

Embora o Sr Juarez tenha dito não haver garotas do curso Ciências para o Lar, creio que talvez eu tenha induzido tal resposta ao ter feito a pergunta na negativa, pois há indícios de que as garotas do curso feminino participaram da Marcha de 1951³⁴.

Na Marcha Nico Lopes, fica corroborado esse lugar de gregarismo, um momento de reafirmar parcerias e espírito coletivo entre os garotos, momento de teatralizar com o gênero oposto e com as masculinidades subalternas.

A prática teatral anual de transgressão do espaço normativo continua até os dias de hoje na UFV. Atualmente, o caráter da Marcha vem acompanhando as mudanças sociais e políticas, locais, nacionais e internacionais, ou seja, são novas condições de emergência,

³⁴ É possível ler sobre a participação das garotas do Curso de Economia Doméstica na Marcha a partir de 1951 <http://www.overmundo.com.br/guia/marcha-nico-lopes>

utilizando aqui uma expressão foucaultiana no sentido de dizer que se trata de outro momento histórico com novas possibilidades discursivas ou novas reconfigurações de antigos discursos encampadas pelos ufevianos. Já participei de dois anos da Marcha, sendo possível ver blocos marchando em defesa de melhorias nos alojamentos, segurança no campus e outras políticas sociais estudantis. A pauta por melhorias na política estudantil vem desde o jornal e provavelmente continuará a ser uma reivindicação duradoura da Marcha. Além disso, trata-se de uma juventude universitária que, mesmo debaixo de um intenso calor, põe-se a marchar pela Reta seguindo o carro de som, festejando a liberdade de poder reivindicar e celebrar esse momento, seja debaixo de chuva ou sol ou os dois juntos, que caracterizam o período de final do verão para o outono, ou pela chuva artificial das varandas, quando os viçosenses jogam água na multidão, refrescando a carnavalesca ufeviana.

Após ter apresentado a dinâmica da ESAV, o jornal **O Bonde** e os movimentos das masculinidades nesse veículo, chega a vez de falar da relação entre **O Bonde** e A Paineira, dois jornais que conviveram se atritando no cotidiano da época. Aqui, a Paineira é fundamental, já que ela, juntamente com **O Bonde**, define os papéis masculinos e femininos dentro daquela instituição estudantil. Assim sendo, o próximo capítulo versará a respeito da relação entre os dois jornais e a construção desses papéis de gênero.

5. AS ECONOMISTAS PELO OLHAR DOS GAROTOS DE O BONDE E OS BONDISTAS PELO OLHAR DAS GAROTAS DE A PAINEIRA.

Há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é "bom" e que
o outro é "ruim"
Norbert Elias (2000)

Neste último capítulo, minha intenção é abordar a relação entre os jornais **O Bonde** e a Paineira, duas mídias estudantis que movimentaram o universo cotidiano dos garotos e das garotas. Trata-se de um encontro ou um confronto organizado pelas relações de gênero e que colocou os gêneros em “disputa” na Universidade. Os garotos de **O Bonde** se preocuparam com a elaboração de discursos que diminuíssem a ação da mídia feminina, um mecanismo de defesa de um gênero solidificado como hierárquico dentro de um território estudantil. Por essa razão, eu não poderia deixar de trazer alguns recortes a respeito dessa relação que revela muito da construção das masculinidades na medida em que o gênero feminino torna-se elemento de um jogo de desprezo e desejo.

No mais, é importante destacar que as garotas buscavam seu espaço institucional, tornavam-se militantes na busca de uma difícil visibilidade dentro de um território masculino, lutavam contra o império masculino, não no sentido de destituí-los do território já estabelecido, mas na busca por também fazer parte deste. As garotas da Economia Doméstica eram percebidas ora como intrusas desse espaço, ora como futuras promessas de bons casamentos, ou como as cores que suavizavam aquele universo griz das masculinidades.

A masculinidade, assim como a feminilidade, é aprendida em um contexto relacional e reacional. Ambas são facetas de um fazer-se sujeito, fazer-se discurso, fazer-se norma, fazer-se função social, fazer-se categoria, fazer-se representação. Se nascemos em um mundo já repleto de classificações, isso significa que somos sujeitos produtos desses discursos classificatórios, filhos(as) de binarismos diversos. Por meio das matérias que destaco neste capítulo, esse caráter de constituição de sujeitos através de binarismos e ideologia de gênero poderá ser percebido.

5.1 A origem da Escola Superior de Ciências Domésticas.

Para que possamos compreender o processo de construção, de subjetivação masculina na instituição, foco central deste trabalho, é preciso que haja também um movimento desta pesquisa interessada na história das garotas estudantes que passaram a dividir o território agrário. Ou seja, não se pode pensar em compreender o cotidiano dessa masculinidade escolar sem se interessar pelo que o jornal **O Bonde** dizia dessas garotas. Refletir a partir das matérias que relacionam esses dois grupos de gênero significa pensar foucautianamente em como esse dispositivo masculino - **O Bonde** - produzia discursos e imagens que reforçavam a masculinidade hegemônica.

Quais e que tipo de discursos aparecem nas páginas do jornal estudantil **O Bonde** em relação às garotas da Escola Superior de Ciências Domésticas³⁵? Partindo dessa reflexão, busquei capturar significados sobre a relação apresentada nas páginas do jornal **O Bonde** a respeito dessas garotas da Escola que chegam já na época em que a ESAV se transformava em UREMG. Para compreender a invenção do jornal feminino “A Paineira” na relação com **O Bonde**, aciono o sentido de gênero, que é um sistema relacional, como aponta Guash (2006, p. 21), ao destacar que: “la masculinidad también afecta a las mujeres porque el género es un sistema relacional”.

A entrada das mulheres no universo masculino da UREMG se deu, segundo Lopes (1995), como um espaço aberto oficialmente para valorizar as práticas domésticas em bases racionais científicas. O curso visibiliza o doméstico e resguarda a casa (*oikos*) como espaço feminino. No resgate sobre a origem da Escola Superior de Economia Doméstica, percebe-se que esse curso teve seu início com o mês feminino³⁶. Nas palavras de Borges (1968, p. 27):

O mês feminino, que constava de cursos sobre assuntos domésticos, realizado pela primeira vez de 7 a 26 de janeiro de 1935, mostrou a preocupação da Escola, desde

³⁵ A Escola de Ciências Domésticas de Viçosa, que dá origem ao curso superior de Ciências Domésticas no Brasil, foi criada pela Lei Estadual 272, de novembro de 1948 - lei que estabelecia a UREMG - fazendo parte de um acordo firmado por convênio entre o governo brasileiro e o governo americano. Concretiza-se, assim, pelo menos em tese, o modelo dos *land-grant colleges* americanos. (LOPES, 1995 p.101). É importante destacar que, posteriormente, a Escola substituiu o termo Ciências por Economia Doméstica e que no ano de 2017 o curso virou Serviço Social.

³⁶ O mês feminino era um evento realizado para as esposas dos fazendeiros que participavam da tradicional Semana do Fazendeiro. Nesse evento eram realizadas atividades para o conhecimento prático sobre culinária, vestuário, cuidados com o lar e agricultura. Vídeo do mês feminino de 1935 pode ser acessado através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=NphNHu3veWU>

seus primórdios, com os problemas do lar. Mais tarde, com o advento da UREMG, foi a ESA que organizou e prestou toda assistência material e didática à Escola Superior de Ciências Domésticas (a primeira do gênero no Brasil, tendo entrado em funcionamento em 1º de agosto de 1952) até que ela pudesse funcionar com seus próprios recursos.

É importante salientar que,

Além do mês feminino, da associação de mulheres dos professores, e das mulheres empregadas nas instâncias burocráticas da instituição - como secretárias, bibliotecárias, datilógrafas, administradoras dos dormitórios, etc; a presença feminina está, desde seu início, na Escola, no *status* de Rainha dos Estudantes. A primeira delas foi a Srta. Marina Gones, eleita pelos estudantes em 1937, uma prática que se prolonga nos sucessivos bailes marcados pelo calendário escolar. O lugar das mulheres na ESA era o de rainha da ESA, na condição de associadas, como mulheres de professores, ou em posições menos prestigiadas da academia. Constitui-se portanto como uma escola ruralista, classista e machista (LOPES, 1995, p.47).

Como pode-se perceber, o cotidiano feminino era pequeno no começo da escola. Já havia a presença de algumas estudantes antes mesmo do surgimento da Escola Superior de Ciências Doméstica (ESCD). Esse fato, por vezes, aparece no jornal **O Bonde**, ou seja, as mulheres já se faziam presentes bem antes de 1952, como consta na matéria “Eles e as mulheres”, publicada em 1947, época da ESAV em que há uma publicação a respeito de uma mancada do estudante Simão com uma caloura. Logo, a presença feminina já ocorria mesmo antes da existência do Curso Superior de Ciências Domésticas. Contudo, foi no ano de 1952, com a fundação do curso, que as mulheres passaram a ocupar maior espaço, embora esse processo tenha ocorrido de modo gradativo.

A relação entre os garotos e as garotas não parece ter sido, desde o começo, uma relação de aceitação espontânea, algo de bom grado pelos garotos. A chegada de sujeitos *outsiders* a um território já constituído de poder e hegemonia pode, de fato, levar a relações antagônicas de poder e à criação de resistência. O uso da epígrafe de Elias (2000) não é por mero acaso, já que o sociólogo alemão expôs o incômodo de um determinado grupo estabelecido, ou grupo tradicional da comunidade de Winston Parva - no encontro (hostil) com os *outsiders*, os vizinhos recentes dessa comunidade. A relação conflituosa dava origem às fofocas começando um jogo de estigmatização do grupo novato em detrimento aos estabelecidos. **O Bonde**, embora reconhecendo a importância do curso e até dando as boas vindas a essas garotas, não demorou para se firmar como uma mídia hegemônica, construída por um grupo hierárquico estabelecido - os bondistas, os homens. Logo, o jornal produzia um

pano de fundo favorável para a estigmatização das economistas por meio de alguns de seus artigos com carga pejorativa da imagem da mulher e do jornal A Paineira. Eles utilizaram um modo de operação com toques de uma dominação científica, de gênero, de poder e de racionalidade no intuito de representá-las como o lado oposto a tais atributos, principalmente infantilizando-as, por isso se tornou um instrumento a favor da hegemonia masculina na instituição.

Com o aparecimento de um jornal feminino, o jornal masculino ganhou mais motivos-ingredientes para a fogueira de fofocas. Uma fogueira vermelha, pincelada pelas cores da paquera e da disputa, ingredientes dos fortuitos relacionamentos amorosos, gostosas faíscas temperadas ao sabor de um cotidiano agora mais atrativo para a vivência da masculinidade dominante. Na verdade, um cenário ambíguo se constituiu entre os desejos e recursas que permeavam um tenso jogo de representações. As paixões juvenis começavam a acontecer entre os agrários e as economistas, bem como a rivalidade que também era alimentada pela existência de dois jornais dentro do mesmo território acadêmico. Um dos elementos constituintes de uma masculinidade dominante-hegemônica é justamente a cultura pelo relacionamento e dominação sobre o sexo feminino, ou seja, práticas que nos constituem como homens ao longo de nossas vidas. O não relacionamento ou desinteresse sexual e afetivo pelo gênero feminino nos fazem, no mínimo, sujeitos suspeitos de pertença a uma masculinidade subalterna - homossexual. Nesse sentido, nada mais coerente para uma instituição de formação educacional masculina se abrir para a possibilidade de os garotos se reconhecerem como homens e tornarem-se pertencentes a um grupo de sujeitos que se interessam por mulheres.

Mas, se, por um lado, o romance tornava a Universidade um palco de confirmação da definição do que é ser homem, por outro, produzia um rol de venenos universalizantes da divisão social-herárquica entre homens e mulheres e de chacotas feitas à custa das economistas, colocando-as como gênero inferior, um modo de situá-las como sujeitos de um gênero coadjuvante. Alerta-nos Hall (2006, p. 71) que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação”. Por isso, críticas, metáforas e brincadeiras favorecem a criação identitária representacional de um grupo que, conseqüentemente, diferencia-se de outro grupo.

O binômio gênero, desde muito tempo, alimenta-se com discursos que vêm de instituições hierárquicas masculinas como a família, a ciência médica e o mundo do trabalho.

Todos esses são considerados pela masculinidade hegemônica como sendo domínio dos homens, lugares de discursos de poder ajudando na definição do que vem a ser um homem e uma mulher, de acordo com funções sociais construídas pela nossa sociedade masculina. Como aponta Meyer (2003, p. 24):

De variados modos, os estudos contemporâneos sobre o espaço escolar, as práticas pedagógicas que nele se desenvolvem, bem como os estudos que se têm envolvido com as pedagogias culturais têm mostrado como estamos, em nossa sociedade, sempre operando a partir de uma identidade que é a norma, que é aceita e legitimada e que se torna, por isso mesmo, quase invisível - a masculinidade branca, heterossexual, de classe média e judaico-cristã.

O que os estudos contemporâneos nos dizem, segundo a autora, é que nem a normalidade, nem a diferença devem ser pensadas como sendo naturais, mas, sim, social e culturalmente produzidas.

A maquinaria ocidental moderna da sexualidade tem como preocupação principalmente o modelo capitalista de trabalho e de reprodução sexual, logo os papéis de gênero devem ser universais. Os papéis são construções interessadas para e pelo modelo societário ocidental, construções advindas de códigos de transmissão que ficam a cargo majoritariamente da escola e família, mas não somente destas. O pedagógico pode ser evidenciado também em mídias impressas, como é o caso desses dois jornais, um reforçando o masculino e outro advogando pelo espaço legítimo feminino. Por isso, falar de relações de gênero e de sexualidades é falar prioritariamente de uma malha discursiva pedagógica que extrapola os espaços institucionais comuns. Assim, é possível pensar em jornais tanto masculinos como femininos que exercem poder em seus públicos alvos e opostos também, ou seja, artefatos tecnológicos em combates que possam servir de organização e consolidação de um poder em relação ao outro. Por isso, a militância tende a surgir, como foi o caso do jornal feminino, a fim de deter a célula patriarcalista que reproduzia o machismo dentro da Escola.

É a partir do gênero que se começa uma construção social. Historicamente, a diferença entre homens e mulheres está calcada na distinção anatômica que, através dos arranjos de gênero elaborados em variados momentos históricos, perpetua-se como desigualdade de gênero. Tal constructo é tão forte que, mesmo hoje, após décadas da origem dessa instituição, o curso de Economia Doméstica ainda é conhecido na UFV como o curso de *Pica Couve*³⁷,

³⁷ “O lado masculino não era muito grande nas atividades masculinas, e como apelido tinham que levar um bem sugestivo e relacionado com alguma coisa agrícola” (LOPES, 1995 p.239). “Pica-couve é uma denominação

sendo essas garotas ainda vistas com desdém e desconfiança pelos cursos dominantes das agrárias e mesmo de vários olhares receosos dos alunos das humanas. Talvez alguns discentes se questionassem: “O que essas garotas fazem de verdade?”; “Que tipo de curso é esse?”; “Ele serve para quê?”; “É um curso sério este?”. Nesse sentido, há um estigma que advém de um apelido que ficou e apresenta um panorama ainda desfavorável para esse curso na UFV. Muito do que se constituiu como um jogo de verdade sobre determinados sujeitos pelo jornal acabou se perpetuando pelo imaginário coletivo dos estudantes, ficando como um legado universitário. Obviamente que não se pode culpar unicamente o jornal por um preconceito com a Economia Doméstica, isso seria muito leviano, mas, de algum modo, esse dispositivo masculino ressoa no cotidiano da UFV.

5.2 O Bonde e A Paineira: um encontro relacional e reacional.

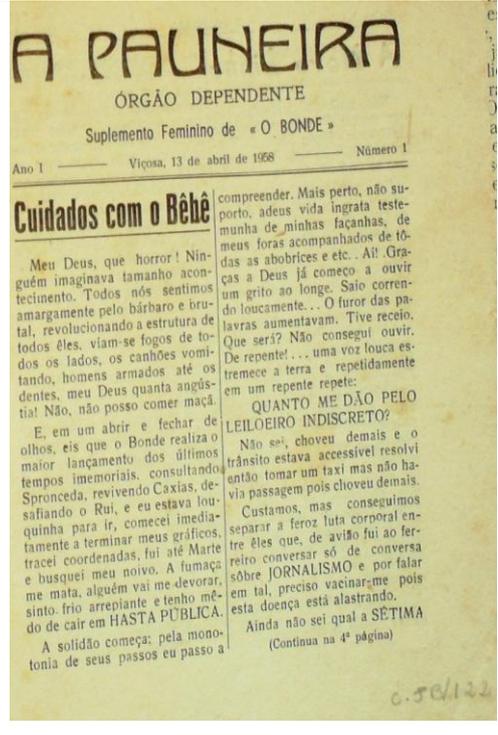
Bondistas e Economistas Domésticas configuravam um roteiro estudantil de tensão no tocante à circulação de suas mídias estudantis pelo campus. O jornal **O Bonde** se organizava, em grande parte, pelo incômodo nítido pela existência pela mídia feminina A Paineira, lançada pelo campus com data de 13 de abril de 1958.

Logo “de início”, destaco uma publicação do jornal masculino, uma folha avulsa colocada sobre a primeira página do jornal de número 191. Parece ser uma brincadeira repleta de ironia e figuras de linguagem que denotavam a zombaria com o jornal feminino. A página

usual para as estudantes da Economia Doméstica de Viçosa. Essa designação antecede à criação do jornal A Paineira. Pica-fumo foi cunhado para os estudantes dos cursos técnicos e elementares de Agronomia na época da ESA e, posteriormente, pica-pau designava os estudantes da Engenharia Florestal. Esses apelidos não sobreviveram no tempo com exceção para pica-couve. Em julho de 1994, por ocasião da *foto de turmas* dos formandos, ao ser anunciada a subida das alunas e professoras homenageadas do curso de Economia Doméstica nas escadarias do Prédio Principal, me surpreendo com ovação: *vai ,pica-couve!* A couve é uma hortaliça largamente usada na dieta mineira, considerada a proteína do pobre por seu alto valor nutricional sendo rica em sais minerais, Vitamina A e Vitamina C. Presente em toda horta das moradias rurais bem como nos terreiros, por menor que sejam, das casas fundamentalmente de famílias mais pobres das cidades do interior. A tarefa de picar couve à moda mineira (bem fininha) requer habilidade e paciência e revela o capricho de uma boa dona-de-casa quando picada convenientemente, ou seja, não apenas rasgando as folhas, mas enrolando cada uma das folhas uma dentro da outra bem apertada segurando com uma das mãos o molho de forma que fique dentro do meio círculo feito com os dedos indicador e polegar. Com a outra mão passa-se a faca com firmeza e ao mesmo tempo de leve para dar o efeito de fios compridos e finos. A faca, que deve ser afiada, raspa por bem perto da superfície dos dois dedos. Ao contrário do que se poderia imaginar com base na descrição do ato de picar-couve, essa não é uma atividade culinária valorizada, assim como a couve é uma hortaliça de pobre e considerada menos saborosa que outros pratos da culinária mineira. (LAM-SANCHEZ, 2006, p. 216 - 217).

avulsa está com o título irônico A Pauneira com o subtítulo de “*Suplemento Feminino de “O Bonde”*”. A dúvida fica a cargo de quem realmente escreveu essa matéria, teriam sido as garotas replicando a formatação do jornal **O Bonde**, a fim de atacá-lo, mostrando como os garotos enxergavam o jornal feminino ou teriam sido mesmo os garotos? Tenho a impressão de se tratar de um ataque das garotas escritoras de A Paineira, já que, logo em seguida, na mesma edição, o estudante de pseudônimo Paulada assina uma matéria contra-atacando o jornal feminino. Logo, não seria lógica a matéria de Paulada, se a brincadeira tivesse partido dos bondistas.

Segue, então, a matéria da página avulsa em que o jornal feminino aparece com o nome de A Pauneira e, em seguida, apresento uma crítica feita por Paulada contra- atacando o conteúdo desse primeiro número do jornal feminino.

<p>A PAUNEIRA Órgão Dependente Suplemento Feminino de “O Bonde” Ano 1 – Viçosa, 13 de abril de 1968 – Número 1.</p> <p>Cuidados com o Bêbê Meu Deus, que horror! Ninguém imaginava tamanho acontecimento. Todos nós sentimos amargamente pelo bárbaro e brutal, revolucionando à estrutura de todos eles. Viam-se fogos de todos os lados, os canhões vomitando, homens armados até os dentes, meu Deus quanta angústia! Não, não posso comer maçã.</p> <p>E, em um abrir e fechar de olhos, eis que O Bonde realiza o maior lançamento dos últimos tempos imemoriais consultando Spronceda, revivendo Caxias, desafiando o Rui, e eu estava louquinha para ir, comeci imediatamente a terminar meus gráficos tracei coordenadas, fui até Marte e busquei meu noivo. A fumaça me mata, alguém vai me devorar, sinto frio arrepiante e tenho medo de cair em HASTA PÚBLICA.</p> <p>A solidão começa; pela monotonia de seus passos eu passo a</p>	<p>Compreender. Mais perto, não suporto, adeus vida ingrata testemunha de minhas façanhas, de meus foras acompanhados de todas as abobrices e etc. Ai! Graças a Deus já começo a ouvir um grito ao longe. Saio correndo loucamente... O furor das palavras aumentavam. Tive receio, Que será? Não consegui ouvir. De repente!... uma voz louca estremece a terra e repentinamente em um repente repete: QUANTO ME DÃO PELO LEILOEIRO INDISCRETO?</p> <p>Não sei, choveu demais e o trânsito estava acessível resolvi então tomar um taxi mas não havia passagem pois choveu demais.</p> <p>Custamos, mas conseguimos separar a feroz luta corporal entre eles que, de avião fui ao ferreiro conversar só de conversa sobre(sic) JORNALISMO e por falar em tal, preciso vacinar-me pois esta doença está alastrando.</p> <p>Ainda não sei qual a SÉTIMA</p> <p>(Continuar na 4º página)</p>	 <p>A PAUNEIRA ÓRGÃO DEPENDENTE Suplemento Feminino de « O BONDE » Ano 1 — Viçosa, 13 de abril de 1968 — Número 1</p> <p>Cuidados com o Bêbê</p> <p>Meu Deus, que horror! Ninguém imaginava tamanho acontecimento. Todos nós sentimos amargamente pelo bárbaro e brutal, revolucionando a estrutura de todos eles, viam-se fogos de todos os lados, os canhões vomitando, homens armados até os dentes, meu Deus quanta angústia! Não, não posso comer maçã.</p> <p>E, em um abrir e fechar de olhos, eis que o Bonde realiza o maior lançamento dos últimos tempos imemoriais, consultando Spronceda, revivendo Caxias, desafiando o Rui, e eu estava louquinha para ir, comeci imediatamente a terminar meus gráficos, tracei coordenadas, fui até Marte e busquei meu noivo. A fumaça me mata, alguém vai me devorar, sinto frio arrepiante e tenho medo de cair em HASTA PÚBLICA.</p> <p>A solidão começa; pela monotonia de seus passos eu passo a</p> <p>compreender. Mais perto, não suporto, adeus vida ingrata testemunha de minhas façanhas, de meus foras acompanhados de todas as abobrices e etc. Ai! Graças a Deus já começo a ouvir um grito ao longe. Saio correndo loucamente... O furor das palavras aumentavam. Tive receio. Que será? Não consegui ouvir. De repente!... uma voz louca estremece a terra e repetidamente em um repente repete: QUANTO ME DÃO PELO LEILOEIRO INDISCRETO?</p> <p>Não sei, choveu demais e o trânsito estava acessível resolvi então tomar um taxi mas não havia passagem pois choveu demais.</p> <p>Custamos, mas conseguimos separar a feroz luta corporal entre eles que, de avião fui ao ferreiro conversar só de conversa sobre JORNALISMO e por falar em tal, preciso vacinar-me pois esta doença está alastrando.</p> <p>Ainda não sei qual a SÉTIMA</p> <p>(Continua na 4ª página)</p>
--	--	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1958. Número 191).

O título “Cuidados com o Bêbê” me parece ser uma ironia das economistas domésticas ao jornal masculino **O Bonde**, uma legítima defesa das garotas como um levante com os ataques em números antecedentes pelo **O Bonde** que, por sua vez, já observava as tentativas de publicação da Paineira. Além disso, com a frase “*Suplemento feminino de “O Bonde”*”, há uma alfinetada das economistas ao jornal masculino e, ao mesmo tempo, parece-me haver

uma tentativa de afrontá-los, como se quisessem enunciar: “*não nos subestime caros bondistas*” “*nós sabemos fazer uso da escrita, da paródia, metáfora e de atacar também*”. Como já disse, no mesmo número do jornal masculino, há uma pesada crítica feita ao A Paineira, que diz o seguinte:

<p>Ves, pseudo-jornalistas. Esperamos que as Meninas aprendam e melhorem a apresentação do jornal, que atualmente deixa muito a desejar.</p> <p>Primeiramente, chamamos a atenção para a elevada incidência de plágios. Mirna (uma iniciante, vê-se logo) plagia, horrorosamente, o grande poeta DRUMOND DE ANDRADE, (Morte no Avião em Fazendeiro do Ar e Outras Poesias Até Agora) – Livraria José Olímpio Editora – Rio – 1956.</p> <p>Vejam esta “mancada”, marca registrada de A Paineira: O M que faltou na palavra aconteceM(sic), no título, que deveria ter sido “Cousas que dificilmente aconteceM(sic)”.</p> <p>As citações cuja interpretação dupla podem resultar na mudança do conceito zoológico da espécie que povoa os hipódromos, pois o que temos aqui não justifica a comparação da ESAV com um hipódromo, porque , nota-se a presença de uma calourada por sinal “bem mansa”.</p> <p>Chamar o simpático C.A.S de “galinheiro não soa bem e as coisas podem se complicar... Os erros de concordância (ou revisão?), quando cometidos nos títulos são mais graves do que parecem. Vocês precisam de dar mais atenção à revisão; é primário, fundamental, ultra necessário. A cronista social, como ela mesma confessa, não possui a tarimba do cronista de “O Bonde”. Tenta, dolorosamente conseguir imitá-lo, e não o consegue. Mude de orientação “Glória Sued”...</p> <p>O Bonde como todos veem vai de vento em popa apesar das dificuldades (não estamos insinuando maior capacidade de trabalho ou inteligência; absolutamente...) quando necessitarem de ajuda, venham até nossa Redação. Isto talvez implique numa violação ao regime que vocês, de leve, insinuam, nas colunas de “A Paineira”, ser duro, fechado e rígido. Venham Meninas que nós lhes ajudaremos. Temos um exemplar da Lei de Imprensa também à disposição de vocês.</p> <p>Dizer que a COOPERATIVA vende caro é uma inverdade, mas a citação não afetará a mesma, pois todos são testemunhas dos benefícios que ela tem trazido aos Esavianos e se mais não fez até hoje é por falta de “Colaboração”.</p> <p>Chamamos a atenção para este ponto, porque citações inverídicas comprometem o brio de um jornal quando se trata de coisas sérias, e as vezes a situação complica a ponto de parar nas mãos da Justiça, que segundo dizem é cega.</p> <p>Finalmente censura o endereço(sic) dado na página 4. Muito pueril, infantilescio mesmo. Vocês estão parecendo “Meninos do Agro”.</p> <p>Meninas, vocês não precisam agradecer. Nada mais fizemos que a nossa obrigação. Caridade é obrigação. Sentimo-nos felizes por servir à comunidade.</p> <p style="text-align: right;">PAULADA.</p>	<p>ves, pseudo-jornalistas. Esperamos que as Meninas aprendam e melhorem a apresentação do jornal, que atualmente deixa muito a desejar.</p> <p>Primeiramente, chamamos a atenção para a elevada incidência de plágios. Mirna (uma iniciante, vê-se logo) plagia, horrorosamente, o grande poeta DRUMOND DE ANDRADE, (Morte no Avião em Fazendeiro do Ar e Outras Poesias Até Agora) – Livraria José Olímpio Editora – Rio – 1956.</p> <p>Vejam esta “mancada”, marca registrada de A Paineira: O M que faltou na palavra aconteceM, no título, que deveria ter sido “Cousas que dificilmente aconteceM”.</p> <p>As citações, cuja interpretação dupla podem resultar na mudança do conceito zoológico da espécie que povoa os hipódromos, pois o que temos aqui não justifica a comparação da ESAV com um hipódromo, porque, nota-se apenas a presença de uma calourada por sinal “bem mansa”.</p> <p>Chamar o simpático C.A.S. de “galinheiro não soa bem e as coisas podem se complicar... Os erros de concordância (ou revisão?), quando cometidos nos títulos são mais graves do que parecem. Vocês precisam de dar mais atenção à revisão; é primário, fundamental, ultra necessário. A cronista social, como ela mesma confessa, não possui a tarimba do cronista de “O BONDE”. Tenta, dolorosamente conseguir imitá-lo, e não o consegue. Mude de orientação “Glória Sued”...</p> <p>O BONDE, como todos veem vai de vento em popa apesar das dificuldades (não estamos insinuando maior capacidade de trabalho ou inteligência; absolutamente...) quando necessitarem de ajuda, venham até nossa Redação. Isto talvez implique numa violação ao regime que vocês, de leve, insinuam, nas colunas de “A Paineira”, ser duro, fechado e rígido. Venham Meninas que nós lhes ajudaremos. Temos um exemplar da Lei de Imprensa também à disposição de vocês.</p> <p>Dizer que a COOPERATIVA vende caro é uma inverdade, mas a citação não afetará a mesma,</p> <p>pois todos são testemunhas dos benefícios que ela tem trazido aos Esavianos e se mais não fez até hoje é por falta de “Colaboração”.</p> <p>Chamamos a atenção para este ponto, porque citações inverídicas comprometem o brio de um jornal quando se trata de coisas sérias, e às vezes a situação complica a ponto de parar nas mãos da Justiça, que segundo dizem é cega.</p> <p>Finalmente, censura o endereço dado na página 4. Muito pueril, infantilescio mesmo. Vocês estão parecendo “Meninos do Agro”.</p> <p>Meninas, vocês não precisam agradecer. Nada mais fizemos que a nossa obrigação. Caridade é obrigação. Sentimo-nos felizes por servir à comunidade.</p> <p style="text-align: right;">PAULADA.</p> <p style="text-align: center;">CHAFÉ SOCIETY</p> <p style="text-align: center;">by Bizunga Sued</p> <p>Hellow boys and girls! Aqui estou novamente para dar as últimas notícias do nosso apreciadíssimo society. Mesmo em plena quaresma este “seu comunista” incansavelmente traz por esta “atmosfera” carregada os últimos acontecimentos que presenciou na semana passada principalmente do mingno no jardim.</p> <p>Sistematicamente ando na pista do bárbaro ataque do galã de “peneu careca” Furereca na conquista da Srta. ‘DEZ PARA AS DUAS’, sinceramente que não estou entendendo tanto interesse por vida é assim meu jovem. Tenho notado com insistência a entrada tranca que o bovíano “Gluglu” tem no Castelo sentimental das picas-couve. Senhoritas! Yo también hal un poquito del castellano! ¡aí nesta bueca! E assim vai meu society. A srta. Mas Cara Melo diz impressionado bem com sua máxima ausência entre nós... assim foi que me propalaram... Finalmente, eu não tinha “modo” no caso. E’ o fim...</p>
--	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1958. Número 191).

É possível perceber que o estudante de pseudônimo Paulada reage atacando A Paineira. O modo como o estudante critica o jornal mostra um caráter reacional em ter que “lidar” com o, agora, rival jornalístico. O efeito causado pela saída do jornal feminino e, sobretudo, pela matéria irônica escrita na primeira página indignou e ameaçou o território

sagrado masculino. É interessante perceber que, na matéria escrita enquanto crítica, na frase: “Vocês estão parecendo “Meninos do Agro”, corrobora com a existência das masculinidades no plural, ou seja, a representação de diferentes masculinidades no cotidiano escolar e, conseqüentemente, o grau hierárquico entre as masculinidades, pois, ao que tudo indica, para os bondistas, os agros eram considerados infantis, pueris, características de uma masculinidade subalterna, possível de ser comparada ao feminino.

A Paineira, apropriada e reforçada no **O Bonde**, faz notar, com a matéria “Cuidados com o Bêbê”, que o lugar das mulheres no campus estudantil é o da visibilidade e do protagonismo, lugar de uma militância empenhada em enfrentar um jornal já estabelecido, mostrando a coragem de algumas garotas que reacionam após tantos ataques masculinos. É como se, no final da matéria, com a frase “Venham Meninas que nós lhes ajudaremos. Temos um exemplar da Lei de Imprensa também à disposição de vocês”, houvesse a insinuação de que elas não soubessem caminhar sozinhas, fossem incapazes e, pior, poderiam trapacear e fazer plágios e, por isso mesmo, deveriam contar com a instrução e a proteção dos bondistas.

A frase “Meninas, vocês não precisam agradecer. Nada mais fizemos que a nossa obrigação. Caridade é obrigação. Sentimo-nos felizes por servir à comunidade,” expressa a intenção do jornal masculino em inferiorizar o jornal feminino utilizando do pseudoartifício crítico construtivo, “intenção” em ajudá-las. Um ar de teatralização indicando uma superioridade em julgar o outro grupo. Segundo Louro (2008c, p. 46): (...) “a nomeação da diferença é, ao mesmo tempo e sempre, a demarcação de uma fronteira”.

A construção da masculinidade hegemônica pode ser percebida pelo discurso pedagógico que envolve o gênero masculino na ação de como se manter o espaço dominante em detrimento ao perigo existente na feminilidade, agora num levante da militância feminina. E é preciso negar, se possível, controlar o desconforto causado e tentar desapropriar o feminino de qualquer legitimidade, para que não haja uma perda desse controle. A masculinidade representada pelos bondistas se sentia ameaçada e temerosa de perder o poder. Isso não cairia bem para os bondistas. Como destaca Cortés (2004, p. 40 - 41):

(...) podemos afirmar que no existe la masculinidad em si misma. La masculinidad, al igual que la feminilidad, se va adquiriendo en un proceso de aprendizaje, a veces muy duro, en el cual una es producto de la otra, ya que ambas se construyen y se definen una en relación (negación) a la otra.

É importante salientar que as matérias publicadas no jornal **O Bonde** estão cheias de metáforas que nem sempre se tornam fáceis de serem compreendidas, mas que possibilitam uma aproximação com os dois gêneros no cotidiano escolar. Ao que tudo indica, o ataque da primeira edição de A Paineira serviu de um início nada agradável, o ambiente de embate continuou com a matéria intitulada “Ética e Senso de Humor”, na qual é possível perceber que essa rusga estudantil alimentou bons números de ambos os jornais.

<p style="text-align: center;">ÉTICA E SENSO DE HUMOR STROGOF</p> <p>Sayonara, pseudônimo digno de uma pessoa deficiente em fostatídios que carecem de colina.</p> <p>Antes de mais nada, desejo deixar bem claro que com esta réplica, não procuro estabelecer uma polêmica, porque seria supérfluo e iria também acentuar o seu flato, que noto já estar em um grau bastante adiantado de maturação.</p> <p>Em sua fuliginosa crônica destas quatro folhas mimiografadas, que muitos cognominam de “A Paineira”, tentou em vão fubecar a minha pessoa, que por falta de sorte de sua parte, é invulnerável a ataques de microorganismos patológicos, principalmente aos da família SAYONAREAE.</p> <p>Sua inexactidão ao empregar termos como ética e humor, deixa bem patente a sua iconoclastia quanto aos princípios básicos de nossa linguagem. Qualquer membro de uma Academia de Letras, por mais néscio que seja, classificaria seus artigos como pútridos e tudo faria para sepultá-los, fazendo um veemente apelo aos germens telúricos da descendência para que exterminassem por completo esse mal, que é por todos sabido, insensível a qualquer medicamento.</p> <p>Afirmo que possuo senso de humor, principalmente aquele que é muito peculiar aos ingleses: misto de crítica, de gracejo irônico e bastante picardia.</p> <p>Enganou-se ao afirmar que confundo senso de humor com uma notável falta de ética, pois para mim ele é bastante benéfico.</p> <p>Devia ter pensado antes de usar a Expressão “falta de ética”, porque assim assinalou mais um tento para encurtar a sua mente, que como os politerpenos, cis ou trans isômeros, encolhem conforme o uso.</p> <p>ÉTICA: ciência da moral ...</p> <p>Por favor peço para meditar um pouco nessas reticências, para não mais no futuro cometer erros que só seriam prejudiciais a você.</p> <p>Não guardarei rancor por isso, digo mesmo que termino perdoando, pois Cristo nos ensinou a perdoar aqueles que são pobres de espírito.</p>	<p style="text-align: center;">ÉTICA E SENSO DE HUMOR STROGOF</p> <p>Sayonara, pseudônimo digno de uma pessoa deficiente em fostatídios que carecem de colina.</p> <p>Antes de mais nada, desejo deixar bem claro que com esta réplica, não procuro estabelecer uma polêmica, porque seria supérfluo e iria também acentuar o seu flato, que noto já estar em um grau bastante adiantado de maturação.</p> <p>Em sua fuliginosa crônica destas quatro folhas mimiografadas, que muitos cognominam de “A Paineira”, tentou em vão fubecar a minha pessoa, que por falta de sorte de sua parte, é invulnerável a ataques de microorganismos patológicos, principalmente aos da família SAYONAREAE.</p> <p>Sua inexactidão ao empregar</p> <p>termos como ética e humor, deixa bem patente a sua iconoclastia quanto aos princípios básicos de nossa linguagem. Qualquer membro de uma Academia de Letras, por mais néscio que seja, classificaria seus artigos como pútridos e tudo faria para sepultá-los, fazendo um veemente apelo aos germens telúricos da descendência para que exterminassem por completo esse mal, que é por todos sabido, insensível a qualquer medicamento.</p> <p>Afirmo que possuo senso de humor, principalmente aquele que é muito peculiar aos ingleses: misto de crítica, de gracejo irônico e bastante picardia.</p> <p>Enganou-se ao afirmar que confundo senso de humor com uma notável falta de ética, pois para mim ele é bastante benéfico.</p> <p>Devia ter pensado antes de usar a expressão “falta de ética”, porque assim assinalou mais um tento para encurtar a sua mente,</p> <p>Srta. CC x CC Srta. Cornicópia x Barbadinho Srta. Mau Mau x Pururú Pelo semestre é só. Sou muito pelas Srts. Pupilas, que souberam receber com espírito elevado as minhas críticas. Sou porém contra o diz não diz, por algumas da cidade sobre o que eu escrevo.</p> <p style="text-align: center;">Bye, bye</p> <p>que como os politerpenos, cis ou trans isômeros, encolhem conforme o uso.</p> <p>ÉTICA: ciência da moral ...</p> <p>Por favor peço para meditar um pouco nessas reticências, para não mais no futuro cometer erros que só seriam prejudiciais a você.</p> <p>Não guardarei rancor por isso, digo mesmo que termino perdoando, pois Cristo nos ensinou a perdoar aqueles que são pobres de espírito.</p>
--	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1956. Número 175).

No recorte, Sayonara é o pseudônimo a ser atacado. O bondista de pseudônimo Strogof utiliza-se de vários termos técnicos do mundo científico acadêmico, lugar que legitima para diminuir a ação da rival, uma tendência entre grupos rivais de criar estigmatizações, no cenário dessa disputa midiática. A estigmatização parecia ser uma arma poderosa para manter o grupo tido como inferior, ou menos antigo/tradicional, em seu devido lugar.

Os ataques entre mídias parecem ser um fenômeno antigo e certamente protagonizado pela mídia impressa. Com a evolução das redes sociais, a esfera de ataques proliferou, principalmente no que tange aos âmbitos político e econômico. Qualquer que seja a mídia, ela é um dispositivo pedagógico. Fischer (2002), que analisa essas mídias, inspira-se em Foucault, ao descrever o dispositivo pedagógico como sendo:

(...) um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem (FISCHER, 2002, p.155).

As rixas e as fofocas são as rivalidades que fazem qualquer jornal se tornar popular entre os leitores, além dos elementos de sexo, crime e política que fazem parte da composição dos periódicos pelo mundo afora. A fofoca é um interesse coletivo. Talvez, mais importante do que o próprio fato verídico, sejam as conjecturas-mexericos que se produzem de tal fato. Os jornais, assim como a televisão, possuem um conhecimento prévio do seu público expectador(a)/leitor(a). Na época de circulação desses jornais, isso não era tão diferente. Provavelmente, as economistas e os bondistas ficassem sempre em alerta, observando o cotidiano e confabulando um contra- ataque que poderia angariar o apoio da parcela descontente em relação ao semanário oposto.

Além dessa relação de incômodo produzido pelo jornal feminino e dos contra- ataques bondistas, fiz uma seleção de alguns outros recortes nos quais a mulher é representada pela ótica masculina de **O Bonde**. É possível perceber que a mulher era vista pelos garotos bondistas numa relação de ganho ou de perda, pois havia um ar de desprezo, chacota e desdém, mas também de necessidade, encantamento e desejo. O que paradoxalmente se apresenta enquanto matéria publicada por um bondista em cuja visão a mulher é um ser que amedronta por sua “natureza feminina”, uma essência que colocaria a “natureza masculina” na berlinda do descontrole. E, apesar do desdém, este admite a tentação que os garotos sentem pelo “*rabo de saia*”, como pode ser percebido a seguir.

<p style="text-align: center;"><u>Sexo Frágil</u></p> <p>É uma grande necessidade que os moços de hoje leiam bastante. Infelizmente o brasileiro é dono de uma preguiça mental nunca vista.</p> <p>Quase sempre só se interessa por histórias em quadrinhos.</p> <p>Se lesse, no entanto, alguns escritores, por certo que conheceria a vida melhor. Apostamos que noventa e nove por cento dos esavianos não conhece a MULHER.</p> <p>Prestando um benefício à rapazeada aqui trazemos um pouco dos grandes livros:</p> <p>- "Não existem mulheres inteligentes. Todas são cretinas. Algumas tem o agravante de parecerem inteligentes".</p> <p>- "Certos homens acreditam que para chegar a u'a mulher seja preciso passar por uma antecâmara vasia(sic) que é o cérebro".</p> <p>- "As mulheres deixam-se impressionar pelos números. Admiram um brilhante se pesa sessenta grãos; apreciam um quadro se foi arrematado em leilão por um milhão; compreendem a importância de um delito se o autor foi condenado a trinta anos; julgam a gravidade de uma intervenção cirúrgica pelo número de pontos da sutura e veem se aquele rapaz poderá ser bom marido pelos cifrões que possui".</p> <p>- "A piedade das mulheres é um sentimento miserável, composto de mesquinhez, sadismo e necrofilia."</p> <p>- "As mulheres não têm inteligência. As mulheres não têm ideias, Têm ideias do ultimo homem com quem conversaram".</p> <p>Esaviano. Leia tudo isso com bem atenção. Se por ventura pensar em casamento que leia após ser marido:</p> <p>- "Maridos. Desconfiai da mulher que volta ara casa sem carmim. A côr não sabia que não precisava, pode retirar então os que aparecem pela tese transmigrou de sua boca à de outro.</p> <p>Maridos. Desconfiai da mulher que volta para casa com a boca pintada de modo desordenado e excessivo. Quer dizer que teve pressa em restaurar o rosto.</p> <p>Maridos. Desconfiai da mulher que volta para o ninho com os olhos sabiamente sombreados, com os lábios repassados com mão segura. Ela é uma enganadora fria.</p> <p>Maridos. Desconfia de todas as mulheres, pintem-se ou não se pintem. Estas últimas precauções evitam o desleixo das outras.</p> <p>Esaviano. O que aí está foi transcrito de um livro qualquer de uma biblioteca. Como esses há muitos. Procure sempre ter os conselhos de "O Bonde" comprando para isso uma assinatura de 1952.</p>	<p style="text-align: center;">Número 107</p> <p style="text-align: right;">O BONDE</p> <h2 style="text-align: center;">SEXO FRAGIL</h2> <p>É uma grande necessidade que os moços de hoje leiam bastante. Infelizmente o brasileiro é dono de uma preguiça mental nunca vista.</p> <p>Quase sempre só se interessa por histórias em quadrinhos.</p> <p>Se lesse, no entanto, alguns escritores, por certo que conheceria a vida melhor. Apostamos que noventa e nove por cento dos esavianos não conhece a MULHER.</p> <p>Prestando um benefício à rapazeada aqui trazemos um pouco dos grandes livros:</p> <p>- "Não existem mulheres inteligentes. Todas são cretinas. Algumas têm o agravante de parecerem inteligentes".</p> <p>- "Certos homens acreditam que para chegar a u'a mulher seja preciso passar por uma antecâmara vasia que é o cérebro".</p> <p>- "As mulheres deixam-se impressionar pelos números. Admiram um brilhante se pesa sessenta grãos; apreciam um quadro se foi arrematado em leilão por um milhão; compreendem a importância de um delito se o autor foi condenado a trinta anos; julgam a gravidade de uma intervenção cirúrgica pelo número de pontos da sutura e veem se aquele rapaz poderá ser bom marido pelos cifrões que possui".</p> <p>- "A piedade das mulheres é um sentimento miserável, composto de mesquinhez, sadismo e necrofilia."</p> <p>- "As mulheres não têm inteligência. As mulheres não têm ideias. Têm ideias do último homem com quem conversaram".</p> <p>Esaviano. Leia tudo isso com bem atenção. Se por ventura pensar em casamento que leia após ser marido:</p> <p>- "Maridos. Desconfiai da mulher que volta para casa sem carmim. A côr transmigrou de sua boca à de outro.</p> <p>Maridos. Desconfiai da mulher que volta para casa com a boca pintada de modo desordenado e excessivo. Quer dizer que teve pressa em restaurar o rosto.</p> <p>Maridos. Desconfiai da mulher que volta para o ninho com os olhos sabiamente sombreados com os lábios repassados com mão segura. Ela é uma enganadora fria.</p> <p>Maridos. Desconfiai de todas as mulheres, pintem-se ou não se pintem. Estas últimas precauções evitam os desleixos das outras."</p> <p>Esaviano. O que aí está foi transcrito de um livro qualquer de uma biblioteca. Como esses há muitos.</p> <p>Procure sempre ler os conselhos de "O Bonde" comprando para isso uma assinatura de 1952.</p> <hr/> <h3 style="text-align: center;">"LOVE LETTER'S"</h3> <p>Já havíamos sido ameaçados varias vezes para que não roubassemos mais, cartas amorosas.</p> <p>Mas não pudemos deixar de lado o que veio à nossa mesa, com uma letrelinha bem miúda e com um perfume a "la Paris".</p> <p>Talvez essa seja a carta mais verdadeira que "O Bonde" traz aos seus leitores:</p> <p>"Robertinho. Sanatório de minha alma</p> <p>Estou "afobadissima". É isso mesmo.</p> <p>Ando com uma saudade doída de você, do seu contacto "caliente" ... daquela pintinha gostosa, açucarada que nem mel. Cá pra nós: você tem um jeito infernal para "certas coisas" sabe? Muito tacto (sic) e muita classe também. Imagine! Tudo isto (e o ceu também) + alta tensão = INCENDIO. E a esta altura dos acontecimentos ponto (final ou de interrogação?) Sei lá...</p> <p>Bem, bem. Por hoje é só (e já é muito). Aqui vai o meu "caloroso" abraço e respectivo "complemento" (para você, é claro)</p> <p>Da Aline</p> <p>Cataguases, Outubro, 1951"</p> <p>Os que duvidarem da veracidade desta, perguntem ao Ladinho, Jaboti, Iurú, Rolf e outros.</p>
--	--

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 107).

É possível identificar uma visão de dualidade em que a mulher é concebida como o complemento do masculino. Trata-se de uma ideologia de poder construída socialmente em que a hierarquia de gênero prevalece. As nomeações utilizadas no texto - aparente inteligência (cretinas), mesquinhez, sadismo, necrofilia, enganadora, fria - são categorias que demarcam socialmente o lugar das mulheres e as diferenças frente ao gênero masculino representado como as vítimas.

Tais demarcadores de caráter beiram ao desprezo para com a mulher, retratada numa relação de descrédito e repulsa para com o gênero feminino. A suspeita de traição que se trata de um sujeito perigoso, feito para trair o esposo, intensifica-se na matéria que ganha ares de

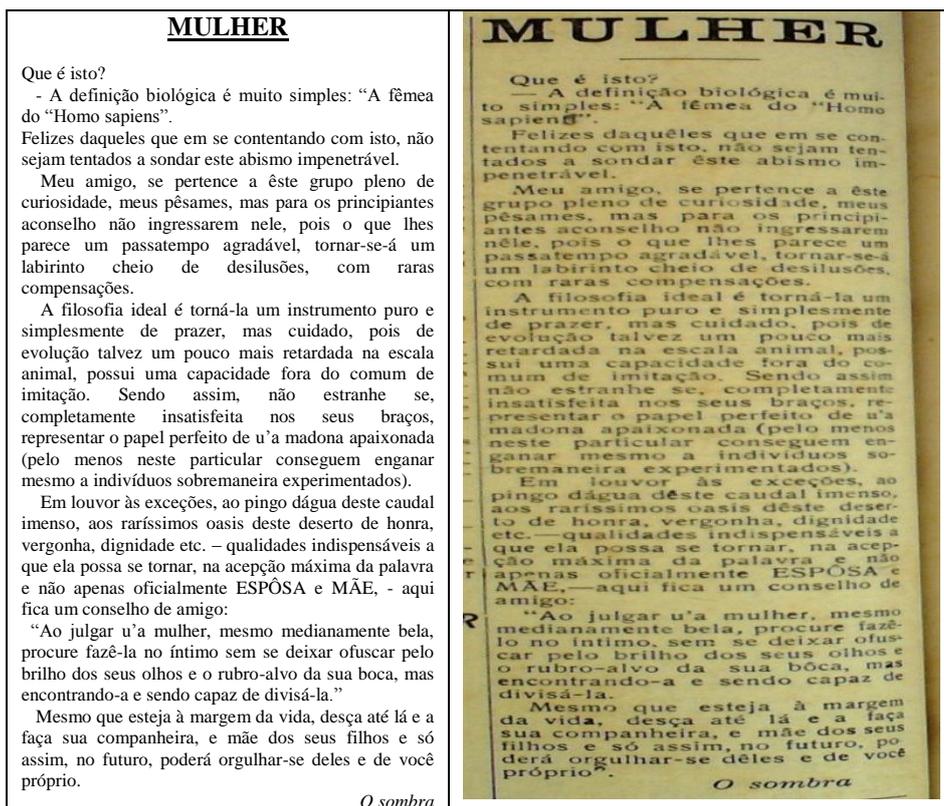
conselhos aos maridos, incentivando-os a ter sempre esse dispositivo conselheiro que é o jornal por perto. Portanto, trata-se de uma escrita sexista de clara advertência para os colegas homens. Rubin (1989) lembra a respeito dos axiomas ocidentais que dificilmente são questionados e, por isso mesmo, tendem a se reproduzir, tornando-se um ciclo de naturalização. A autora aponta que “el esencialismo sexual esta profundamente arraigado en el saber popular de las sociedades occidentales, que consideran al sexo como algo eternamente inmutable, asocial y transhistorico” (p. 130). Desse modo, historicamente, têm sido construídas verdades de sexo-gênero, justificadas pelos saberes médicos por um discurso pró-hormonais, pró-psiquismo, pró-fisiologistas e psicológicos.

Ao mesmo tempo, ao lado, consta uma publicação de *Love Letter's*, uma coluna de conteúdo amoroso, cartinhas de amor que geralmente eram identificadas como sendo de uma das economistas domésticas ou de outras garotas da região. A dualidade entre amor e chacota com o gênero oposto foi uma constante nas páginas do jornal.

Nesse sentido, quando a diferença produz mais uma exclusão do que uma afirmação de identidade, de luta pelas diferenças, praticar a diferença torna-se um (des)favor para com o outro, torna-se uma luta de poderes na qual o que se busca é a dominação de gênero.

Ao apresentar a mulher como uma possível traidora no casamento, o autor, dizendo se tratar de um texto encontrado em um livro de biblioteca, enfatiza o corpo como sendo o local de constatação dessa traição. É importante apontar que o corpo tornou-se tradição humanista ocidental, segundo Louro (2008c), em um receptáculo da natureza, o lado não racional e, por isso, passível de ser domado e vigiado em seus detalhes. Um corpo educado e dócil é um corpo identificável como sendo propriedade de uma instituição, familiar ou escolar.

A próxima matéria, também versada de um viés sexista, reporta à mulher numa pauta de conselhos entre homens. O objetivo é alertar o homem como este deve se portar ao encontrar uma mulher, os cuidados para não cair em uma armadilha armada por ela, uma vez que, segundo o bondista de pseudônimo Sombra, ela teria uma capacidade de imitação perfeita para se fingir de apaixonada.



Fonte: Jornal **O Bonda** (Ano 1952. Número 118).

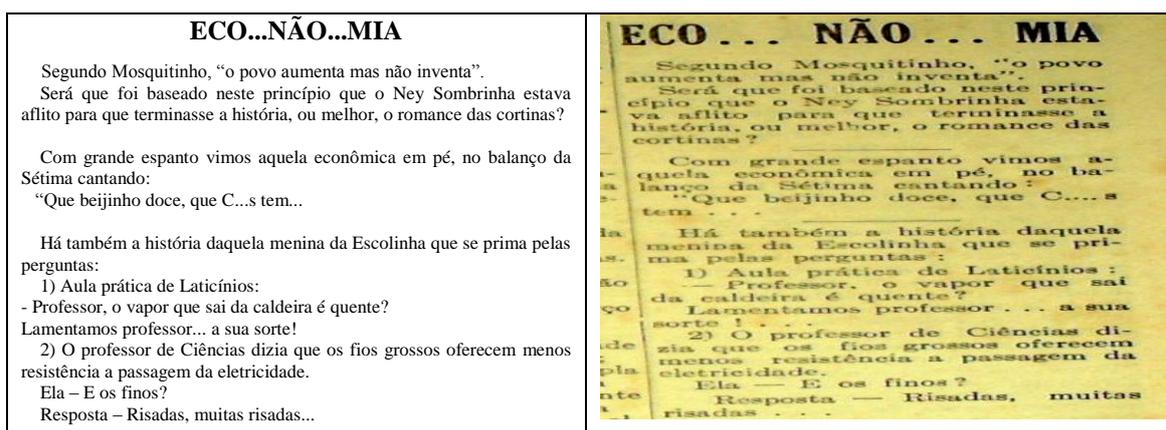
A mulher é, novamente, percebida sob a perspectiva biológica da fêmea do homem e mais, colocando-a em uma categoria de representação do perigo, como um gênero de deficiências débeis. Além disso, com a frase "*raríssimos oasis deste deserto de honra, vergonha, dignidade etc*", o *sombra* expõe as qualidades que a mulher deve possuir para ser uma mãe e esposa, qualidades que, pela escrita, poucas mulheres teriam. Tais atributos se enquadram dentro do construído universo feminino burguês, o mundo do lar, da mulher recatada e higienizada dentro da família nuclear. A linha que separa a paixão e o amor parece tênue, ou seja, cabe ao homem perceber-se envolvido na teia da paixão, porque, caso ele demore, pode ocorrer de ele ser usado e traído pela mulher.

Parece que, nos dizeres da matéria, o deixar-se envolver pela mulher, o deixar de usá-la, deixaria o homem em estado de captura pelo amor romântico, que Guiddens (1993) revela ter começado no final do século XVIII, com a incorporação do então *amour passion*. Os elementos desse tipo de sentimento buscavam envolver o indivíduo em um sonho de amor sublime, no qual ele e o outro entrariam em uma história romântica em que ambos estariam envolvidos em uma via de mão-dupla entre a liberdade individual e a autorrealização de viver

esse sonho a dois. Ainda de acordo com o autor, o amor romântico ficou a cargo das mulheres sentirem, tornando-se algo predominantemente delas.

A linha discursiva em prol de um deboche e desdém pelo gênero feminino continua com a matéria abaixo, na qual a atitude de uma economista vira piada contada pelo jornal. A matéria expõe o que é um cotidiano de sala de aula, com os embates relacionados às diferenças, um ambiente de confronto de poder, de ideias e de gênero. O cotidiano escolar de gênero é passível de ser percebido na prática quando, inspirado em Louro (2008c), creio que, na matéria abaixo, há indícios do que é ou não natural em nossa sociedade, o que nos leva a problematizar a naturalidade do direito da fala em sala de aula possuir características de favorecimento para com a participação masculina.

O curso permanece sendo referido como a Escolinha, um diminutivo utilizado para inferiorizar, infantilizar as garotas da ECD, em outras palavras, minimizar o lugar delas dentro da instituição. O desdém já começa a ser denotado pelo título.



Fonte: jornal **O Bonde**. (Ano - 1952 número: 121).

Com o NÃO em destaque, é possível perceber o deboche e uma relação de poder explícita a respeito do lugar dos garotos e das garotas naquela escola, o poder regulado da fala, do destaque que estava ao lado dos garotos, enquanto que as garotas, ou as Pica-Couve, deveriam se adequar ao papel de coadjuvantes. O NÃO é o sinal vermelho para elas, ao menos no que diz respeito ao atrevimento de buscar escrever sobre o cotidiano estudantil como eles já faziam. A Paineira, portanto, é transformada em um complemento feminino de **O Bonde**.

Outro detalhe que devo esclarecer é que o termo *Sétima*, segundo Lopes (1995), refere-se ao alojamento feminino denominado na época de sétima. Trata-se de uma das seções do alojamento velho, a sétima seção na qual as meninas moravam, por isso, o termo utilizado

pelos bondistas ao se referir as garotas. Assim, o julgamento feito em relação à estudante economista acima expõe uma singularidade atacada dentro da escola. Nos dias de hoje, poderíamos considerar como uma possível prática de *bullying* escolar, versada pelo preconceito de gênero. Ainda sobre esse recorte, lembro-me de Elias (2000), quando este diz que os estabelecidos de Winston Parva tratavam os *outsiders*, ou os de fora que acabavam de chegar à cidade, como uma espécie inferior. Segundo o autor:

Esses próprios recém-chegados, depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria (ELIAS, 2000, p. 20).

O gênero, naquela época, bem como até hoje, define o lugar social de pertença ao homem e à mulher nas relações cotidianas, um cotidiano não como espaço equânime, mas, sim, de diferenças culturais e econômicas, sendo o gênero, de fato, o primeiro lugar no qual esses lugares de poder se definem na sociedade. Sobre a virilidade dos homens, essa característica pode ser percebida como foco na matéria “Carta de amor”, na qual uma moça, que se intitula pelo pseudônimo de *amorosa*, lança-se em direção a um rapaz esaviano e, em tom reivindicatório, ela se incomoda com a falta de atitude do rapaz (ausência de uma postura viril), pedindo que ele rasgasse o verbo nas suas ações viris para com ela. No findar da carta, ela dá uma dica, que é mais do que um pedido ou brincadeira, trata-se de uma chamada de conduta desse homem para com sua natureza masculina. Ela o chama a honrar sua identidade masculina, afinal, socialmente, cabe ao homem quebrar a resistência feminina e não o contrário, como se percebe no trecho da carta.

Assim, termino com um braço apertado, um desses beijos de desentupir pia, e o conselho de u’a moça que o quer: homem que é “homem não bobeia”. (Nº 63, p.1).

A expressão destacada também volta a aparecer no número 108 do jornal, na matéria intitulada: “Novo Ano... Novas Esperanças”. O conteúdo da narrativa discorre sobre o cotidiano escolar na ESAV e o autor da matéria, utilizando-se do pseudônimo Micrótomo, conta a respeito de um dia específico, no caso, véspera de acolhimento dos calouros. Em meio a uma narrativa matutina de reflexões sobre o novo ano, o estudante dispara o seguinte: “Atenção meus amigos, muita atenção. Homem que é homem, não bobeia, diz sempre o *Enxurrada*”. (grifo meu).

Os garotos ansiavam pelas possibilidades de ofertas românticas que a beleza feminina proporcionava como um bálsamo cotidiano, aliviando, assim, a vida quase que hegemonicamente masculina, mesmo mantendo a disputa de poderes entre os dois grupos de gêneros, entre um grupo de garotos (redatores e assinantes do jornal **O Bonde**) e o grupo de garotas da Economia Doméstica que escrevia A Paineira. Por isso, a mescla entre alfinetadas e declarações de amor, desejo e encantamento pelo estereótipo feminino. Os flertes e os casos de amor foram ingredientes do cotidiano estudantil na época em que os jornais circulavam.

Na matéria intitulada Picando Couve, assinada por El Satham, o autor aponta para os casinhos de amor das economistas sem citar o nome dos garotos.

<p>PICANDO COUVE</p> <p><i>El Satham</i></p> <p>Surge hoje, modestamente, neste semanário, a crônica especial para a Escolinha da Sétima. Tudo tem sua razão de ser, e esta crônica semanal surgiu da necessidade de se comentar sobre o sexo frágil, sem entretanto colocá-lo ao lado de marmanjos, em outra seção qualquer.</p> <p>Esta seção relatará fatos, exclusivamente, relacionados com as economistas, que, como fans incontestes de "O BONDE" bem merecem esta nossa deferência. Assim sendo, os nomes de barbados só serão citados caso haja declaração pessoal por parte de alguma aluna da Engulir(sic), Comer e Dormir.</p> <p>É de meu dever advertir às economistas que me apoio em fontes fidedignas, de onde emanam todos os casinhos ocorridos entre elas. Comentaremos aqui o assunto "Como Caçar seu Engenheiro Agrônomo", bem como sobre as famosas reuniões sociais da Sétima, como sejam os chás, os jantares, etc. Comentaremos também, em suas linhas A, B, C, etc.</p> <p>Para começo, tivemos o jantar do dia 3 deste, no qual pudemos constatar um cardápio a La Miss Brasil, título esse devido talvez à beleza com que foram apresentadas as diversas modalidades de couve: couve crua, couve cozida, couve ao molho pardo, couve picada, etc; etc. Até mesmo a sobremesa e o tradicional "chalé" foram extraídos dessa milagrosa crucifera.</p> <p>A totalidade das representantes da Sétima trajavam vestidos costumeiros, não apresentando nenhuma afinidade com Fath ou Dior. O que havia era um nativismo muito acentuado. O jantar foi deveras demorado, dado o grau elevado de timidez e acentuada chama de amor ardente.</p> <p>Foram vários os comentários, dentre os quais pudemos anotar a descrição fidelíssima da Regina no discorrer sobre a origem do nome de sua terra.</p> <p>Rosinha não despregou os olhos de seu cunhado pois, terá muito que contar em casa.</p> <p>No baile do dia 4 as economistas estiveram bem mais em evidência. Apesar de nem todas terem comparecido com seus vestidos de gala, pelo menos deram o ar de sua presença. Tivemos a oportunidade de ver muitas delas nos cantinhos do salão suspirando por algum calouro, mas estes nada resolveram, pois encaram a vida sem Evas...</p> <p>Se a Cambraia não comparecesse, um calouro ia se embriagar com ... leite.</p> <p>No dia seguinte ao do baile a Molica assustou a todos da Sétima, querendo obrigar as economistas a praticarem ginástica (isso é influente).</p> <p>Bem, por hoje é só, depois eu conto o resto.</p>	<p>O BONDE Número 156</p> <p>PICANDO COUVE</p> <p><i>El Satham</i></p> <p>Surge hoje, modestamente, neste semanário, a crônica especial para a Escolinha da Sétima. Tudo tem sua razão de ser, e esta crônica semanal surgiu da necessidade de se comentar sobre o sexo frágil, sem entretanto colocá-lo ao lado de marmanjos, em outra seção qualquer.</p> <p>Esta seção relatará fatos, exclusivamente, relacionados com as economistas, que, como fans incontestes de "O BONDE" bem merecem esta nossa deferência. Assim sendo, os nomes de barbados só serão citados caso haja declaração pessoal por parte de alguma aluna da Engulir, Comer e Dormir.</p> <p>É de meu dever advertir às economistas que me apoio em fontes fidedignas, de onde emanam todos os casinhos ocorridos entre elas.</p> <p>Comentaremos aqui o assunto "Como Caçar seu Engenheiro Agrônomo", bem como sobre as famosas reuniões sociais da Sétima, como sejam os chás, os jantares, etc. Comentaremos também as novidades de Dior e Fath, em suas linhas A, B, C, etc.</p> <p>Para começo, tivemos o jantar do dia 3 deste, no qual pudemos constatar um cardápio a La Miss Brasil, título esse devido talvez à beleza com que foram apresentadas as diversas modalidades de couve: couve crua, couve cozida, couve ao molho pardo, couve picada, etc., etc. Até mesmo a sobremesa e o tradicional "chalé" foram extraídos dessa milagrosa crucifera.</p> <p>A totalidade das representantes da Sétima trajavam vestidos costumeiros, não apresentando nenhuma afinidade com Fath ou Dior. O que havia era um nativismo muito acentuado. O jantar foi deveras demorado, dado o grau elevado de timidez e acentuada chama de amor ardente.</p> <p>Foram vários os comentários, dentre os quais pudemos anotar a descrição fidelíssima da Regina no discorrer sobre a origem do nome de sua terra.</p> <p>Rosinha não despregou os olhos de seu cunhado pois, terá muito que contar em casa.</p> <p>No baile do dia 4 as economistas estiveram bem mais em evidência. Apesar de nem todas terem comparecido com seus vestidos de gala, pelo menos deram o ar de sua presença. Tivemos a oportunidade de ver muitas delas nos cantinhos do salão suspirando por algum calouro, mas estes nada resolveram, pois encaram a vida sem Evas...</p> <p>Se a Cambraia não comparecesse, um calouro ia se embriagar com ... leite.</p> <p>No dia seguinte ao do baile a Molica assustou a todos da Sétima, querendo obrigar as economistas a praticarem ginástica (isso é influente).</p> <p>Bem, por hoje é só, depois eu conto o resto.</p>
---	---

Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1955. Número 156).

No surgimento da coluna "Picando Couve", o que mais chama atenção foram expressões como: "*sexo frágil*" e "*Como caçar seu engenheiro agrônomo*". A primeira expressão surge de um binômio de gênero que aponta para a necessidade de falar das mulheres como pertencentes a um sexo frágil.

As expressões se popularizaram no “universo masculino hegemônico” para reforçar a diferenciação entre gêneros e suas “capacidades” de exercer funções sociais, assim como os cursos. A caça ao engenheiro lança ao gênero feminino o aspecto complementar do gênero masculino. No caso, para ser feliz, era preciso casar-se, possuir um homem ao lado como marido. Essa expressão, para eles, reforçaria o discurso amoroso do casamento, do romance e fidelidade, algo de interesse masculino para que pudessem vivenciar seus namoros e, entre as opções, encontrar a futura esposa do nobre e trabalhador engenheiro agrônomo. Enquanto as economistas eram vistas pelas habilidades nos afazeres para o lar, o marido agrônomo era visto como sujeito de qualidades e bom partido para o casamento, embasado em preceitos culturalmente inferidos à mulher para os cuidados com esse lar, uma pedagogia da submissão e da docilização, podemos asseverar assim.

As descrições dos bailes trazem a prática do flerte entre economistas e os garotos da escola, bem como apontam para o aspecto dos trajes das economistas, por um lado, caracterizando a origem nativa delas pela ausência de grife dos vestidos, o que seria um indício de uma pluralidade de feminilidades no grupo de estudantes, assim como acontece com os poetas, os mocinhos de avenida e os agrônomos?

Por outro lado, revela a preocupação com o trajar-se, assim como já vimos esse aspecto ocorrer como uma preocupação exposta no jornal **O Bonde** a respeito do modo como os estudantes eram julgados por suas vestimentas pela cidade.

O tom irônico com o cardápio demonstra como a couve se tornou um símbolo do curso feminino e como as garotas eram especialistas nas mais diversas modalidades de preparação. Se, por um lado, isso parecia causar uma boa impressão, também reforçava uma habilidade que foi ligada à cozinha e, automaticamente, ao gênero feminino.

De certo modo, os afazeres femininos da profissão das economistas eram vistos com deboche e, como afirma Propp (1992, p. 83), “ridicularizar as profissões não se diferencia em princípio da ridicularização de outros aspectos quaisquer da vida humana”. Por isso, mesmo que as economistas fossem tidas como ótimas esposas, mulheres direitas, um passaporte para um bom casamento, elas e seus saberes não deixavam de ser alvo das brincadeiras e zoações cotidianas, tratando-se de ameaça feminina a ser combatida a qualquer custo, um gênero a ser controlado, delimitado para que não viesse a ameaçar o domínio masculino.



Fonte: Jornal **O Bode** (Ano 1962. Número 233).

A charge acima contém uma discursividade implícita e extremamente potente para se pensar as relações de gênero nessa instituição escolar. Das poucas imagens que aparecem ao longo do jornal, esta é, sem dúvida, a maior no que tange à sua dimensionalidade imagética e que apresenta uma representação simbólica de uma sociedade brasileira de meados do século XX, bem como do olhar dos garotos bondistas para com as economistas. A importância de se destacar tal charge/caricatura vem nas palavras de Cortés (2004, p. 14):

El lenguaje cotidiano (al igual que el lenguaje de las imágenes) está atravesado por las relaciones de fuerza, por relaciones sociales (de clase, de sexo, de raza, de edad...), y es en y por el lenguaje (y la imagen) como se ejerce la dominación simbólica, es decir, la definición y la imposición de las percepciones del mundo y de las representaciones socialmente legítimas. Por ello, es el sujeto dominante el que consigue imponer la manera en que quiere ser percibido, y el individuo dominado el que es pensado y definido por el lenguaje del primero.

Na charge/texto acima, ficam demonstrados os valores de uma modernidade repleta de valores capitalistas neoliberais, no qual as mulheres foram postas numa submissão de cuidado com o lar e destituídas do espaço público. Um discurso que valoriza o casamento e coloca a mulher em condição de coadjuvante na relação conjugal, a mulher agradecendo pela dádiva de possuir um homem mantenedor do lar. Uma mulher tendo por isso, a obrigação do preparo do alimento e tendo o caráter de distribuição de tarefas. Logo, a ela está reservado o cuidado

do macho, o mundo doméstico-privado é da mulher e é ela quem deve ser responsabilizada pela manutenção, asseio desse espaço, dos filhos e dela mesma como boa esposa. De algum modo, inclusive, a charge me fez recordar das imagens de um estilo de vida estadunidense, o *The American Way of Life* e a típica família representada pela dedicada esposa cuidando da casa e o bom marido do sustento do lar. Assim, o modelo estadunidense de família já aparecia naquela época como o ideal da sociedade brasileira.

Quando se trata das responsabilidades dentro de uma lógica de um axioma binário, fica claro que gênero feminino e trabalho doméstico se fundem em um só, uma fusão inquestionável para a manutenção da hegemonia masculina na sociedade capitalista burguesa.

A imagem ainda se potencializa quando observamos seus detalhes. Um deles seria a quantidade de cestos de batatas que se acumulam para a mulher descascar, ou seja, o solitário trabalho doméstico e aguçado pelo sofrimento destacado no rosto da esposa, visivelmente suada e exausta pela labuta doméstica. Como na caricatura, o exagero faz parte da comicidade presente na imagem. Mais do que isso, a charge masculina eleva a competência do homem para a “lida” com a terra, sua capacidade de produzir no espaço público do trabalho. O homem na charge seria um suposto empregado, a pessoa que lidava com o trabalho pesado do campo. Também é interessante perceber a questão do corpo na imagem, a representação do corpo másculo do homem em detrimento dos contornos de delicadeza, beleza e jovialidade do corpóreo feminino, tais detalhes ajudam a compreender a linguagem dessas representações de corpos. Como destaca Goelner (2003, p. 29):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... Enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

O corpo do homem na charge é despido de qualquer traço de cuidado, sendo assim, um corpo considerado típico de uma masculinidade rural, de força e racionalidade na destreza com a colheita, em detrimento do corpo feminino mais delicado, colorido e ornamentado com seu gigante avental conferindo-lhe a perspectiva da boa cozinheira.

Embora o empregado seja, ao que parece, o responsável pela colheita, é importante ressaltar que era o agrônomo (marido), o pensante racional e responsável pela lavoura. Isso indica, mais uma vez, a relação de poderes e saberes entre diferentes masculinidades e status naquela escola, visto que havia diferentes níveis de distribuição do conhecimento na escola. Os capatazes exerciam trabalhos manuais diferentes do engenheiro agrônomo, sujeito que domina o saber racional e que se torna o patrão do capataz. Nesse contexto relacional, o agrônomo é a representação da masculinidade hegemônica, o capataz, da masculinidade rústica que obedece ao agrônomo e a mulher, a responsável pelo cuidado do lar do agrônomo, uma cadeia hierárquica de poder e obediência.

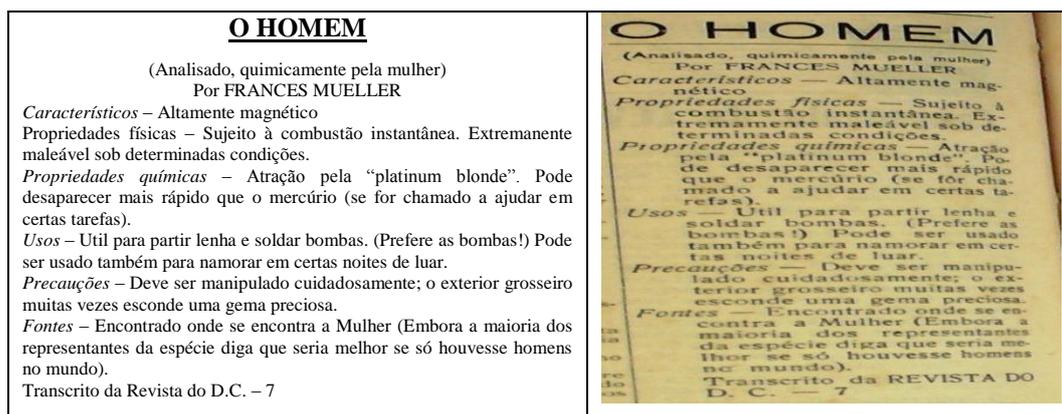
De algum modo, e justamente com o tom humorístico da charge, ela apresenta o sistema que operava na sociedade da época, no qual as mulheres são reconhecidas pelo seu papel de complemento na vida dos homens, uma localização de gêneros em mundos privados e públicos. Pela visão masculina dominante, as disposições sociais diferem em funções estabelecidas para os diferentes gêneros.

Dentro da própria escola, a expressão que o jornal reproduzia em relação às economistas, a de “*caça marido*”, representava a relação deslegitimadora de poder das garotas e do esforço pelo status quo do gênero masculino naquele território, pois as *caça* maridos, na visão do jornal, necessitariam de possuir atributos importantes como recato, competência, sensibilidade para os saberes domésticos e, principalmente, fidelidade para buscar o marido que cuidaria delas. Logo, o matrimônio seria alcançado devido a um esforço feminino de *caçar* esse objetivo.

Há também, talvez, uma sutil informação que esteja implícita nos dizeres da charge de que a esposa estivesse ou pudesse estar traindo o marido com o incomparável agrônomo. Os dizeres são dúbios, mas talvez haja implícita essa ironia, um clima de adultério no ar. Bom, levando em consideração as matérias que destaquei anteriormente nas quais a mulher aparece como um perigo para a fidelidade ao matrimônio, esta me parece uma suspeita plausível nessa charge.

O jornal **O Bonde** trouxe uma extensa carga de paródias e metáforas em que os garotos expunham seus risos de zombaria, os quais, segundo Propp (1992, p. 171), estão sempre ligados à comicidade, que, por sua vez, “costuma estar associada ao desnudamento de defeitos, manifestos ou secretos, daquele ou daquilo que suscita o riso”. Quase todas as matérias sobre as economistas trazem esse riso implícito no sentido de colocá-las expostas ao

deboche. Mas não somente elas, eles se apresentavam imbricados em metáforas, embora o tom me leve a crer que, com elas, o discurso era mais sério nas paródias envolvendo o gênero feminino no campus. As garotas da Paineira respondiam as comichidades venenosas do jornal **O Bonde**, como aparece no último recorte da tese na qual o homem é analisado quimicamente por uma mulher, supostamente alguma aluna do curso feminino.



Fonte: Jornal **O Bonde** (Ano 1951. Número 97).

O homem é visto nessa matéria pela ótica feminina. A transcrição pode não condizer exatamente com a publicação original do jornal A Paineira, já que esse recorte aparece reapropriado pelo **O Bonde**. Na matéria, são exaltadas as características biológicas e culturais do gênero masculino, como a força física masculina para tarefas tidas como típicas do homem, como partir lenha e soldar bombas. É o homem sendo visto pela ótica de sua funcionalidade social de gênero. E, embora apareça a sua força bruta física, fica claro também que o homem pode ser um sujeito que surpreenda por um lado romântico, sensível, terno, como uma “*gema preciosa*” não compreendida pelas mulheres e desconhecido pelo próprio homem que faz uso de seu modo inconfessável de ser, de não se abrir em público, de se cerrar numa casca principalmente pelo medo de se expor como uma fraqueza pessoal. Aliás, essa expressão “*gema preciosa*” me remete a pensar em garotos românticos, doces, carinhosos, afetuosos e carentes, capazes de escreverem poemas e criativos textos de amor no qual expunham seu coração.

Na matéria acima, há uma ambiguidade de características típicas de folhetins românticos que mostram o homem sensível, mas também seu lado volátil, rústico e aventureiro. São duas facetas de histórias românticas sobre as quais Guiddens (1993, p. 55) aponta o seguinte:

Em muitas histórias românticas, após um namoro com outros tipos de homens, a heroína descobre as virtudes do indivíduo íntegro, sólido, que se torna um marido confiável. Entretanto, pelo menos com a mesma frequência, o verdadeiro herói é um brilhante aventureiro que se distingue por suas características exóticas e ignora a convenção em busca de uma vida errante.

No mais, é possível perceber, pela matéria, que a construção do masculino e do feminino permeia o modo como homens e mulheres se veem, embora seja uma ótica jocosa, o gênero masculino aparece como intrínseco à sexualidade masculina. A mulher aparece como sendo objeto de atração para esse homem, a *platinum blonde*. Assim, o tipo da garota dos sonhos provavelmente era a loira. Logo, a feminilidade é construída de acordo com a masculinidade, de acordo com o que essa masculinidade valora e deseja enquanto discursos e práticas sociais que reforçam o modelo ocidental burguês de oposição de gêneros e de classificação da feminilidade. Há um tipo de mulher irresistível, aquela que o cinema produz e vende como uma estrela midiática, classificação que envolve *apartheids* de gênero e de raça.

E chega o outono, até breve querido Bonde!

Você não deve entregar-se a desejos nos quais não acredita. Sei o que deseja. Você tem que abandonar esses desejos ou desejá-los de verdade e totalmente. Quando chegar a pedir tendo em si a plena segurança de alcançar seu desejo, a demanda e a satisfação coincidirão no mesmo instante.

Hermann Hesse (2005)

Desde o começo, acreditei no jornal **O Bonde** como uma força estranha, um colchão de capim, incômodo, inseguro e barulhento que me atraiu, uma paixão caótica, fervilhante, profunda e oceânicamente imensa por 553 *scanners* e vontade insana de devorá-los, de fazer uma pesquisa não segura. Ao chegar neste momento, sinto-me com a mais absoluta certeza que tive a melhor decisão para o doutorado escolhendo esse jornal que, para mim, é potente, é forte, é pura adrenalina. Creio que a leitura do jornal interessa a qualquer masculinidade, não é difícil se identificar com alguma das masculinidades, amar alguma das matérias ou odiar outras, **O Bonde** continua tendo público!

Eu não sou um historiador, não sou um jornalista, mas me senti um pouquinho dos dois e compreendi a polissemia que requer uma pesquisa com tantas frentes possíveis de análise, frentes por vezes assustadoras. Acho que consegui aguçar uma qualidade necessária a este tipo de pesquisa que é a sensibilidade, que foi quem me guiou em vários momentos desta escrita, no olhar no vai e vem de *scanners* no dedilhar do enter. Ressalto meu apreço e admiração por esse jornal e por quem o inventou.

É preciso ressaltar que esta pesquisa não se encerra aqui. Há muito ainda que ser explorado e investigado no jornal masculino **O Bonde**. Entretanto, no tocante ao que me dispus a investigar, ou seja, mapear algumas pistas de uma agenda cotidiana de movimentos das masculinidades em uma instituição estudantil, esta pesquisa cumpriu o seu papel de visibilizar uma rede intensa de aproximações e distanciamentos como um jogo que envolve negociações, conflitos, rompimentos, sentimentos, desejos etc.

Desde já, alerto que nunca tive a pretensão de escrever uma história das verdades sobre as masculinidades esavianas, não houve nenhuma intenção de essencializar os comportamentos e tampouco julgá-los. Apenas me atrevi a seguir pistas discursivas de um jornal estudantil que me atraiu por sua irreverência e inventividade. Logo, o que reúno nesta tese são as práticas discursivas de um jornal masculino a respeito das representações das masculinidades existentes na ESAV, ou seja, interessei-me por construções culturais que

envolvem aprendizagens de como ser, agir e pensar e não por uma dotação natural incomensurável.

O conjunto enunciativo que selecionei e capturei do jornal **O Bonde** me possibilitou um filtro de relações discursivas específicas do cenário macro econômico, social e político da época influenciando o modo de pensar, agir e se comportar dos estudantes da ESAV. As brincadeiras, comportamentos, perseguições relacionavam-se em um conjunto de regras que compreendi como possuindo uma verdade com as coisas da Escola e com o Brasil desenvolvimentista e higienista. A relação entre tais regras discursivas referenciando um conjunto enunciativo ideológico, pedagógico e político é o que permitia o vivenciar histórico, a existência da história enquanto acontecimento discursivo de uma época. Quem pode falar num conjunto dos sujeitos? Quem se utiliza de intermediário para falar? Quem não pode falar pelas formas de hierarquia e subordinação? Isso tudo foi possível de ser capturado como condições de aproximações, afastamentos e articulações entre os estudantes no jogar com as posições de sujeitos. O jornal **O Bonde** mostrou que novas estratégias discursivas só eram possíveis nesta relação de autorização pelo grupo já estabelecido, de acordo com os modelos enunciativos e formas discursivas já existentes naquele território estudantil. Logo, o jornal **O Bonde**, produziu um cenário de cumplicidades bem como resistências no seu existir estudantil.

Decompor as redes discursivas existentes em um jornal estudantil de época não é um exercício fácil, requer um lento processo digestivo, na verdade, um processo que continua perdurando mesmo quando se encerra o tempo cronológico do doutorado.

Feitos esses esclarecimentos, alguns pontos merecem ser destacados aqui. O primeiro é que a masculinidade praticada na ESAV reforça o arcabouço teórico das investigações de masculinidades no tocante a ser uma categoria complexa e relacional. E o território esaviano se constituía em um espaço de dominação masculina com fortes traços de uma ideologia dominante, no caso, a masculina hegemônica.

Contudo, faziam parte desse poder negociações, cumplicidades e resistências e, no caso do jornal, foi possível evidenciar performances de masculinidades (agrícolas, boêmios agrários, poetas, mocinhos de avenida e outras diferenças/masculinidades como Peter Lorre) imersas nessas relações engendradas de uma construção hegemônica de masculinidade como modelo pedagógico e social de época. Foi possível perceber, também, que esse modelo hegemônico de masculinidade se constituía pedagogicamente pela valorização das seguintes

representações e características: heterossexualidade, responsabilidade, racionalidade intelectual científica, liderança, patriotismo, camaradagem, culto pela amizade e gosto pelos esportes, enfim, estratégias que se somam a uma representação masculina de sucesso.

Ressalto que não devemos esquecer o fato de a homossexualidade não ser, na época, uma sexualidade passível de discurso pelo fato de esta não figurar no rol das possibilidades sexuais consideradas “normais” dos saberes médicos científicos, ou seja, o único discurso possível era o de negação e exclusão desse tipo de sexualidade. Por isso, essa masculinidade subalterna (GUASH, 2006) ou não hegemônica (CONNEL, 1995) apareceu poucas vezes nas fontes analisadas de modo explícito, como enfermo (**O Bonde**) ou baitola da martinica (fotografia da Marcha de 1951), como modos de ataque e chacota com aquilo que era a negação das masculinidades esavianas. Houve outras possíveis pistas de homossexualidade, como com Peter Lorre, talvez o estudante mais polêmico e dúbio que encontrei ao longo das minhas leituras e que considero como sendo uma resistência aos olhos do jornal. Peter é uma boa incógnita que nutri ao longo desses quatro anos. Não sei se este foi perseguido pela sua imagem - corpo - representando a perda do poder fálico do macho, se pela sombra de uma sexualidade desviante ou por algum outro aspecto subentendido em sua figura.

Uma outra resistência dentro do território esaviano foram as garotas escritoras de *A Paineira*, um jornal feminino que demonstrou um feminismo que incomodava os garotos e seu jornal, justamente quando estes sentiram uma ameaça ao seu poder no território escolar, perda do privilégio de ser o único jornal estudantil. Por esse fato, estou de acordo com Seffner (2003, p. 246) quando diz que “os estudos da masculinidade precisam ser feitos como estudos de gênero”, esta me parece ser uma maneira de avançar nas investigações de masculinidade, até pelo fato de que masculinidade ou feminilidade são práticas sociais e não um postulado divino. No mais, o clima de incômodo parecia ficar restrito às mídias estudantis, visto que, no dia-a-dia, as garotas eram bem-vindas, sobretudo pelo desejo de paquera e clima romântico que se harmonizava com o roteiro estudantil masculino.

Outro ponto a ser destacado é sobre a amizade entre os garotos, que se alimentava com a chegada dos calouros, permitindo que o coletivo masculino dominante pudesse agregar novos sujeitos a rituais para a boa relação de um coletivo estudantil, reproduzindo-se, assim, redes protetivas e de cuidados cotidianamente. Além disso, ao se criar uma fraternidade familiar como na ESAV, os garotos buscavam valorizar elementos em comum entre eles em prol de uma identidade coletiva, distanciando-se daquilo que era diferente. Aliás, é importante

ressaltar que as diferenças não eram descartadas, tornavam-se ingredientes de humor necessários para brincadeiras, zoações e maquinações malidicentes do jornal **O Bonde** a fim de serem saboreados pelo público estudantil e de quem mais se apoderasse do jornal para além das 4 pilastras.

O jornal construiu as masculinidades e as masculinidades construíram o jornal. Foi uma mídia de homens produzida para homens que, acima de tudo, era crítico com as questões políticas e acadêmicas da metade do século XX. O jornal fomentava o ensejo de uma sociedade que buscava se industrializar e resolver a tida “ignorância”, principalmente para o combate ao atraso econômico, tendo o campo como responsável por parte desse desenvolvimento. Assim, era preciso garantir o sujeito heterossexual, urbano e trabalhador, um exímio pai de família como molde da família social e um trabalhador capacitado para o desenvolvimentismo nacional.

Desse modo, os garotos da escola eram conclamados a vencer a barreira da ignorância, do analfabetismo em prol de alavancar a economia nacional agroindustrial. É importante salientar o caráter ousado, inventivo, dinâmico e militante daqueles garotos que fizeram história ao contarem seu próprio cotidiano nas páginas de um jornal popular “pra lá” de polêmico, com suas fofocas, poesias, denúncias, caricaturas, piadas e ironias que movimentam os trilhos dos devires estudantis.

O jornal **O Bonde** é uma tradição da ESAV, e eles mesmos se autodenominam assim em suas escritas, portanto, é uma tradição tão inventiva e original quanto a Marcha Nico Lopes que apresentei na tese como um momento em que economistas e agrônomos se misturam numa carnavália encerrando o período de calourada. A mistura, como tratei de expor na tese, foi muito além de um encontro de gênero. Na Marcha de 1951, foi uma subversão de gênero em forma de brincadeira, um desafiar fronteiras por meio de paródias, caricaturagens e ironias com o gênero oposto, com a masculinidade homossexual, com a masculinidade esportiva, enfim, com eles mesmos. Um momento ímpar desta tese que possibilitou visualizar o processo inventivo mixando possibilidades, confundindo regras e distorcendo uma realidade binária de gêneros e de pragmatismo acadêmico. Aliás, um momento em que os garotos se permitiram vestir com algum traje feminino, tal qual o carnaval permite, sem serem censurados. É isso que Cortés diz “el hombre no puede aparecer con ningún elemento o ropa considerada de mujer (fuera de carnavales y fiestas) sin sufrir, inmediatamente, la pérdida de su situación de superioridad social” (CORTÉS, 2004, p.28).

Desse modo, pude tratar das questões de ordem simbólica que envolvem as representações de gêneros, bem como da masculinidade.

As duas vozes que chegaram a mim e que pude entrevistar tiveram a função clara de agregar valor, endossando outras fontes já utilizadas. Não foi a intenção fazer dessas vozes a história desses sujeitos, o que, de certo modo, creio ser quase impossível não me envolver com essas singularidades. Ambas me ajudaram a fortalecer a tese com suas preciosas narrativas.

As relações discursivas encontradas no jornal **O Bonde** foi o que me permitiu um olhar mais analítico e refinado para com a nossa sociedade contemporânea, não seria nenhum equívoco dizer que, no dia-a-dia, nós, sujeitos masculinos, nos vemos como algo natural e esquecemos que somos construções sociais por uma imposição cultural e ideológica. Observar a história do pensamento, ou seja, a construção de um modo de pensar a masculinidade como sendo naturalizante, teológica, patriarcal e hegemônica, é, no mínimo, verificar que esta masculinidade ainda funciona como uma espinha dorsal na produção cotidiana da violência de gênero bem como na manutenção da homofobia em casa, no trabalho e instituições de ensino. E é por esta razão que os estudos de gênero e sexualidades na contemporaneidade ao considerarem a raça, a classe, e diferentes culturas com suas instituições de ensino através do tempo, podem capturar importantes informações que contribuem para um pensar este modelo de masculinidade hegemônica historicamente construída pela regularidade enunciativa e discursiva que conserva uma espinha dorsal ideológica masculina por meio do trabalho constante de atualização histórica.

Conhecer este processo possibilita desvelar caminhos para uma desconstrução, destituição do que há de opressivo na construção masculina - o poder, o controle, a dominação-colonização, o consumo, o medo, a propriedade, a aspereza para a preservação da humanidade, nobreza, sensibilidade que faça com que o homem sinta a sua própria vida, se liberte, libertando o outro e deixando-se libertar. Reconhecer os jogos de verdade (FOUCAULT, 1984), em que nos constitui enquanto sujeitos da experiência é um ato político que podemos ter para consigo mesmo e para com o outro ao nos atentarmos para o processo de construção de si enquanto constructo social é possuir a chave que possibilita abrir a porta para novas formas possíveis de ser homem bem como enxergar diferentes formas de ser mulher na nossa sociedade. O questionar-se é um ato de liberdade, e esta liberdade é o que

potencializa novos encontros, novas amizades que ampliam esse prisma de descobertas e experiências.

Para finalizar, gostaria de salientar um sentimento recente vivenciado que, para mim, coroou meu movimento com o jornal **O Bonde**. No dia dez de dezembro de 2016, tive a oportunidade de ir à cerimônia e ao baile dos ex-formandos da UFV. Como não tive como ir ao meu baile de 5 anos de formando, não quis perder a chance desse regresso, celebração exclusiva dessa Universidade que todo ano congrega vários alunos. O ritual se assemelha ao baile de formatura com: missa, churrasco, solenidade e baile de gala. Na solenidade e baile, pude sentir o clima de pertença, a volta para casa dos ex-formandos. Na ocasião, fiquei hospedado na casa de um amigo e este recebera dois ex-formandos, ambos completando 25 anos de formados e festejando a alegria de poderem estar de volta a Viçosa e à UFV. O sentimento transbordava, os relatos de amizades verdadeiras, sólidas eram contados pelos ex-formandos. A rede aparecia nos relatos, uma ex-formanda me contando das vezes que se abrigara na república do anfitrião que sempre acolhia os amigos necessitados.

Em outro momento no baile, conversei com um senhor que não se lembrava do jornal, mas disse do respeito que os garotos tinham pelas garotas da Economia Doméstica, segundo ele, cuidadas por uma freira no começo do curso. Enfim, foi um encontro de memórias, de sujeitos com seus 50, 25 e 7 anos de formandos.

Do mesmo modo, ficou claro para mim que a celebração que a UFV promove para os ex-formandos é um modo interessante de vivificar a memória, as lembranças, de retomar um simbolismo grandioso da ou para a instituição. De certo modo, é como se os ex-formandos de cabeças brancas, e outros nem tanto, pudessem matar a saudade daquela coletividade, exaltando a pertença e o orgulho em saudar a glória de um espírito esaviano que se configura como o elán coletivo da amizade.

Narro este clima de pertença me lembrando de Foucault (2012b) quando este alerta que uma formação discursiva não para no tempo, não congela, ela tanto determinada uma regularidade própria de sistemas temporais como produz mutações e transformações, logo, é possível afirmar que uma instituição estudantil produz um sentimento de pertença que sobrevive no tempo através de encontros festivos, celebrações e solenidades bem como se transforma no encontro dos novos sujeitos com os velhos sujeitos. Trata-se de um feixe de relações e elementos vão se vivificando num processo histórico.

Chega o outono e é hora de deixar o jornal **O Bonde** descansar novamente, foram anos de reflexões, dúvidas, risos, encontros e desencontros que me transformou enquanto homem, sujeito político e educador, quem sabe outros pesquisadores se sintam instigados a explorar mais deste interessante jornal, esta tese também é um convite a este mergulho.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil - 3º Ed.** - ver e ampl. - São Paulo: Moderna 2006.

AZEVEDO, Denílson Santos de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente - o projeto político pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948):** organização e funcionamento. 2005. Tese (doutorado). História da Educação e Historiografia. Universidade de São Paulo, 2005.

BANDEIRA, Antonio Lima. Primeiro Anuário do primeiro diretor (1927). **Boletim Tempo e Memória da UFV**, v. 1, nº 1, jan-jun /1996.

BANDITER, Elisabeth. **XY La identidad masculina.** Madrid: Alianza Editorial, 1993.

BARDUNI FILHO, Jairo. LOPES, Eduardo Simonini, DE SOUZA Grasielle Gomide. PEREIRA, Cristiane Roque. **O julgamento de “Peter Lorre”: masculinidades e diferença em uma Escola Superior de Agricultura** Revista Educação e Perspectiva. Viçosa, vol. 5, nº.1, p.73-91, dez. 2014 Disponível em: <http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv> Acesso em: 28 jan de 2015.

BERNARDES, Arthur da Silva. Discurso no ato inaugural da ESAV. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX.** Viçosa: UFV, 2006. p. 54-56.

BLOCH, Marc. **Introdução à história.** Edição revista. Comentada e criticada por Étienne Bloch. Tradução de Maria Manuel Rui Grácio e Vitor Romaneiro. Mira Sintra: publicações Europa-América, 1997.

BORGES, José Marcondes. ESAV: Escola Superior de Agricultura e Veterinária - Esboço Histórico In; Borges, José Marcondes, SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX.** 2. Ed ver. E ampl. Viçosa: UFV, 2006, p. 20 - 47.

_____. **Escola Superior de Agricultura: Origem - Desenvolvimento - Atualidade.** Revisão linguística: Bartolomeu da Costa Ribeiro. Imprensa Universitária da NRE MG, 1968.

_____, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de importância histórica.** Viçosa: Editora UFV, 2010.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

CALVO, GIL; Enrique. **El nuevo sexo débil: Los dilemas del varón posmoderno.** Colección: Ensayo. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, S.A (T.H), 1997.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do Desenvolvimento Brasil: JK-JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª ed. 1978.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: I. Artes de fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1224> Acesso em: 17 de jun de 2016.

_____, Raewyn. & MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estud. Fem** [online]. 2013, vol.21, n.1. Disponível in: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014> Acesso em: 17 de jun de 2016.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes, p. 11-59, 1995.

CORTÉS, José Miguel G. **Hombres de marmól: códigos de representación y estrategias de poder de la masculinidad**. – Madri: Editorial: Egales – Barcelona, 2004.

COTS, FOLGUERA. Laia. **El varón maltratado: representaciones sociales de la masculinidad dañada**. Doctorado en sociología - Universitat de Barcelona. 2013. Disponível in: http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/132095/LFC_TESIS.pdf;jsessionid=831BD3689B61566C8A65E35D068A0D51.tdx1?sequence=1. Acesso em: 15 de fev. 2016

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema-brasileiro**. 6º Ed - Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.47 - 84.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DA SILVA, Fabricio Valentin, BORGES, Vera Lúcia Abrão. A origem da escola superior de agricultura e veterinária do estado de Minas Gerais: Peter Henry Rolfs e os pilares do saber esaviano. (1920-1929). Revista: Histedbr, Campinas, n° 29 pgs 169-197 on-line. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/29/Art12_29.pdf Acesso em: 15 de jan de 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: Juarez Dayrell. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, p. 136-161.

DEL RÍO, José Maria Valcuende. A modo de introducción una aproximación a las masculinidades. In: José Mariá Valcuende Del Rio e Juan Blanco López (ed). **Hombres - La construcción cultural de las masculinidades**. Madrid: Talasa ediciones S.L Série Arcoíris, 2003.

DELEUZE, Gilles. Conversações In: _____ (Org) **Michael Foucault** Tradução: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.107-151.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur y Michel de Certeau. La historia:** entre el decir y el hacer - 1ª ed. - Buenos Aires: Nueva Versión, 2009.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, L John. **Estabelecidos e Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 2000.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In DA SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Nunca fomos humanos:** nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Nicholas Gabriel Minotti Lopes. **O papel da experiência na filosofia de John Dewey.** 6º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia na Unesp. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/nicholasminotti.pdf> Acesso em: 21 de nov de 2016.

FERNANDES, Sandra. Foucault, A experiência da amizade. In: JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque, NETO-VEIGA Alfredo e FILHO Alípio de Souza (org). **Cartografias de Foucault,** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 377-392 (Coleção Estudos Foucaultianos).

FISCHER. Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa.** São Paulo, vol. 28 n.1, p.151-162, jan/jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011 Acesso em: 27 de jan de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 47ª Ed – Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Seguridad, Territorio, Población: Curso Del Collège de France (1977-1978).** Edición establecida por Michel Senellart, bajo la dirección de François Ewald y Alessandro Fontana. Traducción: Horacio Pons. Madri: Ediciones Akal, S.A, 2008.

_____. **A arqueologia do saber.** Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves - 8ª. Ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

_____. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 40ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982); edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Annus Muchail. - 3º Ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a. - (Obras de Michel Foucault).

_____. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20º Ed. Edição Loyola, São Paulo, SP. 2010b.

_____. **Ditos e Escritos V – Ética, sexualidade, política;** organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2º Ed. - Rio de Janeiro: Forense, 2006.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20º ed. São Paulo - SP: Graal, 2010c.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque Rio de Janeiro: Graal. 1984.

_____. **Por Uma Vida Não-Fascista.** Org: Coletivo Sabotagem. Ano: 2004 Disponível in: <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/foucault-por-uma-vida-nao-facista-pdf.pdf>. Acesso em: 10 de jan de 2016.

GOELLNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana(Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOFFMAN Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica: Hilário Franco Jr. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONZAGUINHA, **Um homem também chora (guerreiro menino).** Album: Alô, Alô Brasil, faixa 5, gravadora EMI. 1983.

GUASH, Oscar. **Héroes, científicos, heterossexuales y gays. Los varones en perspectiva de género.** Barcelona: Edicions: Bellaterra, S.L, 2006.

GUIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 - (Biblioteca Básica).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HESSE, Hermann. **Demian.** Tradução: Ivo Barroso, 36º Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução: Mário Vilela. 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

ALMEIDA JUNIOR, Antonio Mendes de. **Do declínio do estado novo ao suicídio de Getúlio Vargas**. In: FAUSTO, Boris. História geral da civilização brasileira. São Paulo: Difel, 1983. p. 225-255.

LAM-SÁNCHEZ, Alfredo. **A UFV nos tempos da Escola Superior de Agricultura- UREMG**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

LARROSA, Jorge Bondía. **Nietzsche & a Educação**. Tradução: Samíramis Gorini Veiga. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p 20-28, Jan/Fev/Marc/Abr. 2002.

_____. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LEMINSKI, Paulo, 1944-1989. **Toda Poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 180.

LOPES, Maria de Fátima. **O sorriso da Paineira: Construção de Gênero em Universidade Rural**. 1995. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional - UFRJ (1995).

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1ª ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008a.

_____. Cinema e Sexualidade. **Revista Educação e Realidade**, nº 33. UFRGS, 2008b. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/livros%20gratuitos/guacira%20cinema%20e%20sexualidade.pdf> Acesso em: 24 de out de 2016.

_____. Currículo, gênero e sexualidade. “o normal”, “o diferente” e o “excêntrico”. In: _____; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008c. p. 41-52.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25ª ed. São Paulo: Graal, 2012a.

MAGALHÃES, Edson Potsch. UREMG: **Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - Fatos Históricos: Criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais – UREMG - e sua história**. In: BORGES, José Marcondes, SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. Ed ver. e ampl. Viçosa: UFV, 2006, p. 94 - 102.

_____. **ESAV: Escola Superior de Agricultura e Veterinária** - Peter Henry Rolfs In; Borges, José Marcondes, SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. Ed ver. E ampl. Viçosa: UFV, 2006, p. 63 - 65.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten: **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MIRANDA Sonia Regina; CASTRO SIMAM, Lana Mara. **A cidade como espaço limiar: sobre a experiência urbana e sua condição educativa, em caminhos de investigação**. In. _____ (Org) **Cidade, memória e educação**. Editora UFJF, 2013 p.13-41.

MISKOLCI, Richard. **O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. São Paulo: Annablume, 2013 (Coleção Queer).

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política**. IN: LOURO, Guacira Lopes et al (Orgs). "Corpo, Gênero e Sexualidade". Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história - A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**, revista do programa de estudos pós-graduados em História e do departamento de História PUC/SP, 1993.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. ESAV: Escola Superior de Agricultura e Veterinária – Arthur da Silva Bernardes: Um Estadista da República In; Borges, José Marcondes, SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. 2. Ed ver e ampl. Viçosa: UFV, 2006, p. 49 - 53.

POL DROIT, Roger. **Michel Foucault entrevistas**. Tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro, revisão técnica – Andrea Daher, coordenador editorial: Roberto Machado: São Paulo Ed. Graal, (2006).

PORTELLI, Alessandro. **Entrevista com Alessandro Portelli**. Projeto História nº 41. Dezembro de 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6992/5062> Acesso em: 28 de jan de 2016.

PROPP, Vladímir. **Comicidade e riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Ática S.A, 1992.

RANGEL, Nello de Moura. Preleção na última Reunião Geral de 1940. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Org.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV, 2006, p. 81.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzales Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RUBIN, Gayle. **Reflexionando sobre el sexo. Notas para uma teoria radical de la sexualidad;** em Vance S. Carole (1989) Placer y peligro. Explorando la sexualidad femenina. Madrid, Talasa, p. 113-190.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; MEGLHIORATTI Fernanda Aparecida. **A influência do movimento eugênico na constituição do sistema organizado de educação pública do Brasil da década de 1930.** IX Anped sul 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/963/59> Acesso em: 30 de jan de 2016.

SÁ, Roberta e Pedro Luis. **Janeiros.** Album: Que Belo Estranho Dia Para Se Ter Alegria Brasil, faixa 5, gravadora Universal Music. 2007.

SCOTT W, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216 janeiro-abril de 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf> Acesso em: 26 de jan de 2016.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual.** Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 261 páginas

SEIDLER, J. Victor. **La sinrazón masculina: Masculinidad y teoría social.** Universidad Nacional Autónoma de México - Programa Universitario de Estudios de Género. Ciudad Universitaria. México, D.F, 2000.

SIQUERI SILVESTREIN, Marcelo. **Caricatura política e a produção de discursos derisórios.** 2006. Dissertação (Instituto de Linguagens IL). 118 p. Universidade Federal do Mato Grosso - Cuiabá - UFMT, 2006.

TEIXEIRA, Lucas. **A história de Viçosa-MG.** Disponível em: <http://www.projetosenad.ufjf.br/message/index.php?user=105&id=233> Acesso em: 12 abr 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** 2º Ed. 1º reimp. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2007.

VIDIGAL, Valéria. **Da ESAV à UFV - um olhar de Valéria Vidigal**, 25 agosto de 2011, Biblioteca Central da UFV.

VILLELA, Wilza. “Homem que é homem também pega Aids”. In: ARILHA, Margareth, UNBEHAUM, Sandra G. MEDRADO, Benedito. (orgs). **Homens e masculinidades: outras palavras** – São Paulo: ECOS/ 34ª ed, 1998, p. 129-142.

Referências do Jornal O Bonde.

AK KOV. ECO...NÃO...MIA. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número, ESAV, 27/09/1952.

Alnohar. Foto da Semana. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, número 69, ESAV, 22/05/1948.

Amorosa - A quarta responde - Carta de amor. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 63, ESAV, 10/04/1948.

ARAUJO, Ene. Trote e Marcha. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p. 6, número 18, UREMG, 7/09/1957.

ATHAYDE, Antonio A. Frase de pé de página. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 3, ESAV 15/09/1945.

ATHAYDE, Antonio A. Apresentação. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 1, ESAV, 1/09/1945.

ATHAYDE. Carta ao Joel. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 6, ESAV, 14/10/1945.

Autor Desconhecido. Filmes da Semana. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 142, ESAV, 08/05/1954.

Autor Desconhecido. Boêmio Agrário. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 110, ESAV, 29/03/1952.

Autor Desconhecido. Foi a E.S.A.V. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.5, número 89, ESAV, 31/05/1950.

Autor Desconhecido. Sexo Frágil. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 107, ESAV, 10/11/1951.

Autor Desconhecido. JEEPS NOVOS. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.5, número 83, ESAV, 11/08/1949.

Autor Desconhecido. Para você, Esaviano. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 14, ESAV, 16/03/1946.

Autor Desconhecido. Dizem que... **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 60, ESAV 25/10/1947.

Autor Desconhecido. Close-up da Semana. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 66, ESAV, 01/05/1948.

Autor Desconhecido. Caricatura do estudante Cáceres. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 69, ESAV, 22/05/1948.

Autor Desconhecido. Soubemos que... **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.6, número, ESAV, 20/03/1948.

Autor Desconhecido. Leia E SABERÁ ONDE ESTÁ A SUA BICICLETA, se não ler não achará jamais. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.2, número 66, ESAV, 01/05/1948.

Autora desconhecida. Cuidados com o Bêbê. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 191, UREMG, 13/04/1958.

A.V.G. Liberdade. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 31, ESAV, 14/09/1946.

A.W.F. Comunismo. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 84, UREMG, 17/09/1949.

BIRIBA. Foto da semana. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, número 66, ESAV, 24/04/1948.

BIRIBA. Foto da semana. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 67, ESAV, 08/05/1948.

BRITO Mario. Calourada! **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, número 168, ESAV, 07/04/1956.

CONSELHEIRO, Antonio. Caneladas. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, ESAV, número 34, ESAV, 12/10/1946.

COSTA JUNIOR. Dia de Aniversário. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.6, número 54, ESAV, 01/09/1947.

COVEIRO. Eu enterrei Gilda. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 59, ESAV 18/10/1947.

CRESPO, Luiz Carlos. Vida Prática. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 175, UREMG, 23/06/1956.

DA SILVA, Dilso Rufino. Aos perturbadores da tranquilidade alheia. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número, UREMG, 04/07/1959.

DA SILVEIRA Joel. O agricultor e a poesia. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 5, ESAV, 29/09/1945.

DE BARROS Gomes Geraldo. ADEUS. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 103, ESAV, 15/09/1951.

DELUSO. FORISTAS. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4 número 122, ESAV, 13/09/1952.

DE VASCONCELOS, Edgard. Espírito Universitário. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 206, UREMG, 18/06/1959.

D.C. Giacometti. Espírito Esaviano. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 45, ESAV 26/04/1947.

DUPLA X. Dicionário Esaviano. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.3, número 24, ESAV, 08/06/1946.

Emerson. ANTOLOGIA. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 21, ESAV, 11/05/1946.

Enic. DR FLAMARIOM, O NOVO TIMONEIRO (Ilustração Pica-Couve). **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, número 233. ESAV, 06/09/1962.

E.L. HARTUNG. Apresentação. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1 e 3, número 71, ESAV, 12/08/1948.

EL SATHAM. Picando Couve. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4, número 156, ESAV, 18/06/1955.

EL. Zorro. Ronda Esaviana. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.2, número, ESAV, 24/04/1954.

Ene Araujo. A sombra da cola. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número 191, UREMG, 13/04/1958.

FREDY. Venenos. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.3, número 4, ESAV 22/09/1945.

J.M. Pompeu Memória. As atividades Extra-Curriculares. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número 73, ESAV, 02/10/1948.

K.ÓTICO. “A praça como Ela é”. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4, número 171, ESAV, 05/05/1956.

P. Agrícola. Curuquerê 59! **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 203, UREMG, 31/03/1959.

PAULADA. Da bicicleta e da vida. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3 número 200, UREMG, 20/10/1958.

PAULADA. Título desconhecido (crítica ao jornal A Pauneira). **O Bonde**. Viçosa, p.4, número 191, UREMG, 13/04/1958.

PESSÔA, S.M Múcio. Era uma ideia, é uma realidade. **O Bonde**. Viçosa, p.1, número 195, UREMG, 18/06/1958.

PINDARO. D.I.V.A. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p. 4, número 74, ESAV, 04/11/1948.

LÔBO, Bento M. ERRATA. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4 número 95, ESAV, 05/05/1951.

LOPES. A. Dias. Marcha “Nico Lopes”. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1 número 19, ESAV, 27/04/1946.

MARTELO. Alimentação. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número, ESAV, 29/03/1952.

MELO, P. Gilberto. UMA EXPLICAÇÃO. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1 número 138, ESAV, 27/03/1954.

Micrótomo - Novo Ano... Novas Esperanças. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número 108, ESAV, 08/03/1952.

M. J. d'Oliveira. Crônica da Semana. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4, número 122, ESAV, 13/09/1952.

M. J. d'Oliveira. Até a Volta, Amigos. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número 107, ESAV, 10/11/1951.

Olímpicus. OLIMPIADAS. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4, número 182, UREMG, 13/10/1956.

OLIVEIRA, M. J. de. O testamento do Judas de 1951. **O Bonde**. Viçosa, p. 5, número 92, ESAV, 07/04/ 1951.

O Lontra. Página d'Chacrinha. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.3, número 142, ESAV, 08/05/1954.

O Sombra. MULHER . **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.4, número 118, ESAV, 14/06/1952.

PETER LORRE. Lar doce Lar. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.4, número 94, ESAV, 28/04/1951.

SAMOA. Dizem que... **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.1, número 69, ESAV, 22/05/1948.

SÃO JOSÉ. A. Secundino. Será esta a sua oportunidade. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.6, número 78 ESAV, 02/04/1949.

SIMÃO, Cyro. Este é o "Super-Gilda". Nunca houve um bonde igual a este. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p. 1, número 61 ESAV, 20/03/1948.

SYNVAL. Piscina. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1, número 180, UREMG, 29/09/1956.

STROGOF. ÉTICA E SENSO DE HUMOR. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.5, número 175, UREMG, 23/06/1956.

SILVANIA. Venenos. **Jornal O Bonde** Viçosa, p.2, número 97, ESAV 02/06/1951.

Transcrição da REVISTA DO D.C. - 7. O Homem. **Jornal O Bonde**. Viçosa, p.2, número 97, ESAV, 02/06/1951.

TUPI. K...LOURAS. **Jornal O Bonde**, Viçosa, p.1 e 3, número 92, ESAV, 07/04/1951.

ANEXO

O PRIMEIRO EXEMPLAR DO JORNAL O BONDE (1 SE SETEMBRO DE 1945).



O BONDE

Orgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV

Ano I - ESAV, 1 de Setembro de 1945

DIRECTOR
Antônio A. Athayde
Redactor: C. 115732
Membro José Sino
CORRECTOR
João E. Ramos

Apresentação

Aqui na Escola há uma vivida vida e a vida é muito apreciada. Muito apreciada. E neste momento temos um fato. Aqui está o jornal que constitui uma velha aspiração dos esvavianos. Diversos são os motivos que nos mobilizaram para a fundação deste semanário. Objectivos de interesse, que de ser uma trilhada livre para todos os esvavianos expor os seus pontos de vista, quaisquer que fossem. Que nestas colunas todas encontrassem um campo aberto para os debates dos problemas máximos do mundo da nossa Pátria e da ESAV. E os nossos, que cada um expusesse sua opinião sobre assuntos de cultura, técnica, política, literária ou artística, além do registro da apreciável soma de acontecimentos que marcam a semana.

Depois olhamos para dois planos de vida existentes na Escola. Um, é o trabalho sério que levamos de segunda-feira a sábado regulado, em horas certas, numa cadência quase marcial. O outro, é preenchido por essa animação característica de entusiasmo, de vida transbordante em todo ambiente estudantil. Esse lado expansivo adubado de humorismo, que vai amenizar aquele centro de labor e esforço. Mas, para melhor lenitivo as nossas cansaças e maior proveito das horas de folga, precisamos publicar nesta folha os quadros mais curiosos da vida esvaviana — que tem sempre estado ao alcance da vista ou ouvido de todos — fazendo críticas, contando piadas e os «foras» de particular fertilidade em alguns colegas.

Nossos pontos nos apoiamos também para levar a termo o nosso intento. Tais como, noticiar brevemente as festas,

Nossa Rainha

Em concorrido pleito a senhorita Nely Ribeiro Gomes foi eleita Rainha dos Estudantes da ESAV, para o exercício 1945-46.

«O BONDE», através de suas colunas, rende a sua homenagem modesta à senhorita Nely, e, também, a outra candidata, senhorita Pompeia Bicalho — ambas merecedoras do trono esvaviano.

comentários cívicos, estimular as realizações de alunos dando-lhes apoio em todos os sentidos, como é exemplo o nosso Director, cujas finalidades são ignoradas em parte por grande número de colegas auxiliando-o na defesa dos direitos da unidade da classe.

Para que pudéssemos ver em letra de forma tudo isto, encontramos o nosso pedido de assentimento para «O BONDE» circular a Congregação da ESAV. Essa deu o seu «referred» respectivo, com apenas uma restrição: que o jornal não abordasse «política partidária» (política... é pecaminosa palavra...).

Pois bem aqui estamos para materializar tudo o mais que dissemos acima, com esta excepção. Alias, vimos em parte razão para o afastamento daquela «bravura» do programa do nosso semanário.

Cumprido entretanto afirmar que a aceção desta palavra «política» não deve ser generalizada, como é do gosto de muitos, de tal modo a alargar os problemas de nossa Pátria e do mundo, que merecem e devem ser discutidos. Há uma certa aversão por parte da maioria dos nossos de hoje para com assuntos sérios, e dizem com desprezo que isto é política e não interesse. Não. Isto é pura inverdade. O fato é que quase a

(Continua na 6.ª página)

Por quem os Sinos Dobraram!

A. DIAS LOPES

«De mais forte que ex-petora,
Não permito Deus que se morra...»

Pais, mões, irmãos, nobres,
dizei Por Quem os Sinos do-
braram... Contai ao mundo
a palavra de dar que envol-
tem as nossas congores.
Natura bela e formosa,
criadora do mais belo poema
do Mundo — o Brasil — contai
também, no melismo de tua
quindice, na tristeza de tua
flores, na melancolia de teus
canções, Por Quem os Sinos
dobraram...

Musas do Tejo, Daltas, He-
lenas, Divas, despertai da
imortalidade de vus páginas
e recitai Por Quem os Sinos
dobraram...

Tudo eram flores. O clarim
da Vitória anunciava por
todo o Universo o término
da guerra. Hostagens eram ex-
pidas as Noches Doidas. Os
paes, as mães, os irmãos, os
noivos, reuniram-se nos are-
dores, comprimiram-se nas
espaldas para assistir à pas-
sagem gloriosa do filho, do
irmão, do noivo ou amigo
que voltava dos campos eu-
ropaios. E eles chegaram e
desfilaram com o mesmo sor-
riso anigo do brasileiro, por
vezes enveredado pelas tribunas
campanhas de Buitão, Mon-
te Castelo, Castelnuovo e ou-
tras, trazendo à frente, na
consagração de seus filhos,
as presas captadas ao inimigo,
que desconhecia a pujança
da nossa raça e o heroísmo
do nosso soldado. No en-
tanto, ao meio de tão gran-
de eueção, as batalladas con-
tinuadas nas torres das Igrejas
prodigiam qualquer coisa
de estranho entre os presen-
tes. Era a Linguagem dos
Sinos falando Por Quem
os dobraram... Mas, mesmo
assim, o povo continuava em
protiguidos aplausos, en-

(Continua na 6.ª página)

EXPEDIENTE

O BONDE - Órgão Informativo-cultural - crítica - humorístico dos alunos da ESAV - Circulação interna.

DIRETOR - Antônio Augusto Athayde
REDAÇÃO-CHEFE - Nemesio José Siro.
GERENTE - João Evangelista Ramos

REDAÇÃO
Antônio Dias Lopes, Alberto Silva, Lelivato Brião, Isaltino Soares, Glaucio Olinger, Alberto Figueiredo, Isaltino C. Baccanotti, Agry Guimarães, Luiz V. Silva, Roberto W. Rodrigues, Alberto M. Alonso e Ferdinando Mendes.

Assinaturas - Ano . . . Cr\$ 10,00
Semestre . . . Cr\$ 5,00

Solicitase aos colaboradores enviar artigos manuscritos em espaço duplo, responsabilizando-se pelo mesmo. Não se devolvem originais mesmo se não publicados.

"Trabalho não mata ninguém"

D. C. GIACOMETTI

Você, esvânico, já foi ver os operários que trabalham na construção da piscina da Escola? Já os observou? Já tirou suas conclusões?

Lá no apiário é tudo tão diferente, não é? Lá o batente é duro - quem não trabalha... É um fraz-que-fraz de cera e nectar o dia inteiro. Nem bem amanhece o dia e saem as operárias a cumprir o seu dever.

Também é diferente no aviário - de madrugada os galos cantam como que a dizer - «Galinhas! levantem-se que os ninhos as esperam!» E as portinholas sobem e descem indicando-nos que a colagem vai alta.

E lá na poeliga a coisa é outra também - as porcas chamam os leitões - «Memos! está na hora do leite» e, naturalmente, um mais disposto grita «abriu!» e é aquele que avança! Mas sabem os pequenos leitões que estão trabalhando, estão se preparando para um futuro econômico importante para o Homem.

Na horticultura, no Pomar, na Agronomia e a fotossíntese constante, a assimilação sem fim; o apontar de brotos, desdobrar de flores e aparecimento de frutos que não se cansam de suas funções e, se as vezes «dão o prego», o Homem interessado e preocupado faz alarde, betra nos jornais, nas publica-

ções à guisa de um socorro, não para salvar a vida de uma laranjeira, a árvore em si mas sim para salvar os frutos que ele lhe dá e que ele saboreia ou permuta por dinheiro. Pois bem, que parem as fruteiras de dar frutos, os trigais de dar trigo, os cafeeiros de dar café e verão como nós lhes diremos - «Eh! que calma é essa! está me achando com cara de otário!». E verão como haverá trevas e ranger de galhos secos, por falta de água e de adubo.

Está aí o nosso ambiente, sem cenários cinematográficos, sem fitas nem gizos, sem farol, sem pretenções tolas. Aumentemos, pois, o bloco destes últimos por, que aí está muita coisa para ser feita e pouco lido até agora. Está em nossas mãos a maior oportunidade que o país já teve em se tornar grande e poderoso. Que os industriais, as classes armadas e os comerciantes façam pelo seu lado que nós procuraremos seguir o exemplo das abelhas. E seguiremos.

C. C. P.

Salvem o que significa C. C. P. ? Cecepe significa Campanha Contra Poetria.

Por certo, o leitor amigo, esvânico da gema, não deturpará de responder ao toque da clarim para a luta aberta contra a poetria. Você paga lavanderia, e os seus fundilhos, embora lhe aguentem «pelando» até alta noite, não são de aço.

Você bem sabe como o nariz do Couto se ressenete da poetria levantada das mesas e cadeiras das salas de aula, dos corredores... tanto do Pré-dio como do Internato.

E, as vezes, você pensa que está restritado, porque espirra a fingido quando assiste às aulas... Mas, não, caro colega! O que o narizinho do Couto e o seu sentem é poetria, bastante poetria! Por isso «O BONDE» (que não faz poetria porque anda sobre trilhos), lança hoje a C. C. P.

Economize os fundilhos, cotara eon nomia em lenços! Vá aos curvidos dos responsáveis pela poetria e diga dessas economias que você precisa fazer!

«O BONDE» lhe levará até lá! Auxílio-nos, leitor amigo!

DIRIM-DIRIM

M. AUGUSTO

A ÁRVORE DOS FRUTOS DE OURO

Existem no pomar da E.S.A.V., uma árvore que todos os anos se carrega de frutos preciosos. Este ano, benigno, devido a boa distribuição das chuvas, a planta encantada floresceu como nunca.

A colheita era difícil. «O outro» procurava um meio preciso para obter o verdadeiro ouro que bondosamente lhe ofertava a laranjeira. O Colunela da E.S.A.V. consultava o seu «De cultu hortorum»; pensava, consumia-se noites a dentro, procurando a chave do baú.

Precisamente na semana passada, o enigma ficou resolvido da seguinte forma:
1 - Como colher racionalmente, laranjas de ouro:
a. Uma aula prática com o S8 no pomar.
b. Procurar a árvore de ouro.
c. Estudar e resolver o problema «in loco».

Com esses itens o «cem» viria infalivelmente.

- Dá mil frutos esta árvore.
- Não dá, atalhou cientificamente o «Alonso».
- Apóioi quambém contra cem, tornou «O outro».
- Entre com cinquenta, falou o «Alonso».
- Vou prá ver, disse o «Filhot».
- Feito!
- Catástrofe, às duas vitimas não sabiam da arapuca.
- Mil trezentos e cinquenta bradou entusiasmadamente... mais cem.....

FANFAN

INTERNACIONAL

Terminada a guerra que avassalou o mundo durante 5 anos, os povos começaram reconhecer suas pláticas o mais breve possível e saborear as suas democracias e popularas.

Vimos a Inglaterra libertar-se do conservadorismo e os trabalhistas encarregados da sua reconstrução; vimos a Polónia entregar a sua governação da camarela nazista e ser entregue a seu povo a Itália de tão ber virgo-se Je Mussolini e se des-grande Praca dos maquis, sair mais bela e mais pura da torrada las-tica.

Acabou a guerra! A paz democrática caiu sobre o mundo. Que ela perdure por muito tempo. Perdure para sempre, eternamente.



ESPORTES

PINGENTES

ARI EIMS

Não existe tarefa mais árdua nem mais ingrata do que a obrigação de criticar publicamente as atividades esportivas de qualquer atleta. Geralmente aquele que critica tem contra si a opinião dos criticados que se consideram ofendidos e menosprezados por ver seus defeitos citados em público. Não é fato inédito a agressão corporal aos cronistas que se atrevem a criticar a atuação irregular ou displicente de algum esportista. Procedimento indigno. Estas atitudes são frutos do desconhecimento da verdadeira finalidade da crítica. Quando se critica procura-se construir, isto é, procura-se corrigir, procura-se melhorar o rendimento ou a capacidade do indivíduo. Esta é a verdadeira finalidade da crítica.

Fazemos estas rápidas considerações para que todos aqueles que por nós forem criticados não se considerem diminuídos em sua capacidade, ou se julguem vítimas de perseguições. Ao criticarmos, o nosso principal escopo será o de procurar corrigir, chamar a atenção para certas falhas que contribuem para uma baixa produção. Procuraremos com nossa crítica auxiliar a todos aqueles que por qualquer motivo atravessam uma fase má no que diz respeito às atividades esportivas. Da mesma forma que criticaremos os delitos, também levantaremos as qualidades daqueles que por diversas razões se tornarem mercedores de nossos aplausos. Não serão somente aqueles cujas atividades esportivas sejam impecáveis quanto à eficiência que merecerão nossa atenção. Fazemos questão da educação esportiva que todo verdadeiro esportista deve possuir e dela fazer uso. Deveremos considerar o esporte pelo que ele é - «Escola de civismo, educação e saúde». Pratiquemos portanto, o esporte pelo esporte para o esporte e estaremos contribuindo para a formação de uma geração digna do nosso Brasil.

O treino de sexta-feira

Treino fraco, havendo mais jogadas pessoais do que de conjunto propriamente, no qual o segundo time levou de vencida o primeiro por 4 a 1.

De um modo geral, a defesa dos titulares apresentou uma marcação deficiente, permitindo que Sidônio vasar a meta de Simão repetidas vezes.

Fazendo uma ligeira análise dos quadros, teremos:

- Simão: não parece o mesmo de Uba. Arqueiro bisonho, muito inseguro, fez uma série de trapalhadas, das quais resultou engulir um «peru» por entre as pernas. Nota 4.
Libêncio: pareceu uma «barata tonta», não sabendo a quem

bom que se precavenha pois Beija-Flor está «comendo» a bola. Nota 5.

Albino: jogou pouco no centro. Parece estar ficando velho... Nota 5.

Dourado: na meia, não se adaptou e por conseguinte não correspondeu à expectativa. Nota 6.

Média do primeiro time: 5,4. Mangueira: sua atuação dispensa comentários. No «goal» que enguliu estava com a visão tapada. Nota 8.

Boi: bastante esforçado, jogou com mais entusiasmo do que classe. Pena é estar com «adiposidades»... Nota 6.

Peiro: eficiente na técnica de limpar a área. Nota 6.

Murilo: parece estar se regenerando, pois foi uma fama. Jogou regularmente. Nota 5.

Preto: ainda fora de forma. Nota 6.

Man Gosto: infernal este o garoto. Anulou a ala Sacarina e Kiko. Jogando duro impôs-se em suas jogadas. Mereceu uma extensão. Fazemos questão da educação esportiva que todo verdadeiro esportista deve possuir e dela fazer uso. Deveremos considerar o esporte pelo que ele é - «Escola de civismo, educação e saúde». Pratiquemos portanto, o esporte pelo esporte para o esporte e estaremos contribuindo para a formação de uma geração digna do nosso Brasil.

Filão: muito fraco. Parece não ter força para chutar. Nota 4.

Sidônio: espetacular! Dominou completamente Libêncio, fez três «goals» além da «bicicleta». Nota 8.

Beija-Flor: outro que merece melhor sorte. Jogou muito o meia «Nemesio». Nota 8.

Nemesio: parece que o Turco só vai ao campo para descansar. Atrapalhou-se com uma bola em frente a meta, mas parece estar correndo mais. Nota 5.

Média do segundo time: 6,4. Os «goals» foram feitos por Sidônio (3), Ayala (1) e Dourado (1).

Apliu o treino o cronista Isaltino. Apliu bem como sempre sse acontecer.

Faltaram vários elementos por se acharem fazendo tiro de guerra. Antes do treino, os players fizeram ligeiro individual, sob as ordens do Dr. Raimundo.

(Continua na 4ª página)

Apresentação

(Conclusão)

totalidade dos jovens bondieramente em esse "método" misterioso do debate, da discussão. Mas isso deve acabar porque "o debate que surge a luz". E não é justo que estejamos sempre a sorrir quando tanta gente chora no mundo, tantos irmãos nossos se sucumbem desamparadamente no centro das próprias capitais ou no trabalho opulento, de barriga deformada e subtraído, curva dia a dia sobre a enxada no coto das nossas fazendas.

Sem desviar evidentemente dessas normas, «O Bonde» será um jornal com uma parte humorística ampla, informativa, difusor de cultura, de técnica e tribuna para debates dos mais sérios problemas da nossa ESAV, do Brasil e do mundo, dentro, é claro, das nossas possibilidades.

Diz-se já que este jornal entrará em choque com a nossa apreciada revista «Seiva». Esta é uma questão que deve ser esclarecida e publicada. «Seiva» é um órgão do Diretório dos Estudantes da ESAV, e que se edita hipersalmente. E nos sa como nosso é o Diretorio. Tem um cunho político, oficial, caráter mais sério e merece portanto um material mais selecionado. Ela tem difusão interna e externa, devendo reportar os méritos dignos de um órgão universitário, qualidades que achamos já incorporadas a mesma; embora o colega Silvano Melo diga que ainda não o sendo, «Seiva» tem tendências de uma revista universitária.

«O Bonde» entretanto, é uma folha que sairá todo fim de semana, não terá circulação externa, e estará livre de certas responsabilidades. Aliás, uma outra finalidade nossa será o relacionamento de todos nós com a imprensa, torna-la mais familiar, desmbaracando-nos assim para as lides futuras. Com suas páginas abertas à colaboração de todos os esvianos, este jornal, o primeiro de grau para o colega passar, depois a ser um firme colaborador de «Seiva». «O Bonde» será mais um filhote de «Seiva» e com ela marchará de mãos

dadas, se entendendo do melhor modo possível.

Aqui estão, pois, as razões de ser do nosso semanário. Esperamos que a marcha que hoje iniciamos, seja prolongada por todas as gerções vindouras, impulsionando «O Bonde» sobre seus trilhos. Que ele rode sempre, ostentando para todos, no seu cotidiano, uma mensagem de harmonia, humor, coragem e le-

AS MUIÉ

Muie ??
Nunca vi trem tão imundo!
Desde o começo do mundo
nem carregou peado.
Pois ela,
é um avimar tão lambido
que só arranja marido
pra desgraça do colado.

Demonho,
marido como ele é,
vístia rópia de malé
só pra assustá os erido.
O inferno
ficou danado de quente,
batulidinho de gente,
só muie, nem um varão!

Muie ??
Já ficou memo porvado
qu' é um bicho mais danado
do que sael pereré.

Mas eu,
nem sei a qui me trapóia,
puz por causa duma saia,
só indê capeta de morré!

SABUCODONOSOR

Entende esta ?

—Você já comprou «O Bonde» ?
—Não; sou de S. Paulo.

NOVO CORPO DIRETIVO DO NOSSO DIRETÓRIO

Realizou-se a 16 do corrente a eleição do novo corpo diretivo do nosso Diretório. A Assembleia elegeu a Diretoria seguinte: Presidente — Evaristo C. Barbosa; Secretário geral — Acyr Vaz Guimarães; Primeiro Secretário — Maurício Augusto; Primeiro Tesoureiro — Ricardo Guazzelli; Segundo

Por quem os Sinos Dobramam ?

(Conclusão)

chendo os céus de silbuetas luminosas nos tios de salva, em uma apoteose nunca vista em nossa História, pela chegada dos braços defensores da Pátria. E assim, com uma magnífica demonstração de cívismo, se completava o capítulo da nossa defesa pela liberdade do mundo na História Universal.

E a própria «Natura mater», criadora de estros geniais e inspiradora das criações pe-renas dos grandes escritores, exultava com o povo no majestoso e calmo dia em que se realizaram as demonstrações de gratidão aos nossos «pracinhas».

Só uma linguagem não par-ticipou verdadeiramente do re-pósito geral. Só ela qualen-teou alguém que não pode sair de casa porque... por-que sua dor era imensa e só encontrava guarda no silen-cio amigo das meditações e na linguagem indivisível dos «sinos». Mas não foi só «si-guena»... Muitos «alpinas» foram embalados pelo mesmo lenitivo. E jamais a esses nos-sos irmãos poderemos renovo-er a cruciante dor que os emorte.

E só a elas, amigra lellar, não precisamos perguntar. Por Quem os sinos dobraram. Não. Não porque as badala-das dos sineiros devotos, eram a mensagem santa e confortadora do Onipotente, dirigi-da àquelas que hoje tem os seus entes queridos e tornados para sempre, cobertos pelo mortalha da Vitória, no cemitério de Pistoia.

Tesoureiro — Ivan Shalders; Bibliotecário — Pedro Moraes. O Conselho Deliberativo ficou assim constituído: Ave-lino Cristalunga, Vitor Diogo Guimarães, Aldo F. dos Santos, Cláudio Miranda e Libêncio B. Mundim.

Eis, portanto, os nomes dos novos dirigentes do órgão que representa a classe estudiantina da ESAV. A eles, apresentamos as nossas felicitações e os nossos melhores votos de um feliz e próspero exercício.

O BONDE

Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV
Ano I ESAV, 8 de Setembro de 1945

DIRETOR
Antônio A. Athayde
Redator-CHEFE
Nemésio José Siro
GERENTE
João E. Ramos

Número 2

UMA ENFERMARIA PARA A ESAV Parábola da Vida

A UM AMIGO

A. Dias Lopes

A Escola está atravessando uma fase de realizações. De momento a momento ouvimos conversas sobre novos planos para construção disso ou reforma daquilo, e até mesmo, ventos croquis nos papéis. Estamos, portanto, marchando para a frente, rompendo distâncias, no dizer do Dr. Griffing. E isto, é uma grande conquista, depois de um período letargo pelo qual passamos e de vida obscura para nossa ESAV.

Estes nossos avanços de agora, nos fazem crer que não ficarão por aí. As coisas estão melhorando... pois vamos ter com mais algum tempo o nosso prédio para Tecnologia; a praça de esportes, esta em pleno azáfama de construção; as plantações da agromonia nos oferecem um quadro pitoresco; as máquinas em movimento, o trator fazendo «bonde» no futuro campo para avião, defronte ao internato, etc.

Mas uma coisa, entretanto, deve ser lembrada com insistência ao nosso prezado Diretor Dr. Gouvêa, e outras autoridades do Estado: é uma enfermaria para a ESAV.

Nos, como em qualquer coletividade, não somos insensíveis às enfermidades que nos pres-tam de quando em vez. Acontece adoeçermos aqui e o único lugar de repouso que possuímos, é o nosso próprio quarto. Ai mesmo, enfermo, ficamos em contato com os companheiros, somos atendidos pelo médico e o enfermeiro. No quarto, a não ser a atenção dos bons colegas, nos poucos minutos que lhes sobram, o doente fica quase inteiramente só. O vae-vem daqueles o perturba. O apartamento mal localizado — às vezes muito frio — o arrejamento, enfim, o enfermo quer sossego e não tem.

Ora, muito precária é pois a situação da pessoa que adoece aqui. Não tem quem lhe tome o pulso nas variações da doença, ou lhe dê um copo daquela no momento da sede. Muito pior ainda será, o estado daquele que vem de longe, como a maioria dos alunos, e acostumados que estão com o conforto da família nestes momentos. Momentos, em que toda sorte de contratempos aproveitam para fazer águas incursões e molestar o enfermo. E a propósito que o tempo cresce e as lúrgas se esvaem, vem a saudade do lar, da mãe carinhosa ou da irmã que não o esquece. Sente um vazio em volta de si, o pensamento distante e o conflito também...

E de se estranhar, e muito, que um estabelecimento escolar, que do porte da ESAV ainda não tenha uma enfermaria, que já se cogita da construção de um prédio próprio para os enfermos aqui. Urge que a ESAV preste uma assistência mais apurada ao esviano que por um infortúnio qualquer se vê obrigado a recolher ao leito.

E' de se esperar mesmo que se dê a isso a maior atenção, visto ser de necessidade imediata. Daqui insistimos neste sentido e deixamos lavrada nossa justa solicitação, aguardando que em meio às muitas tarefas que agora se levanta afeito, seja a ESAV dotada de importância tão transcendental, e que virá por certo, tornará a maior, melhor, mais completa.

Entende esta ?

—Você já comprou «O Bonde» ?
—Ja.
—E você ?
—Não; nois semo de S. Paulo e compra é o rehoque.

26 de agosto de 1945. Uma nuvem estranha tolde os horizontes esvianos. Em cada face, em cada noroeste, em cada oeste, se lit o mesmo pensamento, desde os que trabuham nos campos e oficinas até aos nossos mestres.

A morte havia levado o pai do nosso grande amigo para o repouso das justas, pouco justo, amigo, lual e extremo foi sempre ele para os seus e seus semelhantes. Levou-o pensando que, lhe tirando a maior veneração, viesse «diferê-lo». Enganou-se. O lema de seu pai será o lema da vida que o conduzirá por «mares nunca antes navegados». E o conduzirá porque agora não é mais o compromisso pessoal que tem, a obrigação para com os seus, mas sim o dever que o impõe de aguar ao seu fardo o daquele que, na alegria ou na dor, na tristeza ou na saudade, na glória ou na derrota, o acompanhará pela PARÁBOLA DA VIDA.

EXCURSÕES

Com destino à próspera cidade de Miraflores, seguiram os alunos do terceiro ano Superior Sob a chefia do prof. Antônio Rezende, os nossos colegas auxiliando na organização e julgamento dos produtos da 3ª. Exposição Regional Agro-Pecuária Industrial, que ora se realiza naquela cidade.

Também com o mesmo destino seguiram, após a primeira caravana, os alunos do segundo ano Médio, chefiados pelo prof. Vicente Machado.

Oxalá, tirem os nossos colegas reais proveitos dessa excursão de aprendizagem, e que outras se realizem.

APÊNDICE I

PERGUNTA E PONTOS NORTEADORES PARA O ENCONTRO COM OS ENTREVISTADOS

Pergunta disparadora: *Sr. Juarez/Geraldo me conte um pouco sobre sua vida e o que o fez ir para a ESAV?*

Fios a serem capturados:

Lembra-se do jornal estudantil O Bonde?

Sobre a moradia estudantil.

Sobre a relação de convivência no internato.

Como acontecia o cotidiano (brincadeiras, entretenimentos, amizades, apelidos)?

Sobre a relação entre garotos e garotas na escola.

Lembra-se de algum estudante que foi apelidado de Peter Lorre na escola?

APÊNDICE II

TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

A pesquisa que estou realizando tem como objetivo entrevistar ex-alunos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) para construir informações, a partir de suas memórias e experiências, buscando pelos significados que atribuem à educação escolarizada, bem como experiências no/com o jornal estudantil O Bonde, tipo de mídia que circulou ente os anos de 1945 – 1963.

A pesquisa se justifica pela escassez de trabalhos sobre o jornal O Bonde, bem como a respeito do cotidiano, narrativas e memórias dos estudantes naquela época.

Cada participante da pesquisa será entrevistada individualmente, resguardando-se o direito de responder ou não as perguntas elaboradas pela entrevistadora. As conversas serão gravadas, podendo ser utilizadas para fins de pesquisa. Fica registrado que ao final da entrevista, a entrevistada poderá optar por resguardar seu anonimato ou por se identificar como sujeito participante da pesquisa.

Pelo presente termo de consentimento, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a que serei submetida. Fui igualmente informada:

1. Da garantia de receber respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar das entrevistas, sem que isso me traga nenhum tipo de prejuízo.
3. Da segurança de que não serei identificada, a menos que, ao final da entrevista me sinta a vontade para permitir tal identificação.
4. Que, caso opte pelo anonimato, terei resguardada a minha identificação por meio de um pseudônimo escolhido por mim. Assim, as informações e os resultados desta pesquisa estarão protegidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome da participante em nenhuma apresentação oral ou trabalhos escritos, que venham a ser publicados.
5. Da ausência de custos pessoais.

Juiz de Fora, April de 2014.


Assinatura da participante da pesquisa


Assinatura da responsável pela pesquisa

O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é o doutorando Jairo Barduni Filho (fone: 8867-7077), orientado pelo Professor Anderson Ferrari (2102-3665).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a),

Cara Valéria Vidigal, venho por meio dessa carta, pedir a autorização para o uso das imagens (pinturas) disponíveis em seu blog: DA ESAV à UFV – Um Olhar de Valéria Vidigal, 2011. As imagens (pinturas) retratam várias cenas e personagens esavianos como Arthur Bernardes, Antônio Bello Lisboa, Peter Henry Rolfs etc. O uso delas é com o objetivo de compor esteticamente minha escrita, assim de tese, as uso intercaladas à medida que discorro sobre a história ufeviana. Segue um pouco mais de esclarecimento sobre a pesquisa.

A pesquisa que estou realizando tem como objetivo entrevistar ex-alunos da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) para construir informações, a partir de suas memórias e experiências, buscando pelos significados que atribuem à educação escolarizada, bem como experiências no/com o jornal estudantil O Bonde, tipo de mídia que circulou entre os anos de 1945 – 1963. A pesquisa se justifica pela escassez de trabalhos sobre o jornal O Bonde, bem como a respeito do cotidiano esaviano dos estudantes naquela época.

Pelo presente termo de consentimento, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a que serei submetida. Fui igualmente informada:

1. Da garantia de receber respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e não permitir mais o uso das imagens, sem que isso me traga nenhum tipo de prejuízo.
3. Que, caso opte pelo anonimato, terei resguardada a minha identificação por meio de um pseudônimo escolhido por mim. Assim, as informações e os resultados desta pesquisa estarão protegidos sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome da participante em nenhuma apresentação oral ou trabalhos escritos, que venham a ser publicados.
4. Da ausência de custos pessoais.

Juiz de Fora, 15 de abril de 2014.


Assinatura da participante da pesquisa


Assinatura da responsável pela pesquisa

O pesquisador responsável por este projeto de pesquisa é o doutorando Jairo Barduni Filho (fone: 8867-7077), orientado pelo Professor Anderson Ferrari (2102-3665).